O CLÃ dos MAGOS

Cuidado com o que você deseja,
você pode se tornar um deles.



TRUDI CANAVAN

A Trilogia do Mago Negro – Livro 1

Novo Conceito

Sumário

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Créditos

O Clã dos Magos

Agradecimentos

Parte um

- CAPÍTULO 1
- CAPÍTULO 2
- CAPÍTULO 3
- CAPÍTULO 4
- CAPÍTULO 5
- CAPÍTULO 6
- CAPÍTULO 7
- CAPÍTULO 8
- CAPÍTULO 9
- CAPÍTULO 10
- CAPÍTULO 11
- CAPÍTULO 12
- CAPÍTULO 13
- CAPÍTULO 14
- CAPÍTULO 15

Parte dois

- CAPÍTULO 16
- CAPÍTULO 17
- CAPÍTULO 18
- CAPÍTULO 19
- CAPÍTULO 20
- CAPÍTULO 21
- CAPÍTULO 22
- CAPÍTULO 23
- CAPÍTULO 24
- CAPÍTULO 25
- CAPÍTULO 26
- CAPÍTULO 27
- CAPÍTULO 28
- CAPÍTULO 29

Epílogo

Guia de Lorde Dannyl para as gírias das favelas

Glossário

MAPAS

A TRILOGIA DO MAGO NEGRO Livro 2

A TRILOGIA DO MAGO NEGRO Livro 3

Trudi Canavan

O Clã dos Magos

A TRILOGIA DO MAGO NEGRO

LIVRO 1

TRADUÇÃO
ROBSON FALCHETTI PEIXOTO



Publicado originalmente na Grã-Bretanha em 2004 pela Orbit
Um selo da Little, Brown Book Group, a Random House Group Company
Copyright © 2001 by Trudi Canavan
Copyright © 2012 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Este livro é dedicado a meu pai, Denis Canavan. Ele forneceu a fagulha que acendeu os fogos gêmeos da curiosidade e da criatividade.

Versão Digital - 2012

Produção Editorial
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Canavan, Trudi

O Clã dos Magos / Trudi Canavan ;[tradução Henrique Amat Rego Monteiro]. --Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2012. -- (Coleção a trilogia do mago negro ; v. 1)

Título original: The black magician`s Guild

ISBN 978-85-8163-095-3

1. Ficção australiana 2. Ficção de fantasia

I.Título. II. Série.

12-02314 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção de fantasia : Literatura australiana 823



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.editoranovoconceito.com.br

O Clã dos Magos

Algo revirou no estômago de Sonea, e ela segurou com mais força a pedra. Tirou-a do bolso e estimou seu peso. Era das pesadas. Virando-se de frente para os magos, reuniu toda a raiva que sentia por ter sido expulsa de casa, todo o ódio natural pelos magos e atirou a pedra contra o mago que havia acabado de falar. Seguiu seu rastro através do ar e, quando a pedra se aproximou da barreira dos magos, desejou que a atravessasse e alcançasse o alvo.

Uma ondulação de luz azul relampejou a saída da pedra, que em seguida atingiu a têmpora do mago com um baque surdo. O mago permaneceu imóvel, fitando o nada, até que seus joelhos se dobraram. O companheiro avançou para ampará-lo.

Sonea observou atentamente, boquiaberta, quando o mago mais velho conduziu o parceiro até o chão. A zombaria dos jovens cessou.
O silêncio espalhou-se amplamente, como fumaça, pela multidão.

Em seguida, exclamações surgiram quando mais dois magos se lançaram num salto para agachar-se ao lado do companheiro caído. Os amigos de Harrin, e outros em meio à multidão, começaram a vibrar.
O barulho retornou à praça quando as pessoas passaram a murmurar e a contar em voz alta o que acabara de acontecer.

Sonea baixou a cabeça e olhou para as mãos. *Funcionou. Quebrei a barreira, mas não é possível. A menos que...*

A menos que eu tenha usado mágica.

Agradecimentos

MUITAS PESSOAS me concederam valioso encorajamento, apoio e crítica construtiva durante a produção desta trilogia. Agradeço a:

Mãe e pai, por acreditarem que eu poderia ser quem quisesse ser; Yvonne Hardingham, a irmã mais velha que nunca tive; Paul Marshall, pela capacidade inesgotável de reler; Steven Pemberton, pelos litros de chá e algumas sugestões bem bobas; Anthony Mauriks, pelas discussões sobre armas e demonstrações de luta; Mike Hughes, que tolamente quer ser uma personagem; Shelley Muir, pela amizade e honestidade; Julia Taylor, pela generosidade, e Dirk Strasser, por apostar na série.

Também agradeço a Jack Dann, por me dar confiança em minha produção quando mais precisei; a Jane Williams, Victoria Hammond e especialmente Gail Bell, por fazerem com que eu me sentisse bem-vinda, no Varuna Writers' Centre, entre escritores que não são do gênero ficção científica, e a Carol Boothman, pela sabedoria.

Não poderia me esquecer de agradecer a Ann Jeffree, Paul Potiki, Donna Johansen, Sarah Endacott, Anthony Oakman, David e Michelle Le Blanc e Les Petersen.

Um agradecimento caloroso a Peter Bishop e à equipe do Varuna. Vocês me ajudaram de tantas maneiras que é até difícil mencionar.

Por último, mas não menos importante, um agradecimento especial a Fran Bryson, meu agente e herói, por levar os livros adiante; e a Linda Funnell, que disse "sim, por favor!".

Parte um

CAPÍTULO 1

A Purificação

Dizem que em Imardin o vento tem alma e chora lamentosamente pelas ruas estreitas da cidade porque se entristece com o que encontra por lá. No dia da Purificação, ele assobiou por entre os mastros oscilantes da Marina, lançou-se através dos Portões Ocidentais e silvou entre os edifícios. Então, como se empalidecido pelas almas atormentadas que lá encontrou, amansou até se tornar um lamento.

Pelo menos assim pareceu a Sonea. Quando outra rajada de vento frio lhe açoitou, ela encolheu os braços no peito e apertou o casaco surrado contra o corpo. Ao olhar para baixo, irritou-se com a lama que lhe respingava nos sapatos a cada passo. O trapo que enfiara nas botas largas já estava encharcado, e os dedos do pé doíam de frio.

Um movimento repentino à sua direita chamou sua atenção, e ela deu um passo para o lado quando um homem de cabelos grisalhos desordenados, saído de um beco, cambaleou até ela e caiu de joelhos. Quando parou, Sonea ofereceu-lhe a mão, mas o velho pareceu não notar. Ele se ergueu e se juntou às figuras curvadas que seguiam pela rua.

Suspirando, Sonea espiou pela borda do capuz. Havia um guarda de postura desengonçada à entrada do beco. Tinha a boca contorcida em um sorriso de escárnio, seu olhar passava de uma figura para outra. Ela semicerrou os olhos para ele, mas, quando a cabeça do guarda virou em sua direção, ela prontamente desviou o olhar.

Que uma praga caia sobre estes guardas, pensou ela. *Que todos encontrem* faren *venenosos rastejando em suas botas*. Os nomes de alguns guardas de bom caráter vieram a sua mente, mas ela não estava disposta a fazer exceções.

Ao retomar a marcha com as figuras que se confundiam ao seu redor, Sonea acompanhou-os rua afora, até chegar a uma via mais ampla. Casas de dois e três

andares elevavam-se uma após a outra. As janelas dos andares mais altos estavam abarrotadas de rostos. Em uma delas, um homem muito bem-vestido erguia um garotinho de modo que este pudesse observar as pessoas lá embaixo. O nariz do homem enrugou-se de desdém, e, quando apontou o dedo para baixo, o garoto fez uma careta, como se tivesse provado algo intragável.

Sonea lançou-lhe um olhar furioso. *Não seriam tão presunçosos se eu atirasse uma pedra na janela.* Procurou por uma com indiferença, mas, se havia alguma pedra dando sopa ali, estava muito bem escondida sob a lama.

Alguns passos à frente, ela avistou dois guardas, colocados à entrada de um beco. Vestidos com rijos casacos de couro curtido e capacetes de ferro, pareciam ter o dobro do peso dos indigentes que vigiavam. Traziam consigo escudos de madeira, e de sua cintura pendiam *kebins* — barras de ferro que eram usadas como cassetetes, mas que tinham um gancho preso logo acima do punho, projetado para arrancar a faca de um agressor. Com os olhos no chão, Sonea passou pelos dois homens.

— ... acabar com essa gente antes que chegue à praça — dizia um dos guardas. — Quase vinte deles. O líder da gangue é grande. Tinha uma cicatriz no pescoço e...

O coração de Sonea pareceu parar de bater por um instante. *Será que...*

Poucos passos além dos guardas havia uma entrada oculta. Deslizando para dentro do recanto estreito, ela virou a cabeça para lançar um olhar furtivo aos homens, depois saltou quando viu dois olhos negros fitando-a de volta, da entrada.

Uma mulher a observou, com os olhos arregalados de surpresa. Sonea deu um passo para trás. A estranha recuou também, depois sorriu quando Sonea soltou uma ligeira risada.

É apenas o meu reflexo! A menina estendeu a mão, e seus dedos encontraram um quadrado de metal polido preso à parede. Palavras haviam sido gravadas em sua superfície, mas ela sabia muito pouco sobre letras para poder decifrar o que diziam.

Examinou sua imagem. Rosto magro, encovado. Cabelo curto, escuro. Ninguém jamais lhe dissera que era bonita. Ela ainda podia se passar por garoto quando queria. Sua tia dizia que se parecia mais com a mãe, há muito falecida, do que com o pai, mas Sonea suspeitava de que Jonna simplesmente não quisesse ver na sobrinha qualquer semelhança com o pai ausente.

Sonea aproximou-se do reflexo. Sua mãe fora bonita. *Talvez se eu deixasse o cabelo crescer*, cismou ela, *e se vestisse algo mais feminino...*

... oh, que besteira. Com um riso debochado sobre si mesma, ela virou o rosto para o outro lado, irritada por se ter distraído com tais fantasias.

— ... uns vinte minutos atrás — disse uma voz próxima. Sonea endureceu como se se lembrasse por que havia entrado na alcova.

— E onde vocês pensam em encurralá-los?

— Nem sei, Mol.

— Ah, queria eu estar lá. Vi o que fizeram com Porlen ano passado, aqueles desgraçados. Levaram várias semanas para a alergia passar, e ele ficou sem enxergar direito durante dias. Será que posso sair... *Hai*! Por aí não, garoto!

Sonea ignorou o grito do soldado, sabendo que ele e o colega não sairiam da posição à entrada do beco, para o caso de as pessoas na rua se aproveitarem da distração para escapar. Ela se precipitou a correr, passando pela multidão, que se avolumava mais e mais. De vez em quando parava para procurar algum rosto familiar.

Não teve dúvidas sobre a gangue a respeito da qual os guardas conversavam. Histórias sobre o que os jovens de Harrin fizeram durante o último Purgatório haviam sido recontadas muitas e muitas vezes no decorrer do rigoroso inverno do ano anterior. Foi divertido ouvir que seus velhos amigos ainda faziam travessuras, embora tivesse de concordar com sua tia, que dizia que era melhor se manter afastada das encrencas deles. Agora, parecia que os guardas planejavam vingança.

O que só prova que Jonna estava certa. Sonea sorriu amargamente. *Ela me esfolaria se soubesse o que eu estava fazendo, mas tenho de avisar Harrin.*

Examinou outra vez a multidão. *Não que eu vá me juntar de novo à gangue. Só preciso encontrar um vigia... ali!*

À sombra de uma porta, via-se um jovem de ombros curvados, olhando carrancudo para os arredores com uma hostilidade intratável. Apesar do aparente desinteresse, seu olhar passava de uma entrada de beco para outra. Quando seu olhar cruzou com o dela, Sonea ergueu a mão para arrumar o capuz e fez o que seria tomado pela maioria como um sinal grosseiro. Os olhos dele se encolheram, e ele rapidamente fez sinal em resposta.

Certa agora de que ele era um vigia, Sonea andou pela multidão e parou a alguns passos da porta, fingindo ajustar a presilha da bota.

— Com quem *cê tá*? — perguntou ele, desviando o olhar.

— Com ninguém.

— Usou um sinal antigo.

— Faz tempo que não ando nisso.

Ele fez uma pausa.

— O que quer?

— Escutei os guardas conversando — disse ela. — Planejam capturar alguém.

O vigia fez um som rude.

— E por que eu deveria acreditar em você?

— Eu conhecia Harrin — respondeu ela, endireitando-se.

O rapaz avaliou-a por um instante, depois saiu do recanto e a agarrou pelo braço.

— Vamos ver se ele se lembra de você, então.

O coração de Sonea pareceu que ficou um momento sem bater quando ele começou a puxá-la para o meio da multidão. A lama estava escorregadia, e a menina sabia que se estatelaria no chão se tentasse firmar os pés. Murmurou uma praga.

— *Cê* não tem que me levar até ele — disse ela. — Apenas lhe diga meu nome. Ele vai saber que não estou embromando ninguém.

O rapaz a ignorou. Os guardas os observaram com desconfiança quando passaram. Sonea girou o braço, mas as mãos do garoto eram fortes. Ele a empurrou para uma rua transversal.

— Escuta — disse ela. — Meu nome é Sonea. Ele me conhece. Cery também.

— Então *cê* não vai se importar de vê-lo novamente — disse o rapaz, bruscamente, por cima dos ombros.

A rua transversal estava abarrotada, e as pessoas pareciam estar com pressa. Ela se agarrou a um poste e fez o garoto parar.

— Não posso ir com você. Tenho que encontrar minha tia. Me deixa ir...

A pressão parou quando a multidão passou e continuou a descer a rua. Sonea levantou os olhos e resfolegou.

— Jonna vai me matar.

Uma fila de guardas estendia-se de um lado ao outro da rua, escudos bem erguidos. Vários jovens marchavam diante deles, berrando insultos e zombarias. Enquanto Sonea observava, um deles atirou um pequeno objeto contra os guardas. O míssil bateu em um escudo e explodiu em uma nuvem de poeira vermelha. Uma aclamação irrompeu dos jovens quando os guardas recuaram uns passos.

Vários passos atrás havia duas figuras familiares. Uma estava mais alta e volumosa do que ela se lembrava, com as mãos nos quadris. Dois anos a mais haviam apagado o aspecto infantil de Harrin, mas, pela postura que tinha, ela supôs que pouco mais que isso havia mudado. Ele sempre fora o líder indiscutível da gangue, rápido para colocar na linha fosse quem fosse com um soco bem dado.

Ao lado dele, havia um jovem com quase metade de sua altura. Sonea não pôde segurar o riso. Cery não tinha crescido nada desde que ela o vira pela última vez, e ela sabia o quanto isso o irritava. Apesar da pequena estatura, Cery

sempre fora respeitado na gangue, porque seu pai trabalhara para os Ladrões.

Quando o vigia a puxou para mais perto, ela viu Cery lamber um dedo e erguê-lo, para em seguida acenar com a cabeça. Harrin deu um grito. Os jovens arrancaram pequenas trouxas das roupas e as arremessaram contra os guardas. Uma nuvem vermelha elevou-se dos escudos, e Sonea sorriu largamente quando os homens começaram a praguejar e a gritar de dor.

Em seguida, saindo do beco atrás dos guardas, um vulto solitário apareceu na rua. Sonea levantou os olhos e sentiu o sangue congelar.

— Mago! — arquejou ela.

O rapaz ao seu lado inspirou agudamente quando viu a figura vestida de túnica.

— *Hai*! Mago! — gritou ele. Os jovens e os guardas se aprumaram e encararam o recém-chegado.

Todos recuaram, então, cambaleantes, quando uma quente rajada de vento os atingiu. Um cheiro desagradável golpeou as narinas de Sonea, e seus olhos começaram a arder quando a poeira vermelha lhe foi soprada no rosto. O vento cessou abruptamente; tudo ficou silencioso e calmo.

Esfregando os olhos para limpar as lágrimas, Sonea pestanejou e olhou para o chão, na esperança de encontrar neve limpa para aliviar a ardência. Apenas lama a cercava, lisa e sem marcas de pegadas. Mas isso não podia estar certo. Quando sua visão se normalizou, ela viu que havia marcas de sutis ondulações... todas elas irradiando a partir dos pés do mago.

— Fujam! — urrou Harrin. Imediatamente, os jovens afastaram-se dos guardas e passaram correndo por Sonea. Com um guincho, o vigia puxou-a e a arrastou atrás deles.

Sua boca ficou seca ao ver que outra fila de guardas aguardava no fim da rua. Era essa a armadilha! *E eu vim para ser pega com eles!*

O vigia arrastou-a consigo, seguindo a gangue de Harrin enquanto os jovens corriam em direção aos guardas. Quando se aproximaram, estes ergueram, por

antecipação, os escudos. A alguns passos da fila, os jovens guinaram para uma ruela. Seguindo-os de perto, Sonea reparou em dois homens uniformizados caídos perto de uma parede logo na entrada.

— Abaixe-se! — gritou uma voz familiar.

Uma mão agarrou-a e a puxou para baixo. Ela estremeceu quando bateu os joelhos nas pedras sob a lama. Ouvindo gritos atrás de si, virou-se para ver um aglomerado de armas e escudos preenchendo a estreita lacuna entre os prédios, levantando uma nuvem de poeira vermelha à sua volta.

— *Sonea?*

A voz era conhecida e parecia espantada. Ela ergueu o olhar e sorriu ao ver Cery agachando-se ao seu lado.

— Ela me disse que os guardas *tavam* planejando uma emboscada — disse o vigia.

Cery assentiu com a cabeça.

— A gente sabia. — Um sorriso esticou-se lentamente em seu rosto, depois seus olhos pestanejaram, desviando-se dela e caindo sobre os guardas, e então o sorriso desapareceu.

— Vamos nessa, cambada. Hora de vazar!

Ele pegou Sonea pela mão, ergueu-a e a levou por entre os jovens que bombardeavam os guardas. Enquanto isso, um clarão preenchia o beco com uma brancura ofuscante.

— O que foi aquilo? — arfou Sonea, tentando piscar para livrar-se da imagem da ruela, que parecia persistir diante de seus olhos.

— O mago — sibilou Cery.

— Corram! — berrou Harrin perto dali. Meio cega, Sonea avançou aos tropeços. Um corpo bateu em suas costas e ela caiu. Cery pegou-a pelos braços, levantou-a e a guiou.

Saíram em alta velocidade do beco, e Sonea percebeu-se de volta à rua

principal. Os jovens abrandaram o passo, colocando os capuzes e curvando as costas à medida que se dispersavam por entre a multidão. Sonea seguiu o exemplo deles, e por vários minutos ela e Cery caminharam em silêncio. Um vulto alto moveu-se para o lado de Cery e espreitou ao redor do capuz até que seus olhos pousaram nela.

— *Hai*! Veja quem é! — Os olhos de Harrin arregalaram-se. — Sonea! Que *cê tá* fazendo aqui?

Ela sorriu.

— Estou me deixando apanhar outra vez nas suas enrascadas, Harrin.

— Ela ouviu que os guardas estavam planejando uma emboscada e veio nos procurar — explicou Cery.

Harrin fez um gesto com a mão em sinal de desdém.

— A gente sabia que eles tentariam alguma coisa, então a gente se certificou de que haveria um jeito de sair.

Pensando nos guardas caídos na entrada do beco, Sonea acenou com a cabeça.

— Devia imaginar que soubesse.

— Então, por onde tem andado? Já faz... anos.

— Dois anos. A gente *tá* morando no Quarteirão Norte. O Tio Ranel conseguiu um quarto em uma hospedaria.

— Ouvi dizer que o aluguel é um absurdo nessas hospedarias... e tudo custa o dobro só porque você está morando dentro das muralhas da cidade.

— Custa, mas a gente vai levando.

— Fazendo o quê? — perguntou Cery.

— Consertando sapatos e roupas.

Harrin fez que sim com a cabeça.

— Então é por isso que não a vemos há tanto tempo.

Sonea sorriu. *E também porque Jonna quis impedir que eu me misturasse com*

sua gangue. A tia dela não aprovava Harrin e seus amigos. De modo algum...

— Não parece muito animada — murmurou Cery.

Ao olhar para ele, Sonea reparou que, embora não tivesse crescido muito nos últimos anos, seu rosto não era mais de menino. Ele usava um sobretudo novo, com fios pendentes na barra, onde fora cortado para ficar mais curto e lhe servir, e provavelmente carregado de uma coleção de cinzéis, facas, bugigangas e guloseimas escondidos em bolsos e algibeiras na parte interna do forro. Ela sempre se perguntara o que Cery faria quando estivesse grande demais para bater carteiras e arrombar fechaduras.

— Era mais seguro que vadiar por aí com vocês — disse ela.

Cery estreitou os olhos.

— Essa é a Jonna falando.

Antigamente, isso teria magoado. Ela sorriu.

— O falatório da Jonna nos tirou das favelas.

— Então — interrompeu Harrin. — Se conseguiu um quarto numa hospedaria, por que é que *tá* aqui?

Sonea fez uma careta amarga, e seu humor tornou-se sombrio.

— O Rei está pondo as pessoas para fora das hospedarias — disse. — Diz que não quer tantas pessoas vivendo em um único prédio... que isso não é higiênico. Os guardas expulsaram a gente aos pontapés hoje de manhã.

Harrin franziu as sobrancelhas e murmurou uma praga. Olhando para Cery, Sonea notou que seu olhar provocador havia evaporado. Desviou o olhar, agradecida, mas não reconfortada, pela compreensão de ambos.

Com uma palavra vinda do Palácio, em uma manhã, tudo pelo que ela, a tia e o tio haviam trabalhado fora levado embora. Não houve tempo para pensar no significado disso enquanto recolhiam seus pertences antes de serem despejados.

— Onde estão Jonna e Ranel então? — perguntou Harrin.

— Mandaram que eu viesse na frente para ver se conseguia um quarto em

nossa antiga casa.

Cery lançou-lhe um olhar direto.

— Venha falar comigo se não conseguir.

Ela acenou com a cabeça.

— Obrigada.

A multidão passava lentamente da rua para uma ampla área pavimentada. Era a Praça Setentrional, onde a feira era armada toda semana. Ela e a tia a frequentavam regularmente... *costumavam* frequentá-la regularmente.

Centenas de pessoas haviam se reunido na praça. Enquanto muitas continuavam a sair pelos Portões Setentrionais, outras se demoravam do lado de dentro, na esperança de encontrar seus entes queridos antes de entrar na confusão das favelas, e algumas sempre se recusavam a se mexer até serem forçadas a fazê-lo.

Cery e Harrin pararam à beira do lago no centro da praça. Uma estátua do Rei Kalpol elevava-se da água. O monarca, morto há muito tempo, tinha quase 40 anos quando derrotou os bandidos da montanha, embora aqui fosse retratado como jovem, a mão direita brandia uma representação de sua famosa espada incrustada de pedras preciosas e a esquerda segurava um cálice igualmente adornado.

Uma estátua diferente já estivera no mesmo local, mas fora destruída há 30 anos. Embora diversas estátuas tivessem sido erguidas em homenagem ao Rei Terrel ao longo do tempo, todas, com exceção de uma, tinham sido destruídas, e havia rumores de que mesmo a estátua sobrevivente, protegida dentro das paredes do Palácio, fora desfigurada. Apesar de tudo o mais que realizara, os cidadãos de Imardin sempre se recordariam do Rei Terrel como o homem que dera início às Purificações anuais.

O tio de Sonea lhe contara muitas vezes essa história. Trinta anos antes, depois de membros influentes das Casas se terem queixado de que as ruas não eram seguras, o Rei ordenara à Guarda expulsar da cidade todos os mendigos, vagabundos sem-teto e criminosos suspeitos. Enraivecidos, os mais fortes

reuniram-se e, com armas fornecidas pelos bandidos e ladrões mais abastados, reagiram em luta armada. Enfrentando batalhas de rua e motins, o Rei pediu o auxílio do Clã dos Magos.

Os rebeldes não tinham arma contra a magia. Foram capturados ou despejados em favelas. O Rei ficou tão satisfeito com as festividades de celebração organizadas pelas Casas que declarou que a cidade seria purificada dos vagabundos todos os invernos.

Quando o velho Monarca morreu, cinco anos atrás, muitos tiveram a esperança de que as Purificações fossem interrompidas, mas o filho de Terrel, Rei Merin, manteve a tradição. Olhando em volta, era difícil imaginar que as pessoas ao redor, frágeis e de aspecto doentio, pudessem realmente constituir uma ameaça. Sonea reparou que vários jovens haviam se reunido perto de Harrin, todos observando o líder, na expectativa. Ela sentiu o estômago embrulhar de súbita apreensão.

— Tenho que ir — disse ela.

— Não, não vá — protestou Cery. — A gente acabou de se reencontrar.

Ela sacudiu a cabeça.

— Fiquei tempo demais. Jonna e Ranel já podem estar nas favelas.

— Então *cê* já *tá* em apuros. — Cery encolheu os ombros. — Ainda tem medo de levar bronca, é?

Ela lhe lançou um olhar de reprovação. Sem se deixar intimidar, sorriu.

— Aqui. — Pressionou algo na mão dela. Olhando para baixo, ela examinou um pequeno embrulho.

— Esta é a coisa que *tavam* jogando nos guardas?

Cery fez que sim com a cabeça.

— Pó de *papea* — disse ele. — Faz os olhos arderem e dá comichão na pele.

— Mas não adianta contra os magos.

Ele sorriu.

— Atingi um deles certa vez. Ele não me viu chegar.

Sonea ia devolver-lhe o embrulho, mas Cery abanou a mão.

— Fique com ele — disse ele. — Não adianta aqui. Os magos sempre fazem uma parede.

Ela balançou a cabeça.

— Então atiram pedras em vez disso? Por que perdem tempo?

— É uma sensação boa. — Cery olhou novamente na direção da rua, os olhos cinzentos como aço. — Se a gente não fizesse isso, seria como se não ligasse para a Purificação. A gente não ia deixar que nos expulsassem da cidade sem um espetáculo, não acha?

Encolhendo os ombros, ela olhou para os jovens. Seus olhos brilhavam de ansiedade. Sempre pensara que atirar qualquer coisa nos magos fosse inútil e imprudente.

— Mas você e Harrin quase nunca vêm à cidade — disse ela.

— Não, mas a gente tem que preservar o direito de vir quando der na telha. — Cery sorriu. — E esta é a única vez que a gente arruma encrenca sem os Ladrões metendo o nariz.

Sonea revirou os olhos.

— Então é isso.

— *Hai*! Vamos nessa! — Harrin berrou acima do barulho da multidão.

Enquanto os jovens vibravam e começavam a se dispersar, Cery olhou para ela cheio de expectativa.

— Vamos lá — encorajou. — Vai ser divertido.

Sonea sacudiu a cabeça.

— Você não precisa participar. Apenas assista — disse ele. — Depois vou contigo ver se arrumo um lugar para ficar.

— Mas...

— Aqui. — Ele estendeu o braço e lhe desatou o lenço do pescoço. Dobrando-o em forma de triângulo, colocou-o sobre a cabeça dela e o amarrou abaixo do queixo. — Você se parece mais com uma garota agora. Mesmo se os guardas decidirem nos caçar, o que nunca farão, não vão pensar que você é uma agitadora. Assim — deu um tapinha em seu rosto. — Bem melhor. Agora vamos. Não vou deixar que volte a sumir.

Ela suspirou.

— *Tá* bem.

A multidão crescera, e a gangue começou a avançar, fazendo pressão contra a aglomeração. Para surpresa de Sonea, ninguém protestou ou revidou as cotoveladas da gangue. Ao contrário, os homens e as mulheres pelos quais ela passou estenderam as mãos para enfiar pedras e frutos bem maduros nas mãos deles, e sussurrar-lhes palavras de encorajamento. À medida que seguia Cery, passando pelos rostos ansiosos, Sonea sentiu um despertar de entusiasmo. As pessoas sensatas como a tia e o tio já haviam deixado a Praça Setentrional. Aquelas que permaneceram queriam ver um movimento de resistência — não importava quão inútil fosse.

A multidão diminuía à medida que a gangue chegava à extremidade. De um lado Sonea podia ver as pessoas ainda adentrando a praça, vindas de uma rua transversal. De outro, os distantes portões elevavam-se acima da multidão. À frente...

Sonea parou e sentiu toda a confiança esvair-se. Enquanto Cery ia adiante, ela recuou alguns passos e parou atrás de uma idosa. A menos de vinte passos de distância havia uma fila de magos.

Depois de inspirar fundo, expirou lentamente. Sabia que eles não sairiam de seus lugares. Ignorariam a multidão até que estivessem prontos para expulsá-la da praça. Não havia razão para estarem assustados.

Engolindo em seco, Sonea obrigou-se a desviar o olhar e a procurar pelos jovens. Harrin, Cery e os outros estavam ainda mais adiante, caminhando por entre o fluxo minguante de retardatários que se juntavam à extremidade da

multidão.

Erguendo os olhos novamente para os magos, ela estremeceu. Nunca estivera tão próxima deles, nem tivera a oportunidade de dar uma boa olhada neles.

Trajavam um uniforme: túnica de mangas largas, atada por uma faixa. De acordo com o tio Ranel, trajes como esse haviam sido tendência há centenas de anos, mas agora era um crime pessoas comuns se vestirem como os magos.

Todos eram homens. Da posição onde estava, ela podia ver nove deles, todos em pé, sozinhos ou em pares, formando parte de uma fila que ela sabia que iria circundar a praça. Alguns não tinham mais de 20 anos, enquanto outros pareciam anciões. Um dos mais próximos, um homem louro de cerca de 30 anos, era formoso a seu modo elegante e bem-vestido. Os restantes tinham uma aparência surpreendentemente comum.

De canto de olho, ela captou um movimento abrupto, e se virou a tempo de ver Harrin impulsionar o braço para a frente. Uma pedra voou pelo ar em direção aos magos. Apesar de saber o que aconteceria, ela segurou a respiração.

A pedra bateu contra algo sólido e invisível e caiu no chão. Sonea soltou a respiração quando mais garotos começaram a atirar pedras. Algumas das figuras de túnica levantaram os olhos para assistir aos mísseis transpassarem o ar em frente a eles. Outros fitavam brevemente os jovens, depois retornavam para suas conversas.

Sonea olhou fixamente para o ponto onde a barreira dos magos pendia. Não conseguiu ver nada. Avançando, retirou dos bolsos um dos pedregulhos, impulsionou o braço para trás e arremessou-o com toda a força que tinha. O objeto desintegrou-se quando atingiu a parede invisível. Por um momento, pairou no ar uma nuvem de poeira, sem volume, em um dos lados.

Ela ouviu um riso fraco perto de si e, ao virar-se, deu com uma velha a sorrir.

— *Tá* aí uma boa arma — tagarelou a mulher. — Mostra pra eles. Vá lá.

Sonea enfiou a mão em um dos bolsos e sentiu os dedos próximos a uma pedra maior. Deu alguns passos na direção dos magos e sorriu. Vira sinais de aborrecimento no rosto de alguns. Obviamente, eles não gostavam de ser

desafiados, mas algo os impedia de confrontar os jovens.

Para lá da névoa de poeira, chegou o som de vozes. O mago bem-vestido ergueu o olhar, depois virou de costas para o companheiro, um homem mais velho de cabelos grisalhos.

— Gentalha patética! — escarneceu ele. — Quanto tempo levaremos para nos livrar dessa gente?

Algo revirou no estômago de Sonea, e ela segurou com mais força a pedra. Tirou-a do bolso e estimou seu peso. Era das pesadas. Virando-se de frente para os magos, reuniu toda a raiva que sentia por ter sido expulsa de casa, todo o ódio natural pelos magos, e atirou a pedra contra o mago que tinha acabado de falar. Seguiu seu rastro através do ar e, quando a pedra se aproximou da barreira dos magos, desejou que a atravessasse e alcançasse o alvo.

Uma ondulação de luz azul relampejou saída da pedra, que em seguida atingiu a têmpora do mago com um baque surdo. O mago permaneceu imóvel, fitando o nada, até que seus joelhos se dobraram. O companheiro avançou para ampará-lo.

Sonea observou atentamente, boquiaberta, quando o mago mais velho conduziu o parceiro até o chão. A zombaria dos jovens cessou. O silêncio espalhou-se amplamente, como fumaça, pela multidão.

Em seguida, exclamações surgiram quando mais dois magos se lançaram num salto para agachar-se ao lado do companheiro caído. Os amigos de Harrin, e outros em meio à multidão, começaram a vibrar. O barulho retornou à praça quando as pessoas passaram a murmurar e a contar em voz alta o que acabara de acontecer.

Sonea baixou a cabeça e olhou para as mãos. *Funcionou. Quebrei a barreira, mas não é possível. A menos que...*

A menos que eu tenha usado mágica.

O frio percorreu seu corpo ao lembrar-se de como concentrara toda a raiva e ódio na pedra, como acompanhara seu rastro com a mente e desejara que ela atravessasse a barreira. Algo nela se agitou, ávido para que ela repetisse aquelas ações.

Levantando os olhos, Sonea percebeu que vários magos haviam se reunido ao redor do companheiro caído. Alguns estavam agachados perto dele, mas a maioria tinha-se voltado para olhar as pessoas na praça, com olhares escrutinantes. *Procurando por mim*, pensou ela subitamente. Como se escutasse seu pensamento, um dos magos virou-se para fitá-la. Ela congelou de terror, mas os olhos dele se desviaram e continuaram a esquadrinhar a multidão.

Não sabem quem foi. Ela arfou de alívio. Olhando em volta, viu que a multidão estava a vários passos atrás de si. Os jovens recuavam. Com o coração batendo forte, Sonea seguiu seu exemplo.

Foi então que o mago mais velho se levantou. Diferentemente dos outros, seus olhos foram ao encontro dos dela sem hesitar. Apontou para ela, e o restante dos magos se virou para olhar outra vez. Ao erguerem as mãos, ela sentiu um ímpeto de terror. Dando meia-volta, disparou rumo à multidão. De canto de olho, viu o resto dos jovens fugir. Sua visão vacilou quando vários clarões iluminaram os rostos diante de si, depois o ar foi rasgado por gritos. Uma onda de calor percorreu-a e ela caiu de joelhos, arfando.

— PAREM!

Sonea não sentiu dor. Olhando para baixo, arfou de alívio ao perceber que ainda estava inteira. Ergueu os olhos; as pessoas ainda fugiam, ignorando o comando estranhamente amplificado que ainda ecoava pela praça.

Um cheiro de queimado chegou ao seu nariz. Sonea virou-se para ver uma figura estendida com a cara para baixo na calçada a uns passos de distância. Embora as chamas comessem avidamente suas roupas, a figura permanecia imóvel. Em seguida, viu a confusão escurecida que antes fora um braço, e sentiu o estômago contorcer-se de náusea.

— NÃO A MACHUQUEM!

Cambaleando, ergueu-se e se afastou do cadáver. Vultos passavam por ela de ambos os lados à medida que os jovens fugiam. Com esforço, Sonea obrigou-se a uma corrida trôpega.

Alcançou a multidão ao pé do Portão Setentrional e foi fazendo pressão para

abrir caminho por entre ela. Lutando para seguir em frente, arranhando aqueles por quem passava, obrigou-se a embrenhar-se profundamente na multidão de corpos. Sentindo as pedras ainda a pesar em seus bolsos, jogou-as fora. Algo lhe prendeu as pernas, fazendo-a tropeçar, mas ela se ergueu com esforço e prosseguiu.

Mãos agarraram-na rudemente por trás. Sonea lutou para se soltar e puxou fôlego para gritar, mas as mãos a viraram, e ela se pegou fitando os familiares olhos azuis de Harrin.

••

CAPÍTULO 2

O debate dos Magos

Embora tivesse entrado no Salão do Clã inúmeras vezes desde que se graduara, há mais de trinta anos, Lorde Rothen raramente o ouvira ecoar com tantas vozes.

Observou o mar de homens e mulheres de túnica diante de si. Rodas de magos haviam-se formado, e ele reparou nas costumeiras panelinhas e facções. Outros circulavam, deixando um grupo e se juntando a outro. Mãos gesticulavam expressivamente, e uma exclamação ou negação ocasional fazia-se ouvir acima do barulho.

As reuniões eram assuntos costumeiramente dignificados e metódicos, no entanto, até que o Administrador chegasse para organizá-los, os participantes ficavam perambulando pelo centro da sala, conversando. Quando Rothen rumou em direção à multidão, apanhou fragmentos de conversas que pareciam vir do teto. O Salão do Clã ampliava os sons de formas estranhas e inesperadas, especialmente quando as vozes se elevavam.

O efeito não era mágico, como os visitantes não dotados muitas vezes presumiam, mas resultado involuntário da transformação do edifício em salão. A primeira e mais antiga construção do Clã continha originalmente quartos para alojar os magos e seus aprendizes, bem como espaços destinados a aulas e reuniões. Quatro séculos depois, diante do rápido crescimento do quadro de membros, o Clã ergueu vários novos edifícios. Sem querer demolir a primeira sede, removeu as paredes internas e acrescentou assentos. Desde então, todas as Reuniões do Clã, cerimônias de Admissão e Graduação e Audições foram ali organizadas.

Uma figura alta, vestida com uma túnica púrpura, saiu da multidão e caminhou em direção a Rothen. Reparando na expressão ansiosa do mago mais jovem, Rothen sorriu. Dannyl reclamara mais de uma vez que nada particularmente empolgante acontecia no Clã.

— E então, meu velho amigo. Como isso aconteceu? — perguntou Dannyl.

Rothen cruzou os braços.

— De fato, velho amigo!

— Velho inimigo, então. — Dannyl abanou a mão, em sinal de dispensa. — O que o Administrador disse?

— Nada. Ele só quis que eu descrevesse o que aconteceu. Parece que sou o único que a viu.

— Sorte dela — replicou Dannyl. — Por que os outros tentaram matá-la?

— Não acho que tinham essa intenção.

Um gongo ressoou acima do burburinho de vozes, e a voz amplificada do Administrador do Clã preencheu o salão.

— Queiram todos os magos tomar os seus lugares, por favor.

Olhando para trás, Rothen viu as imensas portas principais no fundo do salão fecharem-se de rompante. O aglomerado de túnicas dividiu-se quando os magos começaram a mover-se rumo aos assentos de cada lado da sala. Dannyl acenou com a cabeça para os assentos da frente.

— Temos uma companhia especial hoje.

Rothen seguiu o olhar do amigo. Os Magos Superiores tomavam os respectivos lugares. Para assinalar sua posição e autoridade dentro do Clã, seus assentos eram dispostos em cinco fileiras na frente do salão. Duas escadarias estreitas conduziam a esses assentos elevados. No centro da fila mais alta havia uma cadeira grande ornada de ouro e bordada com o *incal* do Rei: uma ave noturna estilizada. A cadeira estava vazia, mas os dois assentos que a ladeavam eram ocupados por magos que usavam faixas douradas atadas perto da cintura.

— Os Conselheiros do Rei — murmurou Rothen. — Interessante.

— Sim — replicou Dannyl. — Gostaria de saber se o Rei Merin consideraria esta Reunião importante o suficiente para participar dela.

— Não importante o suficiente para ele vir pessoalmente.

— Claro que não. — Dannyl sorriu. — Daí teríamos de nos comportar.

Rothen encolheu os ombros.

— Não faz diferença, Dannyl. Mesmo se os conselheiros não estivessem aqui, nenhum de nós diria qualquer coisa que não diria na presença do Rei. Não, eles estão aqui para garantir que façamos mais do que somente falar sobre a garota.

Chegando aos assentos de costume, sentaram-se. Dannyl recostou-se na cadeira e avaliou a sala.

— Tudo isso por causa de uma moleca encardida.

Rothen soltou uma risada.

— Ela causou um tumulto, não?

— Fergun não se juntou a nós — Dannyl encolheu os olhos para ver as fileiras do lado oposto —, mas seus seguidores estão aqui.

Embora Rothen não gostasse que seu amigo expressasse, em público, antipatia por outro mago, não conseguiu segurar o riso. As maneiras oficiosas de Fergun não o tornavam benquisto em relação aos demais.

— Pelo que me lembro do relato de Healer, o golpe causou uma confusão e agitação bem grandes. Ele achou prudente receitar um sedativo para Fergun.

Dannyl manifestou um prazer contido.

— Fergun dormindo! Quando perceber que perdeu esta reunião, ficará furioso.

Soou um gongo, e a sala começou a ficar silenciosa.

— Como você deve imaginar, o Administrador Lorlen estava *mais* frustrado era com o fato de que Lorde Fergun não poderia dar sua versão dos fatos — acrescentou Rothen, em um sussurro.

Dannyl abafou uma risada. Olhando os Magos Superiores de ponta a ponta, Rothen viu que todos tinham tomado seus lugares. Somente o Administrador Lorlen permanecia em pé, com o gongo em uma mão e o percussor na outra.

A expressão de Lorlen possuía uma gravidade que lhe não era característica.

Rothen compreendeu a seriedade da situação ao perceber que esta crise era a primeira que o mago enfrentava desde que fora eleito. Lorlen tinha provado ser capaz de lidar com os problemas cotidianos dentro do Clã, mas devia haver mais do que alguns magos a se perguntar como o Administrador solucionaria tamanha crise.

— Convoquei esta Reunião para que pudéssemos discutir os acontecimentos que ocorreram na Praça Setentrional esta manhã — começou Lorlen. — Temos dois assuntos de alta gravidade para tratar: o assassinato de um inocente e a existência de um mago fora de nosso controle. Para começar, vamos tratar do primeiro e mais grave desses dois assuntos. Apelo a Lorde Rothen como testemunha do acontecimento.

Dannyl olhou admirado para Rothen, depois sorriu.

— É claro. Já se passaram anos desde a última vez que se sentou ali embaixo. Boa sorte.

Erguendo-se, Rothen lançou ao amigo um olhar contundente:

— Obrigado por me lembrar. Ficarei bem.

Rostos viravam-se à medida que os magos da assembleia observavam Rothen descer de seu assento e atravessar o salão para se apresentar aos Magos Superiores. Ele curvou a cabeça para o Administrador. Lorlen acenou com a cabeça em resposta.

— Conte-nos o que testemunhou, Lorde Rothen.

Rothen fez uma pausa para avaliar suas palavras. Quando um falante se dirigia ao Clã, devia ser conciso e evitar frases rebuscadas.

— Quando cheguei à Praça Setentrional esta manhã, encontrei Lorde Fergun já a postos — começou ele. — Tomei posição ao lado dele e acrescentei meu poder ao escudo protetor. Alguns dos vagabundos mais jovens começaram a jogar pedras, mas, como sempre, nós os ignoramos. — Levantando os olhos aos Magos Superiores, Rothen viu que o observavam com atenção. Sufocou uma pontada de nervosismo. Já se *passara* muito tempo desde que se dirigira ao Clã pela última vez. — Depois, vi de canto de olho um clarão azul e notei uma

perturbação no escudo. Vi de relance um objeto vindo na minha direção, mas, antes que eu pudesse reagir, ele golpeou a têmpora de Lorde Fergun, deixando-o inconsciente. Amparei-o quando caiu, baixei-o até o chão e me certifiquei de que seu ferimento não era grave. Em seguida, quando os outros vieram acudir, procurei pela pessoa que atirara a pedra.

Rothen sorriu com estranheza ao lembrar-se do ocorrido.

— Eu vi que, enquanto a maioria dos jovens parecia confusa e surpresa, uma jovem olhava espantada para as mãos. Perdi-a de vista quando meus colegas chegaram, e, uma vez que não conseguiram localizar a pessoa que atirara a pedra, chamaram-me para apontá-la.

Ele sacudiu a cabeça.

— Quando apontei, eles acharam que eu estava mostrando um jovem ao lado dela e... revidaram.

Lorlen gesticulou para que Rothen parasse. Olhou para os magos na fileira diante de si, os olhos fixos em Lorde Balkan, o Chefe dos Guerreiros.

— Lorde Balkan, o que concluiu depois de interrogar aqueles que atacaram o jovem?

O mago de túnica vermelha levantou-se.

— Todos os dezenove magos envolvidos acreditavam que um dos garotos na multidão fosse o agressor, uma vez que achavam improvável uma garota ser treinada como mágica selvagem. Todos pretendiam atordoar o garoto, não machucá-lo. Pela descrição dos ataques pelas testemunhas, fui convencido de que foi isso, de fato, o que aconteceu. Também concluí, a partir desses relatos, que alguns dos ataques atordoantes combinaram-se e formaram um fogo descontrolado. Foi isso que matou o garoto.

A lembrança de uma figura em chamas passou pela cabeça de Rothen. Enojado, ele olhou para o chão. Mesmo que os ataques não tivessem se combinado, o ataque difuso de dezenove magos teve um forte impacto no corpo do garoto. Rothen não conseguiu evitar sentir-se responsável. Se ao menos ele tivesse tomado providências antes que os outros pudessem reagir...

— Isso levanta questões difíceis — disse Lorlen. — É improvável que o público acredite em nós se dissermos que simplesmente cometemos um erro. Um pedido de desculpas não é suficiente. Temos de fazer alguma tentativa de reparação. Iremos indenizar a família do jovem?

Vários dos Magos Superiores assentiram com a cabeça, e Rothen ouviu murmúrios de aprovação atrás de si.

— Se ela puder ser encontrada — acrescentou um dos Magos Superiores.

— Temo que a indenização não possa reparar o estrago que fizemos à nossa reputação. — Lorlen franziu as sobrancelhas. — Como poderemos reaver o respeito e a confiança das pessoas?

Seguiu-se um burburinho, em seguida alguém gritou:

— A indenização é o bastante.

— Vamos dar tempo ao tempo... as pessoas vão esquecer — disse outra voz.

— Fizemos tudo o que podíamos.

Em tom mais baixo, à direita de Rothen:

— ... não passa de um menino de favela. Quem se importa?

Rothen suspirou. Embora as palavras não o surpreendessem, fizeram despertar dentro dele uma raiva familiar. O Clã existia, por lei, para proteger as pessoas — e essa lei não fazia distinção entre ricos e pobres. Ele ouvira magos afirmar que todos os que moravam nas favelas eram ladrões e não mereciam a proteção do Clã.

— Podemos fazer um pouco mais — disse Lorde Balkan. — As classes mais altas aceitarão que a morte do garoto foi um acidente. As pobres não, e nada do que fizermos ou dissermos vai mudar a opinião delas.

O Administrador Lorlen olhou para cada um dos Magos Superiores, um após outro. Todos assentiram com a cabeça.

— Muito bem — disse ele. — Vamos rever essa questão na próxima Reunião, quando tivermos tido tempo de avaliar os efeitos dessa tragédia. — Respirou

fundo, endireitou-se e varreu o salão com os olhos. — Agora o segundo assunto: a mágica selvagem. Alguém mais fora Lorde Rothen viu essa garota, ou testemunhou o momento em que atirou a pedra?

Seguiu-se o silêncio. Lorlen franziu as sobrancelhas, desapontado. A maioria das discussões nas Reuniões do Clã era dominada pelos três Chefes de Disciplinas: *Lady* Vinara, Lorde Balkan e Lorde Sarrin. *Lady* Vinara, Chefe dos Curadores, era uma mulher prática e severa, mas podia ser surpreendentemente compassiva. O robusto Lorde Balkan era observador e cauteloso a ponto de explorar todos os lados de um assunto, contudo era inflexível diante de decisões rápidas ou difíceis. O mais velho do trio, Lorde Sarrin, podia ser implacável em seus julgamentos, mas sempre reconhecia a validade do ponto de vista dos outros.

Eram esses Magos Superiores que Lorlen agora levava em consideração.

— Devemos começar examinando os fatos que são claros e confirmados por testemunhas. Não há dúvida de que, por mais extraordinário que possa parecer, uma simples pedra penetrou um escudo mágico. Lorde Balkan, como isso é possível?

O Guerreiro encolheu os ombros.

— O escudo usado para repelir as pedras na Purificação é fraco: forte o bastante para parar objetos, mas não magia. Ficou claro pelo brilho azul, e pela sensação de perturbação descrita por aqueles que mantinham o escudo, que magia foi usada. No entanto, para a magia atravessar um escudo, ela deve ser forjada para essa finalidade. Acredito que a agressora tenha feito um ataque — um ataque simples — com a pedra.

— Mas afinal, por que usar uma pedra? — perguntou *Lady* Vinara. — Por que não atacar simplesmente com magia?

— Para ocultar o ataque? — sugeriu Lorde Sarrin. — Se os magos tivessem visto um ataque se aproximando, podiam ter tido tempo de fortalecer o escudo.

— Isso é possível — disse Balkan —, mas a força do ataque foi usada somente para atravessar a barreira. Se a agressora estivesse mal-intencionada,

Lorde Fergun teria mais que uma têmpora ferida.

Vinara franziu as sobrancelhas.

— Então a agressora não esperava causar nenhum mal? Por que então fazer isso?

— Para demonstrar seu poder... para nos desafiar, talvez — replicou Balkan.

O rosto enrugado de Sarrin vincou-se em um olhar de desaprovação. Rothen sacudiu a cabeça. Percebendo o movimento, Balkan olhou para baixo e sorriu.

— Não concorda, Lorde Rothen?

— Ela não esperava fazer coisa alguma — disse Rothen. — Pela expressão em seu rosto, estava visivelmente abalada e surpresa com o que tinha feito. Acredito que não tenha sido treinada.

— Impossível. — Sarrin sacudiu a cabeça. — *Alguém* deve ter libertado os poderes dela.

— E treinado essa garota para controlá-los, esperamos — acrescentou Vinara. — Ou temos um sério problema de natureza diferente.

Imediatamente o salão começou a zumbir com especulações. Lorlen levantou a mão e as vozes se calaram.

— Quando Lorde Rothen me contou o que tinha testemunhado, chamei Lorde Solend aos meus aposentos para lhe perguntar se, ao longo dos estudos sobre a história do Clã, ele alguma vez lera sobre magos cujos poderes se desenvolveram sem orientação. — A expressão de Lorlen ficou séria. — Parece que nossa suposição de que o poder de um mago só pode ser libertado por outro mago está errada.

— Está registrado que, nos primeiros séculos da existência do Clã, alguns dos indivíduos que procuraram treinamento já usavam magia. Seus poderes haviam-se desenvolvido naturalmente à medida que amadureciam fisicamente. Uma vez que aceitamos e iniciamos aprendizes ainda na flor da juventude, o desenvolvimento natural de poder não mais acontece. — Lorlen gesticulou para os assentos de um lado do salão. — Pedi que Lorde Solend reunisse o que sabe

sobre esse fenômeno e agora o convido para vir relatar para nós o que aprendeu.

Uma figura idosa levantou-se das filas de homens e mulheres de túnica e começou a descer as escadas. Todos aguardaram em silêncio enquanto o velho historiador chegava ao piso inferior e se posicionava ao lado de Rothen. Solend acenou rigidamente com a cabeça para os Magos Superiores.

— Até cinco séculos atrás — começou o velho, em voz lamuriosa —, um homem ou uma mulher que procurasse aprender magia se aproximaria de magos individuais para obter o aprendizado. Estes eram avaliados e escolhidos de acordo com sua força e com os recursos que tinham. Em decorrência dessa tradição, alguns aprendizes eram bastante maduros quando iniciavam seu treinamento, já que poderiam ser necessários muitos anos de trabalho, ou uma generosa herança, até que tivessem condições de pagar pelo treinamento. Às vezes, porém, aparecia um jovem ou uma jovem cujos poderes já estavam "libertados", como se costumava dizer naqueles tempos. Essas pessoas, conhecidas por "naturais", nunca eram recusadas. Há duas razões para isso. Em primeiro lugar, seus poderes eram sempre muito fortes. Em segundo, eles tinham de aprender o Controle. — O velho fez uma pausa, e sua voz subiu de tom. — Já sabemos o que acontece quando os aprendizes são incapazes de dominar o Controle. Se essa jovem for uma natural, devemos esperar que seja mais poderosa que o aprendiz mediano, possivelmente ainda mais poderosa que o mago mediano. Se ela não for encontrada e aprender o Controle, será um perigo considerável para a cidade.

Um curto silêncio seguiu, depois um zumbido de alarme propagou-se pelo salão.

— Isso *se* os poderes dela emergiram, de fato, sem ajuda alguma — acrescentou Balkan.

O velho assentiu com a cabeça.

— Há uma possibilidade, claro, de que ela tenha sido treinada por alguém.

— Então temos de encontrá-la... *e* aqueles que a ensinaram — declarou uma voz.

O Salão encheu-se novamente de discussões, mas a voz de Lorlen sobrepôs-se ao barulho.

— Se ela é uma selvagem, pela lei somos obrigados a trazê-la ao Rei, bem como seus mestres. De qualquer forma, devemos encontrá-la.

— Como? — perguntou uma voz.

Lorlen olhou para baixo.

— Lorde Balkan?

— Uma busca sistemática nas favelas — replicou o Guerreiro. Ele se voltou para olhar para os Conselheiros do Rei. — Precisaremos de ajuda.

As sobrancelhas de Lorlen ergueram-se e ele seguiu o olhar do Guerreiro.

— O Clã formalmente solicita a ajuda da Guarda da Cidade.

Os Conselheiros trocaram olhares e concordaram com a cabeça.

— Permitido — respondeu um deles.

— Devemos começar o mais breve possível — disse Balkan. Esta noite, de preferência.

— Se queremos a ajuda da Guarda, isso levará tempo. Sugiro que comecemos amanhã de manhã — contestou Lorlen.

— E quanto às aulas? — perguntou uma voz.

Lorlen olhou para o mago sentado ao lado dele:

— Penso que um dia a mais de estudo privado não vai prejudicar o progresso dos aprendizes.

— Um dia não fará muita diferença. — O amargo Diretor da Universidade, Jerrik, encolheu os ombros. — Mas nós a encontraremos em um dia?

Lorlen contraiu os lábios.

— Iremos nos reunir aqui novamente amanhã à noite se ainda não a tivermos encontrado, para discutir sobre quem continuará a busca.

— Posso dar uma sugestão, Administrador Lorlen?

Rothen sobressaltou-se com a voz. Virou-se para ver Dannyl de pé entre os magos espectadores.

— Sim, Lorde Dannyl? — respondeu Lorlen.

— Os moradores das favelas certamente vão dificultar a busca, e a garota provavelmente vai se esconder de nós. Teremos mais chance de sucesso se entrarmos disfarçados nas favelas.

Lorlen franziu as sobrancelhas.

— Que disfarce você sugere?

Dannyl encolheu os ombros.

— Quanto menos chamarmos a atenção, maiores serão nossas chances. Minha sugestão é que pelo menos alguns de nós nos vistamos como eles. Pode ser que descubram quem somos quando começarmos a falar, mas...

— De jeito nenhum — rosnou Balkan. — Como seria se um de nós fosse pego vestido como um humilde mendigo? Seríamos ridicularizados por todas as Terras Aliadas.

Várias vozes se levantaram para se mostrar de acordo com as palavras.

Lorlen acenou com a cabeça lentamente.

— Concordo. Nós, como magos, temos autoridade para entrar em qualquer casa desta cidade. Nossa busca será dificultada se *não* vestirmos as túnicas.

— Como saberemos o que estamos procurando? — perguntou Vinara.

Lorlen olhou para Rothen.

— Consegue se lembrar de como ela era?

Rothen fez que sim com a cabeça. Recuando alguns passos, ele fechou os olhos e chamou à memória a lembrança de uma garota pequena, franzina, com um rosto fino e infantil. Reunindo seu poder, ele abriu os olhos e exortou sua vontade. Um brilho apareceu no ar diante dele, e rapidamente se avivou para

formar um rosto ligeiramente transparente. À medida que sua memória preenchia o restante da visão, as roupas grosseiras dela apareceram: um lenço incolor em volta da cabeça, uma camisa grossa com capuz, calça. Completada a ilusão, ele levantou os olhos aos Magos Superiores.

— *Foi isso* que nos atacou? — murmurou Balkan. — Não passa de uma criança.

— Um pequeno embrulho com uma grande surpresa dentro — disse Sarrin, secamente.

— E se não for esse o agressor? — perguntou Jerrik. — E se Lorde Rothen estiver errado?

Lorlen sorriu para Rothen e sorriu levemente.

— Por ora só nos resta assumir que ele esteja certo. Saberemos em breve se os rumores da cidade comprovam isso, e testemunhas podem ser encontradas em meio ao público. — Ele acenou a cabeça para a ilusão. — Já é o bastante, Lorde Rothen.

Rothen abanou a mão e a ilusão desapareceu. Quando levantou novamente os olhos, deparou-se com Lorde Sarrin olhando para ele de modo escrutinante.

— O que faremos com ela assim que a encontrarmos? — perguntou Vinara.

— Se for uma selvagem, aplicaremos a lei — respondeu Lorlen. — Se não for, vamos ensiná-la a controlar seus poderes.

— É claro, mas e depois? O que acontece?

— Penso que a pergunta de *Lady* Vinara seja: devemos torná-la uma de nós? — disse Balkan.

Imediatamente o salão se encheu de vozes.

— Não! Decerto é uma ladra!

— Ela atacou um dos nossos! Deveria ser punida, não recompensada!

Rothen sacudiu a cabeça e suspirou enquanto os protestos continuavam. Apesar de não haver lei proibindo o teste de crianças de classes inferiores, o Clã

procurava magia somente nas crianças das Casas.

— O Clã não aceita um aprendiz de fora das Casas há séculos — disse Balkan, calmamente.

— Entretanto, se Solend estiver certo, ela pode ser uma maga poderosa — recordou Vinara.

Rothen segurou um sorriso. A maioria das mulheres magas tornava-se Curadora, e ele sabia que *Lady* Vinara faria de bom grado vista grossa às origens da garota se isso lhe concedesse outra ajudante poderosa.

— A força não é bênção alguma se um mago se prova corrupto — salientou Sarrin. — Ela pode ser uma ladra, ou mesmo uma prostituta. Que influência sobre nossos outros aprendizes teria alguém com esse histórico? Como podemos saber se ela dará valor ao nosso juramento?

As sobrancelhas de Vinara se levantaram.

— Então você lhe mostraria do que ela é capaz, depois limitaria seus poderes e a mandaria de volta à miséria?

Sarrin assentiu com a cabeça. Vinara olhou para Balkan, que encolheu os ombros. Mordendo os lábios para reprimir um protesto, Rothen esforçou-se para permanecer em silêncio. Da fileira superior, Lorlen observava silenciosamente os três magos, sem deixar transparecer seu juízo pela expressão que fazia.

— Devíamos dar-lhe pelo menos uma chance — disse Vinara. — Se houver qualquer possibilidade de que ela vá se adequar às nossas regras e tornar-se uma jovem responsável, então devíamos dar-lhe a oportunidade.

— Quanto mais seus poderes se desenvolverem, mais difícil será bloqueá-los — lembrou Sarrin.

— Eu sei — Vinara inclinou-se para a frente —, mas isso não é impossível. Considere o quanto seremos respeitados se a acolhermos. Um pequeno gesto de bondade e generosidade, em vez de simplesmente bloquearmos seus poderes e a devolvermos às favelas, será muito mais significativo do que apenas reparar o dano que causamos à nossa reputação esta manhã.

As sobrancelhas de Balkan se ergueram.

— Verdade, e isso pode nos poupar da busca, se fizermos saber a todos que ela será bem-vinda entre nós. Assim que souber que pode se tornar maga, com toda a posição e riqueza que isso confere, ela virá até nós.

— E a perda dessa riqueza pode ser um impedimento caso ela considere retornar ao modo de vida detestável que tinha antes — acrescentou Sarrin.

Lady Vinara fez que sim com a cabeça. Olhou ao redor do salão, em seguida deslizou o olhar até Rothen e encolheu os olhos.

— Que acha, Lorde Rothen?

Rothen fez uma careta.

— Estou me perguntando se, depois do que fizemos esta manhã, ela acreditaria em qualquer coisa que disséssemos.

A expressão de Balkan tornou-se obscura.

— Hum, duvido muito. Provavelmente precisaremos capturá-la primeiro e explicar depois nossas boas intenções.

— Portanto, faz pouco sentido esperar para ver se ela virá até nós — concluiu Lorlen. — Iniciaremos nossa busca amanhã, conforme planejado. — Ele franziu os lábios, depois se virou para olhar o assento acima dele.

Rothen ergueu os olhos. Entre o assento do Administrador e o do Rei havia uma única cadeira reservada para o líder do Clã: o Lorde Supremo Akkarin. O mago de túnica preta não falara durante toda a Reunião, mas isso não era incomum. Embora Akkarin fosse conhecido por alterar os rumos de um debate usando apenas poucas e brandas palavras, geralmente se mantinha em silêncio.

— Lorde Supremo, tem alguma razão para suspeitar de que haja magos velhacos nas favelas? — perguntou Lorlen.

— Não. Não há velhacos nas favelas — respondeu Akkarin.

Rothen estava perto o bastante para ver o breve olhar trocado entre Balkan e Vinara. Ele abafou um sorriso. Havia rumores de que o Lorde Supremo possuía

sentidos particularmente refinados, e quase todos os magos sentiam-se no mínimo intimidados por ele. Acenando com a cabeça, Lorlen virou-se novamente para os presentes. Ele bateu o gongo, e, quando seu estrondo ecoou pelo salão, o burburinho de vozes tornou-se um tênue murmúrio.

— A decisão de ensinar ou não a garota será adiada até que ela seja encontrada e seu temperamento, avaliado. Por ora, iremos nos concentrar na tarefa de encontrá-la. A busca começará aqui, à quarta hora de amanhã. Aqueles que considerarem ter uma razão válida para permanecer no Clã, por favor, preparem um requerimento e apresentem-no esta noite ao meu assistente. Declaro esta Reunião encerrada.

O Salão encheu-se do roçagar de túnicas e do barulho de botas. Rothen recuou quando o primeiro dos Magos Superiores desceu de seu assento e caminhou em direção às portas laterais do salão. Virando-se, aguardou enquanto Dannyl se contorcia entre o restante dos magos e corria a seu encontro.

— Ouviu Lorde Kerrin? — perguntou Dannyl. — Ele quer que a garota seja punida por atacar seu querido amigo, Fergun. A meu ver, acho que a garota não podia ter encontrado mago melhor para nocautear.

— Ora, Dannyl... — começou Rothen.

— ... e agora eles nos colocam para vasculhar o lixo nas favelas — disse uma voz atrás dele.

— Não sei qual a maior tragédia: terem matado o garoto ou terem errado a garota — replicou outra.

Estarrecido, Rothen virou-se para olhar o autor dessa frase, um velho Alquimista que estava ocupado demais olhando taciturnamente o assoalho para notar que estava sendo observado. Quando o mago se afastou, Rothen balançou a cabeça.

— Estava prestes a dar-lhe um sermão por você ser tão pouco caridoso, Dannyl, mas não é o caso, né?

— Não — concordou Dannyl, dando um passo para o lado quando o Administrador Lorlen e o Lorde Supremo passaram.

— E se não a encontrarmos? — perguntou o Administrador ao companheiro.

O Lorde Supremo tentou conter um sorriso.

— Oh, hão de encontrá-la, de um jeito ou de outro... embora eu diga que até amanhã a maioria será a favor da alternativa mais espetacular e menos agradável.

Rothen balançou novamente a cabeça quando os dois Magos Superiores se afastaram.

— Sou o único que se importa com o que pode acontecer com essa pobre garota?

Ele sentiu a mão de Dannyl dar palmadinhas em seu ombro.

— Claro que não, mas espero que você não esteja pensando em dar um sermão *nele*, velho amigo.

CAPÍTULO 3

Velhos amigos

—Ela é uma penetra.

A voz era masculina, jovem e desconhecida. *Onde estou?* pensou Sonea. Em primeiro lugar, deitada sobre algo macio. Uma cama? *Não me lembro de ter deitado em uma cama...*

— Sem chance.

Essa era a voz de Harrin. Ela percebeu que ele a estava defendendo, então o significado do que o estranho dissera foi fazendo sentido e ela sentiu um alívio atrasado. Um "penetra", na gíria das favelas, era um espião. Se Harrin tivesse concordado, ela estaria encrencada... Mas uma espiã a mando de quem?

— O que mais ela pode ser? — retorquiu a primeira voz. — Ela faz magia. Os magos têm de ser treinados durante anos e anos. Quem é que faz essas coisas por aqui?

Magia? As memórias regressaram-lhe num turbilhão: a praça, os magos...

— Magia ou não, eu a conheço há tanto tempo quanto conheço Cery — disse Harrin ao garoto. — Ela sempre foi firmeza.

Sonea mal o ouvia. Na sua mente, ela viu-se atirando a pedra, viu-a brilhar através da barreira e golpear o mago. *Eu fiz aquilo*, pensou ela. *Mas não é possível...*

— Mas você mesmo disse que ela esteve fora por alguns anos. Vai saber com quem ela tem andado.

Então ela se lembrou de como evocara algo de dentro dela... algo que não devia possuir...

— Ela tem andado com a família dela, Burril — replicou Harrin. — Acredito nela, Cery acredita nela, e isso basta.

... e o Clã sabe que eu fiz aquilo! O velho mago a vira, apontara para ela de modo que os outros magos a vissem. Ela estremeceu quando a lembrança de um cadáver carbonizado surgiu em sua mente.

— Eu o avisei. — Burril não estava convencido, mas parecia derrotado. — Se ela lhe passar a perna, não se esqueça de quem o avi...

— Acho que ela está acordando — murmurou outra voz familiar. Cery. Ele estava em local próximo.

Harrin suspirou.

— Fora, Burril.

Sonea ouviu passos afastando-se, depois uma porta se fechando.

— Agora pode parar de fingir que *tá* dormindo, Sonea — murmurou Cery.

Uma mão tocou seu rosto e ela abriu os olhos, pestanejando. Cery inclinava-se sobre ela, sorrindo.

Sonea endireitou-se usando os cotovelos. Estava deitada em uma cama velha, num quarto desconhecido. Quando deslizou as pernas ao chão, Cery lançou-lhe um olhar avaliativo.

— Você parece melhor — disse ele.

— Sinto-me bem — concordou ela. — O que aconteceu? Ela ergueu os olhos quando Harrin se moveu para colocar-se diante dela. — Onde estou? Que horas são?

Cery sorriu.

— Ela está bem.

— Você não se lembra? — Harrin agachou-se para olhá-la nos olhos.

Sonea sacudiu a cabeça.

— Lembro de estar andando pelas favelas, mas... — Ela espalmou as mãos. — Não de como cheguei aqui.

— Harrin a trouxe até aqui — disse uma voz feminina. — Ele disse que você

simplesmente adormeceu enquanto andava.

Sonea virou-se e viu uma jovem sentada em uma cadeira atrás dela. O rosto da garota era familiar.

— Donia?

A garota sorriu.

— Isso mesmo. — Ela bateu um pé no chão. — Você está na boleria de meu pai. Ele nos deixou acomodá-la aqui. Você dormiu direto a noite toda.

Sonea olhou novamente em volta da sala, depois sorriu quando se lembrou de como Harrin e seus amigos costumavam subornar Donia para que ela roubasse canecas de *bol* para eles. A bebida fermentada era forte e os deixava eufóricos.

A boleria de Gellin ficava perto da Muralha Exterior, entre as melhores casas construídas na parte das favelas chamada Lado Norte. Os habitantes dessa área chamavam as favelas de Círculo Exterior, em oposição à atitude dos que residiam no distrito interno, que não consideravam as favelas parte da cidade.

Sonea supôs estar em um dos quartos que Gellin reservava aos hóspedes. Era pequeno; o espaço era ocupado pela cama, pela cadeira desgastada em que Donia se sentava e por uma mesinha. Cortinas de papéis velhos e desbotados cobriam as janelas. Devido à luz desmaiada que brilhava através delas, Sonea deduziu que já fosse de manhã cedinho.

Harrin voltou-se a Donia e fez um aceno. Quando a garota se levantou da cadeira, Harrin encaixou a mão em volta da cintura dela e a puxou para perto. Ela sorriu para ele de modo afetuoso.

— Acha que consegue arranjar algo para a gente comer? — perguntou ele.

— Vou ver o que posso fazer. — Ela caminhou até a porta e saiu do quarto.

Sonea lançou a Cery um olhar interrogativo e recebeu um sorriso presunçoso como resposta. Deixando-se cair na cadeira, Harrin ergueu os olhos para Sonea e franziu as sobrancelhas.

— Tem certeza que *tá* melhor? Ontem à noite você *tava* meio passada.

Ela encolheu os ombros.

— Sinto-me bem, de verdade. Como se tivesse dormido como uma pedra.

— E dormiu. Quase um dia inteiro. — Ele encolheu os ombros, depois lançou a ela outro olhar avaliativo. — O que aconteceu, Sonea? Foi você quem jogou aquela pedra, não foi?

Sonea engoliu em seco, a garganta de repente desidratada. Perguntou-se por um momento se ele acreditaria nela se negasse.

Cery colocou a mão no ombro dela e o apertou.

— Não se preocupe, Sonea. Não diremos nada a ninguém se é isso que você quer.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Fui eu, mas... eu não sei o que aconteceu.

— Você usou magia? — perguntou Cery, com ansiedade.

Sonea desviou o olhar.

— Eu não sei. Só queria que a pedra atravessasse... e ela atravessou.

— Você quebrou a parede dos magos — disse Harrin. — Isso requer magia, não? Pedras geralmente não a atravessam.

— E houve aquele clarão — acrescentou Cery.

Harrin concordou com a cabeça.

— E os magos obviamente ficaram possessos.

Cery inclinou-se para a frente.

— Acha que conseguiria fazer aquilo de novo?

Sonea olhou fixamente para ele.

— De novo?

— Não a mesma coisa, claro. Não queremos que fique jogando pedras nos magos... eles parecem não gostar muito. Outra coisa qualquer. Se funcionar, você

vai saber que consegue usar magia.

Ela estremeceu.

— Acho que não quero saber.

Cery sorriu.

— Por que não tenta? Pense no que poderia fazer! Seria fantástico!

— Pra começar, ninguém jamais seria problema pra você — disse Harrin.

Ela sacudiu a cabeça.

— Você está errado. Teriam ainda mais razões para serem um problema para mim. — Ela fez uma expressão grave. — Todos odeiam os magos. Também me odiariam.

— Todos odeiam os magos do Clã— disse Cery. — Todos eles vêm das Casas. Só se importam consigo mesmos. Todo mundo sabe que você é favelada, assim como nós.

Uma *favelada*. Depois de dois anos na cidade, sua tia e seu tio haviam parado de se referir a si mesmos pelo termo que os moradores das favelas davam a si próprios. Eles tinham conseguido sair de lá. Por isso, davam-se o nome de artesãos.

— Os favelados iriam adorar ter seu próprio mago — insistiu Cery —, especialmente quando você começar a fazer coisas boas para eles.

Sonea sacudiu a cabeça.

— Coisas boas? Os magos nunca fazem nada de bom. Por que os favelados acreditariam que comigo seria diferente?

— Que tal curar? — disse ele. — Ranel não tem uma perna deficiente? Você podia dar um jeito nela!

Ela reteve a respiração. Ao lembrar-se da dor que seu tio sofria, subitamente compreendeu o entusiasmo de Cery. *Seria* maravilhoso se ela pudesse dar um jeito na perna do tio. E, se o ajudasse, por que não ajudar também aos outros?

Em seguida, lembrou-se do que Ranel pensava dos “curas” que haviam cuidado de sua perna. Sacudiu novamente a cabeça.

— As pessoas não confiam em curas, por que confiariam em mim?

— É que elas acham que os curas as deixam doentes tanto quanto as deixam saudáveis — disse Cery. — Têm medo de ficar mais doentes.

— E têm muito mais medo de magia. Elas pensariam que fui enviada pelos magos para dar um sumiço nelas.

Cery sorriu.

— Isso agora foi estúpido. Ninguém vai achar isso.

— E quanto a Burril?

Ele fez uma careta.

— Burril é um cabeça de merda. Nem todo mundo pensa como ele.

Sonea bufou, ainda pouco convencida.

— Mesmo assim, não sei nada sobre magia. Se todos pensarem que posso curá-los, haverá pessoas me caçando por todo canto, e eu não serei capaz de fazer nada para ajudá-las.

Cery franziu as sobrancelhas.

— Isso é verdade. — Ele ergueu os olhos para Harrin. — Ela está certa. Essa história pode feder. Ainda que Sonea quisesse tentar novamente fazer magia, ainda teríamos de manter isso em segredo por algum tempo.

Harrin franziu os lábios, depois fez que sim com a cabeça.

— Se alguém perguntar se você pode fazer magia, Sonea, diremos que você não fez nada... que os magos devem ter perdido a concentração ou algo do tipo, e a pedra atravessou por essa brecha.

Sonea fitou-o, sentindo-se cheia de esperança com a possibilidade.

— Talvez tenha acontecido isso. Talvez eu não tenha feito nada.

— Se você não conseguir voltar a fazer magia, com certeza saberemos. —

Cery deu um tapinha em seu ombro. — Se conseguir, faremos com que ninguém descubra. Em poucas semanas, todos pensarão que os magos apenas cometeram um erro. Dê um mês ou dois e esquecerão tudo a seu respeito.

Uma batida na porta fez Sonea saltar. Ao levantar-se, Harrin abriu a porta e deixou Donia entrar. A garota trazia uma bandeja carregada de canecas e um prato grande com pão.

— Aqui — disse ela, colocando a bandeja sobre uma mesa. — Uma caneca de *bol* pra cada um para celebrar o regresso de uma velha amiga. Harrin, o pai quer que você vá falar com ele lá fora.

— Melhor ver o que ele quer. — Harrin apanhou uma caneca e a entornou até esvaziar. — Vejo você por aí, Sonea — disse ele. Ele pegou Donia pela cintura e, rindo, puxou-a para fora do quarto. Sonea balançou a cabeça quando a porta se fechou.

— Há quanto tempo *isso* vem acontecendo?

— Aqueles dois? — perguntou Cery, com a boca cheia de pão. — Quase um ano, acho. Harrin diz que vai casar com ela e herdar a estalagem.

Sonea riu.

— Gellin sabe?

Cery sorriu.

— Ainda não deu um chega pra lá no Harrin.

Ela apanhou um pedaço de pão escuro. Feito de sementes de *curren*, era polvilhado com especiarias. Quando deu a primeira mordida, seu estômago fez saber que há mais de um dia vinha sendo negligenciado, e ela se viu comendo vorazmente. O *bol* era amargo, mas bem-vindo depois do pão salgado. Quando terminaram, Sonea deixou-se cair na cadeira e suspirou.

— Com Harrin ocupado cuidando de uma estalagem, o que você fará, Cery?

Ele encolheu os ombros.

— Uma coisa aqui, outra ali. Roubar *bol* do Harrin. Ensinar os filhos dele a

arrombar cadeados. Ao menos ficaremos aquecidos este inverno. O que você tem planejado?

— Não sei. Jonna e Ranel disseram... Oh! — Ela se levantou num pulo. — Não os encontrei. Eles não sabem onde estou!

Cery abanou a mão em sinal de indiferença.

— Eles estão por aí.

Ela procurou por sua bolsa de dinheiro, e deu com ela cheia e pesada, pendurada na cintura.

— Bela poupança você tem aí — observou Cery.

— Ranel disse que cada um de nós devia carregar um pouco e tomar sozinho o rumo das favelas. Seria muita má sorte sermos revistados pelos guardas. — Ela apertou os olhos para ele. — Eu sei quanto tem dentro.

Ele riu.

— Eu também, e *tá* tudo aí. Vamos nessa, vou ajudar você a encontrá-los.

Ao levantar-se, ele a conduziu pela porta até um pequeno corredor. Sonea seguiu-o descendo por uma estreita escadaria até uma familiar sala de bebidas. Como sempre, o ar estava carregado de vapor de *bol*, risos e uma fluidez constante de conversa e amigáveis imprecações. Um homem robusto inclinou-se sobre a bancada onde a densa bebida era servida.

— Dia, Gellin — disse Cery.

Ele estreitou os olhos para focar em Sonea, depois abriu um sorriso rasgado.

— *Hai*! Esta é Sonea, né? — Gellin contornou a bancada e lhe deu tapinhas nos ombros. — Toda crescida também. Lembro-me de quando você costumava surrupiar *bol* para mim, garota. Uma graciosa ladrazinha, isso que você era.

Sonea arreganhou um sorriso e lançou um olhar para Cery.

— E era sempre ideia minha também, não era, Cery?

Cery espalmou as mãos e pestanejou de modo inocente.

— O que quer dizer, Sonea?

Gellin soltou uma gargalhada.

— Isso que dá se envolver com Ladrões. E então, como estão seus pais?

— Quer dizer tia Jonna e tio Ranel?

Ele agitou a mão.

— Os próprios.

Sonea encolheu os ombros e rapidamente descreveu a situação de sua família, despejada da Hospedaria. Gellin acenou com a cabeça em sinal de solidariedade por seu infortúnio.

— Provavelmente estão se perguntando onde me meti — disse ela. — Eu...

Sonea deu um pulo quando a porta da estalagem bateu. A sala ficou em silêncio e todos olharam em direção à entrada. Harrin estava apoiado contra o batente da porta, o peito arfante e a testa brilhando de suor.

— Cuidado com a minha porta — gritou Gellin.

Harrin levantou os olhos. Quando viu Sonea e Cery, empalideceu e começou a avançar. Atravessando a sala com pressa, pegou Sonea pelo braço e a puxou por uma porta até a cozinha da estalagem, com Cery seguindo-os de perto.

— O que foi? — sussurrou Cery.

— Os magos estão dando uma busca nas favelas — ofegou Harrin.

Sonea fitou-o, horrorizada.

— Eles estão *aqui*? — exclamou Cery. — Por quê?

Harrin lançou a Sonea um olhar expressivo.

— Estão me procurando — murmurou ela.

Harrin assentiu, fechando a cara, depois se voltou para Cery.

— Para onde devemos ir?

— Estão perto?

— Sim. Começaram pela Muralha Exterior, e estão saindo.

Cery assobiou.

— Perto *pra cacete*.

Sonea pressionou a mão contra o peito. Seu coração estava batendo muito rápido. Sentiu náuseas.

— Temos só alguns minutos — disse Harrin. — Temos que dar o fora daqui. Estão procurando em todos os prédios.

— E então a gente pode enfiá-la em algum lugar que eles já tenham vasculhado.

Sonea recostou-se na parede, os joelhos perdendo a força enquanto lhe surgia, diante dos olhos, a memória de um cadáver carbonizado.

— Eles vão me matar! — arfou.

Cery olhou para ela.

— Não, Sonea — disse ele, firme.

— Eles mataram aquele garoto... — estremeceu.

Ele a agarrou pelos ombros.

— A gente não vai deixar que essa parada aconteça, Sonea.

Seu olhar era direto, e sua expressão, atipicamente severa. Ela retribuiu o olhar, à procura de hesitação, mas nada encontrou.

— Confia em mim? — perguntou ele.

Ela fez que sim com a cabeça. Ele sorriu de modo breve.

— Então vamos nessa.

Ele a tirou da parede e a empurrou pela cozinha, com Harrin seguindo-os logo atrás. Atravessando outra porta, desembocaram em um beco lamacento. Sonea estremeceu quando o ar gelado do inverno rapidamente se infiltrou em suas roupas.

Parando perto do final do beco, Cery disse para os amigos esperarem enquanto ele verificava se o caminho estava livre. Ele parou por um instante na entrada, depois voltou depressa, sacudindo a cabeça. Com um aceno, mandou que recuassem.

No meio do caminho, parou e levantou uma pequena grade de ferro colocada na parede. Harrin lançou ao amigo um olhar de dúvida, depois se colocou no chão e começou a rastejar pela entrada. Sonea fez o mesmo e se viu em uma passagem escura. Quando Harrin a ajudou a levantar-se e a puxou para um lado, Cery passou pela abertura. A grade de ferro fechou-se silenciosamente, sugerindo que as dobradiças eram frequentemente lubrificadas.

— Tem certeza disso? — sussurrou Harrin.

— Os Ladrões vão estar ocupados demais tentando impedir que os magos encontrem o que procuram para se preocupar com a gente — disse Cery. — Além disso, não vamos ficar muito tempo aqui. Não tire a mão do meu ombro, Sonea.

Ela obedeceu, agarrando seu casaco. A mão de Harrin pousou firmemente sobre o ombro dela. Quando começaram a descer pela passagem, ela fitou a escuridão à frente, com o coração disparado.

Pela pergunta de Harrin, ela soube que tinham entrado na Rua dos Ladrões.

Usar a rede subterrânea de túneis sem autorização prévia era proibido, e ela ouvira histórias horripilantes sobre a punição que os Ladrões destinavam àqueles que transgrediam as regras.

Até onde ela conseguia se lembrar, as pessoas diziam de brincadeira que Cery era amigo dos Ladrões. Houvera sempre um misto de medo e respeito nessa provocação. O pai dele fora um contrabandista, sabia ela, então era mesmo possível que Cery tivesse herdado privilégios e contatos. Ela, porém, nunca encontrara provas, e sempre suspeitara de que Cery encorajava esse tipo de especulação para manter seu posto privilegiado como o segundo da gangue, depois de Harrin. Até onde sabia, ele não tinha contato algum com os Ladrões, e ela se precipitava rumo à própria morte.

Melhor arriscar um encontro com os Ladrões do que dar de cara com a morte certa. Ao menos os Ladrões não procuravam por ela.

O caminho escureceu ainda mais, até que Sonea nada podia ver, exceto a variação de sombras na escuridão; em seguida, foi-se iluminando gradualmente à medida que se aproximavam de outra grade de ferro. Cery virou por outra passagem, depois mudou de direção, entrando na total escuridão de uma passagem lateral. Eles seguiram virando várias vezes antes de Cery parar.

— Eles já devem ter estado aqui — murmurou Cery a Harrin. — Ficaremos tempo suficiente para comprar alguma coisa, depois seguimos em frente. Você deve procurar os outros e se certificar de que não disseram nada sobre Sonea para ninguém. As pessoas podem pensar que conseguem tirar algo da gente ameaçando dizer aos magos onde a gente *tá*.

— Vou reunir o pessoal — garantiu Harrin. — Descobrir se falaram alguma coisa e ordenar que não abram o bico.

— Ótimo — replicou Cery. — Vá, *tamo* aqui agora pra comprar um pouco de pó de *iker*, isso é tudo.

Ruídos fracos ecoaram na escuridão, depois uma porta se abriu, e eles saíram ao encontro da claridade do dia — e de um curral repleto de *rassook*.

À visão dos invasores, os pássaros ergueram suas pequeninas e inúteis asas e guincharam de maneira ensurdecedora. O som ricocheteou nas quatro paredes de um pequeno pátio. Uma mulher apareceu em uma entrada próxima. Ao ver Sonea e Harrin em seu curral, fechou a cara.

— *Hai*! Quem são vocês?

Sonea virou para Cery e deu com ele agachando-se atrás dela, passando a mão sobre o chão empoeirado. Ele se ergueu e abriu um largo sorriso para a mulher.

— Viemos lhe fazer uma visita, Laria — disse ele.

A mulher olhou para ele. Sua carranca desapareceu e foi substituída por um sorriso enrugado.

— Ceryni! É sempre bom vê-lo. Estes são seus amigos? Bem-vindos! Bem-

vindos! Entrem aqui em casa e tomem um pouco de *raka*.

— Como vai o comércio? — perguntou Cery quando eles saíram do curral e seguiram Laria pela porta até uma pequena sala. Uma cama estreita preenchia metade do espaço, e um fogão e uma mesa ocupavam quase o restante dela.

Franziu a testa.

— Dia corrido. Tivemos alguns visitantes há menos de uma hora. Eram bem barulhentos.

— Visitantes de túnica? — perguntou Cery.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Eles me assustaram de uma maneira... Procuraram por todo canto, mas não encontraram nada, se é que sabem o que eu quero dizer. Mas os guardas encontraram. Tenho certeza de que eles vão voltar, mas quando voltarem não haverá nada para encontrarem aqui. — Ela riu. — Será tarde demais. — Ela fez uma pausa enquanto colocava água fervente no fogão. — E vocês, o que fazem aqui?

— O de sempre.

Um brilho perverso cintilou nos olhos de Laria.

— Planejando virar algumas noites, é? Quanto estão oferecendo?

Ele sorriu.

— Você me deve um favor, se é que me lembro.

A mulher franziu os lábios, estreitou o olhar penetrante.

— Fique aí.

Ela desapareceu pela porta. Com um suspiro, Cery deixou-se cair na cama, que rangeu ruidosamente.

— Relaxe, Sonea — disse a ela. — Já estiveram aqui. Não vão voltar.

Ela assentiu com um aceno de cabeça. Seu coração ainda estava acelerado e seu estômago, inquieto. Respirando fundo, ela se deixou recostar na parede.

Enquanto a água fervia, Cery pegou uma jarra com pó escuro e colocou colheradas dentro das canecas que Laria arrumara sobre a mesa. Um aroma pungente e tranquilizadoramente familiar tomou conta da sala.

— Acho que já temos certeza, Sonea — disse Harrin quando Cery lhe entregou uma caneca.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Certeza do quê?

— Que o que você fez foi magia. — Ele abriu um sorriso largo. Eles não *tariam* fazendo essa busca se não achassem que fosse, né?

Com um gesto impaciente, Dannyl baniu a umidade de sua vestimenta. Baforadas de calor elevaram-se do tecido. Os guardas afastaram-se, em seguida, quando uma rajada de vento gelado varreu a névoa, os quatro homens retornaram a seus lugares.

Eles andavam em formação — dois ao lado dele, dois atrás. Uma precaução ridícula. Os favelados não eram estúpidos a ponto de atacá-los. Além disso, se o fizessem, Dannyl sabia que seriam os guardas que precisariam da proteção dele.

Surpreendendo um olhar pensativo de um dos homens, Dannyl sentiu uma pontada de culpa. No início do dia, estavam nervosos e submissos. Ao saber que teria de aturar isso pelo restante do dia, Dannyl fizera um esforço para ser compreensível e amigável.

Para eles, era como se fosse feriado — infinitamente mais divertido que ficar parado diante de um dos portões por horas a fio ou patrulhar as ruas da cidade. Apesar da ansiedade por arrombar lojas de contrabando e bordéis, eles não foram de muita ajuda na busca. Ele não precisava de ninguém que forçasse as portas ou abrisse as caixas de remessas, e os moradores da favela haviam sido cooperativos, ainda que de modo relutante.

Dannyl suspirou. Já vira o bastante para saber que muitas daquelas pessoas estavam bem acostumadas a esconder o que não queriam que fosse encontrado.

Também vira muitos sorrisos abafados no rosto dos que o observavam. Que chance tinha uma mera centena de magos de encontrar uma garota de aparência comum entre os milhares moradores da favela?

Nenhuma. Dannyl trincou o maxilar quando se lembrou das palavras de Lorde Balkan na noite anterior.

Como seria se um de nós fosse pego vestido como um humilde mendigo? Seríamos ridicularizados por todas as Terras Aliadas.

Ele bufou. *E agora não estamos fazendo papel de idiotas?*

Um fedor pungente penetrou pelas narinas de Dannyl. Ele olhou para a sarjeta entupida de esgoto. As pessoas próximas recuaram apressadamente. Com esforço, ele respirou fundo e controlou sua expressão.

Ele não gostava de assustar as pessoas. Impressioná-las? Sim. Inspirar admiração nelas? Ainda mais. Mas não aterrorizá-las. Perturbava-lhe constatar como essas pessoas sempre evitavam a rua quando ele se aproximava, e depois o encaravam quando passava. As crianças eram mais ousadas, seguindo-o para lá e para cá, mas rápidas para fugir se ele olhasse para elas. Homens e mulheres, velhos e jovens, observavam-no cautelosamente. Todos pareciam severos e astutos. Ele se perguntava quantos deles trabalhavam para os Ladrões...

Dannyl parou.

Os Ladrões...

Os guardas derraparam até uma parada e olharam para ele de modo interrogativo. Ele os ignorou.

Se as histórias fossem verdade, os Ladrões sabiam mais das favelas do que qualquer outra pessoa. Eles sabiam a localização da garota? Se não sabiam, será que conseguiriam encontrá-la? Estariam dispostos a ajudar o Clã? Talvez, se as recompensas fossem atraentes...

Como reagiriam os outros magos se ele sugerisse negociar com os Ladrões?

Ficariam horrorizados. Ultrajados.

Ele olhou para a valeta rasa e fedorenta que servia de canal. Os magos poderiam ver a ideia com olhos mais favoráveis depois de alguns dias de perambulação pelas favelas. O que significava que, quanto mais ele esperasse para propor, maiores seriam as chances de obter sua aprovação.

No entanto, a cada hora que passava a garota ganhava mais tempo para esconder-se. Dannyl franziu os lábios. Não faria mal ver se os Ladrões estavam dispostos a negociar *antes* de apresentar a ideia ao Clã. Se ele esperasse primeiro pela aprovação do Clã, e os Ladrões depois não se dispusessem a cooperar, iria desperdiçar muito tempo e esforços.

Ele virou o rosto para o mais velho dos guardas.

— Capitão Garrin, sabe como se pode entrar em contato com os Ladrões?

As sobrancelhas do capitão ergueram-se tanto que desapareceram sob o elmo. Ele sacudiu a cabeça.

— Não, milorde.

— Eu sei, milorde.

Dannyl virou-se e mirou o mais jovem dos quatro guardas, um rapaz magricela chamado Ollin.

— Costumava viver aqui, milorde — admitiu Ollin —, antes de me alistar na Guarda. Sempre há pessoas por aí que podem fazer chegar mensagens para os Ladrões, se souber onde procurá-las.

— Compreendo.

Dannyl mastigou a parte de dentro da bochecha enquanto meditava.

— Encontre uma dessas pessoas para mim. Pergunte se os Ladrões estariam dispostos a trabalhar conosco. Reporte-se diretamente a mim, e a mais ninguém.

Ollin fez que sim com a cabeça, depois olhou para o capitão. A boca do homem mais velho contraiu-se em desaprovação, mas ele assentiu, depois sorriu e fez um movimento brusco com a cabeça para um dos outros guardas.

— Leve o Keran.

Dannyl observou os dois descerem novamente a rua a passos largos, depois se virou e continuou a andar, a mente absorta em possibilidades. Uma figura familiar saiu de uma casa um pouco mais adiante na rua. Dannyl sorriu e esticou o passo.

— *Rothen!*

O homem parou, o vento surpreendendo sua túnica de modo que esta esvoaçou ao redor dele.

— *Dannyl?* — O envio de Rothen foi fraco e incerto.

— *Estou aqui*. — Dannyl enviou uma imagem rápida da rua para o outro mago, e um sentido de proximidade. Rothen virou-se na direção dele, depois se endireitou ao ver Dannyl. Ao se aproximar, Dannyl viu que os olhos azuis de Rothen estavam arregalados e assombrados.

— Algum avanço?

— Não. — Rothen sacudiu a cabeça. Olhou para as casas improvisadas de um lado. — Não fazia ideia de como era aqui fora.

— Parece uma aglomeração de *harrel*, não? — Dannyl soltou uma gargalhada. — Uma verdadeira bagunça.

— Oh, sim, mas me refiro às pessoas. — Rothen fez um gesto para as multidões em volta deles. — As condições são péssimas... nunca podia ter imaginado...

Dannyl encolheu os ombros.

— Não existe a menor possibilidade de encontrá-la, Rothen. Não estamos em número suficiente.

Rothen anuiu com a cabeça.

— Acha que os outros se saíram melhor?

— Se tivessem, teriam entrado em contato conosco.

— Tem razão. — Rothen franziu as sobrancelhas. — Ocorreu-me hoje: como podemos saber se ela ainda está na cidade? Já pode ter fugido para o interior do

país. — Ele sacudiu a cabeça. — Temo que esteja certo. Terminei aqui. Vamos voltar para o Clã.

CAPÍTULO 4

A busca continua

Logo cedo, a luz do Sol banhava de ouro as janelas cobertas pela geada. O ar no interior do quarto estava deliciosamente cálido, aquecido por uma esfera incandescente que pairava atrás de um painel de vidro fosco embutido na parede. Ao amarrar a faixa de sua túnica, Rothen saiu para a sala de visitas para cumprimentar seus amigos.

Um segundo painel permitia que o globo de calor aquecesse, simultaneamente, o quarto e a sala de visitas. Um mago idoso estava em pé diante do globo, segurando as mãos contra o vidro. Embora estivesse lá pelos 80 anos, Yaldin ainda era robusto e arguto, desfrutando da longevidade e da boa saúde que a capacidade mágica lhe proporcionava.

Um mago mais alto e jovem estava ao lado de Yaldin. Os olhos de Dannyl estavam semicerrados, e era como se estivesse prestes a adormecer.

— Bom dia — disse Rothen. — Parece que o tempo vai clarear hoje.

Yaldin abriu um sorriso torto.

— Lorde Davin acha que teremos alguns dias de calor antes de o inverno começar.

Dannyl olhou com expressão grave.

— Há semanas que Davin está dizendo isso.

— Ele não disse *quando* iria acontecer. — Yaldin riu. — Apenas que *iria* acontecer.

Rothen sorriu. Havia um provérbio antigo em Kyralia: “O Sol não almeja agradar aos Reis, nem mesmo aos magos”. Lorde Davin, excêntrico alquimista, iniciara, três anos atrás, um estudo sobre o tempo, determinado a provar o contrário. Recentemente ele andara enchendo o Clã com “previsões”, embora

Rothen suspeitasse que seu fator de sucesso tivesse mais a ver com sorte do que com sua genialidade.

A porta principal para a sala abriu-se, e a criada de Rothen, Tania, entrou. Ele trazia uma bandeja e a pousou na mesa. Na bandeja havia um conjunto de pequenas canecas decoradas de ouro e uma travessa com uma pilha alta de bolinhos doces e elaboradamente decorados.

— *Sumi*, meus lordes? — perguntou ela.

Dannyl e Yaldin assentiram avidamente com a cabeça. Quando Rothen os conduziu a seus assentos, Tania colocou colheradas de folhas secas em um pote de ouro e lhe adicionou água quente.

Yaldin suspirou e sacudiu a cabeça.

— Para ser franco, não sei por que me ofereci para ir hoje. Não teria me oferecido se Ezrille não tivesse insistido. Eu disse a ela: “Só com metade de nós lá fora, que chance temos?”. Ela rebateu: “Melhor do que se nenhum de vocês for”.

Rothen sorriu.

— Sua esposa é uma senhora sensata.

— Pensei que mais dos nossos estariam interessados em ajudar, depois que os Conselheiros do Rei anunciaram que, se não for uma selvagem, ele quer que ela seja treinada — disse Dannyl.

Yaldin fez cara de desagrado.

— Suspeito que alguns retiraram seu apoio como forma de protesto. Não querem uma garota de favela no Clã.

— Bem, eles agora não têm escolha. E ganhamos um novo ajudante — lembrou Rothen enquanto aceitava uma caneca de Tania.

— Fergun. — Dannyl fez um barulho rude. — A garota tinha que ter atirado com mais força.

— Dannyl! — Rothen agitou um dedo na direção do mago mais jovem. —

Fergun é a única razão por ainda termos metade do Clã procurando por ela. Ele foi muito persuasivo na Reunião de ontem à noite.

Yaldin sorriu de modo sombrio.

— Duvido que continue assim por muito tempo. Fui direto para o banho quando finalmente chegamos ontem, mas Ezrille disse que depois ainda conseguia sentir em mim o cheiro das favelas.

— Espero que nossa pequena maga fugitiva não cheire mal desse jeito — Dannyl lançou a Rothen um sorriso galhofeiro —, ou penso que a primeira lição que teremos de ensinar a ela será como se lavar.

Ao recordar-se do rosto imundo e faminto da garota, os olhos arregalados por dar-se conta do que fizera, Rothen estremeceu. Durante toda a noite ele sonhara com as favelas. Havia perambulado por entre suas barracas de paredes frágeis, observado por pessoas de aspecto doentio, ou idosos tremendo em seus farrapos, ou crianças mirradas comendo alimentos estragados, deficientes desfigurados...

Uma batida educada interrompeu seus pensamentos. Virou-se para a porta e deu um comando mental. Ela se abriu, e um rapaz em uniforme de mensageiro adentrou na sala.

— Lorde Dannyl. — O mensageiro fez uma pequena reverência para o mago mais jovem.

— Diga — ordenou Dannyl.

— O capitão Garrin enviou uma mensagem para você, milorde. Ele disse para lhe contar que os guardas Ollin e Keran foram assaltados e espancados.

Dannyl fitou o criado, depois franziu as sobrancelhas ao considerar as notícias. À medida que o silêncio se prolongava, o rapaz arrastava os pés desconfortavelmente.

— Estão gravemente machucados? — perguntou Rothen.

O mensageiro sacudiu a cabeça.

— Apenas contundidos, milorde. Nada quebrado.

Dannyl dispensou-o com um aceno de mão.

— Agradeça ao capitão pela mensagem. Você pode ir.

O mensageiro fez nova reverência e saiu.

— Do que se trata tudo isso? — perguntou Yaldin quando a porta se fechou.

Dannyl franziu os lábios.

— Parece que os Ladrões não estão muito dispostos a colaborar conosco.

Yaldin bufou baixinho, e estendeu a mão para pegar um bolo.

— Não me espanta! Por que estariam...? — O velho mago parou e estreitou os olhos para o mago mais jovem. — Você não foi capaz de...

Dannyl encolheu os ombros.

— Foi uma tentativa válida. Afinal de contas, eles devem saber tudo o que se passa nas favelas.

— Você tentou contatar os *Ladrões*!

— Pelo que saiba, não infringi nenhuma lei.

Yaldin gemeu e sacudiu a cabeça.

— Não, Dannyl — disse Rothen —, mas o Rei e as Casas dificilmente olharão com bons olhos o fato de o Clã travar negócios com os Ladrões.

— Quem disse que estávamos travando negócios? — Dannyl sorriu e deu um gole na caneca. — Pensem bem. Os Ladrões conhecem bem melhor as favelas do que jamais conheceremos. Eles têm melhores condições de encontrar a garota do que nós, e estou certo de que iriam preferir que a busca fosse realizada por eles mesmos a ter-nos por lá bisbilhotando seu domínio. Temos apenas que fazer parecer ao Rei que persuadimos ou intimidamos os Ladrões a entregar a garota, e conseguiremos toda a aprovação de que precisamos.

Rothen franziu as sobrancelhas.

— Você vai penar para conseguir a aprovação dos Magos Superiores.

— Por ora eles não têm que saber.

Rothen cruzou os braços.

— Sim, eles têm — disse com firmeza.

Dannyl retraiu-se.

— Suponho que tenham, mas estou certo de que me perdoariam se a ideia funcionasse e eu lhes desse um modo de justificá-la ao Rei.

Yaldin bufou.

— Talvez tenha sido melhor não ter funcionado.

Levantando-se, Rothen caminhou até a janela. Limpou um pouco de geada e espreitou através do vidro os jardins harmoniosamente arranjados e mantidos com zelo. Pensou nas pessoas famintas e trêmulas de frio que tinha visto. Seria assim que ela vivia? A busca deles a teria expulsado do abrigo suspeito de algum barraco e a deixado ao léu das ruas? O inverno estava chegando, e ela poderia facilmente morrer de frio ou de fome muito antes de seus poderes se tornarem instáveis e perigosos. Ele tamborilou os dedos no peitoril da janela.

— Existem diversos grupos de Ladrões, não existem?

— Sim — respondeu Dannyl.

— Então esse homem que você tentou contatar fala por todos eles?

— Não sei — admitiu Dannyl. — Talvez não.

Rothen voltou-se para observar o amigo.

— Não custa descobrir, não é?

Yaldin fitou Rothen, depois bateu com a mão na testa.

— Vocês dois vão meter todos nós em encrenca — resmungou ele.

Dannyl deu uma palmadinha no ombro do velho.

— Não se preocupe, Yaldin. Apenas um de nós precisa ir. — Ele abriu um sorriso rasgado para Rothen. — Deixa comigo. Nesse meio-tempo, vamos dar aos Ladrões uma razão para nos ajudar. Gostaria de dar uma olhada mais de perto naquelas passagens subterrâneas que encontramos ontem. Aposto que eles

iriam preferir que não tivéssemos motivo para ficar xeretando lá embaixo.

— Não gosto desses quartos subterrâneos — disse Donia. — Não têm janelas. Isso me deixa apavorada.

Sonea franziu as sobrancelhas e coçou as pequenas picadas que ganhara durante a noite. Sua tia lavava com frequência as camas e cobertores com uma infusão de ervas para livrá-los dos insetos, e pela primeira vez Sonea sentiu falta dos hábitos exigentes da tia. Ela suspirou e olhou ao redor do quarto empoeirado.

— Espero que Cery não se meta em nenhuma encrenca por me esconder aqui.

Donia encolheu os ombros.

— Há anos ele faz umas paradas aí pra Opia e pras garotas no *Sapatilhas Dançantes*. Elas não s'importam de você ficar no depósito por alguns dias. A mãe dele trampava aqui, *cê* sabe. — Donia colocou uma grande bacia de madeira na mesa diante de Sonea. — Baixa a cabeça.

Sonea obedeceu, e se retraiu quando a água gelada lhe cobriu a cabeça. Várias enxaguadas depois, Donia levou a bacia embora, agora cheia de água verde turva. Ela esfregou os cabelos de Sonea com uma toalha surrada antes de recuar e examinar de modo crítico seu trabalho.

— Não fez nada — disse Donia, sacudindo a cabeça.

Sonea ergueu a mão para tocar o cabelo. Ainda estava pegajoso da pasta que Donia aplicara.

— Nada?

Donia inclinou-se mais para a frente e puxou o cabelo de Sonea.

— Bem, *tá* um tanto mais claro, mas nada que se veja de imediato. — Ela suspirou. — Não é como se a gente pudesse cortá-lo mais curto. Mas... — ela recuou e encolheu os ombros. — Se os magos saíram à procura de uma garota, como as pessoas *tão* dizendo, seja lá como for, não devem suspeitar de você.

Você parece um garoto com esse cabelo, pelo menos à primeira vista. — Ela colocou as mãos nos quadris e recuou. — E então, por que é que você o cortou assim tão curto?

Sonea sorriu.

— Para parecer um garoto. Assim não mexem tanto comigo.

— Na hospedaria?

— Não. Eu fazia a maioria das entregas para Jonna e Ranel. A perna de Ranel o deixou lento, e Jonna era melhor no trabalho. Eu detestava ficar socada o tempo todo na hospedaria, então ia no lugar deles. — Sonea fez cara de desagrado. — Na primeira vez que tive de fazer uma entrega a um comerciante, vi alguns artesãos e cavalariços mexendo com uma garota da padaria. Não queria ter de aturar isso, então comecei a me vestir e a agir como um garoto.

As sobrancelhas de Donia se ergueram.

— E funcionava?

— Na maior parte do tempo. — Sonea sorriu ironicamente. — Às vezes não compensava ser um garoto. Certa vez uma criada se apaixonou por mim! Noutra fui encurralada por um jardineiro e tinha certeza de que ele sabia que eu era uma garota, até que me agarrou. Ele quase desmaiou, depois ficou com a cara toda vermelha de vergonha e me fez jurar nunca contar a ninguém. Tem de tudo por aí!

Donia soltou uma risada.

— As garotas daqui chamam esses homens de minas de ouro. Opia cobra mais pelos garotos, porque, se a guarda os descobre, enforca-a. No entanto, não há leis contra as garotas. Lembra-se de Kalia?

Sonea fez que sim com a cabeça quando se recordou da garota magrinha que servia mesas em uma boleria perto do mercado.

— Acabou que descobriram que há anos o pai dela a vendia para os clientes — disse Sonea, sacudindo a cabeça. — Sua própria filha! No ano passado ela fugiu e começou a trampar com a Opia. Diz que desse jeito ao menos vê um

pouco do dinheiro. Faz a gente perceber que até somos sortudas, né? Meu pai se certifica de que ninguém me assedia mais do que o razoável. O pior é que eu...

Ela parou e olhou para a porta, depois correu até o buraco da fechadura e espiou através dele. Um sorriso de alívio iluminou seu rosto e ela abriu a porta.

Cery entrou furtivamente no quarto e entregou um pacote a Donia. Ele mirou Sonea de modo crítico.

— Você *tá* igualzinha.

Donia suspirou.

— A tinta não funcionou. O cabelo kyraliano não muda com facilidade.

Ele encolheu os ombros, depois acenou com a cabeça para o pacote.

— Trouxe algumas roupas pra você. — Ele voltou para a porta. — Bata quando estiver pronta.

Quando a porta se fechou atrás dele, Donia pegou o pacote e o abriu.

— Mais roupas de garoto — torceu o nariz, atirando a Sonea uma calça e uma camisa de gola alta. Ela desenrolou uma longa faixa de tecido preto pesado e acenou com a cabeça para ele. — Mas é um bom manto.

Sonea trocou de roupas. Quando pendurou o manto sobre os ombros, bateram na porta.

— Vamos nessa — disse Cery enquanto entrava no quarto. Harrin seguia-o carregando uma lamparina. Ao ver a expressão séria dos garotos, Sonea sentiu o coração paralisar.

— Já estão dando as buscas?

Cery fez que sim com a cabeça, depois foi até um velho armário de madeira na parte de trás do quarto. Ao abri-lo, puxou as prateleiras de dentro. Elas deslizaram suavemente para a frente, seu conteúdo tremendo um pouco. A parte de trás do armário curvou-se para dentro e revelou um retângulo de escuridão.

— Já procuram há algumas horas — disse Harrin a Sonea enquanto esta entrava pela passagem secreta.

— Já?

— É fácil perder a noção do tempo aqui embaixo — explicou ele. — Lá fora já é meio da manhã.

Cery enxotou Harrin e Donia pela entrada. Sonea ouviu o mais ínfimo rangido, uma lasca de luz escapou da lamparina de Harrin e relevou as paredes úmidas da passagem. Cery empurrou o armário, fechou a porta secreta e voltou-se para Harrin.

— Nada de luz. Sei melhor o caminho no escuro.

A passagem desapareceu quando Harrin apagou a lamparina.

— Também nada de conversa — disse Cery. — Sonea, agarre-se no meu casaco e ponha a outra mão na parede.

Ela estendeu a mão e segurou no tecido grosseiro de seu casaco. Uma mão tocou seu ombro levemente. Os passos deles ecoavam na passagem à medida que avançavam.

Nem um raio de luz iluminava o caminho enquanto tateavam pelas várias curvas. O eco tênue de água gotejando vinha e ia, e retornava a vir. O bordel de Opia era próximo ao rio, lembrava-se Sonea, então as passagens provavelmente estavam abaixo do nível da água. Não era um pensamento reconfortante.

Cery parou e seu casaco escorregou das mãos de Sonea quando ele subitamente se deslocou para cima. Ela estendeu a mão e tocou em uma tábua dura de madeira, depois noutra. Ansiosa por achar que perderia Cery se hesitasse demais, ela se apressou a subir pela escada, apenas para levar como recompensa uma botinada na cabeça. Sufocou um resmungo e continuou com mais cuidado. Atrás dela, conseguia ouvir os sapatos de Harrin e Donia raspando ligeiramente na madeira à medida que prosseguiam.

Um quadrado de preto mais pálido apareceu acima. Sonea seguiu Cery por um alçapão, e entraram numa passagem longa e reta. A luz tênue filtrava-se através das rachaduras ocasionais na parede de um lado. Andaram mais de cem passos quando, prestes a alcançarem a curva da passagem, Cery fez uma parada brusca.

A passagem à frente começara a brilhar, iluminada por uma fonte de luz de algum lugar para lá da curva. Ela podia ver a silhueta de Cery contra a parede. Uma voz distante, masculina e bem-educada, chegava até os ouvidos deles.

— Ah! *Outra* passagem secreta. Venham, vamos ver até onde vai dar.

— Eles estão nas passagens! — sussurrou Donia.

Cery deu meia-volta e acenou freneticamente para Sonea. Sem precisar de qualquer insistência, ela se virou e viu Harrin e Donia descendo a passagem na ponta dos pés.

Embora andassem o mais silenciosa e rapidamente que pudessem, os passos ressoavam fortemente no estreito espaço. Sonea esticou os ouvidos, na tentativa de escutar um grito atrás deles a qualquer momento. Ao olhar para baixo, ela viu a própria sombra ficando mais nítida à medida que a luz de trás deles se aproximava da curva.

A passagem à frente estendia-se a uma escuridão infinita. Ela olhou para trás. A luz que os perseguia agora estava tão brilhante que ela teve certeza de que o mago estava prestes a alcançar a curva. Em um instante ele os veria...

Ela arfou quando mãos a agarraram pelos ombros e a fizeram parar bruscamente. Cery empurrou-a contra a parede e fez pressão sobre seus ombros. A construção de tijolos pareceu desmoronar atrás dela, e ela tropeçou para trás.

Ela bateu com as costas em outra parede. Cery empurrou-a para um lado, contra uma parede lateral, depois se deslocou para uma minúscula alcova ao lado dela. Ela sentiu o cotovelo ossudo dele cutucar-lhe de lado e ouviu um ranger seco de tijolos deslizando uns contra os outros e instalando-se no lugar com um clique.

No espaço apertado, o som da respiração deles era como um trovão. Com o coração aos pulos, Sonea esticou os ouvidos até que o abafado som de vozes começou a penetrar os tijolos. A luz surgiu por entre as rachaduras na parede. Inclinando-se para a frente, Sonea espreitou através de uma das aberturas.

Uma brilhante esfera de luz flutuava no ar bem diante dela. Fascinada, observou-a seguir fluindo até passar e desaparecer de vista, deixando manchas

vermelhas em sua visão. Em seguida, uma mão pálida surgiu, seguida de uma manga larga e de cor púrpura e pelo peito de um homem — um homem trajando túnica — um *mago*!

O coração dela acelerou. Ele estava próximo — ao alcance do seu braço. Havia apenas uma parede fina de tijolos velhos entre eles.

E ele parou.

— Espere um instante. — O mago parecia intrigado. Permaneceu imóvel e calado, depois se voltou lentamente para ela.

Ela ficou paralisada de terror. Era o mago da Praça Setentrional — aquele que a vira. Aquele que tentara apontá-la para que todos a vissem. Sua expressão estava distraída, como se estivesse escutando algo, e ele parecia estar olhando através da parede, diretamente nos olhos dela.

Sua boca estava seca e parecia cheia de poeira. Engolindo com dificuldade, ela lutou contra um terror crescente. As batidas de seu coração pareciam ruidosas o bastante para traí-la. Será que ele conseguia escutá-las? Ou conseguia escutar o som de sua respiração?

Talvez ele consiga escutar os pensamentos na minha cabeça.

Sonea sentiu as pernas fraquejarem. Diziam que eles podiam fazer tais coisas. Ela fechou os olhos com força. *Ele não pode me ver*, disse a si mesma. *Eu não existo. Eu não estou aqui. Eu não sou nada. Ninguém consegue me ver. Ninguém consegue me ouvir...*

Uma estranha sensação assaltou-lhe, como se uma manta tivesse sido estendida sobre sua cabeça, abafando seus sentidos. Ela estremeceu, perturbada pela certeza de que fizera algo — mas, desta vez, consigo mesma.

Ou talvez o mago tenha lançado algum tipo de magia sobre mim — pensou ela subitamente. Empalidecida, abriu os olhos e deu por si fitando a escuridão.

O mago, com sua luz, havia desaparecido.

Dannyl observou com desagrado o edifício diante dele. A mais recente das estruturas do Clã carecia da grandiosidade e beleza que ele tanto admirava nas

construções mais antigas. Enquanto uns elogiavam seu estilo moderno, Dannyl considerava esse edifício tão ridiculamente pretensioso quanto seu nome.

Os Sete Arcos eram um retângulo achatado cuja fachada possuía sete arcos simples e sem qualquer ornamento. Do lado de dentro havia três salas: a Sala Diurna, onde importantes convidados eram recebidos, a Sala do Banquete e a Sala Noturna, onde os magos se reuniam informalmente todos os Quartos Dias à noite para relaxar, bebericar vinho caro e comentar a vida alheia.

Era a esta última sala que ele e Rothen se dirigiam. A noite estava gélida, mas um pouco de ar frio jamais afastara os convivas da Sala Noturna. Dannyl sorriu ao entrar. Uma vez dentro dela, ele conseguia esquecer o lapso arquitetônico que dera origem ao edifício e apreciar a elegante decoração de seu interior.

Ele olhou ao redor, desfrutando de uma nova admiração dos luxos da sala depois de resistir a um segundo dia nas passagens úmidas e frias das favelas. Cortinas de padrão azul-escuro e dourado cobriam as janelas. Luxuosas cadeiras almofadadas estavam dispostas ao redor da sala. As paredes estavam decoradas com quadros e esculturas dos melhores artistas das Terras Aliadas.

Dannyl notou que estava presente mais que o número habitual de magos. À medida que ele e Rothen penetravam na multidão, ele identificava alguns magos menos sociáveis. Em seguida, os olhos de Dannyl surpreenderam uma mancha negra e ele parou.

— O Lorde Supremo honrou-nos com sua presença esta noite — murmurou ele.

— Akkarin? Onde? — Rothen olhou ao redor da sala, e as sobrancelhas dele se ergueram ao localizar a figura de túnica preta.

— Interessante. Quanto tempo se passou? Dois meses?

Dannyl assentiu com a cabeça enquanto pegava um cálice de vinho de um criado que passava.

— Pelo menos.

— É o Administrador Lorlen que está com ele?

— É claro — disse Dannyl, fazendo uma pausa para bebericar de seu cálice. — Lorlen está conversando com alguém, mas não consigo ver quem é.

Lorlen olhou para cima e ao redor da sala. Seu olhar pousou em Dannyl e Rothen. Ergueu-se uma mão.

— *Dannyl. Rothen. Gostaria de falar com vocês.*

Surpresos e um pouco apreensivos, Dannyl acompanhou Rothen ao atravessar a sala. Pararam atrás da cadeira que bloqueara a visão de Dannyl da outra companhia de Lorlen. Uma voz bem-educada chegou aos seus ouvidos.

— As favelas são uma mancha horrenda nesta cidade. São um ninho de crimes e doenças. O Rei nunca devia tê-las deixado crescer tanto. Esta é a oportunidade perfeita para Imardin livrar-se delas.

Dannyl disciplinou sua expressão e baixou o olhar para o ocupante da cadeira. Um cabelo louro impecavelmente penteado brilhava à luz da sala. Os olhos do homem estavam semicerrados, suas pernas cruzadas e apontadas na direção do Lorde Supremo. Uma pequena bandagem quadrada fora aplicada em sua têmpora.

— Como propõe que ele faça isso, Lorde Fergun? — perguntou Lorlen suavemente.

Fergun encolheu os ombros.

— Não seria difícil limpar a área. As casas não são particularmente bem feitas, e seria preciso fazer pouco para fazer desmoronar os túneis debaixo delas.

— Mas todas as cidades crescem e se expandem — salientou Lorlen. — É natural que as pessoas construam do lado de fora das muralhas quando não existe mais espaço dentro delas. Existem algumas áreas nas favelas que não são muito diferentes das habitações. Os edifícios são bem feitos, e as ruas têm um sistema de drenagem eficiente. Os habitantes dessas áreas começaram a se referir às favelas como o Círculo Exterior.

Fergun inclinou-se para a frente.

— Mas até aquelas casas têm passagens secretas por debaixo delas. Asseguro-

lhe que seus habitantes são pessoas das mais suspeitas. Qualquer casa construída sobre tais túneis devia ser assumida como parte de uma conspiração criminosa e ser destruída.

As sobrancelhas de Akkarin ergueram-se levemente ao ouvir isso. Lorlen olhou para o Lorde Supremo e sorriu.

— Se ao menos o problema dos Ladrões pudesse ser resolvido assim tão facilmente. — Ele levantou os olhos para Rothen e sorriu. — Boa noite, Lorde Rothen e Lorde Dannyl.

Fergun ergueu os olhos. Seu olhar deslizou de Dannyl para Rothen, e sua boca rasgou-se num sorriso.

— Ah, Lorde Rothen.

— Boa noite, Lorde Supremo, Administrador — respondeu Rothen, inclinando a cabeça aos Magos Superiores. — E Lorde Fergun. Sente-se melhor?

— Sim, sim — replicou Fergun, erguendo a mão para tocar a bandagem na testa. — Obrigado por perguntar.

Dannyl manteve a expressão neutra. Era grosseiro, mas não incomum, que Fergun "esquecesse" de cumprimentá-lo. No entanto, era surpreendente que o fizesse na presença do Lorde Supremo.

Lorlen entrelaçou as mãos.

— Reparei que vocês dois ficaram ontem nas favelas mais que os outros. Descobriram alguma pista sobre o paradeiro da garota?

Rothen meneou a cabeça e começou a descrever suas tentativas de seguir as passagens subterrâneas das favelas. Permanecendo em silêncio, Dannyl olhou para o Lorde Supremo e sentiu uma familiar pontada de nervosismo. *Faz dez anos que me graduei, mas ainda reajo a ele como se eu fosse um aprendiz*, meditou ele.

As obrigações e os interesses de Dannyl raramente o colocavam em contato com o líder do Clã. Como sempre, sentiu uma leve surpresa em relação à juventude de Akkarin. Ele pensou nas discussões levantadas, cinco anos atrás,

quando da eleição de um jovem mago para o posto de Lorde Supremo. Os líderes do Clã eram selecionados dentre os magos mais poderosos, embora os magos mais velhos geralmente fossem escolhidos em detrimento dos jovens devido à grande experiência e maturidade que possuíam.

Embora Akkarin tivesse demonstrado poderes muito mais fortes que os de qualquer outro mago, foram a sabedoria e as habilidades diplomáticas que conquistara com suas viagens ao exterior que haviam convencido o Clã a elegê-lo. Esperava-se que um líder do Clã tivesse qualidades de força, sabedoria, dignidade e autoridade, e Akkarin tinha todas essas em abundância. Como muitos haviam salientado quando da escolha de Akkarin, a idade pouco importava à função. Decisões importantes eram sempre tomadas por meio do voto, e o funcionamento diário do Clã ficava a cargo do Administrador.

Embora isso soasse razoável, Dannyl suspeitava que as questões sobre a idade do Lorde Supremo perduravam. Ele notara que Akkarin agora usava o cabelo à moda antiga, ao distinto estilo dos homens mais velhos — comprido e caprichosamente atado à nuca. Lorlen também adotara o estilo.

Dannyl virou-se para observar o Administrador, o qual escutava Rothen atentamente. Lorlen, sendo o amigo mais íntimo do Lorde Supremo, tornara-se o assistente do antigo Administrador do Clã, por sugestão de Akkarin. Quando o Administrador se aposentou, dois anos atrás, Lorlen assumiu seu lugar.

Lorlen provara ser adequado à posição. Era eficiente, autoritário e, o mais importante, acessível. Não era um papel fácil, e Dannyl não invejava Lorlen pelas muitas horas que este dedicava aos assuntos do Clã. Das duas posições, era essa a que mais exigia.

Lorlen balançou a cabeça quando Rothen terminou o relato do dia deles.

— Pelas descrições que ouvi das favelas, não vejo como poderemos encontrá-la. — Suspirou. — O Rei ordenou que o Porto fosse aberto amanhã.

Fergun franziu as sobrancelhas.

— Mas já? E se ela escapar em um navio?

— Duvido que o embargo a tivesse impedido de deixar Imardin se essa era

realmente sua vontade. — Lorlen ergueu os olhos para Rothen e sorriu ironicamente. — Como o antigo guardião de Lorde Rothen costumava dizer: “Kyralia governaria muito bem a si mesma se governar fosse declarado crime”.

Rothen riu.

— Sim, Lorde Margen foi uma fonte de muitos comentários do tipo. Não creio, porém, que tenhamos explorado todas as opções. Dannyl me mostrou esta manhã que as pessoas com melhor chance de encontrar a garota são os próprios moradores da favela. Penso que ele tenha razão.

Dannyl fitou o amigo. Certamente Rothen não ia revelar a intenção deles de contatar os Ladrões!

— Por que nos ajudariam? — perguntou Lorlen.

Rothen olhou para Dannyl e sorriu.

— Podíamos oferecer-lhes uma recompensa.

Dannyl soltou lentamente o fôlego que tinha segurado. *Devia ter me avisado, velho amigo!*

— Uma recompensa! — exclamou Lorlen. — Sim, pode funcionar.

— Excelente ideia — concordou Fergun. — E também devíamos multar aqueles que nos atrapalharem.

Lorlen lançou a Fergun um olhar repreensivo.

— Uma recompensa será suficiente. Lembre-se, nada deverá ser dado até que ela seja encontrada, ou a população inteira das favelas vai afirmar tê-la visto. — Franziu as sobrancelhas. — Hum, também queremos desencorajar as pessoas de tentar apanhá-la por conta própria...

— Podemos fixar uma descrição da garota e os termos da recompensa nas esquinas das ruas, com um aviso de que ela não deve ser abordada — sugeriu Dannyl. — Também devíamos encorajar as pessoas a relatar as aparições dela, visto que poderiam nos fornecer algumas indicações das áreas que ela frequenta.

— Podíamos preparar um mapa das favelas para podermos registrar essas

aparições — sugeriu Fergun.

— Hum, isso *seria* útil — disse Dannyl, fingindo estar invejosamente surpreso com a sugestão. Ao lembrar-se do labirinto de passagens e ruas, percebeu que uma tarefa como essa manteria Fergun fora do caminho deles durante meses. Rothen encolheu os olhos para Dannyl, mas nada disse.

— A fixação de uma recompensa — Lorlen ergueu os olhos para Dannyl —, você pode cuidar disso?

— Amanhã. — Dannyl inclinou a cabeça.

— Informarei os demais amanhã de manhã — disse Lorlen. Ele ergueu os olhos para Rothen e Dannyl e sorriu. — Alguma outra ideia?

— Essa garota deve ter uma presença — disse o Lorde Supremo calmamente. — Ela não é treinada, e não saberia como escondê-la, ou mesmo que tem uma. Alguém já procurou pela presença?

Por um momento, todos ficaram em silêncio, depois Lorlen riu lamentosamente. — Não consigo acreditar que não pensei nisso antes. Ninguém falou em procurar por sua presença. — Ele abanou a cabeça. — Parece que todos nos esquecemos do que somos... e do que ela é.

— Uma presença — disse Rothen tranquilamente. — Penso que...

Lorlen franziu as sobrancelhas quando Rothen deixou a frase inacabada.

— Sim?

— Vou organizar para amanhã uma busca mental — ofereceu Rothen.

Lorlen sorriu.

— Então vocês dois têm um dia atarefado pela frente.

Rothen inclinou a cabeça.

— Então é melhor dormirmos cedo. Boa noite, Administrador, Lorde Supremo, Lorde Fergun.

Os três magos, em resposta, acenaram com a cabeça. Dannyl acompanhou

Rothen enquanto este se apressava em direção às portas da Sala Noturna. Quando saíram para o ar gélido, Rothen expirou explosivamente.

— *Agora* eu percebo! — Bateu com a mão na testa.

— Percebe o quê? — perguntou Dannyl, confuso.

— Hoje, enquanto seguia por uma das passagens, *senti* alguma coisa. Como se alguém me observasse.

— Uma presença?

— Talvez.

— Investigou?

Rothen fez que sim com a cabeça.

— Não fazia sentido. O que eu detectava teria de estar ali perto de mim, mas não havia nada exceto uma parede de tijolos.

— Procurou por uma porta secreta?

— Não, mas... — Rothen hesitou, e franziu as sobrancelhas — ... aquilo parou.

— Parou? — Dannyl parecia perplexo. — Como poderia simplesmente ter parado? Uma presença não para sem mais nem menos... a não ser que tenha sido ocultada. Ela não foi treinada para fazer isso.

— Ou será que foi? — Rothen sorriu perversamente. — Se era ela, ou foi ensinada por alguém, ou descobriu sozinha.

— Não é difícil aprender — salientou Dannyl —, e ensinamos isso por meio de brincadeiras de esconde-esconde.

Rothen concordou lentamente com a cabeça ao considerar a possibilidade, depois encolheu os ombros.

— Imagino que saberemos amanhã. É melhor voltar lá dentro e ver se consigo reunir alguma ajuda. Suponho que muitos daqueles que não querem entrar novamente nas favelas ficarão felizes em ajudar com uma busca mental. Quero

que se junte a nós, Dannyl. Você possui sentidos particularmente apurados.

Dannyl encolheu os ombros.

— Se coloca desse jeito, como posso recusar?

— Começaremos cedo, penso eu. Você vai querer que aqueles anúncios de recompensa sejam impressos e enviados o quanto antes.

— Argh! — Dannyl fez uma careta. — Acordar cedo outra vez, não.

CAPÍTULO 5

A recompensa

—Cery?

Erguendo a cabeça de cima da mesa, Cery piscou os olhos. Era de manhã, supunha ele, embora sempre fosse difícil dizer quando se estava no subterrâneo. Endireitando-se, olhou para além da cama. A vela queimava fracamente e sua luz iluminava pouco, mas ele foi capaz de distinguir o brilho nos olhos de Sonea.

— *Tô* acordado — disse ele, espreguiçando-se para aliviar a tensão dos ombros. Erguendo a vela da mesa, Cery conduziu-a até a cama. Sonea estava deitada com os braços servindo de travesseiro, a olhar para o teto baixo. Ao vê-la, ele sentiu uma inquietação estranha e irresistível. Podia lembrar-se de sentir o mesmo dois anos atrás, pouco antes de ela ter deixado de participar dos encontros da gangue. Depois que ela desaparecera ele percebeu, já tarde demais, que sempre soubera que ela um dia iria deixá-los.

— Bom dia — disse ele.

Ela conseguiu esboçar um sorriso, mas este não afugentou o olhar assustado de seus olhos.

— Quem era aquele garoto na praça... aquele que morreu?

Ele se sentou na ponta da cama e suspirou.

— Seu nome era Arrel, acho. Não o conhecia bem. Acho que era filho de uma mulher que trabalhava no *Sapatilhas Dançantes*.

Ela acenou suavemente com a cabeça. Ficou em silêncio por bastante tempo, depois suas sobrancelhas se contraíram.

— Viu Jonna e Ranel desde ontem?

Ele meneou a cabeça.

— Não.

— Sinto falta deles. — Ela riu subitamente. — Nunca pensei que sentiria tanto, sem zoeira. Você sabe — virou-se de lado e olhou diretamente para ele —, sinto mais falta deles do que da minha mãe. Não é estranho?

— Eles cuidaram de você a maior parte da vida — recordou Cery. — E sua mãe morreu há muito tempo.

Ela anuiu com a cabeça.

— Às vezes a vejo em meus sonhos, mas, quando acordo, não consigo me lembrar de como ela era. Mas consigo me lembrar da casa onde vivíamos. Era maravilhosa.

— Sua casa? — Nunca ouvira isso antes.

Ela sacudiu a cabeça.

— Meus pais eram criados de uma das Famílias, mas foram expulsos quando meu pai foi acusado de roubar alguma coisa.

Cery sorriu.

— Ele roubou?

— É provável. — Ela bocejou. — Jonna o culpa por tudo que eu faço que ela ache errado ou ruim. Ela não aprova o roubo, ainda que de alguém rico ou malvado.

— Onde *tá* seu pai agora?

Ela encolheu os ombros.

— Foi embora quando minha mãe morreu. Voltou uma vez, quando eu tinha 6 anos. Deu a Jonna um pouco de dinheiro e depois foi embora de novo.

Cery tirou um pouco de cera derretida da vela.

— Os Ladrões assassinaram meu pai quando descobriram que ele os enganava.

Ela arregalou os olhos.

— Oh, que horrível! Sabia que ele tinha morrido, mas você nunca me contou

isso.

Ele encolheu os ombros.

— Não é inteligente da nossa parte deixar que as pessoas saibam que seu pai era um traíra. Ele correu riscos estúpidos e foi pego. Pelo menos é o que minha mãe diz. Mas ele me ensinou uma porrada de coisas.

— A Estrada dos Ladrões.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Temos andado por ela, não temos?

Ele fez que sim novamente.

Ela sorriu.

— Então é verdade? Você *é* um dos Ladrões.

— Não — respondeu ele, desviando o olhar. — Meu pai me mostrou a Estrada.

— Você então tem permissão?

Ele encolheu os ombros.

— Sim e não.

Sonea franziu as sobrancelhas, mas não disse mais nada.

Baixando os olhos para a vela, Cery recordou um dia, três anos atrás, quando ele se enfiara nas passagens para escapar de um guarda que ficara ofendido por ter os bolsos vasculhados. Uma sombra aparecera na escuridão, pegara Cery pela gola e o arrastara para uma sala fora do túnel, trancando-o lá dentro. Apesar de toda a habilidade de Cery em arrombar cadeados, ele não fora capaz de libertar-se. Várias horas depois, a porta abrira e ele fora cegado por uma lamparina que ardia com tamanha intensidade que ele conseguia distinguir somente a silhueta do homem que a segurava.

— Quem é você? — perguntara o estranho. — Qual é o seu nome?

— Ceryni — guinchara ele.

Houve uma pausa, e então a luz se aproximou.

— Então este é seu nome — comentara o estranho, num tom de satisfação. — É também um pequeno roedor nada estranho. Ah, agora que saquei quem é você. O filho de Torrin. Humm, sabe o preço por usar a Estrada sem a autorização dos Ladrões?

Aterrorizado, Cery acenara positivamente com a cabeça.

— Bem, então, pequeno Ceryni. Como sabe, *cê tá* numa baita encrenca, mas acho que posso lhe dar um pouco de espaço. Não use a Estrada com regularidade... mas, se tiver de usar, use. Se alguém perguntar, diga que Ravi falou que podia. Mas lembre que me deve essa. Se eu lhe pedir alguma coisa, você vai me dar. Se for vacilão, nunca mais usa Estrada *nenhuma*. Estamos entendidos?

Cery acenara novamente, assustado demais para falar.

O estranho rira.

— Ótimo. Agora vaza daqui. — A luz desaparecera e Cery fora puxado por mãos ocultas até a saída mais próxima da Estrada e jogado para fora.

Desde então, ele raramente colocara os pés na Estrada dos Ladrões. As poucas vezes em que retornara ao labirinto, ficara surpreso por constatar que a memória que tinha dos caminhos não tinha desaparecido. Ocasionalmente cruzara com outros viajantes, mas estes nunca o pararam nem lhe fizeram perguntas.

Nos últimos anos, porém, ele desrespeitara a regra dos Ladrões a ponto de sentir-se desconfortável. Se alguém o confrontasse, teria de confiar que o nome de Ravi ainda exercia alguma influência. Todavia, não estava prestes a contar isso a Sonea. Iria assustá-la demais.

Baixando os olhos em direção a ela, sentiu novamente aquela estranha inquietação. Sempre tivera esperanças de que ela um dia voltaria, mas nunca acreditara mesmo nisso. Ela era diferente. Especial. Ele sempre soubera que ela se mandaria das favelas um dia.

Ela *era* especial, mas de um modo que nunca imaginou. Ela fazia magia! Mas

também tinha um *timing* terrível. Por que não tinha descoberto a magia enquanto preparava uma xícara de *raka*, ou engraxava os sapatos? Por que fazer isso justo na frente do Clã dos Magos?

Ela, porém, o fizera, e agora ele devia tentar tudo que pudesse para mantê-la longe deles. Pelo menos tudo isso daria a eles mais tempo juntos. Ainda que isso significasse arriscar seu entendimento com Ravi, valia a pena. No entanto, detestava vê-la assim tão preocupada...

— Não se preocupe. Enquanto os magos estiverem metidos nos túneis, os Ladrões não vão prestar atenção em...

— Shhh! — interrompeu ela, erguendo a mão para que ficasse quieto.

Ele a observou levantar-se da cama e caminhar até o centro do quarto. Dando uma volta completa, ela fitou as paredes com atenção, o olhar varrendo-as todas. Ela esticou os ouvidos, mas não conseguiu escutar nada de estranho.

— O que é?

Ela sacudiu a cabeça, depois estremeceu subitamente. Um olhar de surpresa e terror perpassou seu rosto. Ele se levantou num pulo, alarmado.

— O que é? — repetiu ele.

— Estão procurando — sibilou ela.

— Não consigo ouvir nada.

— Nem conseguiria — disse ela, com a voz trêmula. — Posso *vê-los*, mas não é como propriamente ver. É mais como escutar, mas ao mesmo tempo não é, pois não consigo entender o que estão dizendo. É mais como... — Ela prendeu a respiração e começou a rodopiar, o olhar escrutinando algo para além dos sentidos de Cery. — Estão procurando com as mentes.

Cery fitou-a, impotente. Se ele ainda tinha dúvidas de que ela tinha poderes mágicos, isso acabou com elas para sempre.

— Podem ver você?

Ela lhe lançou um olhar assustado.

— Não sei.

Ele cerrou e voltou a abrir os punhos. Estivera tão seguro de que poderia mantê-la longe deles, mas não havia lugar para onde a pudesse levar — com paredes que a pudessem esconder — para mantê-la longe *disto*.

Segurando a respiração, ele avançou e lhe agarrou as mãos.

— Consegue fazer com que deixem de ver você?

Ela espalmou as mãos.

— Como? Não sei usar magia.

— Tente — ele a incitou. — Tente alguma coisa. Qualquer coisa!

Ela balançou a cabeça, depois ficou tensa e inspirou forte. Ele viu o rosto dela embranquecer.

— Aquele parecia olhar diretamente para mim... — Ela se virou para fitar Cery. — Mas passou. Continuam passando por mim. — Um sorriso lentamente se estendeu no rosto. — Não conseguem me ver.

Ele buscou os olhos dela.

— Tem certeza?

Ela acenou com a cabeça.

— Sim.

Tirando suas mãos das dele, ela se sentou na cama, com a expressão pensativa.

— Acho que fiz algo ontem, quando aquele mago quase nos apanhou. Me tornei invisível. Acho que ele teria me encontrado se eu não tivesse feito aquilo. — Ela levantou os olhos subitamente, depois se acalmou e sorriu. — É como se estivessem cegos.

Cery permitiu-se um suspiro de alívio. Ele sacudiu a cabeça.

— *Cê* me preocupou de verdade, Sonea. Posso escondê-la dos olhos dos magos, mas temo que escondê-la da mente deles já seja pedir demais. Acho

melhor tirá-la daqui. Tenho em mente um lugar longe da Estrada que pode servir por alguns dias.

O Salão do Clã estava silencioso a não ser pelo sussurro provocado pela respiração. Rothen abriu os olhos e os ergueu às filas de rostos.

Como sempre, ele sentiu um vago constrangimento ao observar outros magos absortos em trabalho mental. Não podia evitar sentir como que a espioná-los, como que a espreitar em um momento particular.

No entanto, divertia-se como um menino ao ver as diferentes expressões. Alguns magos franziam as sobrancelhas, outros pareciam confusos ou surpresos. A maioria devia estar dormindo, pelos rostos calmos e serenos.

Captando um discreto ronco, Rothen sorriu. Lorde Sharrel estava inclinado para trás na cadeira, com a cabeça calva caindo lentamente na direção do peito. Obviamente, os exercícios para acalmar e focar a mente haviam sido muito eficazes para ele.

— Ele não é o único a fazer corpo mole, não é, Rothen?

Dannyl abriu um olho e sorriu. Sacudindo a cabeça em sinal de desaprovação, Rothen examinou os rostos para ver se seu amigo perturbara a concentração dos outros. Dannyl encolheu ligeiramente o ombro e fechou o olho outra vez.

Rothen suspirou. A essa altura já deviam tê-la encontrado. Ergueu os olhos às fileiras de magos e meneou a cabeça. Mais meia hora, decidiu. Ao fechar os olhos, respirou fundo e recomeçou o exercício de relaxamento da mente.

Ao final da manhã, a névoa que envolvia a cidade fora dissipada pela alegre luz do Sol. Em pé diante da janela, Dannyl tirou um instante para desfrutar do silêncio. As máquinas de impressão, embora mais eficientes que os copistas, faziam um barulho de zumbidos e pancadas que sempre faziam os ouvidos dele zunir.

Ele franziu os lábios. Agora que o último lote de anúncios de recompensa fora

impresso e despachado, estava livre. A busca mental falhara, e Rothen já estava nas favelas. Dannyl não estava certo se devia ficar contente por sair com o tempo bom ou desanimado por ter de vaguear novamente pelos barracões.

— Lorde Dannyl — disse uma voz —, há uma aglomeração de pessoas nos Portões do Clã que desejam falar com você.

Surpreso, Dannyl virou-se para dar com o Administrador parado na soleira da porta.

— *Já?* — exclamou ele.

Lorlen assentiu com a cabeça, seus lábios contorcendo-se em um sorriso embaraçado.

— Não sei como chegaram lá. Evitaram dois grupos de Guardas do Portão e atingiram o Círculo Interior antes de chegar aqui... a menos que sejam vagabundos que nos escaparam na Purificação.

— Quantos?

— Uns duzentos — respondeu Lorlen. — Os guardas dizem que todos alegam saber onde está a garota desaparecida.

Prevendo que muitos ladrões e mendigos se encontravam reunidos nos portões, Dannyl pôs a mão na testa e gemeu.

— Exatamente — disse Lorlen. — O que faremos agora?

Dannyl inclinou-se sobre a mesa e ponderou. Não fazia nem uma hora que enviara os primeiros mensageiros com as cópias do cartaz de recompensa. Aqueles que estavam nos portões eram os primeiros de uma enxurrada de informantes que seguramente viriam.

— Precisamos de um lugar para interrogá-los — pensou em voz alta.

— Não no Clã — replicou Lorlen —, ou as pessoas vão inventar histórias só para ter a chance de nos verem.

— Então em algum lugar na cidade.

Lorlen tamborilou com os dedos no batente da porta.

— A Guarda tem vários salões espalhados pela cidade. Vou providenciar para que um deles seja preparado para uso nosso.

Dannyl acenou com a cabeça.

— Também poderia fazer com que alguns guardas permaneçam para manter a ordem?

O Administrador fez que sim com a cabeça.

— Estou certo de que ficarão bastante ansiosos para ficar.

— Vou ver se encontro alguns voluntários para ajudar a interrogar os informantes.

— Parece que tem tudo sob controle. — Lorlen deu um passo para trás da soleira.

Dannyl sorriu e inclinou a cabeça.

— Obrigado, Administrador.

— Se precisar de mais alguma coisa, bastar enviar um mensageiro até mim. — Lorlen assentiu com a cabeça, depois se retirou.

Atravessando o quarto, Dannyl juntou os instrumentos que usara para esboçar o anúncio da recompensa e os colocou na trabalhada caixa de escrever. Entrou no corredor e correu para seus aposentos, parando quando um aprendiz saiu de uma sala de aula próxima e começou a caminhar em direção às escadas.

— Você aí — chamou Dannyl. O jovem paralisou antes de dar meia-volta. Seu olhar cruzou com o de Dannyl, depois deslizou para o chão ao fazer uma reverência. Dannyl percorreu apressadamente o corredor e colocou a caixa nos braços do rapaz.

— Leve isso até a Biblioteca dos Magos e diga a Lorde Jullen que os buscarei mais tarde.

— Sim, Lorde Dannyl — respondeu o aprendiz, quase deixando a caixa cair ao fazer-lhe nova reverência. Ele se virou e saiu ligeiro.

Continuando até o fim do corredor, Dannyl começou a descer as escadas.

Vários magos estavam no *hall* de entrada, todos fitando os portões pelas enormes portas da Universidade. Larkin, um jovem alquimista que se graduara recentemente, ergueu os olhos quando Dannyl se aproximou do fim das escadas.

— Estes são seus informantes, Lorde Dannyl? — perguntou ele, sorrindo.

— Caçadores de recompensa — disse Dannyl, secamente.

— Você não vai trazê-los para cá — disse uma voz áspera.

Reconhecendo o tom amargo do Diretor da Universidade, Dannyl virou-se para observar o mago.

— Gostaria que os trouxesse, Diretor Jerrik? — perguntou Dannyl.

— De jeito nenhum!

Vindo de trás, Dannyl ouviu Larkin proferir uma gracinha e resistiu à tentação de sorrir. Jerrik parecia nunca mudar. Sempre o mesmo velho ácido e censurador de quando Dannyl ainda era aprendiz.

— Vou mandá-los para um salão da Guarda — disse Dannyl ao velho mago. Ele se virou para ir embora, contorceu-se por entre os outros magos que transitavam no salão, depois começou a descer as escadas.

— Boa sorte — disse Larkin.

Dannyl ergueu a mão em gesto de resposta. Adiante, uma multidão negra de corpos em polvorosa espremia-se contra as barras adornadas dos Portões do Clã. Dannyl fez uma careta de desagrado e procurou por uma mente que lhe fosse familiar.

— *Rothen!*

— *Sim?*

— *Veja.* — Dannyl enviou uma imagem mental da cena. Ele sentiu preocupação vindo do outro mago, a qual rapidamente se alterou para divertimento quando Rothen se deu conta de quais pessoas se tratavam.

— *Informantes já! O que vai fazer agora?*

— *Dizer a eles que voltem mais tarde* — respondeu Dannyl —, *e que não vamos jogar dinheiro para ninguém enquanto não tivermos a garota*. — Com a rapidez e a clareza que a comunicação mental permitia, ele explicou que o Administrador Lorlen estava organizando um lugar na cidade para a entrevista dos "informantes".

— *Quer que volte para ajudar?*

— *Não conseguiria mantê-lo fora dessa nem se eu tentasse.*

Ele sentiu divertimento vindo do mago mais velho, depois a presença de Rothen desapareceu de seu alcance.

Adiantando-se ao portão, Dannyl pôde ver as pessoas esmagando-se contra as barras e acotovelando-se umas nas outras. Um clamor desconcertante de vozes chegou aos seus ouvidos quando elas começaram a chamar por ele ao mesmo tempo. Os guardas observavam Dannyl com uma mistura de alívio e curiosidade.

Ele parou a cerca de dez passos dos portões. Endireitando as costas para tirar total proveito de sua altura, cruzou os braços e aguardou. Lentamente, o barulho foi diminuindo. Quando a multidão silenciou, Dannyl trabalhou o ar diante de si para amplificar a voz.

— Quantos de vocês estão aqui com informação a respeito da garota que estamos procurando?

Um clamor de voz levantou-se em resposta. Dannyl acenou com a cabeça e ergueu a mão para silenciá-los outra vez.

— O Clã acolhe a ajuda de vocês neste assunto. Será dada a vocês a oportunidade de falar conosco individualmente. Estamos providenciando que um salão da Guarda seja preparado com essa finalidade. A localização desse salão será afixada nestes portões e nos da cidade dentro de uma hora. Nesse meio-tempo, pedimos que retornem a suas casas.

Um murmurinho de vozes descontentes elevou-se do fundo da multidão. Dannyl ergueu o queixo e acrescentou uma nota de advertência na voz.

— Nenhuma recompensa será dada até que a garota esteja segura sob nossa

proteção. Só então a recompensa será paga, e apenas àqueles que tiverem nos fornecido informações úteis. Não abordem a garota por conta própria. Ela pode ser pe...

— *Ela está aqui!* — gritou uma voz.

A contragosto, Dannyl sentiu um arrepio de esperança. Uma perturbação agitou a multidão, e as pessoas resmungavam enquanto alguém forçava seu caminho por entre elas.

— Deixem-na passar — ordenou ele.

A multidão dividiu-se, e uma mulher enrugada espremeu-se contra o portão. Introduziu uma mão ossuda por entre as barras e acenou para ele. A outra segurava o braço de uma jovem franzina, vestida em roupas sujas e esfarrapadas.

— É ela! — declarou a mulher, com os olhos enormes a fitá-lo.

Dannyl olhou atentamente para a garota. Um cabelo de corte desigual e curto emoldurava um rosto magro e chupado. A garota era lamentavelmente magra, e as roupas pendiam folgadamente de seu corpo sem forma. Quando os olhos de Dannyl pousaram na garota, esta rompeu em lágrimas.

Em seguida, foi acometido de dúvidas ao perceber que não conseguia se lembrar do rosto da garota que Rothen projetara no Salão do Clã.

— *Rothen?*

— *Sim?*

Ele enviou ao mago uma imagem da garota.

— *Não é ela.*

Dannyl suspirou de alívio.

— Ela não é quem procuramos — anunciou ele, meneando a cabeça. Ele se virou para ir embora.

— *Hai!* — protestou a mulher. Ele se virou e deu com ela a encará-lo ameaçadoramente. Ele deteve o olhar, e ela rapidamente baixou os olhos. — Tem certeza, milorde? — perguntou, em voz aduladora. — Você não a viu de

perto.

O mar de rostos observava-o na expectativa de alguma coisa, e ele se deu conta de que eles queriam algum tipo de prova visível. A menos que convencesse a todos de que não poderia ser ludibriado, outros trariam jovens na esperança de ganhar a recompensa — e ele não podia ficar pedindo a Rothen que identificasse todas as garotas que lhe trouxessem.

Ele se aproximou lentamente do portão. A garota parara de chorar, mas, enquanto Dannyl avançava, foi ficando cada vez mais branca de medo.

Dannyl estendeu-lhe a mão e sorriu. A garota fitou-a e recuou encolhida, mas a mulher a seu lado agarrou-a pelo braço e a puxou pelas barras do portão.

Ao segurá-la, Dannyl enviou uma investigação mental à mente da garota. Imediatamente ele sentiu uma fonte de poder adormecida. Surpreso, hesitou por um momento antes de soltar sua mão e recuar.

— Não é ela — repetiu.

Os informantes recomeçaram os gritos, mas havia menos força e exigência no barulho. Ele se afastou alguns passos e levantou os braços. Calaram-se assustados.

— Vão! — disse Dannyl. — Retornem esta tarde.

Ele se virou rapidamente, de modo que as vestes rodopiaram dramaticamente à sua volta, e foi-se embora. Uma pequena exclamação de assombro elevou-se da multidão. Sorrindo, ele esticou o passo.

No entanto, seu sorriso desvaneceu-se ao refletir sobre o poder que sentira na pedinte. Ela não fora particularmente forte. Se tivesse sido filha de uma Casa, era improvável que tivesse sido enviada ao Clã para receber treinamento. Ela teria sido de mais valia à família como noiva que fortalecesse a linhagem mágica em sua Casa. Se ela tivesse sido o segundo ou terceiro filho, porém, teriam ficado encantados. Até um mago fraco trazia prestígio ao nome da família.

Dannyl balançou a cabeça enquanto se aproximava da Universidade. Era mera coincidência que a única favelada que ele testara possuísse potencial mágico.

Talvez fosse a filha de uma prostituta que concebera o filho de um mago. Dannyl não tinha ilusões acerca dos hábitos dos outros magos.

Em seguida, lembrou-se das palavras de Lorde Solend: "*Se esta jovem for uma natural, devemos esperar que seja mais poderosa que o aprendiz mediano, possivelmente ainda mais poderosa que o mago mediano*". A garota que estavam procurando podia ser no mínimo tão forte quanto ele. Podia mesmo ser mais forte...

Ele estremeceu. De repente, era fácil imaginar a existência de ladrões e assassinos detendo secretamente poderes que somente os magos do Clã eram destinados a possuir. Era um pensamento assustador, e ele sabia que não ia se sentir completamente invulnerável na próxima vez que andasse pelas ruas das favelas.

O ar no sótão estava deliciosamente quente. A luz do fim de tarde infiltrava-se por duas janelas pequenas e pintava quadrados luminosos nas paredes. O cheiro de lã de *reber* e a fumaça disputavam o predomínio no quarto. Aqui e ali havia pequenos grupos de crianças sentadas e embrulhadas em cobertores, conversando sossegadamente.

Sonea observava-os a partir de um canto de que se apossara. Quando o alçapão do sótão se abriu, ela olhou para cima com ansiedade, mas o garoto que subira até o quarto não era Cery. As outras crianças cumprimentaram com entusiasmo o recém-chegado.

— Ouviram essa? — disse ele, deixando-se cair sobre um monte de cobertores. — Os magos dizem que darão uma recompensa pra quem mostrar pra eles onde a garota *tá*.

— Uma recompensa!

— Sério?

— De quanto?

O garoto arregalou os olhos.

— Cem ouros.

Um murmurinho de excitação correu pelas crianças. Elas se reuniram em volta do recém-chegado, formando um círculo de rostos ansiosos. Algumas lançaram olhares pensativos em direção de Sonea.

Ela se obrigou a observá-los, mantendo a expressão neutra. Lançaram-lhe mais do que alguns olhares curiosos desde que chegara. O sótão era um refúgio para crianças desabrigadas. Ficava na área de encontro entre as favelas e o mercado, e das janelas minúsculas podia-se ter uma vista da Marina. Sonea era velha demais para ser aceita, mas Cery conhecia o proprietário — um amável comerciante aposentado chamado Norrin — e lhe prometera um favor em troca.

— Os magos querem mesmo pegar essa garota, hein? — disse uma das meninas.

— Não deixam ninguém fazer magia além deles — replicou um garoto atarracado.

— Um monte de gente *tá* procurando por ela agora — disse o recém-chegado, acenando sabiamente com a cabeça. — É muita grana.

— É dinheiro de sangue, Ral — contestou a garota, enrugando o nariz.

— E daí? — replicou Ral. — Tem gente que não liga. Só quer saber do dinheiro.

— Bem, eu não a deduraria — disse ela. — Odeio os magos. Meu primo foi carbonizado por eles anos atrás.

— Sério? — perguntou outra garota, com os olhos brilhantes de curiosidade.

— É verdade. — A primeira fez que sim com a cabeça. — Na Purificação. Mas Gilen *tava* na vadiagem também. Praticamente pediu aquilo. Um daqueles magos o capturou com sua magia. Ficou todo queimado de um lado da cara. Tem uma enorme cicatriz vermelha agora.

Sonea estremeceu. Queimado. A memória de um corpo carbonizado passou por sua mente. Ela tirou os olhos das crianças. O sótão não parecia mais acolhedor. Ela queria levantar-se e ir embora, mas Cery fora firme ao lhe dizer

que permanecesse ali e não chamasse a atenção para si mesma.

— Meu tio uma vez tentou assaltar um mago — disse uma garota de cabelo comprido amarrado.

— Seu tio foi um sem-noção — murmurou um garoto ao lado. Ela fez cara feia para ele e lhe apontou um chute na canela do qual ele facilmente se esquivou.

— Ele não sabia que era um mago — explicou a garota. — O homem usava um grande manto sobre as vestes.

O garoto bufou, e a garota ergueu o punho.

— O que você ia dizendo? — perguntou ele, inocentemente.

— Ele tentou cortar a bolsa dele — continuou ela —, mas o mago tinha feito um feitiço para saber quando alguém tocasse nela. Bem, o mago de repente deu meia-volta e o atacou com magia, quebrando seus braços.

— Os dois? — perguntou um dos rapazes mais novo.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Ele só botou as mãos pra cima desse jeito... — ela levantou as mãos com as palmas viradas para ele — e a magia atingiu meu tio como se alguém tivesse tacado uma parede nele. Foi assim que meu tio me contou.

— *Hai*! — exclamou o garoto. O quarto ficou em silêncio por alguns minutos, depois uma nova voz emergiu do silêncio.

— Minha irmã morreu por causa dos magos.

Todos os rostos voltaram-se para um garoto magricela sentado com as pernas cruzadas no fundo do círculo malfeito.

— A gente *tava* no meio de uma multidão — disse a eles. — Os magos começaram com seus clarões de luz na rua atrás de nós e todo mundo começou a correr. Minha mãe deixou minha irmãzinha cair, mas não conseguiu parar porque havia pessoas demais correndo. Meu pai voltou e a encontrou. Eu o ouvi amaldiçoá-los, dizendo que era culpa deles ela ter morrido. Culpa dos magos. —

Ele estreitou os olhos e fitou ameaçadoramente o chão. — Eu os *odeio*.

Várias das cabeças ao redor do círculo acenaram. Seguiu-se um silêncio meditativo, depois a primeira garota fez um ruído de satisfação.

— Veem? — disse ela. — Vocês ajudariam os magos? Eu não. Que essa garota mostrou pra eles, ô se mostrou. Talvez na próxima ela mande ver.

As crianças sorriram e sacudiram a cabeça umas para as outras. Sonea suspirou aliviada. Ela escutou o rangido do alçapão abrindo e sorriu quando Cery escalou até o sótão. Deslocou-se para o lado dela e se sentou, sorrindo.

— Fomos traídos — murmurou ele. — Vão dar uma busca na casa. Siga-me.

O coração dela saltou. Fitando-o, viu que o sorriso não chegava aos olhos dele. Ele se colocou de pé novamente, e num salto ela se ergueu para segui-lo. Algumas crianças observaram-na passar, mas ela evitou seus olhos. Ela podia sentir o interesse crescente por parte delas quando Cery parou e abriu as portas de um grande armário ao fundo do quarto.

— Aqui tem uma porta secreta que dá para as passagens — murmurou, esticando o braço para dentro. Ele puxou algo suavemente, depois franziu as sobrancelhas e empregou mais força no puxão. — Foi bloqueada do outro lado. — Ele praguejou em voz baixa.

— Estamos encurralados?

Ele se virou de costas para olhar o quarto. A maior parte das crianças os observava agora. Ele fechou a porta do armário, depois atravessou o quarto até uma das janelas.

— Não adianta fingir agora. Como vai sua habilidade de escalar?

— Já faz um tempo... — Ela olhou para cima. As janelas haviam sido instaladas no teto, que ia em declive quase até o chão.

— Me ajuda a subir.

Unindo as mãos, ela fez uma expressão de desagrado quando ele colocou o pé em cima delas. Estremeceu quando Cery lhe trepou nos ombros. Agarrando-se

em uma viga do telhado, Cery equilibrou-se, tirou uma faca do casaco e começou a trabalhar na janela.

De algum lugar abaixo do sótão, Sonea ouviu o som de uma porta batendo, depois o som abafado de vozes elevadas. Sentiu uma punhalada de medo quando o alçapão se abriu, mas o rosto que apareceu era o da sobrinha de Norin, Yalia.

Num só relance, a mulher deu com as crianças, Sonea, e Cery equilibrado sobre seus ombros.

— A porta? — perguntou ela.

— Bloqueada — disse ele.

Ela fechou a carranca, depois baixou os olhos para as crianças.

— Os magos *tão* aqui — disse. — Vão revistar a casa.

As crianças começaram a disparar perguntas. Apoiado em Sonea, Cery murmurou uma praga bastante expressiva. Sonea quase o deixou cair quando ele deslocou o peso bruscamente.

— *Hai*! Você não *tá* sendo uma escada muito boa, Sonea.

O peso dele subitamente retirou-se das mãos dela. O pé de Cery desferiu-lhe um chute no peito, e Sonea segurou-se para não dar uma resposta amarga enquanto se desviava do caminho das pernas bamboleantes do amigo.

— Eles não vão machucar a gente— dizia Yalia às crianças. — Não se atreveriam. Vão ver logo que vocês são jovens demais. Estão mais interessados em...

— *Hai! Sonea!* — sussurrou Cery rudemente.

Ela ergueu os olhos e viu que Cery tinha passado as pernas pelo caixilho da janela e estava pendurado de cabeça para baixo, tentando alcançá-la.

— *Venha!*

Ela esticou os braços e agarrou as mãos dele. Com uma força surpreendente, Cery ergueu-a até que ela pudesse agarrar-se ao peitoril. Ficou dependurada por um instante, depois circundou a armação e segurou a parte alta. Balançando as

pernas para cima, pegou a borda do caixilho com a ponta da bota, depois atravessou a janela.

Ofegante pelo esforço, Sonea ficou deitada sobre as telhas frias. O ar estava gélido, e o frio começava a infiltrar-se em suas roupas. Erguendo a cabeça, viu um mar de telhados. O Sol jazia baixo no céu.

Cery estendeu o braço para fechar a janela e congelou. O som do alçapão do sótão abrindo-se chegou até eles, em seguida as crianças começaram a murmurar de medo e pavor. Sonea ergueu a cabeça e espreitou o lado de dentro.

Um homem de túnica vermelha estava de pé ao lado do alçapão aberto, fitando os olhos em volta da sala com expressão de fúria, sem pestanejar. O cabelo dele era de um tom pálido e estava penteado para trás, grudado à cabeça. Uma pequena cicatriz vermelha marcava sua têmpora. Ela se apertou novamente contra o telhado, o coração disparado. Havia algo de familiar nele, mas ela não ia arriscar uma segunda olhada.

A voz dele chegou aos seus ouvidos.

— Onde ela está? — ordenou ele.

— A quem se refere? — replicou Yalia.

— A garota. Fui informado de que ela estava aqui. Onde a escondeu?

— Não escondi ninguém — declarou uma voz idosa.

Norin, supôs Sonea.

— Então o que é este lugar? Por que estes pedintes estão aqui?

— Permito que fiquem aqui. Não têm pra onde ir durante o inverno.

— A garota esteve aqui?

— Não pergunto o nome deles. Se essa garota que procuram esteve entre eles, eu não teria como saber.

— Acho que está mentindo, velho — o tom do mago tornou-se tenebroso.

Um lamento começou quando algumas crianças desataram a chorar. Cery agarrou Sonea pela manga e a puxou.

— *Tô* dizendo a verdade — respondeu o velho comerciante. — Não faço ideia de quem são, mas são sempre crianças...

— Sabe qual é a punição por esconder inimigos do Clã, velho? — vociferou o mago. — Se não me mostrar onde escondeu a garota, ponho sua casa abaixo, pedra por pedra, e...

— *Sonea* — sussurrou Cery.

Ela se virou para fitá-lo. Ele acenou em sinal de urgência, depois começou a margear o telhado. Sonea obrigou seus braços e pernas a se mover e começar a segui-lo.

Não se atreveu a deslocar-se depressa demais, temendo que o mago pudesse escutá-la. O fim do telhado desenhava-se lentamente, cada vez mais próximo. Ao alcançá-lo, Sonea olhou para baixo e percebeu que Cery desaparecera. Surpreendendo um movimento súbito, viu um par de mãos agarrando a calha por debaixo dela.

— Sonea — sibilou ele. — Tem que descer aqui comigo.

Lentamente, ela dobrou as pernas e deslizou para baixo até estar deitada sobre a calha. Olhando além do beiral, viu que Cery estava pendurado a dois andares do solo. Ele acenou a cabeça para uma casa de apenas um andar perto da casa do comerciante.

— Vamos até lá — disse. — Observe e depois faça o que eu fizer.

Esticando o braço até a parede, Cery segurou-se a um cano que se estendia da calha e ia da parede até o chão. Quando soltou todo o peso sobre o cano, este rangeu de modo alarmante, mas Cery desceu rápido, usando como escada de mão as braçadeiras que ligavam o cano à parede. Passou para o outro telhado, depois olhou para cima e acenou para ela.

Respirando fundo, Sonea agarrou-se à calha e deixou-se rolar do telhado. Ficou dependurada por um momento, as mãos doendo, depois esticou o braço

para segurar o cano. Descendo o mais depressa possível, ela pôs os pés no telhado da outra casa.

Cery sorriu.

— Fácil?

Ela esfregou os dedos, que estavam vermelhos por causa das extremidades afiadas das braçadeiras, e encolheu os ombros.

— Sim e não.

— Vamos nessa. Vamos dar o fora daqui.

Cuidadosamente, tomaram o caminho para o outro lado do telhado, encolhendo-se para suportar o vento cruelmente gelado. Chegando até a casa vizinha, escalaram até o telhado desta. Dali, deslizaram por outro cano de esgoto até um beco estreito entre as casas.

Colocando um dedo nos lábios, Cery começou a andar ao longo do beco. Parou na metade do caminho e, depois de olhar para trás para certificar-se de que ainda estavam sozinhos, levantou uma pequena grade de uma parede. Deixou-se cair de barriga e rapidamente esperneou para passar. Sonea o seguiu.

Fizeram uma pausa para descansar na escuridão. O olhar dela foi-se ajustando lentamente, até que conseguiu ver as paredes de uma estreita passagem de tijolos. Cery estava fitando a escuridão, voltado para a casa de Norin.

— Coitado do Norin — sussurrou Sonea. — O que vai acontecer com ele?

— Não sei, mas não parece nada bom.

Sonea sentiu uma pontada de culpa.

— Tudo por minha causa.

Ele se virou para fitá-la.

— Não — rosnou ele. — Por causa dos *magos*... e de quem quer que tenha nos traído. — Ele voltou um olhar franzido para a passagem. — Queria voltar e descobrir quem foi, mas tenho que levar você para um lugar seguro.

Olhando-o atentamente, ela viu uma severidade na sua expressão que nunca vira antes. Sem ele, teria sido capturada há dias, provavelmente estaria morta.

Ela precisava dele, mas o que iria lhe custar ajudá-la? Por ela, ele já prometera favores ou fizera uso dos que lhe deviam e arriscara ser reprovado pelos Ladrões por utilizar os túneis.

E o que aconteceria se ela fosse encontrada pelos magos? Se Norin sofresse a destruição de sua casa por ser suspeito de escondê-la, o que os magos fariam com Cery? “Sabe qual é a punição por esconder inimigos do Clã, velho?” Ela estremeceu e o pegou pelo braço.

— Prometa uma coisa, Cery.

Ele se virou para fitá-la, de olhos arregalados.

— Prometer?

Ela assentiu com a cabeça.

— Prometa que, se nos pegarem, vai fingir que não me conhece. — Ele abriu a boca para protestar, mas ela não esperou que ele falasse. — Se virem que está me ajudando, fuja. Não deixe que eles o peguem também.

Ele sacudiu a cabeça.

— Sonea, eu nunca...

— Apenas diga que vai fazer. Eu... eu não suportaria se eles o matassem por minha causa.

Os olhos de Cery arregalaram-se, depois ele colocou a mão sobre o ombro dela e sorriu.

— Não vão pegar você — disse. — E, mesmo se pegarem, trago-a de volta. Prometo isso a você.

CAPÍTULO 6

Encontros subterrâneos

Lia-se na tabuleta da boleria: A Faca Arrojada. Um nome nada encorajador, mas uma rápida olhada por dentro revelava uma sala sossegada. Ao contrário dos ocupantes de todas as outras bolerias em que Dannyl entrara, os clientes estavam desanimados e falavam em voz baixa.

Empurrando a porta, entrou. Alguns dos que bebiam olharam na direção dele, mas a maioria o ignorou. Essa era, também, uma mudança bem-vinda. Ele sentiu uma pontada de desconforto. Por que esse lugar era tão diferente dos outros que visitara?

Nunca entrara em uma boleria até esse dia, e nunca quisera fazê-lo, mas o guarda que ele enviara para encontrar os Ladrões fornecera-lhe instruções específicas: ir até uma boleria, dizer ao proprietário com quem desejava falar e pagar a taxa quando um guia aparecesse. Aparentemente, esse era o modo como as coisas eram feitas.

Obviamente, ele não poderia entrar em uma boleria vestido com uma túnica e esperar o tipo de cooperação de que precisava, por isso desobedecera a seus pares e botara o simples traje de comerciante.

Escolhera cuidadosamente seu disfarce. Nenhuma roupa ia esconder sua altura incomum, a saúde evidente e a voz bem-educada. A história que inventara contava uma mentira sobre investimentos desafortunados e dívidas incobráveis. Ninguém lhe emprestaria dinheiro. Os Ladrões eram o último recurso. Um comerciante nessa situação estaria tão por fora de seu negócio quanto Dannyl, embora um tanto mais assustado.

Respirando fundo, Dannyl cruzou a sala até o balcão. O atendente era um homem magro com os ossos da face proeminentes e uma expressão carrancuda. Linhas cinzentas corriam por seu cabelo negro. Ele observava Dannyl com um olhar severo.

— O que vai ser?

— Uma bebida.

O homem pegou uma caneca de madeira e a encheu com o conteúdo de um dos barris atrás da bancada. Dannyl tirou da bolsa uma moeda de cobre e uma de prata. Escondendo a de prata, ele soltou a de cobre na mão estendida do homem.

— Então *tá* à procura dum faca? — perguntou o atendente em tom calmo.

Dannyl olhou para o homem com surpresa.

O atendente sorriu de modo amedrontador.

— Então pra que mais *taria* aqui n'A Faca Arrojada? Já fez isso antes?

Dannyl balançou a cabeça, pensando rápido. Pelo tom de voz do homem, pareceu que pretendia alguma discrição no trato para a aquisição desse "faca". Não havia lei contra a posse de lâminas, então "faca" devia ser uma palavra usada para um objeto — ou serviço — ilegal. Ele não fazia ideia do que podia ser, mas o homem já indicara estar à espera de transações suspeitas, e esse parecia um bom começo como qualquer outro.

— Não quero um faca. — Dannyl lançou ao homem um sorriso nervoso. — Quero entrar em contato com os Ladrões.

As sobrancelhas do homem ergueram-se.

— Hã? — Ele estreitou os olhos para Dannyl. — Sabe, é preciso um incentivo maior pra que eles tenham interesse em falar.

Dannyl abriu a mão para revelar a moeda de prata, depois fechou os dedos novamente quando o atendente esticou o braço para apanhá-la.

O homem bufou, depois se virou ligeiramente.

— *Hai*, Kollin!

Um garoto apareceu à soleira de uma porta atrás do balcão. Olhou para Dannyl, o olhar penetrante passando das botas até o cabelo.

— Leve este homem ao matadouro.

Kollin olhou para Dannyl, depois lhe fez um aceno. Quando Dannyl se moveu para trás do balcão, o atendente bloqueou sua passagem e abriu a mão.

— Tem uma taxa. Prata.

Dannyl franziu as sobrancelhas com desconfiança para a mão estendida.

— Não se preocupe — disse o atendente. — Se descobrem que eu estava enganando aqueles que foram pedir a ajuda deles, esfolam-me e penduram minha pele nas vigas pra dar uma lição aos outros.

Indagando-se se estava sendo ludibriado, Dannyl pressionou a moeda de prata na palma da mão do atendente. O homem deu um passo para o lado, permitindo que Dannyl acompanhasse Kollin pela entrada.

— Siga-me, mas não diga nada — disse o garoto. Ele entrou em uma pequena cozinha, depois abriu outra porta e verificou o beco antes de sair.

O garoto deslocava-se rapidamente, conduzindo Dannyl por um labirinto de ruelas. Passaram por portas das quais emanava o cheiro de fornada de pães, ou de carne e vegetais cozidos, ou o odor forte de couro oleado. O garoto parou e gesticulou para a entrada de uma ruela. Esta estava repleta de lixo e lama, e levava a um beco sem saída depois de vinte passos.

— Matadouro. Vá até lá — disse o garoto, apontando para o fim do beco. Virou-se e deu no pé.

Dannyl observava o beco com desconfiança à medida que o percorria. Não havia portas. Não havia janelas. Ninguém saía para recebê-lo. Chegando ao fim do beco, suspirou. Ele *tinha* sido enganado. A considerar pelo nome do lugar, suspeitava de uma emboscada, no mínimo.

Dando de ombros, deu meia-volta e localizou três homens bastante robustos em pé à entrada do beco.

— *Hai!* Procurando por alguém?

— Sim. — Dannyl caminhou na direção deles. Todos vestiam sobretudos pesados e luvas. O do centro ostentava uma cicatriz de um lado do rosto. Retribuíram-lhe friamente o olhar fixo. *Só gângster mediano*, pensou Dannyl.

Talvez *fosse* uma emboscada.

Ele parou a alguns passos de distância, depois olhou de novo para o beco e sorriu.

— Então este é o matadouro. Apropriado. São agora meus acompanhantes?

O do meio estendeu a mão.

— Por um preço.

— Dei meu dinheiro ao homem d'A Faca Arrojada.

O gângster franziu as sobrancelhas.

— Você quer um faca?

— Não. — Dannyl suspirou. — Quero falar com os Ladrões.

O homem olhou para os companheiros, que estavam sorrindo.

— Qual deles?

— O de maior influência.

O criminoso do meio desatou a rir.

— Então seria o Gorin.

Um de seus companheiros abafou uma risada. Ainda sorrindo, o líder gesticulou para que Dannyl o seguisse.

— Venha comigo.

Os outros dois abriram caminho. Dannyl seguiu seu novo guia até a entrada de uma rua mais ampla. Olhando para trás, viu que os outros o estavam observando, ainda com sorrisos rasgados.

Seguiu-se uma série de ruas e becos tortuosos. Dannyl começou a perguntar-se se os fundos das padarias, alcaçarias, alfaiatarias e bolerias pareciam todos iguais. Foi então que ele reconheceu uma tabuleta, e interrompeu o passo.

— Já estivemos aqui antes. Por que estamos andando em círculos?

O gângster virou-se e observou Dannyl, depois voltou a virar-se e se deslocou

até uma parede próxima. Curvando-se para baixo, segurou a extremidade de uma grade de ventilação e a puxou. A grade deslizou para a frente.

O gângster gesticulou para o buraco.

— Você primeiro.

Dannyl agachou-se e olhou para dentro. Nada pôde ver. Resistindo à tentação de criar um globo de luz, meteu uma perna no buraco, mas encontrou apenas vazio onde esperava que houvesse chão. Levantou os olhos para o seu guia.

— A rua fica à altura do peito — disse o gângster. — Continue.

Segurando-se na borda do buraco, Dannyl desceu por ele. Encontrou uma base para servir-lhe de apoio, depois introduziu a outra perna e a rebaixou até que o pé atingisse o chão. Ao dar um passo para trás, o ombro deu com uma parede. O gângster deslizou para dentro da passagem com a facilidade advinda da prática. Incapaz de ver muito mais que a forma do homem na luz fraca, Dannyl manteve distância.

— Siga meus passos — disse o homem. Quando começou a descer a passagem, Dannyl caminhou alguns passos atrás, tocando com as mãos as paredes de ambos os lados. Andaram por vários minutos, fazendo numerosas curvas, e foi então que os passos à frente de Dannyl pararam e ele ouviu o som de batidas vindo de algum lugar próximo.

— Tem um longo caminho a seguir — disse o gângster. — Tem certeza disso? Pode mudar de ideia agora e eu levo você de volta.

— Por que eu ia querer fazer isso? — perguntou Dannyl.

— Só disse que podia, nada de mais.

Uma lasca de luz surgiu, depois se alargou perto deles. Dentro dela havia a silhueta de outro homem. A claridade não permitiu que Dannyl decifrasse o rosto dele.

— Este é para Gorin — disse o gângster. Ele olhou para Dannyl, fez um gesto rápido, depois se virou e desapareceu nas sombras.

— Gorin, é? — disse o homem na entrada. A voz podia pertencer a um homem qualquer entre 20 e 60 anos. — Como que *cê* chama?

— Larkin.

— Qual sua profissão?

— Vendo tapetes *simba*. — Casas produtoras de tapetes haviam surgido por toda a Imardin nos últimos anos.

— Um mercado competitivo.

— E diz isso a mim?

O homem grunhiu.

— Por que quer falar com Gorin?

— Isso é entre mim e Gorin.

— É claro. — O homem encolheu os ombros, depois se aproximou da parede interna da sala.

— Fique de costas — ordenou ele. — A partir daqui, vai de olhos vendados.

Dannyl hesitou antes de virar de costas. Ele esperara algo assim. Um pedaço de pano caiu sobre seus olhos, e ele sentiu o homem amarrá-lo por detrás da cabeça. A luz tênue da lamparina revelava apenas a grossura do tecido.

— Siga meus passos, por favor.

Mais uma vez, Dannyl caminhava com as mãos a apalpar as paredes. Seu novo guia deslocava-se rápido. Dannyl contou os passos, pensando que, assim que tivesse a oportunidade, mediria a que distância mil passos largos normalmente o levariam.

Alguma coisa, provavelmente uma mão, exerceu-lhe subitamente uma pressão no peito, e ele parou. Ouviu uma porta abrir-se, e foi empurrado para a frente. O cheiro de especiarias e flores inundou seus sentidos, e ele sentiu algo macio sob as botas que sugeria ser um carpete.

— Fique aqui. Não tire a venda.

A porta fechou-se.

Os sons fracos de vozes e passos vinham de cima, e ele supôs estar sob uma das bolerias mais barulhentas. Escutou os sons, depois começou a contar as respirações. Quando isso o aborreceu, levou as mãos à venda. Ouviu uma pancada suave e seca atrás de si, como o som que um calcanhar nu faz em um piso acarpetado. Virou-se e segurou a venda para removê-la, depois ficou paralisado quando ouviu a maçaneta da porta girar. Endireitando-se, rapidamente largou o pano.

A porta não abriu. Ele esperou, e se concentrou no silêncio dentro da sala. Algo chamou sua atenção. Algo mais sutil que o som enfraquecido que escutara antes.

Uma presença.

Ela pairava atrás dele. Respirando fundo, ele estendeu os braços e fingiu buscar as paredes. Ao virar-se, a presença afastou-se.

Alguém estava na sala com ele. Alguém que não queria ser notado. O carpete abafava o pisar dos pés, e o barulho vindo da boleria cobria quaisquer sons involuntários. O perfume floral suspenso no ar ocultaria os mínimos odores de um corpo. Apenas os sentidos que lhe eram exclusivos por sua condição de mago haviam detectado o estranho.

Era um teste. Duvidava que o detentor da presença estivesse sendo testado em sua capacidade de manter-se despercebido. Não, esse teste era para ele mesmo. Para ver se ele pressentia algo. Para ver se era um mago.

Expulsando seus sentidos, detectou outra tênue presença. Esta estava imóvel. Estendendo os braços, voltou a andar em frente. A primeira presença lançou-se em volta dele, mas ele a ignorou. Após dez passos, encontrou uma parede. Mantendo as mãos na superfície áspera, começou a deslocar-se ao redor da sala em direção à outra presença. A primeira afastou-se, depois, de súbito, precipitou-se na direção dele. Ele sentiu uma leve brisa no pescoço. Ignorando-a, continuou em frente.

Os dedos encontraram o aro da porta, depois uma manga e um braço. A venda

foi levantada dos seus olhos, e ele se percebeu a fitar um homem velho.

— Peço desculpas por tê-lo feito esperar — disse o homem. Reconhecendo a voz, Dannyl soube tratar-se de seu guia. Será que o homem chegou a sair da sala?

Sem dar explicações, o guia abriu a porta.

— Queira me seguir agora, por favor.

Dannyl olhou ao redor da sala agora vazia, depois entrou na passagem.

Continuaram a jornada em uma passada mais lenta, a lamparina a balançar na mão do velho. As paredes eram bem construídas. A cada curva havia um pequeno painel instalado nos tijolos, com estranhos símbolos gravados. Era impossível adivinhar que horas eram, mas ele sabia que muitas deviam ter passado desde que entrara na primeira boleria. Estava satisfeito consigo mesmo por ter percebido que estava sendo testado. Será que o teriam levado até os Ladrões se tivesse revelado ser um mago? Duvidava muito.

Podia haver mais testes — teria de ser cuidadoso. Não sabia se estava prestes a falar com Gorin. Nesse meio-tempo, porém, devia descobrir o máximo que pudesse acerca das pessoas com quem desejava negociar. Ele observou o companheiro de modo especulativo.

— O que é um “faca”?

O velho grunhiu.

— Um assassino.

Dannyl pestanejou, depois reprimiu um sorriso. Afinal, o nome A Faca Arrojada era mesmo apropriado. Como o proprietário se safou com uma publicidade tão escancarada?

Poderia refletir sobre isso mais tarde. Por ora, havia coisas mais úteis para descobrir.

— Há outros nomes alternativos com que devo me familiarizar?

O velho sorriu.

— Se alguém envia um mensageiro para você, ou vai receber uma ameaça, ou ele mesmo vai dar cabo dessa ameaça.

— Compreendo.

— E um cagueta é alguém que trai os Ladrões. Não vai querer ser um desses. Têm vida curta.

— Vou manter isso em mente.

— Se tudo correr bem, será chamado de cliente. Depende do que o trouxe aqui. — Ele parou e se virou para observar Dannyl. — Acho que é hora de descobrir.

Ele bateu na parede. Seguiu-se um silêncio, depois os tijolos se recolheram para dentro, dividindo-se em duas seções. O velho gesticulou na direção da abertura.

O quarto em que Dannyl adentrou era pequeno. Uma mesa encaixava-se de modo compacto entre as paredes, bloqueando de modo efetivo o acesso ao homem enorme sentado na cadeira atrás da mesa. Havia duas portas entreabertas atrás dele.

— Larkin, o vendedor de tapetes — disse o homem. Sua voz era assustadoramente profunda.

Dannyl inclinou a cabeça.

— E você é...?

O homem sorriu.

— Gorin.

Não havia cadeira para visitas. Dannyl deslocou-se para mais perto da mesa. Gorin não era um homem atraente, mas sua corpulência tinha mais a ver com músculos do que com gordura. O cabelo era grosso e ondulado, e uma barba crespa cobria seu maxilar. De fato fazia jus a seu homônimo, as enormes bestas que rebocavam, rio Tarali acima, barcos semelhantes a gôndolas. Dannyl perguntou-se se não era uma piada do gângster — talvez Gorin fosse o homem

de *maior* influência entre os Ladrões.

— Você lidera os Ladrões? — perguntou Dannyl.

Gorin sorriu.

— Ninguém lidera os Ladrões.

— Então como vou saber se estou falando com a pessoa certa?

— Quer fazer um acordo? Você o faz comigo. — Ele espalmou as mãos. — Se quebrar o acordo, castigo você. Pense em mim como algo entre um pai e um rei. Estou te ajudando, mas, se me trair, mato você. Faz sentido?

Dannyl franziu os lábios.

— Estava pensando em algo um pouco mais equilibrado. De pai para pai, talvez? Não ousaria sugerir de rei para rei, embora a ideia me agrade.

Gorin sorriu novamente, mas não estendeu o sorriso até os olhos.

— O que quer, Larkin, o vendedor de tapetes?

— Quero que me ajude a encontrar uma pessoa.

— Ah. — O Ladrão assentiu com a cabeça. Sacou um bloquinho de papel, uma caneta e um tinteiro. — Quem?

— Uma garota. Entre 14 e 16 anos. Estatura pequena, cabelo preto, franzina.

— Ela fugiu?

— Sim.

— Por quê?

— Um mal-entendido.

Gorin acenou de modo simpático.

— Pra onde acha que ela pode ter ido?

— Para as favelas.

— Se estiver viva, vamos encontrá-la. Se não estiver, ou não a encontrarmos

dentro de um prazo... iremos combinar uma data... suas obrigações para comigo se encerram. Como ela se chama?

— Ainda não sabemos o nome dela.

— Não sabe... — Gorin levantou a cabeça, depois encolheu os olhos. — Nós?

Dannyl permitiu-se sorrir.

— Precisa inventar um teste melhor.

Os olhos de Gorin arregalaram-se ligeiramente. Engoliu em seco, depois se recostou na cadeira.

— Não diga?

— O que pretendia fazer comigo se eu não tivesse passado?

— Levá-lo para algum lugar longe daqui. — Ele lambeu os lábios, depois encolheu os ombros. — Mas aqui está você. O que quer?

— Como disse: queremos que nos ajude a encontrar a garota.

— E se não ajudarmos?

O sorriso desvaneceu-se do rosto de Dannyl.

— Então ela irá morrer. Seus próprios poderes irão matá-la, e também destruir parte da cidade... embora não possa dizer quanto, já que não sei a dimensão de sua força. — Ele avançou, colocou as mãos sobre a mesa e reteve o olhar do Ladrão. — Se nos ajudar, isso não tem de ser uma disposição com que não possa lucrar... embora você deva entender que existem limites para o que podemos ser vistos a fazer.

Gorin fitou-o em silêncio, depois colocou a caneta e o papel de lado. Recostou-se em seu assento e virou levemente a cabeça.

— *Hai*, Dagan! Traga uma cadeira para o nosso visitante.

O quarto era escuro e mofado. Caixas de remessa estavam empilhadas contra uma parede, muitas delas quebradas. Poças de água haviam-se acumulado nos

cantos, e uma grossa camada de poeira cobria tudo
o mais.

— Então era aqui que seu pai escondia as *parada* dele? — perguntou Harrin.

Cery fez que sim com a cabeça.

— O antigo depósito do meu velho. — Ele tirou a poeira de uma das caixas e se sentou.

— Não tem cama — observou Donia.

— A gente junta alguma coisa — replicou Harrin. Caminhando sobre as caixas, começou a vasculhar por entre elas.

Sonea parara à soleira da porta, consternada com a possibilidade de passar a noite em um lugar tão frio e desagradável. Suspirando, sentou-se no degrau mais baixo. Haviam mudado de lugar três vezes durante a noite para evitar caçadores de recompensa. Ela sentia como se não tivesse dormido há dias. Fechando os olhos, deixou-se levar pelo cansaço. A conversa de Harrin com Donia ficava distante, assim como o som de passos vindo da passagem atrás dela.

Passos?

Abrindo os olhos, olhou para trás e viu uma luz distante bruxuleando na escuridão.

— *Hai*! Alguém está vindo.

— O quê? — Harrin atravessou a sala num passo e olhou para dentro da passagem. Escutou por um instante, depois ergueu Sonea num puxão e apontou para o lado distante do quarto.

— Vai pra lá. Fique fora de vista.

Enquanto Sonea se afastava da porta, Cery ergueu-se para juntar-se a Harrin.

— Ninguém vem aqui — disse ele. — Não tinha marca no pó das escadas.

— Então devem ter nos seguido.

Cery ergueu os olhos para a passagem, praguejando. Virou-se para Sonea.

— Cubra o rosto. Podem estar procurando outra coisa.

— Não vamos embora? — perguntou Donia.

Cery sacudiu a cabeça.

— Não tem saída. Havia uma passagem, mas os Ladrões a taparam anos atrás. Por isso que não nos trouxe aqui antes.

Os passos agora ficavam mais audíveis dentro do quarto. Harrin e Cery afastaram-se da porta e aguardaram. Puxando para cima o capuz do manto, Sonea juntou-se a Donia no lado mais distante do quarto.

Apareceram botas no interior da passagem, depois calças, peitos e rostos à medida que os recém-chegados desciam as escadas. Quatro garotos atravessaram a soleira da porta. Olharam para Harrin e Cery e em seguida, ao localizarem Sonea, trocaram olhares ansiosos.

— Burril — disse Harrin. — O que faz aqui?

Um jovem troncudo com braços musculosos caminhou de modo arrogante até ficar cara a cara com Harrin. Sonea sentiu um arrepio. Este era o garoto que a acusara de ser uma espiã.

Olhando para os demais jovens, teve um choque quando reconheceu um deles. Ela se lembrava de Evin como um dos garotos mais sossegados da gangue de Harrin. Ele a ensinara a trapacear no dominó. Agora não se via mais amizade em seu olhar, ao passo que girava uma pesada barra de ferro em uma das mãos. Sonea estremeceu e desviou o olhar.

Os outros dois garotos traziam compridos pedaços de madeira bruta. Provavelmente tinham apanhado as clavas improvisadas ao longo do caminho. Sonea considerou as possibilidades. Quatro contra quatro. Duvidava que Donia alguma vez tivesse aprendido a lutar, ou que qualquer deles fosse páreo para um dos aliados de Burril. No entanto, juntos, poderiam dar conta de cada um deles separadamente. Ela se agachou e apanhou uma tábua de madeira de uma das caixas de remessa violadas.

— A gente *tá* aqui pela garota — disse Burril.

— Não é que virou um cagueta, Burril? — A voz de Harrin estava carregada de desprezo.

— Estava pensando em perguntar o mesmo para você — respondeu Burril. — Não o vemos há dias. Então a gente escuta sobre uma recompensa e tudo faz sentido. Quer pegar todo o dinheiro sozinho.

— Não, Burril — disse Harrin com firmeza. Ele olhou para os outros jovens. — Sonea é uma amiga. Não vendo meus amigos.

— Ela não é amiga da gente — replicou Burril, olhando de relance para seus companheiros.

Harrin cruzou os braços.

— Então é assim que é. Não levou muito tempo pra que o desejo de tomar o comando lhe subisse à cabeça. Você sabe as regras, Burril. Ou *tá* comigo ou *tá* fora. — Ele olhou novamente para os aliados de Burril. — O mesmo vale pra vocês. Querem seguir este cagueta aí?

Embora permanecessem no lugar, os jovens olharam para Burril, depois para Harrin, depois uns para os outros. Mantiveram cautela na expressão.

— Cem de ouro — disse Burril mansamente. — Quer desistir dessa grana toda só pra poder seguir nesta perda de tempo? A gente poderia viver como reis.

A expressão dos jovens endureceu.

Os olhos de Harrin encolheram-se.

— Cai fora, Burril.

Uma faca luziu na mão de Burril, e ele a apontou para Sonea.

— Não sem a garota. Passa ela pra cá.

— Não.

— Então vamos ter que pegá-la à força.

Burril deu um passo na direção de Harrin. Quando os companheiros de Burril se espalharam para se colocarem ao seu redor, Cery moveu-se para o lado do

amigo, com olhos duros como aços, as mãos enfiadas nos bolsos.

— Vamos lá, Harrin — sussurrou Burril. — A gente não tem que fazer isso. Desista dela. A gente divide a grana, como nos velhos tempos.

O rosto de Harrin distorceu-se de raiva e desprezo. Uma faca luziu em sua mão, e ele avançou bruscamente. Burril esquivou-se e golpeou com sua lâmina. Sonea segurou a respiração quando a faca abriu num rasgo a manga de Harrin, fazendo uma linha vermelha. Quando Evin atacou com a barra de ferro, Harrin desviou-se do alcance dele.

Donia agarrou-lhe o braço.

— Faça com que parem, Sonea — sussurrou ela com agitação. — Use a magia!

Sonea fitou a garota.

—Mas... não sei como fazer!

— Apenas tente alguma coisa. Qualquer coisa!

Enquanto os outros dois jovens se aproximavam dele, Cery puxou dois punhais dos bolsos. Os garotos hesitaram quando os viram. Sonea reparou nas cintas que prendiam firmemente os punhais contra as palmas, de modo que ele ainda pudesse usar as mãos para agarrar e empurrar sem perder as lâminas. Ela não conseguiu evitar o sorriso. Ele realmente não tinha mudado nadica.

Quando o garoto mais abrutalhado disparou contra ele, Cery apanhou-o pelo pulso e o puxou para a frente, usando o embalo do garoto para desequilibrá-lo. Este cambaleou para a frente, e sua clava de madeira fez um estrondo ao cair no chão enquanto Cery lhe torcia o pulso. Girando seu braço ao redor do corpo e o puxando para cima, Cery desferiu-lhe na cabeça um golpe atordoante com o cabo de um punhal.

O jovem, atordoado, caiu de joelhos. Cery esquivou-se quando o segundo agressor veio brandindo a clava em sua direção. Atrás dele, Harrin desviou-se de outro golpe de Burril. Quando as duas duplas de lutadores se separaram por um momento, Evin conseguiu passar por eles e avançou na direção de Sonea.

Sonea sentiu alívio ao notar que as mãos dele estavam vazias. Ela não fazia ideia de onde a barra de aço tinha ido parar. Talvez estivesse enfiada dentro do casaco...

— Faça alguma coisa! — gritou Donia, apertando o braço de Sonea com mais força.

Olhando para a tábua que tinha nas mãos, Sonea percebeu que não faria sentido tentar repetir o que fizera na Praça Setentrional. Não havia escudo de magos para atravessar, e ela tinha lá suas dúvidas de que simplesmente atirar a tábua em Evin fosse impedi-lo de alguma coisa.

Tinha de tentar outra coisa. Talvez pudesse fazer a tábua golpear com mais força. *Será que conseguiria?* Ela ergueu os olhos a Evin. *Deveria? E se algo terrível acontecesse com ele?*

— Faça! — sibilou Donia, recuando à medida que Evin se aproximava.

Respirando fundo, Sonea atirou a tábua em Evin, desejando que esta o atordoasse. Ele a rebateu para o lado sem ao menos tirar os olhos de sua meta. Ao chegar até Sonea, Donia colocou-se diante dele.

— Como pode fazer isso, Evin? — perguntou ela. — Costumava ser nosso amigo. Lembro que você e Sonea jogavam dominó juntos. É assim...

Evin agarrou Donia pelos ombros e a empurrou para o lado. Sonea avançou para atacar e o esmurrou no estômago com toda a força que tinha. Ele balbuciou e cambaleou um passo para trás, desviando-se dos golpes dela à medida que ela atacava, desta vez mirando na cara do rapaz.

Um grito estrangulado tomou conta do quarto. Ela levantou os olhos e viu o oponente de Cery recuando, uma mão apertando o braço. Em seguida, algo bateu no peito dela e ela caiu para trás. Quando ela atingiu o chão, retorceu-se, tentando rolar para longe do alcance de Evin, mas ele atirou o peso dele sobre ela, segurando-a no chão.

— Saia de cima dela! — gritou Donia. A garota estava acima de Evin, com uma tábua de madeira nas mãos. Esta quebrou na cabeça de Evin e ele gritou. Ele rolou para o lado, e o segundo golpe de Donia acertou sua têmpora. Ele ficou

inerte e caiu para trás no chão.

Donia brandiu a arma para o jovem inconsciente, depois se acalmou e sorriu para Sonea. Estendendo a mão, ajudou Sonea a ficar de pé. Viraram para dar com Burril e Harrin ainda brigando. Cery estava olhando para baixo no sentido dos dois outros jovens, um agarrando um dos lados do corpo, o outro caindo contra uma parede, com uma mão a fazer pressão contra a cabeça.

— *Hai*! — exclamou Donia. — Acho que estamos vencendo!

Burril afastou-se de Harrin e olhou de soslaio para ela. Levou a mão até um bolso, depois fez um gesto brusco. Uma névoa vermelha encheu o ar sobre a cabeça de Harrin.

Harrin praguejou em voz alta quando o pó de *papea* começou a irritar seus olhos. Piscando de modo rápido, afastou-se de Burril.

Quando Donia começou a correr na direção de Harrin, Sonea segurou-lhe o braço e puxou-a para trás.

Harrin desviou-se quando Burril voltou a atacá-lo, mas não rápido o bastante. Seguiu-se uma exclamação de dor, e a faca de Harrin caiu com estrondo no chão. Cery saltou na direção de Burril, o qual se virou a tempo de enfrentar o ataque. Ainda esfregando os olhos, Harrin agachou-se e tateou o chão à procura de sua faca.

Afastando Cery, Burril levou a mão ao casaco, fez outro gesto brusco e, novamente, um jorro de pó vermelho voou das mãos dele. Cery baixou a cabeça tarde demais. Com o rosto contorcido de dor, cambaleou para trás à medida que Burril avançava sobre ele.

— Ele vai matá-los! — gritou Donia.

Esticando a mão ao chão, Sonea pegou outra tábua de madeira. Ela fechou os olhos por um momento, tentando lembrar-se do que fizera na Praça Setentrional. Segurando-a com firmeza, reuniu toda a fúria e medo que sentia. Concentrando-se na tábua, arremessou-a contra Burril com toda sua força.

Ele grunhiu ao ser atingido nas costas e se virou para olhar ameaçadoramente

para ela. Em seguida, atirou os braços para o alto quando Donia começou a atirar tudo o que conseguisse alcançar.

— Use a magia! — encorajou Donia quando Sonea se juntou a ela.

— Tentei. Não está funcionando.

— Tente de novo — Donia arquejou.

Burril levou a mão ao casaco e tirou dele um pacote minúsculo. Reconhecendo-o, Sonea sentiu um surto de raiva. Preparou-se para atirar a tábua que tinha em mãos, depois hesitou.

Talvez estivesse concentrando-se demais no ato de arremessar com força. Magia não era algo físico. Ela observava enquanto Donia atirava uma caixa em Burril. Não era ela quem precisava atirar nada...

Concentrando-se na caixa, deu-lhe um impulso mental, desejando que esta se projetasse para a frente e golpeasse Burril com força suficiente para neutralizá-lo.

Ela sentiu algo solto dentro de sua mente.

Um clarão de luz iluminou o quarto e a caixa incendiou-se. Burril gritou ao vê-la seguir de modo estrondoso em sua direção, depois se desviou de seu trajeto. Ela seguiu estrepitante pelo chão e só foi parar em uma poça, fazendo a água chiar à medida que evaporava.

O pacote de pó de papea caiu no chão. Burril fitou-a, estarrecido. Sorrindo, Sonea curvou-se para pegar outra tábua, endireitou-se, depois encolheu os olhos para ele.

Todas as cores escoaram do rosto dele. Sem dispensar um olhar sequer a seus aliados, deu um salto rumo à porta e saiu aos cambaleios.

Sonea ouviu um fraco ruído a seu lado e se virou para dar com Evin de pé, consciente, a apenas alguns passos de distância. Ele deu dois passos para trás, depois se lançou para a porta. Ao verem seus companheiros indo embora, os outros dois jovens ergueram-se com dificuldade e os seguiram.

À medida que o som dos passos se desvanecia, a risada de Harrin encheu o quarto. Ele se ergueu, cambaleante, depois caminhou cuidadosamente até a porta.

— Qual o problema? — gritou ele. — Achou que ela ia *apenas* deixar que a apanhassem?

Com um sorriso de ponta a ponta, virou-se e piscou o olho para Sonea.

— *Hai*! Mandou bem!

— Encerrou bonito — concordou Cery. Ele esfregou os olhos e fez uma careta. Enfiando a mão no casaco, tirou um pequeno frasco e começou a lavar os olhos com seu conteúdo. Donia correu para o lado de Harrin e examinou os ferimentos.

— Estas precisam de curativo. *Tá* ferido, Cery?

— Não. — Cery entregou-lhe o frasco.

Donia começou lavando o rosto de Harrin. Sua pele estava vermelha e manchada.

— Vai ficar dolorido durante dias. Acha que pode curá-lo, Sonea?

Sonea franziu as sobrancelhas e balançou a cabeça.

— Não sei. Aquela madeira não devia ter pegado fogo. E se tentar curar Harrin e em vez disso ele pegar fogo?

Donia olhou para Sonea com olhos arregalados.

— Que ideia horrorosa.

— Precisa praticar — disse Cery.

Sonea virou-se para observá-lo.

— Preciso de tempo para praticar, e um lugar onde não chame a atenção de ninguém ao fazer isso.

Ele tirou um trapo do casaco e limpou os punhais.

— Quando essa história correr, as pessoas vão ficar apavoradas demais pra

tentar capturar você. Isso vai nos dar alguma folga.

— Não vai — disse Harrin. — Pode apostar que Burril e os outros não vão contar isso a ninguém. Ainda que contem, alguns vão pensar que podem fazer melhor.

Cery franziu as sobrancelhas, depois praguejou.

— Então é melhor dar o fora daqui bem depressa — disse Donia. — Pra onde agora, Cery?

Ele coçou a cabeça, depois sorriu.

— Quem tem grana?

Harrin e Donia olharam para Sonea.

— Isto não é meu — protestou ela. — É de Jonna e Ranel.

— Tenho certeza de que não se importariam que você o gastasse pra salvar a própria vida — disse Donia.

— E achariam você estúpida se não gastasse — acrescentou Cery.

Suspirando, Sonea enfiou a mão na blusa à busca da saliência de sua bolsa de dinheiro.

— Acho que, se chegarmos a sair desta encrenca, posso devolver o dinheiro pra eles. — Ela olhou para Cery. — É melhor que os encontre logo.

— E vou — assegurou ele. — Tão logo você esteja a salvo. Por ora, acho que devíamos nos separar. A gente se encontra daqui a uma hora. Tenho um lugar em mente onde ninguém vai pensar em procurar por você. A gente só vai poder ficar algumas horas, mas vai nos dar a chance de pensar pra onde ir depois.

CAPÍTULO 7

Alianças perigosas

Retornando sozinho dos estábulos, Rothen desacelerou o passo ao chegar aos jardins. O ar estava frio, mas nada que fosse desconfortável, e a quietude era bem-vinda depois da agitação da cidade. Ele respirou fundo e suspirou.

Embora tivesse entrevistado inúmeros informantes, poucos haviam fornecido dados úteis. A maioria deles tinha ido na esperança de que algum fragmento de informação, não importava quão irrelevante, levaria à captura da garota e à recompensa. Alguns tinham ido simplesmente para expressar qualquer reclamação que tivessem contra o Clã.

Outros, porém, relataram ter visto garotas solitárias escondendo-se das pessoas. Depois de algumas caminhadas nas favelas, ficou claro que havia muitas crianças de rua escondendo-se em becos escuros. As conversas com os outros magos que estiveram entrevistando os informantes revelaram decepções semelhantes.

Seria muito mais fácil se os anúncios de recompensa tivessem incluído uma descrição da garota. Ele pensou saudosamente em seu antigo mentor, Lorde Margen, que tentara, sem sucesso, inventar um modo de transferir imagens mentais para o papel. Dannyl aceitara o desafio, mas avançara pouco.

Ele se perguntou como Dannyl estava se saindo. Uma breve conversa mental com seu amigo revelara que o mago mais jovem estava vivo e ileso, e regressaria ao pôr do sol. Não podiam fazer referência à verdadeira finalidade da visita de Dannyl às favelas, pois sempre era possível que os outros magos escutassem a conversa deles por acaso. Todavia, Rothen pressentira uma presunção promissora na comunicação do amigo.

— ... sei... Rothen...

Ao ouvir o próprio nome ser pronunciado, Rothen ergueu os olhos. A

folhagem densa das cercas vivas do jardim escondia quem estava falando, mas Rothen tinha certeza de que reconhecera a voz.

— ... não se pode apressar essas coisas...

Ela pertencia ao Administrador Lorlen. A dupla aproximava-se da posição de Rothen. Supondo que passariam perto dele, Rothen moveu-se para um dos pequenos pátios dos jardins. Sentou-se em um banco e ouviu atentamente à medida que a conversa se tornava mais clara.

— Registrei sua reivindicação, Fergun — disse Lorlen, pacientemente. — Nada mais posso fazer. Quando ela for encontrada, o assunto será tratado da maneira usual. Por ora, só estou preocupado com a captura da garota.

— Mas temos de passar por toda esta... esta *amolação*? Rothen não foi o primeiro a conhecer os poderes dela. *Eu* é que fui! Como é que ele pode criar caso comigo agora?

A voz do Administrador foi suave ao responder, mas os passos eram apressados. Rothen sorriu para si mesmo quando a dupla passou por ele.

— Não é uma *amolação*, Fergun — replicou Rothen com severidade. — É a lei do Clã. A lei diz...

— "O primeiro mago a reconhecer o potencial mágico em outrem possui o direito de reivindicar a guarda do detentor desse poder" — recitou Fergun, rapidamente. — *Eu* fui o primeiro a sentir os efeitos do poder dela, não Rothen.

— No entanto, o assunto não pode ser tratado antes de a garota ser encontrada...

A dupla agora já ia bem distante de Rothen, e as vozes esvaeciam-se além de sua compreensão. Ele se ergueu do banco e começou a caminhar lentamente em direção aos Aposentos dos Magos.

Então Fergun pretendia reivindicar a guarda da garota. Quando Rothen se oferecera para responsabilizar-se pelo treinamento dela, pensou que nenhum outro mago desejasse a tarefa. Fergun menos ainda, sempre pareceu olhar para as classes baixas com desdém.

Ele sorriu para si mesmo. Dannyl não ia ficar contente. O amigo guardava uma antipatia por Fergun desde o tempo em que ambos eram aprendizes. Quando soubesse das novidades, Dannyl ficaria ainda mais determinado a encontrar ele mesmo a garota.

Fazia anos desde que Cery visitara uma casa de banho pela última vez, e nunca vira o interior das dispendiosas salas particulares. Lavado, aquecido pela primeira vez em dias e vestido com um agasalho grosso, encontrava-se de bom humor enquanto acompanhava a garota das toalhas até uma sala de secagem arejada. Sonea estava sentada em uma esteira de *simba* comprida, o corpo franzino sobrecarregado com um agasalho pesado e o rosto resplandecente devido às atenções das garotas da casa de banho. Vê-la tão relaxada acentuou ainda mais o humor de Cery.

Rasgou um sorriso para ela.

— *Hai*! Que delícia! Tenho certeza de que Jonna aprovaria!

Sonea retraiu-se, e Cery arrependeu-se logo das palavras.

— Foi mal, Sonea. — Fez uma cara de desagrado como que se desculpando. — Não devia ter te lembrado. — Sentou-se de pernas cruzadas na esteira ao lado dela, depois se recostou na parede. — Se a gente falar baixinho, ficamos a salvo — acrescentou em voz suave.

Ela anuiu com a cabeça.

— E agora? A gente não pode ficar aqui.

— Eu sei. Tenho pensado nisso. — Ele suspirou. — As coisas estão ruins, Sonea. Mantê-la escondida dos magos teria sido fácil, mas a recompensa mudou tudo. Agora não posso confiar em ninguém. Não posso cobrar favores e... esgotei os lugares onde podia te esconder.

O rosto dela empalideceu.

— Então o que a gente faz?

Ele hesitou. Depois da briga, percebera que só restara mais uma opção, da qual ela não gostaria muito. Nem ele, por sinal. Se ao menos houvesse alguém em quem pudesse confiar. Ele balançou a cabeça e se virou para ir ao encontro do olhar dela.

— Acho que a gente devia pedir ajuda aos Ladrões.

Os olhos de Sonea arregalaram-se.

— *Cê tá* louco?!

— Só se eu continuar sozinho tentando te esconder. Cedo ou tarde alguém vai te caguetar.

— E quanto aos Ladrões? Por que não fariam isso?

— Você tem uma coisa que eles querem.

Ela franziu as sobrancelhas, depois sua expressão tornou-se melancólica.

— Magia?

— Isso mesmo. Aposto que eles adorariam ter o seu próprio mago. — Ele passou as pontas dos dedos pela esteira. — Assim que estiver sob a proteção deles, ninguém vai tocá-la. Ninguém mexe com os Ladrões. Nem mesmo por cem de ouro.

Ela fechou os olhos.

— Jonna e Ranel sempre me disseram que nunca é possível se libertar dos Ladrões. Eles mantêm os ganchos na pessoa. Mesmo depois de terminar o acordo, sempre se está em dívida com eles.

Cery balançou a cabeça.

— Sei que você ouviu histórias más. Todo mundo já ouviu. Mas é só seguir as regras deles que eles vão te tratar como merece. Era o que meu velho costumava dizer.

— Eles mataram seu pai.

— Ele foi estúpido. Caguetou.

— E se...? — Ela suspirou e sacudiu a cabeça. — E tenho outro remédio? Se não recorrer a eles, o Clã me encontra. Acho que ser escrava de um Ladrão será melhor que a morte.

Cery fez cara de desagrado.

— Não vai ser desse jeito. Assim que aprender a usar seus poderes, você será importante e poderosa. Vão aliviar pro seu lado. Serão obrigados. Afinal de contas, se você decidir que não quer fazer algo, como vão te forçar?

Ela olhou para ele, examinando seu rosto por um tempo insuportavelmente longo.

— Não tem certeza disso, tem?

Ele se forçou a olhá-la nos olhos.

— Tenho certeza de que é a sua única escolha. Tenho certeza de que vão te tratar de modo razoável.

— E depois?

Ele suspirou.

— Não tenho certeza do que vão te pedir em troca.

Ela acenou com a cabeça, depois se recostou e fitou a parede mais distante durante vários minutos.

— Se acha que é isso que devo fazer, então farei, Cery. Prefiro ficar presa com os Ladrões a me entregar ao Clã.

Ao olhar para o rosto branco dela, sentiu o agora já familiar desconforto regressar, só que desta vez mais parecido com culpa. Ela estava assustada, mas iria enfrentar os Ladrões com sua costumeira e resoluta determinação. Isso só o fez sentir-se pior. Embora não conseguisse iludir-se sobre sua habilidade em protegê-la, levá-la aos Ladrões soava como uma traição. Ele não queria perdê-la de novo.

Mas não tinha outra escolha.

Levantando-se, caminhou até a porta.

— Vou encontrar Harrin e Donia — disse ele. — Beleza?

Ela não levantou os olhos para ele; apenas fez que sim com a cabeça.

A garota das toalhas estava na passagem à saída da sala. Ele perguntou por Harrin e Donia, e a garota acenou com a cabeça em direção à porta da sala ao lado. Mordendo os lábios, ele bateu à porta.

— Entre — chamou Harrin.

Tanto Harrin como Donia estavam sentados em esteiras *simba*. Donia esfregava o cabelo com uma toalha.

— Já mandei a letra, e ela concordou.

Harrin franziu as sobrancelhas.

— Ainda não *tô* certo. E se a gente a levasse pra fora da cidade?

Cery abanou a cabeça.

— Não acho que a gente iria longe. Pode ter certeza de que os Ladrões sabem tudo sobre ela a esta altura. Já devem ter descoberto onde ela esteve e viveu. Sabem a aparência dela, quem foram seus pais, onde a tia e o tio moram. Não será difícil arrancar de Burril e seu grupo que ela...

— Se sabem tanto — interrompeu Donia —, por que simplesmente não chegam e pegam ela?

— Não é assim que eles fazem as coisas — disse Cery. — Gostam de fazer acordos, assim a maioria das pessoas que trabalham pra eles fica feliz e não causa problemas mais tarde. Poderiam vir até nós e oferecer proteção, mas não vieram. Isso me faz pensar que ainda não têm certeza de que ela tem magia. Se não formos até eles, vão deixar que um dos seus a entregue. Por isso é que a gente nunca conseguiria tirá-la da cidade.

Donia e Harrin trocaram um olhar.

— O que ela acha? — perguntou Donia.

Cery fez uma careta de desagrado.

— Ela ouviu as histórias. *Tá* assustada, mas sabe que não tem outra escolha.

Harrin pôs-se de pé.

— Tem certeza disso, Cery? — perguntou. — Pensei que tivesse uma quedinha por ela. Pode nunca mais voltar a vê-la.

Cery pestanejou, surpreendido, e sentiu o rosto esquentar.

— Acha que eu a veria outra vez se os magos botassem as mãos nela?

Os ombros de Harrin caíram.

— Não.

Cery começou a andar de um lado para o outro.

— Irei com ela. Vai precisar de alguém conhecido por perto. Posso me fazer útil.

Harrin estendeu a mão e agarrou o braço de Cery. Fitou-o, perscrutando seus olhos, e o largou.

— O lance então é que a gente não vai mais te ver, né?

Cery sacudiu a cabeça. Sentiu uma pancada de culpa. Harrin fora desertado por quatro membros da gangue dele, e não tinha certeza em relação ao resto. Agora seu melhor amigo o estava abandonando.

— Faço uma visita quando puder. Gellin sempre achou mesmo que eu trabalhasse para os Ladrões.

Harrin sorriu.

— Tudo bem, então. Quando vai levá-la?

— Esta noite.

Donia colocou a mão no braço de Cery.

— Mas e se não a quiserem?

Cery sorriu de modo implacável.

— Vão querer.

O corredor dos Aposentos dos Magos estava silencioso e vazio. Os passos de Dannyl ecoavam à medida que fazia o caminho até o quarto de Yaldin. Ele bateu à porta e esperou, ouvindo vozes tênues vindas de dentro. A voz de uma mulher elevou-se sobre as demais.

— Ele fez *o quê*?

Um momento depois a porta se abriu. Ezrille, esposa de Yaldin, sorriu distraidamente e se afastou para que Dannyl pudesse adentrar a sala. Várias cadeiras almofadadas estavam dispostas ao redor de uma mesa baixa, e Yaldin e Rothen estavam sentados em duas delas.

— Ele ordenou que a Guarda despejasse o homem de sua própria casa.

— Só por deixar crianças dormirem em seu sótão? Isso é horrível! — exclamou Ezrille, acenando para Dannyl em direção a uma cadeira.

Yaldin anuiu com a cabeça.

— Boa noite, Dannyl. Gostaria de uma xícara de *sumi*?

— Boa noite — respondeu Dannyl ao se deixar cair em uma cadeira. — *Sumi* seria ótimo, obrigado. Foi um longo dia.

Rothen levantou os olhos e ergueu as sobrancelhas de modo interrogativo. Sorrindo, Dannyl encolheu os ombros em resposta. Sabia que Rothen estava impaciente para saber como foram as coisas com os Ladrões, mas antes Dannyl queria saber o que provocara em Ezrille, normalmente tão plácida e tolerante, tamanha raiva.

— O que é que perdi?

— Ontem um de nossos investigadores seguiu um informante até uma casa na melhor área das favelas — explicou Rothen. — O proprietário estava deixando crianças desabrigadas dormirem em seu sótão, e o informante afirmou que uma garota mais velha se escondia lá. Nosso colega alega que a garota e o acompanhante escaparam pouco antes de ele chegar, com a ajuda do proprietário. Então ele ordenou que a Guarda despejasse o homem e a família

dele.

Dannyl franziu as sobrancelhas.

— Nosso colega? Quem...? — Ele estreitou o olhar para Rothen. — Será que isso teria o dedo de um certo Guerreiro chamado Fergun?

— Teria.

Dannyl fez um som rude, depois sorriu quando Ezrille lhe passou uma xícara fumegante de *sumi*.

— Obrigado.

— Então, o que aconteceu? — perguntou Ezrille. — Despejaram o homem?

— Lorlen revogou a ordem, é claro — respondeu Yaldin —, mas Fergun já tinha arrebentado boa parte da casa... à procura de esconderijos, disse ele.

Ezrille sacudiu a cabeça.

— Nunca imaginei que Fergun fosse tão... tão...

— Vingativo? — disse Dannyl, bufando. — Estou surpreso por ele não ter interrogado o coitado do homem.

— Não se atreveria — disse Yaldin com desdém.

— Não agora — concordou Dannyl.

Rothen suspirou e se recostou na cadeira.

— Tem mais. Esta noite escutei sem querer uma coisa interessante. Fergun quer a guarda dela.

Dannyl sentiu o sangue gelar.

— Fergun? — Ezrille franziu as sobrancelhas. — Ele não é um mago forte. Pensei que o Clã desencorajasse os magos mais fracos a assumir a guarda de aprendizes.

— E desencorajamos — replicou Yaldin. — Mas não existe lei contra isso.

— Qual a chance de ele ganhar o caso?

— Ele diz que foi o primeiro a tomar conhecimento dos poderes dela porque *sentiu* seus efeitos primeiro — disse Rothen.

— É um bom argumento?

— Espero que não — murmurou Dannyl. Essas novidades perturbavam-no. Conhecia Fergun muito bem. Bem demais. Seja como for, o que Fergun, com seu desprezo pelas classes mais baixas, iria querer com uma garota de rua?

— Talvez ele esteja planejando se vingar pela humilhação na Praça Setentrional?

Rothen franziu as sobrancelhas.

— Então, Dannyl...

— Temos de considerar essa possibilidade — Dannyl fez um aparte.

— Fergun não vai criar toda essa confusão por causa de uma feridinha, ainda que lhe tenha ferido o ego — disse Rothen com firmeza. — Ele só quer ser o único a capturá-la... e não quer que as pessoas se esqueçam disso depois.

Dannyl desviou o olhar. O mago mais velho nunca compreendera que a antipatia por Fergun era mais que um simples rancor dos tempos de aprendiz. Dannyl vivenciara demasiado bem quão obcecado Fergun podia ser quando se tratava de vingança.

— Posso ver uma briga e tanto saindo disso tudo. — Yaldin riu. — A coitada da garota não faz ideia do quanto alvoroçou o Clã. Não é frequente que tenhamos dois magos competindo pela guarda de um aprendiz.

Rothen resfolegou suavemente.

— Estou certo de que essa é a menor das preocupações dela. Depois do que ocorreu na Praça Setentrional, ela provavelmente está convencida de que pretendemos matá-la.

O sorriso de Yaldin esvaneceu-se.

— Infelizmente não podemos convencê-la do contrário enquanto não a encontrarmos.

— Oh, quanto a isso já não sei — disse Dannyl calmamente.

Rothen levantou os olhos.

— Tem alguma sugestão, Dannyl?

— Creio que meu novo amigo Ladrão tenha lá seus meios de enviar informações pelas favelas.

— Amigo? — Yaldin soltou uma risada incrédula. — Agora você já os chama de *amigos*.

— Sócios. — Dannyl sorriu maliciosamente.

— Entendo que tenha tido algum sucesso. — Rothen ergueu uma sobrancelha.

— Um pouco. Apenas um começo. — Dannyl encolheu os ombros. — Falei com um dos líderes, acredito.

Os olhos de Ezrille estavam arregalados.

— Como é que ele era?

— Seu nome era Gorin.

— Gorin? — Yaldin franziu as sobrancelhas. — Eis um nome estranho.

— Parece que os líderes se autonomeiam como animais. Imagino que escolhem um título de acordo com a estatura que têm, porque ele seguramente se parece com seu homônimo. Ele é enorme e peludo. Quase esperava ver chifres.

— O que ele disse? — perguntou Rothen, ansioso.

— Não fez promessas. Disse a ele como era perigoso ficar às voltas de um mago que não tinha sido ensinado a controlar os poderes. Ele pareceu mais preocupado com o que o Clã lhe daria em troca.

Yaldin franziu as sobrancelhas.

— Os Magos Superiores não vão concordar em trocar favores com os Ladrões.

Dannyl abanou a mão em sinal de indiferença.

— É claro que não. Disse isso a ele, e ele entendeu. Acho que aceitaria dinheiro.

— Dinheiro? — Yaldin meneou a cabeça. — Não sei...

— Já que estamos oferecendo uma recompensa, é irrelevante que ela vá para um dos Ladrões. — Dannyl espalmou as mãos. — Todo mundo sabe que o dinheiro vai mesmo para alguém das favelas, então devem supor que essa pessoa seja alguém de índole questionável.

Ezrille revirou os olhos.

— Só você poderia fazer uma coisa dessas soar perfeitamente razoável, Dannyl.

Dannyl sorriu ironicamente.

— Oh, e ainda fica melhor. Se apresentarmos o caso cuidadosamente, todos vão dar palmadinhas nos ombros uns dos outros por persuadirem os Ladrões a fazer um bom serviço para a cidade.

Ezrille riu.

— Espero que os Ladrões não percebam isso, ou vão se recusar a nos ajudar.

— Bem, isso deve ser mantido em sigilo por enquanto — disse Dannyl. — Não quero tumultuar as coisas por aqui enquanto não tenho certeza se Gorin está ou não disposto a nos ajudar. Posso contar com o silêncio de vocês?

Ele olhou para os outros. Ezrille assentiu com a cabeça entusiasticamente. Rothen curvou a cabeça uma vez. Yaldin franziu as sobrancelhas, depois encolheu os ombros.

— Muito bem. Mas seja cauteloso, Dannyl. Não é só a sua pele que você está arriscando aqui.

— Eu sei. — Dannyl sorriu. — Eu sei.

Viajar ao longo da Estrada dos Ladrões à luz da lamparina era mais rápido e mais interessante que andar tateando o caminho no escuro. As paredes das

passagens eram feitas de uma variedade de tijolos aparentemente sem fim. Havia símbolos gravados nas paredes, e algumas das intersecções tinham sinais marcados.

O guia parou em um cruzamento das passagens e colocou a lamparina no chão. Puxou uma mão cheia de tecido preto de seu casaco.

— Têm que ir vendados a partir daqui.

Cery assentiu com a cabeça, e permaneceu em silêncio enquanto o homem lhe amarrava uma tira de pano em volta dos olhos. O homem deslocou-se para trás de Sonea, e ela fechou os olhos quando o tecido áspero lhe foi apertado ao redor do rosto. Ela sentiu uma mão pousar em seu ombro, depois outra a agarrar-lhe o pulso e começar a manejá-la ao longo da passagem.

Embora tentasse memorizar as curvas, ela logo perdia a conta de quantas eram. Arrastavam os pés pela escuridão. Sons tênues chegavam aos seus ouvidos: vozes, passos, água pingando e alguns ruídos que ela não conseguia identificar. A venda a fez sentir um comichão na pele, mas não se atreveu a coçar, para que o guia não pensasse que estava espiando.

Quando o guia parou outra vez, ela soltou um suspiro de alívio. Dedos removeram a venda. Olhou para Cery. Ele sorriu de volta, como que para tranquilizá-la.

Ao tirar uma vareta polida do casaco, o guia introduziu-a em um buraco na parede. Depois de uma pausa, uma seção da parede deslizou para dentro e um homem largo e musculoso saiu.

— Sim?

— Ceryni e Sonea pra verem Faren — disse o guia.

O homem assentiu com a cabeça, abriu mais a porta e sacudiu a cabeça para Sonea e Cery.

— Entrem.

Cery hesitou, depois se virou para o guia.

— Pedi pra ver Ravi.

O homem sorriu desonestamente.

— Então Ravi deve querer que você fale com Faren.

Cery encolheu os ombros, depois passou pela entrada. Ao segui-lo, Sonea indagou-se se um Ladrão com o nome de um inseto venenoso de oito patas era mais perigoso que um Ladrão com o nome de um roedor.

Adentraram uma sala pequena. Dois homens encorpados observaram-nos de ambos os lados. O primeiro fechou a porta da passagem, depois abriu uma porta do lado oposto do quarto e gesticulou na direção deles para que seguissem por ela.

Lamparinas pendiam das paredes da sala seguinte, lançando círculos de amarelo cálido para o teto. O chão era coberto por um grande tapete franjado por borlas de ponta dourada. No lado mais distante da sala, sentado atrás de uma mesa, havia um homem de pele escura em roupas pretas e justas. Olhos de um amarelo pálido assustador examinaram-nos acuradamente.

Sonea fitou-o de volta. O Ladrão era um Lonmar, um membro da altiva raça do deserto cujas terras ficavam muito distantes ao norte de Kyralia. Os Lonmar eram raros em Imardin, poucos gostavam de viver fora de sua rígida cultura. O roubo era considerado um grande mal para os Lonmar, na medida em que acreditavam que, ao se roubar algo, independentemente do quão ínfimo, perdia-se parte da alma. No entanto, eis aqui um Ladrão Lonmar.

Os olhos do homem estreitaram-se. Ao se dar conta de que o estava encarando, Sonea rapidamente baixou o olhar. Ele se recostou na cadeira, sorriu e lhe apontou um dedo comprido e castanho.

— Achegue-se mais, garota.

Sonea avançou até ficar diante da mesa.

— Então é você a tal que o Clã tanto procura, né?

— Sim.

— Sonea, não é?

— Sim.

Faren franziu os lábios.

— Esperava algo mais impressionante. — Ele encolheu os ombros, depois se inclinou para a frente e colocou os cotovelos sobre a mesa. — Como vou saber que você é o que diz que é?

Sonea olhou por cima dos ombros.

— Cery disse que você saberia quem eu era, que andam a me observar.

— Ah, ele disse, foi? — Faren riu, e seu olhar deslizou para o amigo dela. — Espertinho este pequeno Cery, tal como o pai dele. Sim, temos andado a observá-la... aos dois... mas Cery há mais tempo. Vem cá, Cery.

Cery moveu-se para o lado de Sonea.

— Ravi manda seus cumprimentos.

— De um roedor para outro? — A voz de Cery deixou escapar um leve tremor.

Dentes brancos luziram, mas o sorriso de Faren rapidamente se esvaneceu e seus olhos amarelos deslizaram de volta para Sonea.

— Então consegue fazer magia, não é?

Sonea engoliu em seco para umedecer a garganta.

— Sim.

— Já a usou desde a surpresinha que aprontou na Praça Setentrional?

— Sim.

As sobrancelhas de Faren ergueram-se. Ele passou a mão pelo cabelo. Algumas madeixas grisalhas eram visíveis em sua têmpora, mas a pele dele era lisa e sem linhas de expressão. Vários anéis, muitos dos quais cravejados de enormes pedras, sobrecarregavam seus dedos. Sonea nunca antes vira pedras daquele tamanho nas mãos de um morador das favelas — mas esse homem não

era um favelado comum.

— Escolheu um mau momento para descobrir seus poderes, Sonea — disse Faren. — Os magos agora estão ávidos por te encontrar. A busca deles nos causou muitos inconvenientes... e a recompensa está, sem dúvida, causando a *você* muitos inconvenientes. Agora você quer que *a gente* te esconda *deles*. Não seria muito melhor pra nós te entregar e pegar a recompensa? As buscas terminam. Fico um pouco mais rico. Os magos inoportunos vão-se embora.

Ela voltou a olhar para Cery.

— Ou podíamos fazer um acordo.

Faren encolheu os ombros.

— Podíamos. O que oferecem em troca, então?

— Meu pai disse que você devia a ele... — começou Cery.

Os olhos amarelos voltaram-se bruscamente para Cery.

— Seu pai perdeu tudo o que lhe era devido quando nos enganou — vociferou Faren.

Cery curvou a cabeça, depois ergueu o queixo e olhou o Ladrão nos olhos.

— Meu pai me ensinou muito — começou ele. — Talvez eu possa...

Faren riu em deboche e abanou a mão.

— Você pode ser útil para nós um dia, pequeno Ceryni, mas por enquanto não tem os amigos que seu pai tinha... e este é um grande favor que pede. Sabia que a punição por esconder um mago selvagem do Clã é a morte? Não há nada de que o Rei goste menos do que a ideia de um mago se metendo a fazer coisas que ele não ordenou. — Os olhos dele deslizaram até Sonea e ele sorriu maliciosamente. — Mas é uma ideia interessante. Uma que me agrada bastante. — Envolveu as mãos uma na outra. — Pra que usou seus poderes desde a Purificação?

— Fiz uma coisa pegar fogo.

Os olhos de Faren fulgiram.

— Sério? Fez mais alguma coisa?

— Não.

— Por que não faz uma demonstração agora?

Ela fitou-o.

— Agora?

Ele gesticulou para um dos livros na mesa.

— Tente mover isto.

Sonea olhou para Cery. O amigo acenou levemente com a cabeça. Mordendo o lábio, recordou-se de que, no momento em que concordara em pedir a ajuda dos Ladrões, resignara-se a usar magia. Tinha de aceitar isso, não importasse quão desconfortável se sentisse.

Faren inclinou-se para trás na cadeira.

— Vá em frente.

Respirando fundo, Sonea olhou fixamente para o livro e desejou que se movesse.

Nada aconteceu.

Franzindo as sobrancelhas, recordou o evento na Praça Setentrional e a briga com Burril. Ficara furiosa nas duas vezes, recordou-se. Fechando os olhos, pensou nos magos. Eles tinham arruinado sua vida. Era por culpa deles que ela se vendia aos Ladrões em troca de proteção. Sentindo a raiva crescer, abriu os olhos e projetou o ressentimento para o livro.

O ar crepitou e um clarão iluminou a sala. Faren deu um salto para trás e praguejou quando o livro explodiu em chamas. Apanhando o copo, apressadamente despejou o conteúdo sobre o objeto para extinguir o fogo.

— Peço desculpas — disse Sonea, precipitadamente. — Na última vez também não fez o que eu queria. Eu vou...

Faren levantou a mão para silenciá-la e sorriu.

— Acho que você tem algo que vale a pena proteger, jovem Sonea.

CAPÍTULO 8

Mensagens no escuro

Olhando ao redor da abarrotada Sala Noturna, Rothen percebeu que cometera um erro ao chegar antes da hora. Em vez de falar para uma multidão, fora questionado por pequenos grupos ou indivíduos, obrigado a responder às mesmas perguntas repetidas vezes.

— Começo a parecer um aprendiz repetindo fórmulas — murmurou com irritação para Dannyl.

— Talvez devesse escrever todas as noites um relatório sobre seu progresso e afixá-lo em sua porta.

— Não acho que ajudaria. Tenho certeza de que sentiriam estar perdendo algum bocadinho de informação se não me perguntassem pessoalmente. — Rothen balançou a cabeça e olhou para as aglomerações de magos a conversar. — E todos querem ouvir isso de *mim* por alguma razão. Por que é que nunca o incomodam?

— Por respeito à sua óbvia condição de sênior — respondeu Dannyl.

Rothen encolheu os olhos ao amigo.

— Óbvia?

— Ah, eis aqui um pouco de vinho para molhar suas pobres e cansadas cordas vocais. — Dannyl chamou um criado que trazia uma bandeja.

Aceitando uma taça, Rothen bebericou com gosto. De algum modo, tornara-se o organizador não oficial da busca pela garota. Todos, com exceção de Fergun e seus amigos, procuravam Rothen para obter instruções. Isso o obrigara a passar menos tempo propriamente na busca, e estava sendo interrompido muitas vezes ao dia pela comunicação mental proveniente daqueles que queriam que ele identificasse as garotas que haviam encontrado.

Rothen retraiu-se quando uma mão lhe tocou o ombro. Virando-se, deu com o Administrador Lorlen ao seu lado.

— Boa noite, Lorde Rothen, Lorde Dannyl — disse Lorlen. — O Lorde Supremo deseja falar com os senhores.

Rothen olhou para o outro lado da sala e viu o Lorde Supremo tomar seu assento preferencial. O murmurinho de vozes fora substituído por um burburinho de interesse quando a presença de Akkarin foi notada. *Parece que vou voltar a me repetir,* meditou Rothen quando ele e Dannyl começaram a se dirigir rumo ao líder do Clã.

O Lorde Supremo levantou os olhos quando se aproximaram, e os reconheceu com um quase imperceptível aceno de cabeça. Seus longos dedos estavam enrolados em uma taça de vinho.

— Por favor, sentem-se. — Lorlen abanou a mão na direção de duas cadeiras vazias. — Digam-nos como anda a busca.

Rothen acomodou-se em um assento.

— Entrevistamos mais de duzentos informantes. A maior parte não nos deu qualquer informação que pudesse ser útil. Alguns haviam trancado a chave algumas pedintes quaisquer, apesar de nossa advertência para que não a abordassem. Outros ficaram convincentemente desapontados quando o lugar onde acreditavam que ela estava escondida revelou-se vazio. Isso, infelizmente, é tudo o que posso relatar
até agora.

Lorlen assentiu com um aceno de cabeça.

— Lorde Fergun acredita que ela esteja sendo protegida por alguém.

Os lábios de Dannyl comprimiram-se até formar uma linha fina, mas ele nada disse.

— Os Ladrões? — sugeriu Rothen.

Lorlen encolheu os ombros.

— Ou um mago selvagem. Ela aprendeu a esconder sua presença muito rápido.

— Um selvagem? — Rothen olhou de soslaio para Akkarin, lembrando-se da afirmação deste segundo de que não existiam magos selvagens nas favelas. — Acha que há motivo para suspeitarmos de que existe um agora?

— Senti alguém usando magia — disse Akkarin, calmamente. — Não muita, nem por muito tempo. Creio que ela ande a experimentar sozinha, uma vez que um professor a esta altura já a teria instruído a esconder suas atividades.

Rothen fitou o Lorde Supremo com surpresa. O fato de que Akkarin pudesse sentir eventos mágicos tão fracos em uma cidade era espantoso, se não perturbador. Quando os olhos negros do homem se ergueram para se cruzar com os seus, Rothen rapidamente olhou para as mãos.

— São... notícias interessantes — replicou ele.

— Seria capaz... seria capaz de rastreá-la? — perguntou Dannyl.

Akkarin franziu os lábios.

— Ela está usando mágica em surtos de curta duração, às vezes uma ocorrência isolada, noutras várias em uma hora. Vocês seriam capazes de senti-los se estivessem esperando por eles e alertas para sua ocorrência, mas não teriam tempo de encontrá-la e capturá-la, a menos que ela usasse o poder por um período mais longo.

— Contudo, podemos ficar um pouco mais perto toda vez que ela o usar — disse Dannyl, lentamente. — Podíamos nos espalhar por todos os cantos da cidade e esperar. A cada vez que ela experimentasse, chegaríamos um pouco mais perto, até descobrir sua localização.

O Lorde Supremo anuiu com a cabeça.

— Ela está na seção norte do Círculo Exterior.

— Então começaremos por lá amanhã. — Dannyl tamborilou os dedos uns nos outros. — Mas teremos de ser cuidadosos para que nossos movimentos não a previnam de nossa estratégia. Se alguém a está protegendo, pode haver ajudantes

procurando magos. — Ele ergueu uma sobrancelha para o Lorde Supremo. — Nossas chances de sucesso serão maiores se nos disfarçarmos.

O canto da boca de Akkarin curvou-se para cima.

— Alguns mantos devem ser suficientes para ocultar nossas túnicas.
Dannyl assentiu rapidamente com a cabeça.

— É claro.

— Terão apenas uma chance — advertiu Lorlen. — Se ela souber que podem senti-la usando magia, fugirá de vocês deslocando-se para um novo local depois de cada experiência.

— Então devemos trabalhar depressa... e, quanto mais magos tivermos, mais rápido podemos localizá-la.

— Pedirei mais voluntários.

— Obrigado, Administrador. — Dannyl inclinou a cabeça.

Lorlen sorriu e se recostou na cadeira.

— Devo confessar que nunca pensei que ficaria feliz por saber que nossa pequena fugitiva começou a usar seus poderes.

Rothen franziu as sobrancelhas.

Sim, pensou ele, *mas, a cada vez que o faz, fica mais perto de perder o controle completamente.*

O pacote era pesado, apesar de seu pequeno tamanho. Fez um baque satisfatório quando Cery o fez cair sobre a mesa. Faren apanhou-o e rasgou a embalagem de papel, revelando uma caixinha de madeira. Ao abri-la, pequenos círculos de luz refletida difundiram-se sobre o Ladrão e a parede atrás dele.

Baixando os olhos, o peito de Cery ficou apertado quando este viu as moedas polidas. Faren sacou de um bloco de madeira com quatro estacas cravadas nele. Os buracos nas moedas encaixavam-se nas estacas correspondentes: as de ouro na estaca redonda, as de prata na quadrada, e as grandes de cobre na triangular. A

última estaca, para as grandes moedas de cobre, com as quais Cery era mais familiarizado, permaneceu vazia. Quando a pilha de ouro chegou à altura de dez moedas, Faren transferiu-a para uma *cap*, uma vareta individual feita de madeira com travas em ambas as extremidades, e a colocou de lado.

— Tenho outro trampo pra você, Ceryni.

Tirando com relutância os olhos da pilha de riqueza que estava à sua frente, Cery endireitou-se, depois franziu as sobrancelhas quando atinou com o sentido das palavras de Faren. Quantos "trampos" mais ele teria de fazer antes que lhe fosse permitido ver Sonea? Fazia mais de uma semana desde que Faren a recebera em casa. Engolindo a contrariedade, acenou com a cabeça para o Ladrão.

— O que é?

Faren recostou-se na cadeira, os olhos amarelos a resplandecer de satisfação.

— Isto pode ser mais adequado para seus talentos. Uma dupla de gângsteres deu de assaltar lojas por toda a parte interior do Lado Norte... lojas que pertencem a homens com quem tenho acordos. Quero que descubra onde essa dupla mora e entregue uma mensagem de tal modo que não lhes restem dúvidas de que os estou vigiando de perto. Pode fazer isso?

Cery assentiu com a cabeça.

— Qual a aparência deles?

— Mandei um dos meus homens interrogar os donos das lojas. Ele depois te porá a par de tudo. Toma isto. — Entregou a Cery um pequeno pedaço de papel dobrado. — Espere na sala de fora.

Cery virou-se, depois hesitou. Voltou-se para olhar Faren e avaliou se este seria um momento apropriado para perguntar sobre Sonea.

— Em breve — disse Faren. — Amanhã, se tudo correr bem.

Anuindo com a cabeça, Cery caminhou até a porta e saiu. Embora os corpulentos guardas o olhassem com suspeita, Cery sorriu-lhes de volta. Nunca faça inimigos entre os lacaios de alguém, ensinara seu pai. Melhor ainda, faça

com que gostem muito de você. Esses dois aparentavam tanta semelhança que só podiam ser irmãos, embora uma cicatriz inconfundível que cruzava a bochecha de um deles tornasse mais fácil diferenciá-los.

— Tenho que esperar aqui — disse. Ele gesticulou para uma cadeira. — Ocupada?

O da cicatriz encolheu os ombros. Cery sentou-se e olhou em volta da sala. Seus olhos foram atraídos para uma faixa de tecido verde-claro pendurada em uma parede, com um *incal* costurado em dourado na ponta.

— *Hai*! Isso é o que estou pensando? — perguntou ele, levantando-se de novo.

O homem da cicatriz sorriu.

— É sim.

— Uma fita da cela do Tornado? — sussurrou Cery. — Onde a conseguiu?

— Meu primo é ajudante de estábulo na Casa Arran — respondeu o homem. — Conseguiu isso pra mim. — Ele estendeu o braço e acariciou o tecido. — Ganhei vinte de ouro com aquele cavalo.

— Procriaram bons corredores, é o que dizem.

— Nunca haverá outro igual a ele.

— Viu a corrida?

— Não. E você?

Cery rasgou um sorriso.

— Passei escondido pelos caras dos bilhetes. Não foi uma manobra fácil. Não sabia que ia ser o dia do Tornado. Pura sorte. — Os olhos do guarda embaçaram à medida que ouvia Cery descrever a corrida.

Uma batida na porta interrompeu-os. O guarda abriu a porta em silêncio, permitindo a entrada de um homem alto e magro com uma expressão amarga e vestido com um longo casaco preto.

— Ceryni?

Ceryni avançou. O homem examinou-o, erguendo o sobrolho, depois fez um gesto para que Cery o seguisse. Acenando com a cabeça para os guardas, Cery começou a descer a passagem.

— Vou te deixar a par de tudo — disse o homem.

Cery anuiu com a cabeça.

— Como os gângsteres são?

— Um é da minha altura, mais pesado; o outro é menor e franzino. Os dois têm cabelo preto e curto... devem ter sido os próprios que o cortaram, pelo que disseram. O maior tem qualquer coisa bizarra num dos olhos. O dono de uma das lojas disse que tinha uma cor esquisita, outro disse que olhava de maneira estranha. Fora isso, são favelados normais.

— Armas?

— Facas.

— Sabe onde moram?

— Não, mas um dos lojistas os viu numa boleria esta noite. *Cê tá* indo pra lá agora, assim pode seguir a pista deles. Com certeza vão despistar tomando o caminho mais longo pra casa, então fique esperto com isso.

— Claro. Qual é o estilo deles?

O homem olhou para trás, e nada se podia ler de sua expressão.

— Bronco. Espancaram os lojistas e alguns familiares. Não estavam de brincadeira. Só saíram quando conseguiram o que buscavam.

— O que levaram?

— Dinheiro, principalmente. Um pouco de bebida, se estivesse por perto. Estamos quase chegando.

Das passagens emergiram para uma rua escura. O guia apagou a lamparina e conduziu Cery até uma via pública mais larga, depois parou nas sombras de uma

entrada. Os sons de algazarra vindos do outro lado da estrada atraíram sua atenção para uma boleria.

Seu acompanhante fez um gesto rápido, formando com as mãos uma interrogação silenciosa. Seguindo o olhar do homem, Cery percebeu um movimento em um beco próximo.

— Ainda estão lá. Esperamos.

Cery encostou-se na porta. O acompanhante permaneceu em silêncio, observando a boleria com atenção. A chuva começou a cair, tamborilando sobre telhados e formando poças. Enquanto aguardavam, a Lua elevou-se acima das casas e inundou a rua com sua claridade, antes de alcançar as nuvens cinzentas e tornar-se um brilho fantasmagórico no céu.

Homens e mulheres deixaram a boleria em pequenas aglomerações. Quando um grupo grande de homens saiu à rua, aos risos e vacilante de tanto beber, o acompanhante de Cery ficou tenso. Olhando mais de perto, Cery viu duas figuras passarem pelos farristas. O vigia do beco fez outro movimento com as mãos, e o acompanhante de Cery acenou com a cabeça.

— São eles.

Anuindo com a cabeça, Cery saiu na chuva. Continuou nas sombras enquanto seguia os dois homens rua abaixo. Um deles estava claramente bêbado, o outro andava pelas poças com confiança. Deixando-os ganhar alguma distância, Cery escutou quando o bêbado repreendeu o companheiro por beber tão pouco.

— Na’vai ‘contecer, Tull’n — disse de modo incompreensível. — A gen’é mais ‘spert’s qu’eles.

— Fecha a matraca, Nig.

A dupla andou em círculos pelas favelas. De tempos em tempos, Tullin parava e olhava ao redor. Em nenhum momento chegou a ver Cery metido nas sombras. Finalmente, exasperado com a tagarelice do amigo, tomou um caminho em sentido reto, atravessando as favelas com várias centenas de passos, e chegou a uma loja abandonada.

Assim que a dupla desapareceu no interior da loja, Cery aproximou-se sorrateiro, examinando o prédio. Havia uma tabuleta colocada no chão do lado de fora. Reconheceu a palavra *raka*. Colocando a mão no peito, considerou a mensagem que aguardava em seu bolso.

Faren queria que ela fosse entregue de modo que assustasse os gângsteres. Era imprescindível mostrar à dupla que os Ladrões estavam cientes de tudo: quem eram, onde se escondiam, o que tinham feito e como seria fácil aos Ladrões dar cabo da vida deles. Cery mordeu o lábio, meditativo.

Podia enfiar a nota por debaixo da porta, mas isso era demasiado fácil. Não assustaria tanto os gângsteres quanto se descobrissem que alguém estivera no esconderijo deles. Ele teria de esperar até que saíssem novamente, para depois entrar.

Ou não? Chegar em casa e dar com uma mensagem no esconderijo iria assustá-los, mas não tanto quanto acordar e perceber que alguém estivera lá enquanto dormiam.

Sorrindo, Cery avaliou o esconderijo. Fazia parte de uma fila de lojas, cada qual compartilhando uma parede com a seguinte. Nesta só se poderia entrar pela frente ou pelos fundos. Indo até o fim da rua, Cery entrou no beco que passava por detrás delas. Estava cheio de engradados vazios e pilhas de lixo. Contou as portas e soube se tratar da loja dos gângsteres pelos sacos fedorentos de folhas de *raka* podre empilhados contra a parede. Agachando-se, espiou pelo buraco da fechadura da porta dos fundos da loja.

Uma lamparina ardia na sala na outra extremidade. Nig estava deitado na cama em um canto, roncando suavemente. Tullin andava de um lado para o outro, esfregando a cara. Quando se voltou para a luz da lamparina, Cery pôde ver o olho esquisito e sombras profundas debaixo dele.

O homem grande não andava dormindo bem — provavelmente preocupado com a possibilidade de os Ladrões aparecerem para fazer uma visitinha surpresa. Como se lesse os pensamentos de Cery, Tullin subitamente caminhou até a porta dos fundos. Cery ficou tenso, pronto para escapar, mas Tullin não estendeu a mão para a maçaneta. Em vez dela, envolveu com os dedos algum pendente no

ar e foi-lhe apalpando até em cima, fora do campo de visão. Fio, imaginou Cery. Não precisava ver o que estava suspenso acima da porta para adivinhar que Tullin colocara uma armadilha para visitas indesejáveis.

Satisfeito, Tullin deslocou-se para uma segunda cama. Tirou uma faca do cinto e colocou-a sobre uma mesa próxima, depois completou o óleo da lamparina. Dando uma última olhada em volta da sala, espreguiçou-se na cama.

Cery avaliou a porta. O *raka* chegava a Imardin como vagens de feijão, envolto nas próprias folhas. Os feijões eram tirados das vagens pelos donos da loja e torrados. As folhas e vagens eram geralmente atiradas em um conduto que levava a uma barrica colocada do lado de fora, e essas barricas eram recolhidas por garotos que, depois, vendiam seu conteúdo aos fazendeiros das redondezas da cidade.

Movendo-se ao longo da parede, Cery localizou a aba exterior do conduto. Estava fechada por dentro com um simples ferrolho — nada difícil de abrir. Tirou um frasco minúsculo do casaco, e uma cana fina e oca. Sugando um pouco de óleo do frasco para dentro da cana, cuidadosamente lubrificou o parafuso e as dobradiças da aba. Guardando o frasco e a cana, sacou alguns arames e alavancas e começou a manipular o ferrolho.

Foi um trabalho lento, mas deu a Tullin bastante tempo para cair em sono profundo. Quando a aba se soltou, Cery abriu-a cuidadosamente e avaliou o reduzido espaço interno. Com os arames no bolso, sacou um pedaço de metal polido embrulhado em um quadrado de pano finamente tecido. Esticou o braço através do conduto e usou o metal para examinar a armadilha de Tullin.

Quase riu alto quando a viu. Um ancinho estava suspenso sobre a porta. A extremidade do cabo estava amarrada com uma corda a um gancho acima do aro da porta. As pontas de ferro estavam equilibradas sobre uma viga, provavelmente presa no lugar com um prego.

Fácil demais, pensou Cery. Procurou por outras armadilhas, mas não encontrou nenhuma. Deslizando o braço para fora do conduto, retornou à porta e voltou a tirar suas ferramentas de lubrificação. Uma inspeção rápida da fechadura revelou que esta havia sido arrombada, provavelmente pelos

gângsteres na primeira vez em que entraram na loja.

Tirando uma pequena caixa do casaco, Cery abriu-a e selecionou uma lâmina fina. De outro bolso tirou um instrumento articulado, parte da herança que ganhara do pai. Fixando esse instrumento à lâmina, enfiou-a pelo buraco da fechadura e sondou a maçaneta da porta. Encontrando-a, explorou sua extensão até sentir a delicada resistência do fio. Pressionou-o com firmeza.

Voltando ao conduto, viu pelo espelho que o fio agora pendia sem perigo das vigas. Satisfeito, guardou as ferramentas, enrolando um pouco de pano nas botas, e respirou fundo para ficar firme.

Cery abriu a porta silenciosamente. Ao entrar, observou os dois homens que dormiam.

Seu pai sempre dissera que o melhor modo de passar despercebido por alguém era *não* tentar passar despercebido. Examinou os gângsteres, o bêbado roncando suavemente. Ao atravessar a sala, Cery examinou a porta da frente. Uma chave projetava-se da fechadura. Virando-se, voltou a considerar os homens.

A faca de Tullin brilhava na escuridão. Retirando a mensagem de Faren, Cery moveu-se para o lado do gângster. Apanhou a faca e, com cuidado, prendeu com ela o papel na mesa.

Deve ser o bastante. Sorrindo de modo implacável, voltou à porta e agarrou a chave. Quando a girou, a fechadura fez um clique. As pálpebras de Tullin estremeceram, mas seus olhos não abriram. Cery abriu a porta e saiu, depois fechou a porta com força.

Ouviu-se um grito vindo de dentro. Correndo até a entrada obscurecida da loja ao lado, Cery virou-se para assistir ao ato. Um instante depois, a porta da loja dos gângsteres abriu-se e Tullin fitou a escuridão da noite, o rosto pálido sob o luar esmaecido. De dentro da casa veio uma voz em protesto, depois uma exclamação de terror. Tullin fez uma expressão de fúria e mergulhou de volta para o interior da loja.

Sorrindo, Cery desapareceu na noite.

Sonea amaldiçoou Faren em voz baixa.

Uma vareta curta estava colocada sobre a lareira diante dela. Depois de experimentar com vários objetos, resolvera-se pela madeira como o material mais seguro para trabalhar quando experimentasse usar magia. Não era barata — a madeira de lei era cortada nas montanhas do norte e transportada rio abaixo pelo Tarali —, mas era sacrificável e havia um monte dela na sala.

Observou o bloco de maneira incerta, depois olhou em volta da sala para recordar-se de que a frustração valia a pena. Mesas polidas e cadeiras almofadadas cercavam-na. Nas salas contíguas havia camas macias, grandes estoques de comida e um generoso suprimento de bebidas alcoólicas. Faren tratava-a como convidada de honra de uma das grandes Casas.

Entretanto, sentia-se como uma prisioneira. O esconderijo não tinha janelas, por ser inteiramente subterrâneo. Só se tinha acesso a ele pela Estrada, e esta era vigiada dia e noite. Apenas as pessoas em quem Faren mais confiava, a sua "chapa", sabiam do esconderijo.

Suspirando, Sonea deixou os ombros caírem. A salvo de magos e favelados atrevidos, esforçava-se agora para escapar ao tédio. Depois de seis dias olhando para as mesmas paredes, nem mesmo os luxos do quarto a distraíam mais, e, embora Faren desse uma passada de vez em quando por lá, tinha pouco a fazer se não experimentar usar magia.

Talvez fosse essa a intenção de Faren. Baixando os olhos para a vareta, sentiu outra pontada de frustração. Embora tivesse invocado seus poderes várias vezes ao dia desde que chegara ao esconderijo, eles nunca funcionavam como ela queria. Quando desejava que alguma coisa pegasse fogo, essa coisa se movia. Quando dizia para ela se mover, ela explodia. Quando queria que partisse, pegava fogo. Quando admitiu isso para Faren, ele apenas sorriu e lhe disse que continuasse praticando.

Com uma careta, Sonea dirigiu sua atenção de volta à vareta. Respirando fundo, encarou com atenção o pedaço de madeira. Estreitando os olhos, quis que ele rolasse pelas pedras da lareira.

Nada aconteceu.

Paciência, disse a si mesma. Geralmente era preciso fazer várias tentativas antes que a magia funcionasse. Reunindo toda a sua vontade em uma força imaginada, ordenou que a vareta se movesse.

O objeto continuou perfeitamente imóvel.

Ela suspirou e se sentou sobre os calcanhares. Todas as vezes que a magia funcionara, ela tinha estado furiosa, fosse de frustração ou de ódio pelo Clã. Embora pudesse invocar todas essas emoções ao pensar em algo que a enfurecesse, fazê-lo era exaustivo e deprimente.

Mas os magos faziam-no o tempo todo, lembrou a si mesma. Será que mantinham um estoque de raiva e ódio dentro de si para evocar? Estremeceu. Que tipo de gente eles eram?

Encarando o pedaço de madeira, percebeu que era isso mesmo que ia ter de fazer. Teria de acumular a raiva e reunir o ódio, armazenando-os para quando precisasse usar magia. Se não o fizesse, falharia, e Faren a abandonaria à mercê do Clã.

Envolvendo os braços ao redor de si, sentiu um desespero sufocante percorrer-lhe. *Estou numa cilada*, pensou. *Tenho duas escolhas: ou me torno um deles, ou permito que me matem.*

Um suave estalido chegou aos seus ouvidos, um barulho como um pedaço de material que, atirado ao ar, bruscamente recuava. Ela deu um salto e se virou.

Chamas laranja-vivo serpentearam pela superfície de uma pequena mesa entre duas das cadeiras. Ela deu um pulo e recuou, com o coração disparado.

Fui eu que fiz isso? Mas eu nem estava com raiva.

O fogo começou a crepitar enquanto as chamas se multiplicavam. Sonea aproximou-se lentamente, sem ter certeza do que fazer. O que Faren diria se descobrisse que seu esconderijo fora incendiado? Sonea bufou. Ele ficaria irritado, e um pouco desapontado com o fato de que sua maga de estimação morrera.

A fumaça emanava para o alto e se enrolava ao longo do telhado. Engatinhando, Sonea agarrou uma perna da mesa e a arrastou para a frente. O fogo chamejou com o movimento. Retraindo-se por causa do calor, Sonea levantou a mesa e a atirou à lareira. Ela caiu sobre a grelha e continuou a arder.

Sonea suspirou e assistiu ao fogo consumir a mesa. Descobrira algo novo, pelo menos. As mesas não se incendiavam por conta própria. Parecia que o desespero era uma emoção que também despertava magia.

Raiva, ódio e desespero, cismou. *Que divertido que é ser mago.*

— Sentiu isso? — perguntou Rothen, a voz carregada de excitação.

Dannyl fez que sim com a cabeça.

— Sim. Não é o que eu esperava. Sempre pensei que sentir magia era como sentir alguém *cantando*. Isso pareceu mais uma tosse.

— Uma tosse de magia. — Rothen soltou uma gargalhada. — É um modo interessante de descrever isso.

— Se não sabe cantar ou falar, faria sons ásperos em vez disso? Talvez a magia seja parecida com isso quando está descontrolada. — Dannyl pestanejou, depois se afastou da janela e esfregou os olhos. — É tarde, e estou ficando abstrato demais para ajudar. Devíamos dormir um pouco.

Rothen assentiu com a cabeça, mas não se moveu da janela. Observava as poucas luzes que ainda cintilavam na cidade.

— Estamos há horas nessa escuta. Não vamos lucrar nada fazendo isso por mais tempo — disse Dannyl a Rothen. — Agora sabemos que podemos senti-la. Durma um pouco, Rothen. Precisaremos estar alertas amanhã.

— Parece inacreditável pensar que ela esteja tão próxima de nós, mas que ainda não fomos capazes de encontrá-la — disse Rothen suavemente. — Gostaria de saber o que ela tentou fazer.

— Rothen — disse Dannyl, severamente.

O mago mais velho suspirou e se virou da janela. Sorriu languidamente.

— Muito bem. Vou tentar dormir.

— Ótimo. — Satisfeito, Dannyl caminhou até a porta. — Vejo você amanhã.

— Boa noite, Dannyl.

Olhando para trás ao fechar a porta, Dannyl ficou contente por ver o amigo caminhando em direção ao quarto. Sabia que o interesse de Rothen em encontrar a garota já deixara de ser mera obrigação. Quando começou a descer o corredor, sorriu para si mesmo.

Anos atrás, quando Dannyl ainda era aprendiz, Fergun espalhara rumores sobre ele para se vingar de uma brincadeira. Não esperava que alguém fosse levar Fergun a sério, mas, quando os professores e aprendizes começaram a tratá-lo de modo diferente, e ele se deu conta de que nada poderia fazer para reconquistar a consideração de todos, Dannyl perdera todo o respeito por seus pares. O entusiasmo que tinha pelas aulas desapareceu, e ele foi ficando cada vez mais para trás nos estudos.

Foi então que Rothen o chamara de lado e, com determinação e otimismo aparentemente intermináveis, voltara a mente de Dannyl novamente para a magia e o aprendizado. Parecia que ele não conseguia deixar de sair ao resgate de jovens em apuros. Embora Dannyl estivesse certo de que o amigo estava tão determinado como nunca, não conseguia deixar de se perguntar se Rothen estava verdadeiramente preparado para assumir a educação dessa garota. Devia haver uma grande diferença entre um aprendiz taciturno e uma garota das favelas que provavelmente odiava magos.

Uma coisa era certa: a vida ia ficar bastante interessante quando ela fosse encontrada.

CAPÍTULO 9

Uma visita indesejável

Um vento gélido açoitava a chuva em rajadas e prendia suas garras nos casacos de inverno. Cery apertou mais seu casaco longo e se afundou nas dobras do cachecol. Fazia uma careta sempre que a chuva lhe batia no rosto e depois se desviava com o vento.

Estivera sedutoramente quente dentro da boleria, na companhia de Harrin. O pai de Donia estivera com um humor generoso, mas nem *bol* de graça conseguiu instigar Cery a ficar... não quando Faren finalmente lhe dera autorização para visitar Sonea.

Cery grunhiu quando um homem alto o empurrou ao passar. Olhou com raiva para as costas do estranho enquanto este descia pela estrada. Um comerciante, supôs Cery, pelo modo como a chuva cintilava no manto e botas novos. Murmurou um insulto e continuou a arrastar-se.

Quando Cery retornara da loja dos gângsteres, Faren questionara-o sobre o trabalho daquela noite. O Ladrão ouvira o relato de Cery, não exprimindo elogio nem desaprovação, depois simplesmente acenou com a cabeça.

Está testando minha utilidade, refletiu Cery. *Quer saber quais são meus limites. Queria saber o que vai me pedir na próxima.*

Levantando os olhos, examinou a rua. Alguns favelados corriam pela chuva. Nada de extraordinário nisso. À frente, o comerciante parara ao lado de um edifício, por que motivo Cery não sabia.

Continuando estrada abaixo, Cery ergueu o olhar ao comerciante quando passou por ele. Os olhos do estranho estavam fechados e ele franzia as sobrancelhas como se estivesse a se concentrar. Entrando no beco seguinte, Cery olhou para trás a tempo de ver a cabeça do homem levantar-se bruscamente e os olhos concentrarem-se na estrada.

Não, pensou Cery, com a pele a formigar, *por baixo da estrada.*

Ele olhou mais de perto, examinando as roupas do comerciante. Os sapatos do homem eram tão familiares quanto incomuns. Um pequeno símbolo brilhou na luz nublada...

O coração de Cery palpitou. Virando-se, disparou a correr.

Através da chuva, Rothen conseguiu ver a forma de um homem alto de manto, em pé na esquina da rua aposta.

— *Estamos perto* — enviou Dannyl. — *Ela está em algum lugar abaixo dessas casas.*

— *Tudo o que temos de fazer é encontrar uma entrada* — replicou Rothen.

Fora um dia parado e frustrante. A garota chegara a usar magia por diversas vezes seguidas, e eles fizeram grandes progressos. Em outros momentos, haviam aguardado horas somente para perceber que ela fizera uma única tentativa, e depois parara.

Notara rapidamente que seu manto, embora lhe ocultasse a túnica, ainda o marcava como alguém bem-vestido demais para as favelas. Também se dera conta de que vários homens de manto que se demorassem em uma mesma área iriam atrair demais a atenção, por isso, à medida que os magos se aproximavam da garota, ordenara que a maioria deles fosse se retirando.

Um burburinho à margem de sua mente arrebatou sua atenção de volta para a garota. Dannyl moveu-se de sua posição e entrou em um beco. Verificando com os outros investigadores, Rothen decidiu que a garota devia estar em algum lugar por baixo da casa à sua esquerda.

— *Parece haver uma entrada para as passagens aqui* — enviou Dannyl. — *Uma grade de ventilação na parede, como a que vimos antes.*

— *É o mais perto que vamos chegar sem revelar nossa identidade* — enviou Rothen aos investigadores. — *Está na hora. Makin e eu vamos vigiar a entrada da frente. Kiano e Yaldin ficam de olho na porta dos fundos. Dannyl e Jolen vão*

entrar primeiro na passagem, já que é por ali que ela provavelmente tentará escapar.

Quando todos haviam informado que estavam em posição, ele instruiu Dannyl e Jolen a seguirem. Quando Dannyl abriu a grade, começou a enviar imagens para todos eles.

Trepando pela abertura, Dannyl soltou-se até o chão da passagem. Criou um globo de luz e observou Lorde Jolen a segui-lo. Separaram-se, cada um desaparecendo na passagem escura de cada lado.

Depois de mais ou menos cem passos, Dannyl parou e enviou a luz adiante. Ela continuou por vários metros até chegar a uma curva.

— *Esta passagem dá para a rua, acho. Vou voltar.*

Um instante depois, Lorde Jolen enviou a imagem de uma escadaria estreita. Começou a descê-la, depois parou quando um homem apareceu à sua frente. O recém-chegado fitou o globo de luz de Jolen, depois se virou e escapou por uma passagem lateral.

— *Fomos descobertos* — enviou Jolen.

— *Continue* — replicou Rothen.

Dannyl parara de enviar imagem para que Rothen pudesse acompanhar os avanços de Jolen. Chegando ao fim das escadas, Jolen começou a descer em passos largos uma passagem estreita. Ao atingir uma curva, pó, barulho e uma sensação alarmante abateram-se sobre os sentidos de Rothen. Seguiu-se um tumulto, visto que todos os magos começaram a enviar perguntas.

— *Fizeram a passagem desmoronar* — replicou Jolen, enviando a imagem de uma parede de escombros. — *Dannyl estava atrás de mim.*

Rothen sentiu uma pontada de apreensão.

— *Dannyl?*

Seguiu-se um silêncio, depois uma voz mental enfraquecida.

— *Enterrado. Espere... estou livre. Não me feri. Continue, Jolen. Está claro*

que queriam que não passássemos daqui. Prossiga e a encontre.

— *Vá* — repetiu Rothen. Jolen virou-se da parede de escombros e desceu a passagem às pressas.

Soou uma campainha. Sonea ergueu os olhos da lareira e ficou de pé. Um painel na parede abriu-se num deslize e Faren entrou. Vestido de preto, com seus impressionantes olhos a reluzir, parecia perigoso e se assemelhava mesmo a um inseto. Sorriu e lhe entregou algo embrulhado em um pano e amarrado com um cordão.

— Isto é pra você.

Ela virou o embrulho nas mãos.

— O que é?

— Abra — incitou Faren, cingindo com os braços compridos uma das cadeiras.

Ao sentar-se diante dele, Sonea desamarrou o cordão. O pano caiu para revelar um livro antigo com capa de couro. Muitas páginas se soltaram da encadernação. Ela levantou os olhos a Faren e franziu as sobrancelhas.

— Um livro antigo?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Olhe o título.

Sonea baixou os olhos, depois os ergueu novamente para ele.

— Não sei ler.

Ele pestanejou em surpresa.

— É claro. — Sacudiu a cabeça. — Desculpa, devia ter percebido. É um livro sobre magia. Mandei que procurassem nas lojas de penhor e nos antros de catadores de lixo. Pelo visto, os magos queimam seus livros velhos, mas, de acordo com o proprietário da loja, este aí foi vendido por um criado

desobediente e empreendedor. Olhe dentro.

Abrindo a capa, encontrou um pedaço de papel dobrado.

Ao apanhá-lo, imediatamente reparou na grossura do pergaminho. Uma folha de papel assim tão bem feita normalmente custava mais que uma refeição para uma família grande ou um manto novo. Ao desdobrá-lo, olhou para as letras pretas que se enrolavam em linhas perfeitas de um lado ao outro da página, depois inspirou profundamente quando viu o símbolo estampado em um canto da folha. Um diamante com um Y a dividi-lo — o símbolo do Clã.

— O que é isto? — sussurrou ela.

— Uma mensagem — respondeu Faren. — Pra você.

— Pra mim? — Ela ergueu os olhos.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Como fizeram para entregar isto a mim?

— Não souberam, mas deram a alguém que sabiam que tinha contatos com os Ladrões, e essa pessoa repassou.

Ela lhe estendeu o papel.

— O que diz?

Ele pegou o papel da mão dela.

— Diz: “À jovem dama com poderes mágicos. Uma vez que não podemos falar contigo pessoalmente, enviamos esta mensagem por intermédio dos Ladrões, na esperança de que eles sejam capazes de fazê-la chegar até você. Queremos assegurar que não temos a intenção de causar-lhe mal de modo algum. Esteja certa, também, de que não tínhamos a intenção de fazer mal a você ou ao jovem no dia da Purificação. A morte dele foi um trágico acidente. Apenas desejamos ensiná-la a controlar seus poderes e oferecer-lhe a oportunidade de se juntar ao Clã. Será bem-vinda entre nós”. *Tá* assinado: “Lorde Rothen do Clã dos Magos”.

Sonea fitou a mensagem, incrédula. O Clã queria que ela, uma garota das

favelas, se *juntasse* a eles?

Devia ser um truque, concluiu, uma tentativa de atraí-la para fora do esconderijo. Pensando no mago que invadira o refúgio no sótão, recordou-se de que ele a chamara de inimiga do Clã. Ele não sabia que ela estava ouvindo. Era mais provável que fosse essa a verdade.

Dobrando o pergaminho, Faren enfiou-o no bolso. Vendo seu sorriso astuto, Sonea sentiu uma pontada de suspeita. Como ela ia saber se o que ele lera era realmente o que a mensagem dizia?

No entanto, por que ele inventaria isso? Ele queria que ela trabalhasse para ele, não que fugisse correndo para juntar-se aos magos. A menos que ele a estivesse testando...

O Ladrão ergueu uma sobrancelha.

— O que acha, jovem Sonea?

— Não acredito neles.

— Por que não?

— Nunca aceitariam uma favelada.

Ele esfregou o braço da cadeira.

— E se viesse a descobrir que eles querem que você se junte a eles? Muitas pessoas comuns sonham se tornar magas. Talvez o Clã esteja ávido para se redimir perante os olhos do público.

Sonea balançou a cabeça.

— É um truque. Foi um erro que tenham pegado o favelado errado, não que tenham matado um.

Faren assentiu lentamente com a cabeça.

— Isso é o que a maioria das testemunhas diz. Bem, vamos recusar o convite do Clã e tratar de negócios mais importantes. — Ele apontou para o livro no colo dela. — Não sei se isso vai ser útil. Vou arranjar alguém pra ler pra você. Seria melhor se aprendesse a ler sozinha.

— Minha tia me ensinou um pouco — disse Sonea, folheando as páginas. — Mas isso foi há muito tempo. — Ela ergueu os olhos. — Vou poder ver Jonna e Ranel em breve? Tenho certeza de que Jonna poderia me ensinar a ler.

Ele balançou a cabeça.

— Não até os magos pararem... — Ele franziu as sobrancelhas e empinou ligeiramente a cabeça. Um fraco zunido chegou aos seus ouvidos.

— O que é isso?

Faren ergueu-se.

— Espere aqui — disse ele, e desapareceu na escuridão atrás do painel.

Sonea colocou o livro de lado e se moveu até a lareira. O painel abriu-se de novo e Faren voltou ao quarto.

— Depressa — disse Faren asperamente —, siga-me... e não fale.

Ele passou por ela com passadas largas. Sonea fitou-o durante uma batida do coração, antes de se pôr a segui-lo pelo quarto.

Tirando um pequeno objeto do bolso, Faren passou-o para trás e para a frente sobre o apainelamento. Sonea aproximou-se e viu um nó na madeira deslizar para a frente até se projetar metade do comprimento de um dedo no quarto. Farren agarrou-o e o puxou.

Uma parte da parede girou para dentro. Pegando-a pelo braço, Faren a puxou para as sombras. Depois de empurrar novamente o nó até que ficasse nivelado com o painel, ele fechou a porta.

Permaneceram na escuridão. Quando seus olhos se adaptaram, ela viu que havia cinco minúsculos buracos na porta, espaçados e na altura do ombro. O olho de Faren pairava perto de um.

— Tem maneiras mais fáceis de sair do quarto — disse a ela —, mas, já que a gente não tinha tempo, pensei que fosse melhor escolher a porta que é quase impossível de abrir. Veja.

Ela se afastou do orifício da porta. Pestanejou quando uma chama subitamente

iluminou a escuridão. Faren ergueu uma lamparina minúscula e ajustou a abertura até que apenas um tênue raio de luz vertesse para a passagem. Segurando-a no alto, apontou para vários ferrolhos de metal e engrenagens aparentemente complicadas situados atrás da porta.

— Então, o que *tá* acontecendo? — perguntou ela.

Os olhos amarelos de Faren cintilaram à luz fraca ao deslizar os ferrolhos para o encaixe.

— Só alguns dos magos ainda procuram por você. Meus espiões agora sabem como são, o nome deles, os movimentos. — Faren riu. — Temos lhes enviado informantes falsos, para mantê-los ocupados. Hoje agiram de modo estranho. Mais magos que o de costume vieram às favelas, e usavam mantos por cima das túnicas. Colocaram-se por toda a favela e pareciam estar à espera de alguma coisa. Não sei o que, mas continuaram a se mover para novas posições. A cada vez que se moviam, chegavam mais perto deste lugar. Então, neste instante, Ceryni me disse que achava que os magos estavam seguindo seu rastro. Disse que devem ser capazes de senti-la usando magia. Não acreditei até...

Faren fez uma pausa, depois a faixa de luz da lamparina subitamente desapareceu e a escuridão preencheu a passagem. Sonea ouviu-o mover-se até a parede. Ela avançou sem fazer ruído e botou o olho em um dos buraquinhos.

A entrada para o quarto permanecia aberta, um retângulo de escuridão. A princípio Sonea pensou que o esconderijo estivesse vazio, depois uma figura repentinamente apareceu em seu campo de visão, vinda de um dos quartos contíguos, fazendo a túnica verde balançar quando parou.

— Meu pessoal conseguiu pará-los ao fazer a passagem desmoronar — sussurrou Faren —, mas um deles conseguiu passar. Não fique alarmada. Ninguém consegue atravessar esta porta. É... — Inspirou com calma. — Interessante.

Sonea voltou a botar os olhos no buraco e sentiu o coração parar. O mago parecia estar olhando direto para ela.

— Ele pode nos ouvir? — murmurou Faren. — Testei as paredes muitas

vezes.

— Talvez consiga ver a porta — sugeriu Sonea.

— Não, ele teria de olhar muito de perto. Ainda que começasse a procurar por portas, há cinco saídas que partem deste quarto. Por que ele escolheria justamente esta?

O mago caminhou na direção deles e parou. Fitou a madeira, depois fechou os olhos. Sonea sentiu uma sensação já familiar percorrer seu corpo. Quando o mago voltou a abrir os olhos, o franzido das sobrancelhas já o tinha deixado e ele estava a olhar diretamente para Faren.

— Como ele sabe? — sibilou Faren. — Você está fazendo magia neste exato instante?

— Não — respondeu Sonea, surpresa com a confiança na própria voz. — Consigo me esconder dele. É você. Ele está sentindo você.

— *Eu?* — Faren desviou a cabeça do buraco e a fitou.

Sonea encolheu os ombros.

— Não me pergunte por quê.

— Consegue me esconder? — A voz de Faren estava tensa. — Consegue esconder nós dois?

Sonea afastou-se do buraco. Será que ela conseguia? Não conseguiria esconder aquilo que o mago estivesse sentindo sem ela mesma detectar o que ele sentia. Ele olhou para Faren, depois ela *olhou* para Faren. Era como se tivesse expandido os sentidos — não, outro sentido que não da visão ou da audição —, e conseguiu sentir uma *pessoa* ali.

Faren murmurou uma praga.

— Pare o que quer que esteja fazendo! — arfou. Algo roçou a parede. Faren afastou-se.

— *Tá* tentando abri-la — disse ela. — Eu temia que ele tentasse mandar a porta pelos ares. Isso nos dá algum tempo. — Faren abriu a lamparina e

gesticulou para que ela o seguisse.

Haviam dado somente alguns passos quando o som de um ferrolho deslizando pela madeira os fez parar. Faren virou-se e praguejou. Ergueu a lamparina até que a luz iluminou a parede.

Um por um, os ferrolhos foram deslizando para trás, aparentemente por conta própria. Sonea viu as rodas dentadas do mecanismo da porta girarem, depois a passagem mergulhou na escuridão quando a lamparina caiu estrondosamente no chão.

— Corra! — sibilou Faren. — Siga-me!

Colocando uma mão na parede da passagem, Sonea seguiu as batidas dos sapatos de Faren no solo. Não correra mais que vinte passos quando uma luz em forma de cunha saltou para além dela, lançando a sombra de Sonea pelo chão. O som de botas ecoava pela passagem atrás dela.

Uma luz clara preencheu subitamente a passagem, e a sombra de Sonea começou a encolher-se rapidamente. Um calor ardeu em sua orelha, e ela se retraiu quando uma bola de luz a alcançou. A bola passou velozmente por Faren e flamejou para formar uma barreira brilhante.

Derrapando até parar, Faren deu meia-volta e ficou frente a frente com o perseguidor, o rosto empalidecido pela luz branca. Uma figura de túnica caminhava na direção deles. Com o coração aos saltos, Sonea afastou-se até poder sentir a vibração e o calor da barreira atrás de si.

Faren emitiu um som gutural, depois cerrou os pulsos e começou a descer a passagem na direção do mago. Surpreendida, Sonea só conseguiu fitá-lo com assombro.

— Você! — Faren apontou para o mago. — Quem você pensa que é? Este é o *meu* domínio. Está *invadindo*!

Sua voz ecoou na passagem. O mago diminuiu o ritmo e observou o Ladrão com olhos cautelosos.

— A lei diz que podemos ir aonde temos de ir — disse o mago.

— A lei também diz que você não pode fazer mal às pessoas ou à propriedade delas — retorquiu Faren. — Eu diria que já aprontaram bastante das duas coisas nas últimas semanas.

O mago parou e elevou as mãos em um gesto apaziguador.

— Não queríamos matar aquele garoto. Foi um erro. — O mago olhou para Sonea e ela sentiu um arrepio descer sua espinha. — Há muita coisa que temos de explicar a você. Tem de aprender a controlar seus poderes...

— Você não entendeu? — sibilou Faren. — Ela não quer se tornar maga. Ela não quer qualquer coisa com você. *Deixem-na em paz.*

— Não posso fazer isso. — O mago balançou a cabeça. — Ela tem de vir conosco...

— Não! — gritou Faren.

Os olhos do mago tornaram-se frios, enviando um arrepio através de Sonea.

— Não faça isso, Faren! — exclamou ela. — Ele vai matá-lo.

Ignorando-a, Faren firmou as pernas e colocou as mãos nas paredes de cada lado da passagem.

— Se você a quer — rosnou ele —, terá de passar por mim.

O mago hesitou, depois deu um passo à frente, virando as palmas na direção de Faren. Um tinido metálico ressoou na passagem.

O mago atirou os braços para o ar e desapareceu.

Desnorteada, Sonea fitou o chão onde o mago tinha estado. Aparecera ali um quadrado negro.

Soltando os braços, Faren atirou a cabeça para trás e começou a gargalhar. Com o coração ainda disparado, Sonea avançou até ficar ao lado dele. Olhando para baixo, viu que o quadrado escuro era um grande buraco no chão.

— O-O q-que aconteceu?

As gargalhadas de Faren decaíram para uma risada. Ele esticou a mão para o

alto e rodou um tijolo para fora da parede. Estendendo a mão pela lacuna, agarrou algo e, com um grunhido de esforço, puxou-o para a frente. Um alçapão lentamente girou para cima e voltou ao lugar com um clique, cobrindo o buraco. Faren chutou um pouco de poeira para o chão sobre ele.

— Foi fácil demais — disse ele, limpando a mão em um lenço. Rasgou um sorriso para Sonea e esboçou uma ligeira reverência. — Gostou da minha *performance*?

Sonea sentiu um sorriso começar a despontar dos seus lábios.

— Ainda estou acordada, imagino.

— Ah! — As sobrancelhas de Faren ergueram-se. — Você parecia estar achando tudo muito convincente. "Não faça isso, Faren! Ele vai matá-lo!" — disse ele em voz aguda. Colocou uma mão sobre o coração e sorriu. — Estou tão tocado por se preocupar com a minha segurança.

— Vai curtindo — disse ela. — Pode ser que não dure. — Ela tocou o alçapão com a ponta dos pés. — Para onde isso leva?

Ele encolheu os ombros.

— Oh, cai direto num poço cheio de estacas de ferro.

Sonea fitou-o.

— Quer dizer... ele está morto?

— Muito. — Os olhos de Faren brilharam.

Sonea olhou para baixo do alçapão. Certamente não... mas se Faren disse... embora o mago pudesse ter conseguido...

De repente ela se sentiu enjoada e fria. Nunca considerara que qualquer um dos magos pudesse ser morto. Feridos, talvez, mas não *mortos*. O que o Clã faria quando descobrisse que um dos magos estava morto?

— Sonea. — Faren colocou uma mão em seu ombro. — Ele não está morto. A armadilha leva a um poço de esgotos. Ela foi pensada como rota de fuga. Ele vai se arrastar de lá com um cheiro pior que o do rio Tarali, mas estará vivo.

Sonea acenou com a cabeça, aliviada.

— Mas leve em conta o que ele poderia ter feito com *você*, Sonea. Um dia *cê* pode ter que matar em nome da sua liberdade. — Faren elevou uma sobrancelha. — Já pensou nisso?

Sem esperar uma resposta, ele se virou e observou a barreira de luz e calor que ainda bloqueava a passagem. Balançou a cabeça e começou a descer de novo a passagem em direção ao esconderijo. Sonea passou nervosamente pelo alçapão e o seguiu.

— A gente não pode voltar — meditou em voz alta enquanto caminhava — caso os outros magos tenham encontrado outra entrada. A gente tem que... — Moveu-se para mais perto da parede de modo a inspecioná-la. — Ah, aqui está. — Tocou algo na parede.

Ela arfou quando o chão lhe desapareceu debaixo dos pés. Algo duro bateu em seu traseiro, e em seguida já estava escorregando por uma superfície lisa e íngreme. O ar começou a esquentar rapidamente e a ganhar um odor distintamente desagradável.

Foi subitamente levada pelo ar, depois mergulhou em uma escuridão molhada. Água encheu seus ouvidos e nariz, mas ela continuou com a boca firmemente fechada. Dando pontapés, descobriu o chão e se impulsionou até a superfície da água. Ela abriu os olhos a tempo de ver Faren voar de um túnel e cair no poço. Ele se debateu todo e, praguejando, impulsionou o corpo até a superfície da água.

— Argh! — vociferou. Secou os olhos e praguejou novamente. — Alçapão errado!

Sonea cruzou os braços.

— Afinal, onde *é* que o mago foi parar?

Faren levantou os olhos, e uma luz diabólica preencheu seus olhos amarelos.

— O conduto de lixo da fábrica de *bol*, que fica a poucas casas daqui — sussurrou ele. — Depois que sair de lá, ele vai feder a massa de *tugor*

fermentada durante uma semana.

Sonea resfolegou e começou a andar com dificuldade até a borda do poço.

— É pior que isto?

Ele encolheu os olhos.

— Talvez para um mago. Pelo que escuto por aí, eles odeiam aquela coisa. — Ele a seguiu para fora do poço, depois lhe lançou um olhar especulativo. — Acho que lhe devo um banho e uma troca de roupa, né?

— Por quase falhar em me proteger? — Sonea encolheu os ombros. — Vai quebrar um galho agora, mas terá de pensar em algo melhor por me atirar por este cano de esgoto.

Ele sorriu.

— Vou ver o que posso fazer.

CAPÍTULO 10

Tomando partido

Embora o ar estivesse encrespado com o frio do inverno que se aproximava, e o céu estivesse carregado de nuvens cinzentas, o ânimo de Rothen melhorou quando ele colocou os pés para fora. Era Dia Livre. Para a maioria dos magos, o quinto e último dia da semana era um dia de lazer. Para os aprendizes, esse dia era, em parte, dedicado ao estudo, e para os professores ele dava tempo para rever e preparar as aulas.

Rothen normalmente passava uma hora caminhando nos jardins, depois retornava para seus aposentos a fim de trabalhar nas lições. No entanto, não tinha nada para preparar esta semana. Oficialmente designado como o organizador da busca, seus deveres como professor haviam sido delegados a outro mago.

Passava a maior parte do tempo coordenando os voluntários. Era uma tarefa exaustiva... para si mesmo *e* para os voluntários. Haviam passado as últimas três semanas, incluindo os Dias Livres, realizando buscas. Rothen sabia que alguns poderiam retirar a ajuda se as exigências continuassem a tomar seu tempo livre, por isso decidira suspender a procura por um dia.

Quando virou uma esquina, a Arena do Clã surgiu em sua frente. Oito pináculos curvavam-se para cima desde a base circular, oferecendo uma moldura para o poderoso campo que protegia toda a parte exterior das forças descarregadas durante as aulas de Guerreiro. Havia quatro aprendizes ali, mas hoje nenhuma exibição espetacular de poder estava em curso.

Em vez disso, os aprendizes estavam em pares, agitando espadas em movimentos controlados e em sincronia. A poucos passos de distância estava Fergun, espada em punho, observando os aprendizes com atenção.

Observando-os, Rothen esforçou-se para não desaprovar o que via. O tempo dos aprendizes não seria mais bem gasto nos estudos do que nesta arte marcial

desnecessária?

A luta de espadas não fazia parte do currículo da Universidade. Esses aprendizes estavam tão determinados a aprender a arte que abriram mão do próprio tempo livre para fazê-lo. Era um passatempo, e Rothen sabia que era saudável para os jovens ter um interesse que não envolvesse magia e que os tirasse dos quartos abafados.

No entanto, sempre acreditara que túnicas e espadas não iam bem juntas. Já havia demasiados modos com que um mago poderia ferir outra pessoa. Por que acrescentar um modo não mágico à lista?

Dois magos estavam nos degraus que circundavam a Arena, observando com atenção. Rothen reconheceu o amigo de Fergun, Lorde Kerrin, e Lorde Elben, professor de alquimia. Os dois eram da poderosa Casa Maron, assim como Fergun. Ele sorriu para si mesmo. Esperava-se que os aprendizes e os magos abandonassem as alianças e inimizades das Casas quando se juntassem ao Clã, mas poucos o faziam.

Enquanto observava, Fergun chamou um dos aprendizes até ele. Professor e aprendiz saudaram-se um ao outro e se agacharam. Rothen prendeu a respiração quando o aprendiz avançou, espada reluzindo em um ataque confiante. Fergun deu um passo para a frente, sua arma quase que desaparecendo em um borrão de movimento. O aprendiz congelou e baixou os olhos para dar com a arma de Fergun a pressionar seu peito.

— Interessado em aderir às aulas de Lorde Fergun? — perguntou uma voz familiar atrás dele.

Rothen virou-se.

— Na minha idade, Administrador? — Ele balançou a cabeça. — Mesmo que eu fosse trinta anos mais jovem, não veria o valor disso.

— Aguça os reflexos, pelo que me disseram, e é útil para ensinar disciplina e concentração — disse Lorlen. — Lorde Fergun tem agora quem o apoie nessa, e nos pediu para considerar a inclusão da luta de espadas no currículo da Universidade.

— Isso caberia a Lorde Balkan decidir, não?

— Em parte. O Chefe dos Guerreiros tem de apresentar o acréscimo aos Magos Superiores para voto. Quando, e se vai fazer isso, é só com ele. — Lorlen espalmou a mãos. — Ouvi que você decidiu dar um dia de descanso aos investigadores.

Rothen fez que sim com a cabeça.

— Têm trabalhado durante horas, às vezes até tarde da noite.

— Foram quatro semanas muito atarefadas para todos nós — concordou Lorlen. — Têm feito progressos?

— Não muitos — admitiu Rothen. — Não desde a semana passada. Sempre que a sentimos, descobrimos que ela se deslocou para outro local.

— Como Dannyl previu.

— Sim, mas temos andado à procura de repetições nos movimentos dela. Se ela retornar para algum desses esconderijos, podemos conseguir localizá-los do mesmo modo que fizemos na primeira vez, mas por um tempo maior.

— E quanto a esse homem que a ajudou a escapar? Acha que é um dos Ladrões?

Rothen encolheu os ombros.

— Talvez. Ele acusou Lorde Jolen de invadir seu território, o que sugere que seja um Ladrão, mas me custa a acreditar que um dos Ladrões seja um Lonmar. O homem pode simplesmente ser um protetor, e sua acusação tinha a intenção de atrair Jolen para cima do alçapão.

— Então existe a possibilidade de que não esteja envolvido com os Ladrões?

— É uma possibilidade, sim, mas improvável. Duvido que ela tenha dinheiro para contratar protetores. Os homens que Jolen encontrou no túnel, e os quartos confortáveis em que ela estava, sugerem que alguém bem estabelecido e financiado anda cuidando dela.

— De qualquer forma, não são boas notícias. — Lorlen suspirou e olhou para

os aprendizes na Arena. — O Rei não está feliz com isso, e não estará enquanto não a tivermos sob nosso controle.

— Nem eu estarei.

Lorlen acenou com a cabeça. Franziu os lábios, depois voltou a olhar para Rothen. — Há outro assunto que devo discutir com você.

— Sim?

Lorlen hesitou, como se a considerar cuidadosamente as palavras.

— Lorde Fergun deseja reivindicar a guarda dela.

— Sim, eu sei.

As sobrancelhas de Lorlen ergueram-se.

— Está inesperadamente bem informado, Lorde Rothen.

Rothen sorriu.

— Inesperadamente, sim. Soube disso por acidente.

— Ainda pretende reivindicar a guarda dela também?

— Ainda não me decidi. Deveria?

Lorlen balançou a cabeça.

— Não vejo necessidade de tratar deste assunto enquanto não a encontrarmos. Mas compreende que devo convocar uma Audiência quando isso acontecer, se ambos ainda mantiverem a intenção de reivindicá-la?

— Compreendo. — Rothen hesitou. — Posso lhe fazer uma pergunta?

— Claro — respondeu Lorlen.

— Fergun tem um argumento forte que sustente a reivindicação dele?

— Talvez. Ele diz que, uma vez que experimentou as consequências da magia da garota, foi o primeiro a conhecer os poderes dela. Você relatou que a viu *depois* que ela usou os poderes, e isso você depreendeu da expressão que ela fez, o que significa que nunca a viu nem lhe sentiu usar seus poderes. Não é claro

como a lei deve ser aplicada neste caso, e, quando acontece de se distorcer uma lei para adaptá-la a uma determinada situação, a interpretação mais simples geralmente ganha o voto.

Rothen franziu as sobrancelhas.

— Compreendo.

Gesticulando para que Rothen o seguisse, Lorlen começou a caminhar em direção à Arena, a passos lentos e medidos.

— Fergun está determinado — disse ele calmamente — e tem muito apoio, mas muitos também apoiariam você.

Rothen acenou com a cabeça, depois suspirou.

— Não é uma decisão fácil. Preferiria que eu não tumultuasse o Clã ao contestar a reivindicação dele? Isso lhe causaria menos dor de cabeça.

— O que *eu* preferiria? — Lorlen soltou uma gargalhada e lançou a Rothen um olhar direto. — De qualquer forma, não vou ter menos dor de cabeça. — Sorriu torcendo a boca, depois inclinou a cabeça. — Tenha um bom dia, Lorde Rothen.

— Um bom dia — respondeu Rothen. Tinham chegado ao limite das escadas que circundavam a Arena. Os aprendizes agora estavam em pares, praticando movimentos uns nos outros. Rothen parou e observou, confuso, à medida que Lorlen descia na direção da dupla de magos que assistiam à aula. Algo no modo como Lorlen olhara para ele dava a entender que o Administrador estivera a sugerir-lhe algo mais.

Os dois espectadores sobressaltaram-se quando Lorlen apareceu ao lado deles.

— Saudações, Lorde Kerrin, Lorde Elben.

—Administrador. — A dupla inclinou as cabeças, depois rapidamente voltou a olhar para a Arena quando um dos aprendizes soltou um grito de surpresa.

— Um excelente professor — disse Lorde Elben, entusiasticamente, gesticulando para a Arena. — Estávamos falando agora há pouco que Lorde

Fergun daria um valioso guardião para essa garota das favelas. Após alguns meses de sua rígida orientação, ela estaria tão refinada e disciplinada quanto os melhores entre os nossos.

— Lorde Fergun é um homem responsável — replicou Lorlen. — Não vejo razão para que ele não deva orientar o treinamento de um aprendiz.

Até agora, porém, ele não demonstrou interesse algum, pensou Rothen. Virando-se, continuou seu passeio pelos jardins.

A guarda não era algo comum. Poucos aprendizes eram favorecidos por ano, mas apenas aqueles que tivessem demonstrado um talento ou poder excepcional. Independentemente da força ou aptidão que a garota provasse ter, ela precisaria de ajuda e apoio enquanto se adaptava à vida no Clã. Tornando-se seu guardião, ele poderia assegurar que ela receberia essa ajuda.

Duvidava que as razões de Fergun para querer a guarda da menina fossem as mesmas. Se as palavras de Lorde Elben eram uma indicação, Fergun pretendia disciplinar uma mendiga insubordinada e transformá-la em aprendiz submissa e obediente. Receberia lá seu quinhão de elogios e admiração se fosse bem-sucedido.

Como Fergun ia conquistar isso seria interessante, já que, provavelmente, os poderes dela eram particularmente fortes e os dele, fracos. Não seria capaz de pará-la se ela botasse na cabeça que queria desobedecê-lo.

Por essa razão, e outras mais, os magos eram desencorajados a assumir a guarda de aprendizes com poderes mais fortes. De qualquer modo, os magos fracos raramente se tornavam guardiões, uma vez que, se reivindicasse um aprendiz com poderes menores que os dele mesmo, isso só atrairia a atenção para a própria deficiência — e para a falta de força do aprendiz.

Contudo, a garota favelada era diferente. Ninguém se importaria se as limitações de Fergun obstruíssem o aprendizado dela. No que dizia respeito à maioria, ela já tinha sorte por chegar a receber um treinamento.

E, se ele falhasse, quem culparia Fergun? Ele sempre poderia usar as origens dela como desculpa... e, se negligenciasse seu treinamento, ninguém discutiria...

Rothen balançou a cabeça. Agora começava a pensar como Dannyl. Fergun estava disposto a ajudar a garota, o que em si já era nobre. Ao contrário de Rothen, que já fora guardião de dois aprendizes, Fergun tinha uma dose de glória a conquistar — e não havia nada de errado com isso. Era óbvio que Lorlen não pensava que houvesse.

Ou pensava? O que Lorlen dissera? "*De qualquer forma, não vou ter menos dor de cabeça*."

Rothen caiu na risada quando o significado das palavras de Lorlen finalmente lhe chegou. Se estivesse certo, então Lorlen acreditava que deixar Fergun ganhar sua reivindicação causaria tanta dor de cabeça quanto a luta pela guarda da garota — e era certo que essa luta não lhe causaria menos problemas.

O que levava a entender que Lorlen dera a Rothen uma rara indicação de apoio.

Como sempre, as sentinelas de Sonea estavam em silêncio enquanto a guiavam pelas passagens. Afora as semanas que passara no primeiro esconderijo, estivera quase que constantemente em movimento desde a Purificação. A diferença bem-vinda agora era que ela não mais sentia o espreitante medo de ser descoberta enquanto viajava.

A sentinela que liderava parou à porta e bateu. Um rosto familiar e sombrio assomou.

— Fiquem aí e vigiem a porta — ordenou Faren. — Entre, Sonea.

Entrando no quarto, o coração dela saltou ao ver a figura menor de pé atrás dele.

— Cery!

Ele rasgou um sorriso e lhe deu um abraço rápido.

— Como é que *cê tá*?

— Bem — disse ela. — E você?

— Feliz por te ver de novo. — Ele lhe examinou o rosto. — Parece melhor.

— Não fico cara a cara com um mago faz, hum, pelo menos *uns* dias — disse ela, olhando obliquamente para Faren.

O Ladrão soltou uma gargalhada.

— Parece que passamos mesmo a perna neles.

O quarto era pequeno, mas aconchegante. Um fogo generoso ardia no interior de uma parede. Faren levou-os até as cadeiras.

— Algum progresso, Sonea?

Ela se retraiu.

— Não, nada ainda. Tentei várias e várias vezes, mas nunca faz o que eu quero. — Franziu as sobrancelhas. — Apesar de que agora quase sempre faz *alguma coisa*. Antes levava algumas tentativas até alguma coisa acontecer.

Faren recostou-se e sorriu. — Ora, isso *é* um progresso. Os livros ajudaram?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não entendo o que dizem.

— O escriba não é claro?

— Não, não é isso. A leitura dele é ótima. É só que, bem, tem muita palavra estranha, e algumas coisas não fazem sentido.

Faren acenou com a cabeça.

— Se tivesse mais tempo para estudá-las, talvez descobrisse o significado delas. Ainda estou à procura de mais livros. — Franzindo os lábios, observou especulativamente os dois. — Estou investigando alguns rumores. Há anos se tem falado que um certo Ladrão cultivou uma amizade com um homem que sabe alguma coisa sobre magia. Sempre pensei que fosse uma invenção para assegurar que o resto de nós permanecesse agindo de modo educado, mas estou investigando, independentemente disso.

— Um mago? — perguntou Cery.

Faren encolheu os ombros.

— Não sei. Duvido. O mais provável é que não passe de um homem que faz truques que parecem ser magia. No entanto, se tem qualquer conhecimento de magia de verdade, ele pode ser útil. Vou contar a vocês quando souber mais. — Ele sorriu. — Essas são todas as notícias que tenho, mas acredito que Cery tem mais.

Cery fez sim com a cabeça.

— Harrin e Donia encontraram seus tios.

— Não diga! — Sonea moveu-se até a beirada do assento. — Onde estão? Estão bem? Encontraram um bom lugar para ficar? Harrin...

Cery abanou as mãos.

— *Hai*! Uma pergunta de cada vez!

Com um sorriso de ponta a ponta, Sonea inclinou-se avidamente na direção dele.

— Desculpa. Conte o que você sabe.

— Bem — começou ele —, parece que não conseguiram um quarto onde costumavam morar, mas encontraram um melhor a umas ruas de distância. Ranel anda procurando por você todos os dias. Ouviram que os magos estavam procurando uma garota, mas não achavam que pudesse ser você.

Ele soltou uma gargalhada.

— Jonna disse algumas coisas quando Harrin lhe contou que você tinha se juntado a eles na Purificação, mas então ele disse o que você fez. A princípio, não acreditaram. Ele disse pra ela como tentamos esconder você, e sobre a recompensa, e que você *tava* sendo protegida pelos Ladrões. Harrin disse que eles não ficaram tão furiosos como ele achou que ficariam... não quando explicou tudo.

— Mandaram alguma mensagem pra mim?

— Disseram pra se cuidar bem, e ter cuidado em quem confia.

— Essa última parte tem a cara da Jonna. — Sonea sorriu saudosamente. — É tão bom ouvir que eles encontraram um lugar... e que sabem que simplesmente não fugi deles.

— Acho que Harrin *tava* com medo que Jonna fosse esfolá-lo por ter convidado você a se juntar a nós na Purificação. Diz que eles vão continuar passando na estalagem pra ter notícias suas. Tem alguma mensagem pra eles?

— Só que estou bem e em segurança. — Ela olhou para Faren. — Vai trazê-los pra me ver?

Ele franziu as sobrancelhas.

— Sim, mas não até ter certeza de que é seguro. É possível, embora duvidoso, que os magos saibam quem eles são, e a encontrem por meio deles.

Sonea inspirou profundamente.

— E se souberem quem eles são, e ameaçarem lhes fazer mal se eu não me entregar?

O Ladrão sorriu.

— Não acho que fariam isso. Certamente não em público. Se tentassem fazer em segredo... — Acenou com a cabeça para Cery. — A gente encontraria um modo de contornar isso, Sonea. Não se preocupe com coisas desse tipo.

Cery sorriu ligeiramente. Surpreendida com a parceria implícita, Sonea olhou com atenção para o amigo. Os ombros dele estavam tensos, e uma ruga aparecia entre suas sobrancelhas sempre que olhava para Faren. Não que ela esperasse que ele estivesse relaxado na presença de um Ladrão, mas parecia um pouco nervoso demais.

Ela se virou para observar o Ladrão.

— Cery e eu podemos conversar um pouco? — perguntou ela. — A sós?

— Claro. — Ele se levantou e caminhou até a porta, depois olhou para trás.

— Cery, tenho algo pra você quando tiverem terminado. Nada urgente. Levem o tempo que precisarem. Vejo você amanhã, Sonea.

— Amanhã — replicou ela, acenando com a cabeça.

Quando a porta se fechou atrás do Ladrão, Sonea virou-se para Cery.

— Estou em segurança aqui? — perguntou ela, em voz baixa.

— Por enquanto — disse ele.

— E depois?

Ele encolheu os ombros

— Depende da sua magia.

Ela sentiu uma pontada de preocupação.

— E se eu nunca conseguir fazer com que ela funcione?

Ele se inclinou para a frente e lhe pegou a mão.

— Você vai conseguir. Só precisa praticar. Se fosse fácil, não haveria um Clã, não acha? Pelo que ouvi, os aprendizes precisam de cinco anos até serem bons o suficiente pra serem chamados de “Lorde” fulano de tal.

— Faren sabe disso?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Ele lhe dará tempo.

— Então estou segura.

Ele sorriu.

— Sim.

Sonea suspirou.

— E quanto a você?

— Estou me fazendo útil.

Ela lançou-lhe um olhar direto.

— Está se fazendo de escravo de Faren?

Ele desviou o olhar.

— Você não tem que estar aqui — disse ela. — Estou em segurança. Você mesmo disse. Vá. Fuja antes que prendam os ganchos deles em você.

Sacudindo a cabeça, ele se pôs de pé, soltando sua mão.

— Não, Sonea. Você precisa de alguém familiar por perto. Alguém em quem possa confiar. Não vou deixá-la sozinha com eles.

— Mas você não pode virar um escravo de Faren só pra que eu tenha um amigo com quem conversar. Volte para Harrin e Donia. Tenho certeza de que Faren vai deixar que você me visite de vez em quando.

Ele caminhou até a porta, depois se virou para encará-la.

— Tenho que fazer isso, Sonea. — Os olhos dele estavam brilhantes. — Desde que me lembro, todo mundo fala como se eu trabalhasse para os Ladrões. Agora tenho uma chance de tornar isso real.

Sonea fitou-o. Será que era isso mesmo que ele queria? Alguém tão amável quanto Cery escolheria tornar-se... o quê? Um assassino brutal que acumula dinheiro? Ela desviou o olhar. Essa era a opinião de Jonna sobre os Ladrões. Cery sempre dissera que os Ladrões ocupavam-se de ajudar e proteger tanto quanto eram envolvidos com roubo e contrabando.

Ela não poderia — não deveria — impedi-lo de fazer o que sempre quisera fazer. Se o trabalho se revelasse menos do que ele esperara, ele seria esperto o bastante para pular fora. Ela engoliu em seco, a garganta subitamente apertada.

— Se é isso o que quer... — disse ela. — Só tenha cuidado.

Ele encolheu os ombros. — Sempre tenho.

Ela sorriu.

— Vai ser maravilhoso ter você baixando aqui a toda hora.

Ele rasgou um sorriso.

— Nada me faria ficar longe.

O bordel ficava na parte mais escura e suja das favelas. Como na maioria deles, o piso inferior era uma boleria, e os quartos do andar de cima eram para as garotas mais bonitas. Todo o resto do comércio acontecia em estandes situados no fundo do edifício.

Quando Cery entrou, pensou nas palavras de Faren. “Ele conhece a cara de quase todo mundo. Mas não vai te conhecer. Finja que você é novo nisso. Dê um bom preço pelo que ele tem. Traga a mercadoria de volta pra mim.”

Várias garotas insinuavam-se à medida que ele atravessava o quarto. Pareciam pálidas e cansadas. Um fogo fraco que emitia pouco calor ardia em uma lareira em um lado do quarto.

Havia um empregado encurvado atrás do bar, conversando com dois clientes. Cery sorriu para as garotas, examinando cada uma como se a considerar, depois, como fora instruído, abordou uma garota rechonchuda, Elyne, que tinha uma pena tatuada no ombro.

— Quer um pouco de diversão?

— Talvez mais tarde — disse ele. — Ouvi dizer que vocês têm um quarto para reuniões.

Os olhos dela arregalaram-se, e ela rapidamente fez que sim com a cabeça.

— Sim, é verdade. No andar de cima. Última porta à direita. Levo você.

Pegou-o pela mão e o conduziu até as escadas. Havia um leve tremor na mão que o segurava. Ao subir as escadas, ele olhou para baixo e viu que muitas das garotas o observavam com os olhos cheios de medo.

Perturbado, olhou em volta de forma cautelosa ao chegar ao topo das escadas e começou a percorrer o corredor. A garota tatuada soltou sua mão e acenou na direção dos últimos quartos.

— É a última porta.

Apertou uma moeda na mão dela e continuou em frente. Abrindo a porta com cautela, Cery espreitou a parte de dentro. O quarto era minúsculo, contendo apenas uma mesinha e duas cadeiras. Colocando os pés dentro dele, Cery

inspecionou tudo rapidamente. Alguns buracos de espiar haviam sido perfurados nas paredes. Suspeitava de que houvesse uma escotilha sob a gasta esteira *simba* que estava no chão. Uma pequena janela oferecia a vista de uma parede, e pouco mais.

Abriu a janela e avaliou a parede de fora. O bordel estava excepcionalmente silencioso para aquele tipo de estabelecimento. Ouviu-se uma porta abrir ali por perto, depois passos a descer o corredor, aproximando-se. Retornando à mesa, Cery disciplinou o rosto em uma expressão circunspecta. Um homem assomou à entrada.

— É você o calha? — perguntou o homem com uma voz áspera.

Cery encolheu os ombros.

— É o que faço.

Os olhos do homem dardejaram por todo o lugar. O rosto dele podia ter sido bonito, se não fosse tão magro, ou a luz nos olhos dele não fosse tão violenta e fria.

— Tenho algo para vender — disse o homem. As mãos dele, que estavam enfiadas nos bolsos, emergiram. Uma estava vazia, a outra segurava um colar reluzente. Cery inspirou fundo, não tendo que fingir surpresa. Uma peça dessas só poderia ter pertencido a um homem ou mulher ricos — *se* fosse verdadeira.

Cery estendeu a mão para pegar o colar, mas o homem arrebatou-o.

— Tenho que verificar se não é falso — indicou Cery.

O homem franziu as sobrancelhas, os olhos duros de desconfiança. Franziu os lábios, depois, relutante, estirou o colar à mesa.

— Veja — disse ele. — Mas não toque.

Cery suspirou, depois se curvou para examinar as pedras. Não fazia ideia de como diferenciar as joias reais das falsas — algo que teria de aprender —, mas vira antes donos de casas de penhor examinando joalheria.

— Vire ao contrário — ordenou ele.

O homem virou o colar. Olhando de perto, Cery viu um nome gravado no engaste.

— Segure o colar no ar para a luz passar pelas pedras.

Segurando o colar no ar com uma mão, o homem observou Cery mirar uns olhos apertados para a peça.

— O que acha?

— Levo por dez de prata.

O homem fez a mão cair.

— Ele vale pelo menos cinquenta de ouro!

Cery bufou.

— Quem é que vai te dar cinquenta de ouro nas favelas?

A boca do homem se contorceu.

— Vinte de ouro — disse ele.

— Cinco — contrapôs Cery.

— Dez.

Cery fez uma expressão de desagrado.

— Sete.

— Dinheiro na mesa.

Levando a mão ao bolso do casaco, Cery contou moedas com as pontas dos dedos, depois retirou metade delas. Fazendo aparecer mais moedas dos outros lugares onde armazenara o dinheiro de Faren, montou seis pilhas de moedas, cada qual equivalendo a uma de ouro, depois suspirou e tirou da bota uma brilhante moeda dourada.

— Pouse a joia — disse Cery.

O colar caiu sobre a mesa, ao lado do dinheiro. Quando o homem estendeu o braço para pegar as moedas, Cery apanhou o colar e o enfiou em seu casaco. O

homem baixou os olhos para a pequena fortuna nas mãos e sorriu, os olhos luminosos de satisfação.

— Um bom negócio, garoto. Vai se sair bem nisso. — Ele se afastou e saiu do quarto, depois se virou e se mandou.

Cery moveu-se até a porta e observou o homem andar a passos largos até uma das outras portas e entrar por ela. Ao colocar os pés no corredor, ouviu uma garota chiar de surpresa.

— Agora a gente nunca mais vai se separar — disse a voz áspera.

Quando Cery passou pela porta, deu uma espiada na parte de dentro. A garota tatuada estava sentada na ponta de uma cama. Levantou os olhos para Cery, os olhos arregalados de medo. O homem estava de pé atrás dela, olhando para as moedas que tinha nas mãos. Continuando, Cery dirigiu-se para o piso inferior.

Ele fingiu um olhar triste e desapontado ao descer à boleria. Ao ler a expressão que levava no rosto, as garotas não mexeram com ele. Os clientes observaram-no, mas não chamaram por ele nem o abordaram.

Estava só um pouco mais frio do lado de fora. Pensando na falta de clientes no bordel, sentiu uma pequena agitação de piedade pelas prostitutas ao atravessar a rua e penetrar nas sombras de um beco.

— Parece aborrecido, pequeno Ceryni.

Cery girou de um lado para o outro. Levou um tempo desconcertantemente longo até encontrar o homem de pele escura nas sombras. Mesmo depois de localizar Faren, ficou perturbado ao notar que só conseguia ver um par de olhos amarelos, e o ocasional luzir dos dentes.

— Conseguiu o que te mandei ir buscar?

— Sim. — Cery tirou o colar e o segurou no ar na direção de Faren. Sentiu dedos enluvados roçarem os seus, depois a joia lhe foi tirada da mão.

— Ah, este mesmo. — Faren suspirou e olhou de novo para o bordel. — O trabalho desta noite ainda não acabou, Cery. Tem algo mais que quero que você faça.

— Sim?

— Quero que volte lá e o mate.

Cery sentiu um arrepio percorrer sua barriga, uma sensação muito parecida com o que imaginava que sentiria ao ter uma faca retalhando-lhe as entranhas. Não foi capaz de pensar por um momento, depois sua mente começou a trabalhar rapidamente.

Era outro teste. Faren simplesmente queria ver até onde podia pressionar seu novo homem.

O que ele devia fazer? Cery não fazia ideia do que aconteceria se se recusasse. E ele queria recusar. Muito. A compreensão disso era tanto um alívio quanto uma preocupação para ele. Não querer matar não significava que não conseguisse fazê-lo... no entanto, quando considerava atravessar a rua e afundar sua faca nos órgãos vitais de um homem, não era capaz de se mexer.

— Por quê? — Ao falar, já sabia que falhara em um teste.

— Porque preciso que o mate — respondeu Faren.

— P-por que quer que o mate?

— Preciso me justificar?

Cery reuniu coragem. *Vamos ver até onde consigo levar isso.*

— Sim.

Faren emitiu um pequeno ruído de divertimento.

— Muito bem. O homem com quem você negociou chama-se Verran. De quando em quando era empregado por outro Ladrão, mas às vezes usava o que aprendia de seu trabalho pra ganhar um pouco de dinheiro por fora. O Ladrão tolerou isso até umas noites atrás, quando Verran decidiu visitar uma determinada casa sem ser convidado. A casa pertencia a um rico comerciante que tinha um acordo com o Ladrão. Quando Verran entrou na casa, estavam lá a filha do comerciante e alguns criados. — Faren fez uma pausa, e Cery ouviu um sibilo de cólera. — O Ladrão me deu o direito de punir Verran. Mesmo que ela

tivesse sobrevivido, ele seria um homem morto.

Os olhos amarelos voltaram-se para observar Cery.

— É claro, você teria de se perguntar se estou inventando tudo isso. Você tem que decidir se confia em mim ou não.

Cery acenou com a cabeça, depois olhou para o bordel no outro lado da rua. Sempre que precisava tomar uma decisão sem estar certo da verdade, recorria a seus instintos. O que é que eles lhe diziam agora?

Ele pensou no olhar frio e violento do semblante do homem, e no medo nos olhos da garota rechonchuda. Sim, aquele homem era capaz de feitos maldosos. Em seguida, pensou nas outras prostitutas; na tensão que pairava no ar; na falta de clientes. Os únicos dois homens no estabelecimento tinham falado com o dono. Eram amigos de Verran? Havia algo mais acontecendo lá.

E Faren? Cery pensava em tudo o que aprendera com o homem. Suspeitava que o Ladrão pudesse ser impiedoso se levado a isso, mas, em tudo o mais, Faren fora justo e honesto. E sentira raiva na voz dele quando falara do crime de Verran.

— Nunca matei ninguém antes — admitiu Cery.

— Eu sei.

— Não sei se consigo.

— Faria se alguém ameaçasse Sonea. Estou certo?

— Sim, mas é diferente.

— É?

Cery estreitou os olhos ao Ladrão.

Faren suspirou.

— Não, não quero dizer isso. Não é como trabalho. Estou te testando. Deve saber disso. Não tem que matar aquele homem. O que importa é que você aprenda a confiar em mim e eu conheça seus limites.

O coração de Cery deixou de bater por um segundo. Ele esperara testes. Mas Faren tinha dado a ele tantas tarefas diferentes que Cery começara a se perguntar o que o Ladrão pretendia. Será que tinha algo em mente para ele? Algo diferente?

Talvez esse fosse um teste que Cery enfrentaria novamente, quando estivesse mais velho. Se fosse incapaz de matar ou ficasse relutante em fazê-lo, poderia pôr em risco sua própria vida ou a de outras pessoas quando a necessidade fosse urgente. E se essa pessoa fosse Sonea...

Subitamente, toda a hesitação e indecisão se foram.

Faren olhou para o bordel do outro lado da rua e suspirou.

— De fato quero que aquele homem seja morto. Daria eu mesmo cabo dele, só que... Não faz mal. Vamos encontrá-lo outra vez. — Virou e deu alguns passos à frente, descendo o beco, depois parou ao perceber que Cery não o seguira.

— Cery?

Levando a mão ao casaco, Cery tirou os punhais. Os olhos de Faren moveram-se rapidamente para as lâminas quando estas refletiram a tênue luz vinda das janelas do bordel. Deu um passo para trás.

Cery sorriu.

— Volto já.

CAPÍTULO 11

Passagem segura

Após meia hora, o fedor de *bol* tornava-se quase que agradável. O aroma tinha um certo calor aconchegante que prometia conforto. Dannyl observava a caneca diante de si.

Recordando histórias de fábricas de fermentação fora dos padrões de higiene e de barris de *bol* com *ravi* boiando neles, não fora capaz de convencer a si mesmo a experimentar a tal bebida com gosto de xarope. Nessa noite, porém, fora incomodado por suspeitas mais obscuras. Se os favelados *tivessem* percebido quem ele era, o que os impediria de envenenar sua bebida?

Seus medos eram provavelmente infundados. Voltara a trocar as túnicas pelo traje de comerciante, cuidando para deixá-lo com aspecto um pouco surrado. Os outros clientes haviam-lhe lançado um olhar apreciativo, direcionado sobretudo para a algibeira que trazia à cintura, depois o ignoraram.

Apesar disso, Dannyl não conseguia afastar a sensação de que todos os homens e mulheres naquela sala abarrotada sabiam quem e o que ele era. Estavam um tanto mal-humorados, aborrecidos e apáticos. Buscando refúgio contra a tempestade que se formara do lado de fora, espreitavam de todos os cantos da sala. Às vezes os ouvia amaldiçoar o tempo, noutras amaldiçoavam o Clã. A princípio isso o divertira. Parecia que os favelados sentiam que era mais seguro culpar o Clã que o Rei pelos problemas que tinham.

Um favelado, um homem com uma cicatriz no rosto, não parava de olhar fixamente para ele. Dannyl endireitou-se e expandiu os ombros, depois olhou ao redor da sala. Ao preparar-se para cruzar com o olhar fixo do homem, este ficou mais interessado no ajuste das próprias luvas. Dannyl reparou na pele marrom-dourada e no rosto largo antes de virar-se novamente para sua bebida.

Vira homens e mulheres de todas as raças nas bolerias que visitara. Os pequenos Elynes, cuja terra natal era a vizinha mais próxima de Kyralia, eram os

mais comuns. Os Vindos, de pele marrom, eram mais numerosos nas favelas que no resto da cidade, visto que muitos deles viajavam para fora à procura de trabalho. Os atléticos e tribais Lan e os dignos Lonmar eram mais raros.

Aquele era o primeiro Sachakan que ele vira em anos. Embora Sachaka fosse vizinha de Kyralia, uma cadeia de montanhas altas e o deserto estéril para além dela desencorajavam a viagem entre as duas terras. Os poucos comerciantes que tentaram fazer o caminho haviam relatado histórias de povos bárbaros lutando para sobreviver no deserto, e uma cidade corrupta com pouco a oferecer ao comércio.

Mas nem sempre fora assim. Muitos séculos antes, Sachaka fora um grande império governado por magos sofisticados. Tudo mudou por causa de uma guerra perdida contra Kyralia e o então recém-formado Clã.

Uma mão tocou o ombro de Dannyl. Virando-se, deu com um homem moreno em pé atrás dele. O homem meneou a cabeça, depois se afastou.

Suspirando, Dannyl levantou-se e contornou a multidão até a porta. Uma vez do lado de fora, andou penosamente pelas poças que enchiam a maior parte da ruela. Haviam-se passado três semanas desde que o Clã rastreara a garota até o esconderijo subterrâneo e Lorde Jolen fora enganado pelo Lonmar. Desde então, Gorin recusara por três vezes o pedido de Dannyl para uma audiência.

O Administrador Lorlen mostrava-se relutante em aceitar o fato de que os Ladrões estavam protegendo a garota. Dannyl compreendia por quê. Nada incomodava mais um Rei do que a presença de um mago selvagem em seu reino. Os Ladrões eram tolerados. Eles mantinham o submundo do crime sob controle, e nunca representavam uma ameaça maior que a perda de impostos para o contrabando. Ainda que o Rei conseguisse encontrá-los e expulsá-los todos, sabia que outros ocupariam seu lugar.

Mas o Rei estaria disposto a arrasar as favelas até a última pedra — e todo o subterrâneo — se soubesse sem sombra de dúvida de que havia um mago selvagem na cidade.

Dannyl perguntava-se se os Ladrões se davam conta disso. Não falara da

possibilidade durante as conversas com Gorin, temendo parecer ameaçador ou pouco razoável. Em vez disso, prevenira o Ladrão do perigo que a garota representava.

Chegando ao fim do beco, atravessou correndo uma rua mais ampla até entrar em um espaço estreito entre dois edifícios. Dali, as favelas formavam um labirinto de tramas sinuosas. O vento descia rasgando os becos estreitos, lamuriando qual uma criança faminta. Ocasionalmente, desvanecia-se por completo, e em uma dessas pausas Dannyl ouviu passos atrás dele. Deu meia-volta.

O beco estava deserto. Encolhendo os ombros, Dannyl seguiu em frente.

Embora tentasse ignorar isso, sua imaginação não largava a ideia de que estava sendo seguido. Na pausa entre os próprios passos, ouvia o estalar de outro passo ou, olhando para trás, às vezes surpreendia um movimento rápido de ida e volta ao virar uma esquina. Enquanto a convicção se tornava mais forte, Dannyl ficava exasperado consigo mesmo. Ao virar uma esquina, manipulou rapidamente a fechadura de uma porta e entrou sorrateiramente no prédio.

Para seu alívio, a sala lá dentro estava desocupada. Espiando pelo buraco da fechadura, resfolegou suavemente quando viu que o beco lá fora ainda estava deserto. Em seguida, uma figura apareceu.

Franziu as sobrancelhas ao reconhecer as cicatrizes no rosto largo do homem. Os olhos do Sachakan pestanejaram de um lado para o outro, perscrutando. Dannyl vislumbrou um reflexo e, olhando para baixo, viu uma faca de aspecto perverso na mão enluvada do homem.

Dannyl riu em voz baixa. *Sorte sua tê-lo ouvido me seguir*, pensou ele. Considerou enfrentar o assaltante e arrastá-lo até o Salão da Guarda mais próximo, mas decidiu não fazê-lo. A noite se aproximava, e ele estava ávido por retornar ao calor dos próprios aposentos.

O Sachakan examinou o chão, depois se virou para a direção oposta. Dannyl contou até cem, depois saiu pela porta e continuou seu caminho. Parecia que o medo de que os favelados soubessem quem era fora infundado. Nenhum

favelado seria estúpido o bastante para atacar um mago usando apenas uma faca.

Sonea estava debruçada sobre um livro grande quando Cery entrou no esconderijo. Ela ergueu os olhos e sorriu.

— Como *tá* indo a magia? — perguntou ele.

O sorriso dela desapareceu.

— O de sempre.

— O livro não *tá* ajudando?

Ela balançou a cabeça.

— Faz cinco semanas desde que comecei a praticar, mas a única coisa em que *tô* melhorando é a leitura. Não posso ler em troca da proteção de Faren.

— Não dá pra apressar o que *cê tá* fazendo — disse ele. *Não quando só se pode praticar uma vez por dia,* acrescentou ele, silenciosamente.

Desde sua quase captura, um grupo de magos andara a rodear pacientemente cada um dos esconderijos de Faren sempre que ela usava magia, forçando-o a encontrar novos locais. Cery sabia que Faren estava cobrando favores por toda a favela. Também sabia que o Ladrão acreditava que Sonea valia cada moeda e favor que ele gastava.

— O que *cê* acha que precisa pra sua magia funcionar? — perguntou ele.

Ela pousou o queixo em uma mão.

— Preciso que alguém me *mostre*. — Ela ergueu uma sobrancelha para Cery. — Faren disse alguma coisa sobre aquela pessoa que ele ia investigar?

Cery balançou a cabeça.

— Nada pra mim. Escutei alguma coisa por acaso, mas nada parecia muito promissor.

Ela suspirou.

— Por acaso *cê* não conhece nenhum mago amigável que esteja disposto a

revelar os segredos do Clã para os Ladrões? Talvez *cê* pudesse sequestrar um pra mim.

Cery caiu na risada, depois parou quando uma ideia começou a se formar.

— Acha que...

— Chiu! — sibilou Sonea. — Escuta!

Cery ficou de pé em um pulo ao ouvir leves batidinhas vindas do chão.

— O sinal!

Cery correu até a janela do lado da rua e espreitou as sombras lá em baixo. Em vez da sentinela, uma figura desconhecida andava de um lado para o outro. Ele agarrou o manto de Sonea que estava pendurado nas costas de uma cadeira e o atirou para ela.

— Mete por cima da camisa — disse ele. — E me segue.

Pegou um balde de água que estava ao lado da mesa dela e atirou o conteúdo sobre as poucas brasas que ainda restavam na lareira. A madeira sibilou e o vapor ondeou chaminé acima. Tirando a grelha, enfiou-se na lareira e começou a escalar a chaminé, encaixando as pontas das botas nas fendas entre os tijolos quentes e ásperos.

— Só pode *tá* de brincadeira — murmurou Sonea lá de baixo.

— Vamos lá — apressou ele. — A gente vai pelos telhados.

Sussurrando uma reclamação, ela começou a escalar.

À medida que o Sol emergia por detrás das nuvens de tempestade, os telhados eram banhados com luz dourada. Cery moveu-se até a sombra de uma chaminé.

— *Tá* muito claro — disse ele. — Certeza que vão nos ver. Acho que a gente devia ficar aqui até escurecer.

Sonea acomodou-se ao lado dele.

— A gente *tá* numa distância boa?

Ele olhou para trás na direção do esconderijo.

— Espero que sim.

Ela procurou em volta.

— A gente *tá* na Estrada Superior, não é? Essas pontes de corda e madeira... os apoios para a mão. — Ela sorriu quando Cery acenou com a cabeça. — Trazem lembranças.

Ele sorriu ao ver o olhar saudoso no rosto dela.

— Parece que já faz tanto tempo.

— E faz. Na maior parte das vezes não consigo acreditar que fizemos mesmo algumas das coisas que fizemos. — Ela balançou a cabeça. — Agora a gente não teria cara.

Ele encolheu os ombros.

— Éramos só crianças.

— Crianças que na surdina se enfiavam em casas e afanavam coisas. — Ela sorriu. — Lembra aquela vez que a gente entrou no quarto daquela mulher e ela tinha todas aquelas perucas? Você se enrolou no chão e a gente colocou todas elas sobre você. Quando ela chegou, você fez uns gemidos.

Cery sorriu.

— Ela teve motivo pra gritar.

Os olhos dela brilharam à luz do sol poente.

— Eu me meti numa baita encrenca quando Jonna descobriu que eu andava saindo escondido pra me juntar a você.

— Isso não a impediu — lembrou ele.

— Não. Naquela altura você já tinha me ensinado a arrombar fechaduras.

Ele olhou para ela com atenção.

— Por que você parou de sair com a gente?

Ela suspirou e puxou os joelhos até o peito.

— As coisas mudaram. Harrin começou a me tratar diferente. Era como se tivessem lembrado que eu era uma garota, e pensavam que eu andava com eles com outras intenções. Deixou de ser divertido.

— Eu não tratava você diferente... — hesitou ele, reunindo coragem. — Mas você também parou de querer sair comigo.

Ela meneou a cabeça.

— Não era você, Cery. Acho que fiquei cansada disso. Tive de crescer e parar de fingir. Jonna sempre ficava dizendo que a honestidade era um valor caro, e que roubar era errado. Eu não achava que roubar, quando não se tinha escolha, fosse errado, mas não era o que a gente *tava* fazendo. Quase fiquei contente quando me mudei para a cidade, pois significava que eu não tinha mais que pensar sobre tudo isso.

Cery acenou com a cabeça. Talvez tivesse sido melhor mesmo que ela tivesse partido. Os garotos da gangue de Harrin não tinham sido sempre legais com as jovens que encontravam.

— Foi melhor trabalhar na cidade?

— Um pouco. Você pode se meter em um monte de encrenca se não for cuidadoso. Os guardas são os piores, pois ninguém os impede de te molestar.

Ele franzia as sobrancelhas enquanto tentava imaginá-la defendendo-se de guardas cheios de más intenções. Será que havia algum lugar seguro? Balançando a cabeça, desejou poder levá-la para algum lugar onde guardas e magos não os incomodariam.

— A gente perdeu o livro, não é? — disse Sonea, subitamente.

Recordando-se do volume que estava sobre a mesa na parte de trás do esconderijo, Cery praguejou.

— De qualquer modo, não tinha mesmo utilidade alguma.

Não havia lamento na voz dela. Cery franziu as sobrancelhas. Tinha de haver

outra maneira para ela aprender magia. Ele mordeu o lábio suavemente ao recordar-se da ideia que ela lhe dera antes.

— Gostaria de levá-la para fora das favelas — disse ele. — Os magos vão estar por todo canto esta noite.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Para fora das favelas?

— Sim — respondeu ele. — Vai estar mais segura na cidade.

— Na cidade? Tem certeza?

— Por que não? — Ele sorriu. — É o último lugar onde iriam procurar.

Ela considerou a ideia e encolheu os ombros.

— Mas como a gente chega lá?

— Pela Estrada Superior.

— Mas não vamos conseguir passar pelos portões.

Cery sorriu.

— A gente não precisa usá-los. Vamos.

A Muralha Exterior agigantava-se sobre as favelas. Com dez passos largos de profundidade, era bem conservada pela guarda da cidade, embora tivessem passado muitos séculos desde que Imardin enfrentara a ameaça da invasão. Uma estrada contornava o lado exterior, mantendo as construções da favela encurraladas.

Não muito longe da estrada, Sonea e Cery desciam dos telhados para uma ruela. Pegando-a pelo braço, Cery conduziu-a até as pilhas de caixas, enfiando-se por entre elas. O ar ali tinha um cheiro forte, uma mistura de madeira jovem e fruta velha.

Cery agachou-se e bateu no chão. Para surpresa de Sonea, o som era metálico e oco. O chão mexeu-se, e um disco largo articulou-se para cima. Um rosto largo

apareceu, emoldurado por um círculo de escuridão. Do espaço à volta da cabeça emanava um fedor nauseabundo.

— Olá, Tul — disse Cery.

O rosto do homem hesitou, depois formou um sorriso.

— Como *cê* tem andado, Cery?

Cery abriu um sorriso.

— Bem. Quer pagar uma dívida?

— Claro. — Os olhos do homem brilharam. — Passagem?

— Pra dois — disse Cery.

O homem acenou com a cabeça e desceu até o ar fétido. Cery sorriu para Sonea e gesticulou para o buraco.

— Depois de você.

Ela estendeu um pé para dentro do buraco e encontrou o primeiro degrau de uma escada. Respirando pela última vez ar puro, desceu lentamente até o breu total. O som de água correndo ecoava na escuridão, e o ar estava carregado de umidade. Quando os olhos se ajustaram ao escuro, ela viu que estava em pé sobre uma saliência estreita no lado de um túnel de esgotos subterrâneo. O telhado era tão baixo que ela teve de se curvar.

O rosto gorducho do homem com quem tinham falado pertencia a um corpo igualmente largo. Cery ofereceu seus agradecimentos e entregou ao homem algo que lhe produziu um grande sorriso no rosto.

Deixando Tul em seu posto, Cery conduziu-a passagem abaixo em direção à cidade. Após várias centenas de passos, outra figura e uma escada surgiram ao alcance da vista. O homem podia ter sido alto em outro tempo, mas suas costas estavam encurvadas para cima como se tivessem crescido para ajustar-se à curva do túnel. Ele ergueu o olhar e observou-os aproximar-se, com olhos grandes, de pálpebras pesadas.

O homem virou-se bruscamente para olhar para trás de si. Do túnel mais à

frente chegou um tinido suave.

— Depressa — disse, em tom irritado. Cery agarrou o braço de Sonea e a puxou para fazê-la correr.

Pegando algo por debaixo do casaco, o homem começou a bater nesse objeto com uma colher velha. O som era ensurdecedor dentro do túnel.

Ao chegarem à escada, ele parou, e todos ouviram mais tinidos atrás de si. Ele grunhiu, em seguida começou a agitar os braços.

— Subam! Subam! — gritou.

Cery escalou. Ouviu-se um som metálico abafado, depois um buraco de luz apareceu. Cery continuou subindo por ele e depois desapareceu. À medida que o seguia, Sonea ouvia um som fraco e distante no túnel. O corcunda veio logo atrás dela e puxou a escada para cima.

Sonea olhou em volta. Estavam em um beco estreito, escondido pela escuridão. Ao voltar a ouvir o som fraco, ela se virou de novo para o túnel. O som aumentava rapidamente, tornando-se um estrondo profundo que foi subitamente abafado quando o corcunda fechou cuidadosamente a tampa do túnel. Um momento depois, ela sentiu uma ligeira vibração sob os pés. Cery inclinou-se para perto dela, fazendo sua boca tocar levemente a orelha de Sonea.

— Os Ladrões usam estes túneis há anos para ir além da Muralha Exterior — murmurou ele. — Quando a guarda da cidade o descobriu, começaram a lavar os canos com jatos de água. Não é mesmo má ideia... mantém-os limpos. É claro que os Ladrões passaram a saber quando isso acontecia, e o negócio continuou como de costume. Foi quando a guarda começou a lavá-los sem hora nem dia fixos.

Ele acenou para que ela se agachasse ao lado da tampa, depois a levantou com cuidado. A água corria violentamente a poucos centímetros de seu rosto, e o estrondo espalhou-se sonoramente para a rua. Cery voltou a fechar rapidamente a tampa.

— É por isso que eles tocam os sinos — sussurrou ela.

Cery fez que sim com a cabeça.

— Um aviso. — Ele virou de costas e entregou algo ao corcunda, depois a conduziu a descer pelo beco até uma esquina escura onde os tijolos salientes de uma parede lhes permitiu escalar até o telhado de uma casa. O ar estava cada vez mais frio, de modo que Sonea sacou o manto e o envolveu sobre os ombros.

— Tinha esperança de nos levar um pouco mais perto que isto — murmurou Cery — mas... — encolheu os ombros. — Boa vista aqui de cima, hein?

Ela fez que sim com a cabeça. Embora o Sol já estivesse abaixo do horizonte, o céu ainda brilhava. As últimas nuvens de tempestade pairavam sobre o Quarteirão Meridional, mas se retiravam lentamente para o Leste. A cidade estendia-se diante dela, banhada em luz laranja.

— Até dá pra ver uma lasca do Palácio do Rei — apontou Cery.

Acima da alta Muralha Interior, eram visíveis as torres altas do Palácio e o topo de uma cúpula reluzente.

— Nunca *tive* lá — sussurrou Cery. — Mas vou pisar lá um dia.

Sonea soltou uma risada.

— Você? No Palácio do Rei?

— É algo que prometi pra mim mesmo — disse ele —, que vou entrar em todos os lugares grandes da cidade pelo menos uma vez.

— E aonde já foi até agora?

Ele apontou para os portões do Círculo Interior. Através da entrada ela podia ver paredes e telhados de mansões lá dentro, iluminados pelo brilho amarelo das lâmpadas de rua.

— Algumas das casas grandes.

Ela resfolegou, incrédula. Quando fazia viagens de negócios para Jonna e Ranel, ocasionalmente precisara entrar no Círculo Interior. As ruas eram patrulhadas por guardas que interrogavam todos aqueles que não estivessem ricamente vestidos ou não usassem o uniforme da criadagem de uma Casa. Os

clientes haviam dado a ela um pequeno passe que indicava que ela tinha negócios legítimos na área.

Cada visita revelara maravilhas. Lembrava-se de ver casas extraordinárias, de cores e formas fantásticas, algumas com terraços e torres tão finas que pareciam poder desmoronar com o próprio peso. Mesmo os aposentos dos criados eram luxuosos.

As casas mais simples que a cercavam agora eram mais familiares. Comerciantes e famílias menores viviam no Quarteirão Setentrional. Tinham poucos criados e usavam dos serviços de artesões para tudo o mais. Jonna e Ranel haviam reunido um pequeno grupo de clientes regulares durante os dois anos que trabalharam ali.

Sonea olhou para baixo e viu as cortinas pintadas que cobriam as janelas à sua volta. Através de algumas delas, conseguia ver as sombras de pessoas. Suspirou ao pensar nos clientes que sua tia e seu tio haviam perdido quando os guardas os despejaram da hospedaria.

— Pra onde agora?

Ele sorriu.

— Siga-me.

Continuaram pelos telhados. À diferença dos residentes das favelas, os da cidade nem sempre favoreciam os Ladrões ao deixar pontes e apoios de mão no lugar. Cery e Sonea viam-se muitas vezes obrigados a descer até o chão quando chegavam a um beco ou rua. As estradas mais largas eram patrulhadas por guardas, por isso tinham de esperar que passassem antes de atravessá-las correndo.

Uma hora depois, pararam para descansar, e então continuaram quando uma fina lasca de luar apareceu sobre o horizonte. Sonea seguia Cery em silêncio, concentrando-se em manter-se em pé sob a luz fraca. Quando ele finalmente voltou a parar, uma onda de cansaço abateu-se sobre ela, fazendo-a sentar-se com um gemido.

— Melhor a gente chegar logo lá — disse ela. — *Tô* quase morrendo.

— Não falta muito — assegurou Cery. — É só ir por ali.

Ela o seguiu e, após subirem em uma parede, acabaram em um jardim amplo e bem cuidado. As árvores eram altas e simétricas. Ele a conduziu ao longo das sombras de uma parede que parecia não ter fim.

— Onde a gente *tá*?

— Espera e veja — respondeu Cery.

Alguma coisa prendeu seu pé e ela esbarrou em uma árvore. A aspereza da casca surpreendeu-a. Olhou para cima e à sua volta. Árvores intermináveis erguiam-se como sentinelas diante de seus olhos. Na escuridão elas tinham um aspecto estranho e sinistro, uma floresta de braços com garras.

Uma floresta? Ela franziu as sobrancelhas, depois um arrepio a dominou. *Não há nenhum jardim no Quarteirão Setentrional, e só há uma floresta em Imardin...*

O coração dela começou a acelerar. Ela correu atrás de Cery e lhe agarrou o braço.

— *Hai*! Que *cê tá* fazendo? — Ela arfou. — A gente *tá* no Clã!

Os dentes dele reluziram.

— Isso mesmo.

Ela o fitou. Ele era uma silhueta negra na floresta enluarada, e ela não conseguia ver sua expressão. Uma suspeita ameaçadora assaltou-a. Com certeza ele não tinha... ele não iria... não Cery. Não, ele *jamais* a entregaria aos magos.

Ela sentiu a mão dele em seu ombro.

— Não se preocupe, Sonea. Pense nisso. Onde é que os magos estão? Nas favelas. Na verdade *cê tá* mais segura aqui do que lá.

— Mas... eles não têm guardas?

— Alguns nos portões, e é tudo.

— Patrulhas?

— Não.

— E uma parede mágica?

— Não. — Ele riu baixinho. — Imagino que achem que as pessoas têm muito medo deles para ousar atravessar.

— Como sabe se tem uma parede ou guardas?

Ele soltou uma gargalhada.

— Já *tive* aqui.

Ela inspirou profundamente.

— *Por quê?*

— Depois que decidi que visitaria todos os lugares da cidade, vim até aqui e dei uma bisbilhotada. Não consegui acreditar como foi fácil. Não tentei entrar em nenhum dos prédios, claro, apenas observei os magos pelas janelas.

Sonea fitou, incrédula, seu rosto ensombrecido.

— Você *espiou* o Clã?

— Claro. Foi bem interessante. Eles têm lugares onde ensinam os novos magos e lugares onde vivem. Da última vez eu vi os Curadores trabalhando. *Aquilo* valia a pena ver. Havia um garoto com cortes por toda a cara. Quando o curador tocou nele, sumiu tudo. Fantástico.

Ele fez uma pausa, e ela viu a cabeça dele voltar-se na direção dela sob a luz fraca.

— Lembra que disse que queria uma pessoa que te mostrasse como usar magia? Talvez, se os observar, você veja algo que te ajude a aprender.

— Mas... o Clã, Cery.

Ele encolheu os ombros.

— Não te traria aqui se soubesse que era mesmo perigoso, traria?

Sonea balançou a cabeça. Sentiu-se péssima por duvidar dele. Se pretendesse entregá-la, teria deixado os magos apanhá-la no esconderijo. Mas ele jamais a

trairia. Embora a explicação dele fosse inacreditável.

Se isto é uma armadilha, já estou condenada.

Ela afastou o pensamento e voltou a mente para o que Cery estava propondo.

— Acha mesmo que a gente consegue fazer isso?

— Claro.

— É loucura, Cery.

Ele riu.

— Pelo menos venha e olhe. A gente vai até onde a estrada permitir, e você vê por si mesma como é fácil. Se não quiser tentar, a gente volta. Vamos lá.

Engolindo o medo, Sonea seguiu-o pelas árvores. A floresta afinou um pouco, e através dela viu paredes. Mantendo-se na sombra, Cery moveu-se sorrateiramente até estar a menos de vinte passos de uma estrada, depois se lançou em frente e ficou atrás do tronco de uma grande árvore.

Sonea correu atrás e pressionou as costas contra outra árvore. As pernas dela pareciam ter perdido quase toda a força, e ela se sentiu tonta e confusa. Cery sorriu, depois apontou para entre as árvores.

Ela levantou o olhar para o edifício à sua frente e arfou.

CAPÍTULO 12

O último lugar onde procurariam

Era tão alto, parecia quase tocar as estrelas.

Em cada esquina havia uma torre. Entre elas, paredes brancas brilhavam suavemente ao luar. Na frente, arcos de pedra transpunham a largura do edifício, uns sobre os outros, e de cada arco pendia uma cortina de pedra. Uma escadaria levava até um par de grandes portas, as quais permaneciam abertas.

— É lindo — sussurrou Sonea.

Cery riu baixinho.

— É, não é? Viu aquelas portas? Têm quase quatro vezes a altura de um homem.

— Devem ser muito pesadas. Como que eles as fecham?

— Com magia, imagino.

Sonea ficou tensa quando uma figura de túnica azul apareceu na entrada. O homem pausou, depois se pôs a descer as escadas a passo largo e se afastou em direção a um edifício menor à direita.

— Não se preocupe. Não conseguem ver a gente — assegurou Cery.

Sonea expirou depois de segurar a respiração e arrastou os olhos para longe da figura distante.

— O que tem lá dentro?

— Salas de aula. É a Universidade.

Três filas de janelas desciam pela lateral do edifício. Na parte inferior, duas filas estavam quase que totalmente obscurecidas por uma linha de árvores, mas

ela conseguiu ver uma luz amarela quente por entre as lacunas da folhagem. Havia um grande jardim à esquerda do edifício. Cery apontou para um edifício mais distante deste.

— É ali que os aprendizes vivem — disse ele. — Tem outro prédio exatamente como este no outro lado da Universidade, onde os magos vivem. Ali adiante — ele apontou para um edifício circular centenas de passos à esquerda deles — é o local onde os Curadores realizam o trabalho deles.

— O que é aquilo? — perguntou Sonea, apontando para uma coleção de mastros curvados que se erguiam de algum lugar do interior do jardim.

Cery encolheu os ombros.

— Não sei — admitiu. — Nunca descobri.

Gesticulou para a estrada diante deles.

— Esta leva até as casas dos criados lá embaixo — apontou para a esquerda — e os estábulos por ali — apontou para a direita. — Tem alguns outros edifícios atrás da Universidade, e outro jardim em frente ao edifício dos magos. Oh, e tem mais casas pra magos subindo um pouco a colina.

— Tantos edifícios — sussurrou ela. — Há quantos magos ao todo?

— Mais de cem vivem aqui — disse Cery. — Tem mais morando noutros lugares. Alguns vivem na cidade, outros no campo, e muitos mais em outros países. Cerca de duzentos criados ficam aqui também. Tem camareiras, cavalariços, cozinheiros, escribas, jardineiros e até agricultores.

— Agricultores?

— Tem campos lá embaixo, perto das casas dos criados.

Sonea franziu as sobrancelhas.

— Por que simplesmente não compram a comida deles?

— Ouvi dizer que cultivam todo tipo de planta para fazer medicamentos.

— Oh. — Sonea olhou para Cery, impressionada. — Como descobriu tanta coisa sobre o Clã?

Ele abriu um sorriso largo.

— Fiz um monte de perguntas, especialmente depois da última vez que vim dar uma bisbilhotada.

— Por quê?

— Estava curioso.

— Curioso? — urrou Sonea. — Apenas *curioso*?

— Todo mundo se pergunta o que é que fazem ali dentro. *Você* não?

Sonea hesitou.

— Bem... às vezes.

— Claro que se pergunta. Você tem mais motivos do que a maioria. Então, *tá* a fim de espionar uns magos?

Sonea ergueu os olhos para os edifícios.

— Como vamos olhar lá dentro sem que vejam a gente?

— O jardim vai mesmo até as paredes dos edifícios — disse Cery. — Tem caminhos que vão e vêm, e junto deles existem árvores com cercas vivas de ambos os lados. Dá pra andar entre as cercas vivas que ninguém te vê.

Sonea balançou a cabeça.

— Só você pra fazer uma loucura dessas.

Ele sorriu.

— Mas você sabe que não corro riscos estúpidos.

Ela mordeu o lábio, ainda envergonhada por ter suspeitado que ele a traíra. Ele sempre fora o mais esperto da gangue de Harrin. Se era possível espionar o Clã, ele saberia como fazer isso.

Ela sabia que devia dizer que ele a levasse de volta a Faren. Se alguém os descobrisse... Era tão assustador pensar nisso. Cery a observava na expectativa. *Seria uma vergonha não tentar*, sussurrou uma voz no fundo da sua mente, *e eu poderia ver algo que me fosse útil*.

— Tá certo. — Ela suspirou. — Por onde primeiro?

Cery rasgou um sorriso e apontou na direção do edifício dos Curadores.

— A gente vai entrar nos jardins ali embaixo, onde a estrada *tá* escura. Siga-me.

Ele correu de volta à floresta e teceu o caminho por entre as árvores. Após algumas centenas de passos, voltou para a estrada e parou ao lado de uma árvore.

— Os magos estão ocupados treinando agorinha mesmo — murmurou ele. — Ou se recolheram para os quartos. Temos até o fim das aulas da noite, depois a gente se embrenha na floresta e se esconde. Por enquanto, só temos que tomar cuidado com os criados. Veste o manto por cima da camisa. Só vai atrapalhar.

Ela obedeceu. Cery pegou-a pela mão e começou a dirigir-se para a estrada. Sonea olhou para cima e fitou com desconfiança as janelas da Universidade.

— E se olharem para fora? Vão ver a gente.

— Não se preocupe — disse ele. — As salas deles estão cheias de luz, por isso não conseguem ver nada do lado de fora a não ser que se aproximem das janelas, e *tão* ocupados demais com os afazeres deles pra olhar pra fora.

Pegando em seu braço, puxou-a até o outro lado da estrada. Ela segurou a respiração e examinou as janelas acima deles à procura de observadores, mas nenhuma forma humana apareceu. Ao entrarem nas sombras do jardim, ela suspirou aliviada.

Deitando de barriga, Cery contorceu-se para passar pela base de uma sebe. Seguindo-o, Sonea se viu agachada sob uma rede densa de folhagem.

— Cresceu um pouco desde a última vez que estive aqui — murmurou Cery. — A gente tem que rastejar.

Movendo-se para a frente com as mãos e os joelhos, ele a conduziu ao longo de um apertado túnel de vegetação. A cada vinte passos mais ou menos, tinha de se espremer para passar por um tronco de árvore. Depois de rastejar por várias centenas de passos, ele parou.

— Você está na frente do edifício dos Curadores — disse ele. — A gente cruza um caminho, depois se mete no meio das árvores em frente à parede. Vou primeiro. Certificarei de que o caminho *tá* livre, depois me segue.

Voltando a deitar de barriga, impulsionou-se para sair da sebe e desapareceu. Movendo-se para o buraco que ele fizera, Sonea espreitou. Um caminho estendia-se ao longo da sebe. Conseguiu ver o vão que Cery perfurara para entrar na sebe do outro lado.

Rastejando para sair, Sonea atravessou o caminho correndo e penetrou a folhagem. Encontrou Cery sentado no espaço que se seguia, descansando as costas no tronco de uma grande árvore, de frente para uma parede.

— Acha que consegue escalar esta? — perguntou Cery calmamente, batendo de leve na parede. — Você terá de ir até o segundo andar. É onde acontecem as aulas.

Sonea examinou a parede. Era feita de tijolos de pedra grandes. A argamassa entre eles estava velha e esfarelando. Duas saliências contornavam o edifício, formando a base das janelas. Assim que chegasse a uma janela, podia descansar na borda enquanto espreitava para dentro.

— Moleza — sussurrou ela.

Ele encolheu os olhos, depois começou a vasculhar os bolsos. Retirando um pequeno frasco, abriu-o e começou a passar uma pasta negra no rosto dela.

— Aí está. Agora você parece o Faren. — Ele abriu um sorriso, depois voltou a ficar sério. — Permaneça atrás das árvores. Se eu vir alguém se aproximando, vou assoviar como um *mullook*. Não saia dali e fique quieta e parada.

Concordando com a cabeça, ela se virou para a parede e colocou cuidadosamente a ponta dos pés em uma fenda. Enterrando os dedos na argamassa decadente, procurou o apoio seguinte para os pés. Logo ela estava a agarrar-se à parede, os pés na altura da cabeça de Cery. Ela olhou para baixo e viu que os dentes dele brilhavam em um sorriso rasgado.

Os músculos dela protestaram quando ela se impulsionou para cima, mas não pararam até ter alcançado o segundo andar. Fazendo uma pausa para tomar

fôlego, ela virou a cabeça na direção da janela mais próxima.

Era do tamanho de uma porta e estava preenchida por quatro vidraças largas. Ela deslizou cuidadosamente ao longo da saliência até conseguir ver o interior da sala.

Ali havia um grande grupo de magos de túnica marrom sentados, todos olhando atentamente para alguma coisa em um canto distante da sala. Ela hesitou, temendo que um deles voltasse os olhos para a janela e a visse, mas ninguém se virou em sua direção. Com o coração aos pulos, avançou lentamente até conseguir ver aquilo para onde olhavam fixamente.

Um homem de túnica verde-escura estava no canto. Ele segurava nas mãos a escultura de um braço com linhas coloridas e palavras rabiscadas nela. O mago usava uma pequena vareta de madeira para apontar para as diferentes palavras.

Sonea sentiu um arrepio de excitação. A voz do mago era abafada pelo vidro, mas ela conseguia distinguir as palavras se escutasse atentamente.

À medida que escutava, crescia dentro de si uma frustração familiar. Palavras e frases estranhas compunham boa parte da palestra do mago. Faziam tanto sentido para ela quanto uma língua estrangeira. Estava prestes a ceder à dor que sentia nos dedos e retornar para Cery quando o falante se virou e chamou em voz alta:

— Tragam Jenia.

Os aprendizes voltaram-se para a porta aberta. Uma jovem entrou na sala, acompanhada por uma criada idosa. O braço dela estava enfaixado e pendia de uma tira atada na nuca.

A mulher sorriu audaciosamente e riu de alguma coisa dita por um dos aprendizes. A um olhar severo do professor, a classe ficou em silêncio.

— Jenia quebrou o braço esta tarde ao cair do cavalo — disse ele. Ele gesticulou para que a jovem se sentasse em uma cadeira. Quando ele começou a desenrolar a bandagem, o sorriso dela fugiu-lhe do rosto.

Um antebraço ferido e inchado ficou descoberto. O professor escolheu dois

aprendizes da classe. A dupla passou as mãos delicadamente sobre o braço ferido, afastou-se e deu sua avaliação. O professor assentiu com a cabeça, satisfeito.

— Agora — disse ele, elevando o tom de voz para dirigir-se à classe —, primeiramente devemos parar a dor.

A um sinal do professor, um dos aprendizes segurou a mão da mulher. Ele fechou os olhos e a sala ficou em silêncio. Um olhar de alívio passou pelo rosto da mulher. O aprendiz soltou-a e acenou com a cabeça para o professor.

— É sempre melhor deixar o corpo curar-se por si próprio — continuou o mago —, mas podemos consertar até o ponto em que os ossos se juntam e o inchaço é aliviado.

O outro aprendiz passou suavemente a palma da mão pelo braço da mulher. As manchas roxas desapareceram ao seu toque. Quando o jovem se afastou, a mulher sorriu e tentou mexer os dedos.

O professor examinou o braço dela, depois recolocou a faixa, o que a mulher observou com óbvio desdém. Ele a instruiu severamente para não mexer o braço por duas semanas. Um dos aprendizes disse algo e o restante caiu na risada.

Sonea afastou-se da janela. Acabara de ver os lendários poderes de cura dos magos em ação, algo que poucos favelados haviam presenciado. Foi incrível, tal como imaginara.

No entanto, não aprendera como tinham feito aquilo.

Esta deve ser uma classe para aprendizes capacitados, concluiu. Aprendizes novos não saberiam tratar um ferimento como aquele. Se ela encontrasse uma classe de novos aprendizes, poderia ser capaz de compreender alguma coisa.

Ela desceu. Quando seus pés tocaram o chão, Cery agarrou seu braço.

— Você viu alguma cura? — sussurrou ele.

Ela fez que sim com a cabeça.

Cery sorriu.

— Falei pra você que ia ser fácil, não falei?

— Pra você, talvez — disse ela, esfregando as mãos. — Estou fora de forma. — Movendo-se para a árvore seguinte, ela forçou os dedos cansados entre os tijolos, e se impulsionou novamente para cima.

O professor na sala de aula seguinte era uma mulher, e ela também vestia túnica verde. Ela estava em silêncio, observando os aprendizes quando estes se debruçavam sobre as carteiras, escrevendo freneticamente em folhas de papel e folheando livros de capas de couro já gasto.

— E aí? — perguntou Cery.

Ela sacudiu a cabeça.

— Nada de mais.

A próxima janela revelou uma classe de aprendizes que misturavam líquidos com pós e pastas secas em pequenos frascos. A janela seguinte encerrava apenas um jovem de túnica verde, cochilando com a cabeça pousada sobre as páginas abertas do livro.

— O resto das salas não tem luz — disse Cery quando ela voltou ao solo. — Acho que é tudo que verá por aqui. — Ele se virou para apontar para a Universidade. — Lá tem mais classes para observar.

Ela acenou com a cabeça.

— Vamos lá.

Espremendo-se para fora da sebe, atravessaram o caminho às pressas e forçaram a entrada na folhagem do outro lado. A meio caminho do limite do jardim, Cery parou e apontou para um vão na sebe.

Olhando por entre as folhas, Sonea percebeu que haviam chegado aos estranhos mastros que ela vira erguer-se sobre os jardins. Curvavam-se para dentro, como se fizessem reverência uns aos outros, e se afunilavam no topo. Espaçavam-se uniformemente à volta de uma grande placa circular de pedra colocada no chão.

Sonea estremeceu. Uma vibração vagamente familiar perturbou o ar. Incomodada, colocou a mão nas costas de Cery.

— Vamos continuar.

Cery acenou com a cabeça e, dando mais uma olhada nos mastros altos, levou-a embora dali.

Atravessaram mais dois caminhos antes de chegar à parede da Universidade. Cery colocou a mão sobre a pedra.

— Você não vai conseguir escalar esta — sussurrou ele. — Mas tem um monte de janela no nível do solo.

Sonea tocou a parede. A pedra era coberta por arroios e ondulações que corriam para cima e para baixo pela superfície. Ela não conseguia ver fenda ou fresta alguma. Era como se o edifício todo tivesse sido feito a partir de um único e imenso bloco de pedra.

Movendo-se para trás de uma árvore, Cery entrelaçou os dedos. Ela subiu e colocou o pé nas mãos dele. Dando um passo para cima, espreitou por cima do peitoril da janela e olhou para dentro da sala.

Um homem de túnica púrpura escrevia com paus de carvão em um quadro. O som da voz dele chegava aos seus ouvidos, mas ela não conseguia distinguir nada do que dizia. Os desenhos no quadro eram tão incompreensíveis quanto o discurso do Curador. Com uma pontada de frustração e desapontamento, ela fez sinal para que Cery a pusesse no chão.

Andaram sorrateiramente ao longo do edifício até a próxima janela. A cena no interior era tão misteriosa quanto a primeira. Os aprendizes estavam sentados rigidamente em suas cadeiras, de olhos fechados. Atrás de cada um havia outro aprendiz que pressionava as palmas da mão contra as têmporas do colega. O professor, um homem de aspecto severo e vestido de túnica vermelha, observava-os em silêncio.

Sonea estava prestes a afastar-se quando ele falou subitamente.

— Separem-se agora. — O tom na voz dele era inesperadamente calmo para

um homem com um semblante tão inflexível. Os aprendizes abriram os olhos. Aqueles que estavam de pé esfregaram as próprias têmporas e fizeram uma careta de desagrado.

— Como podem ver, é impossível olhar para a mente de outra pessoa sem a vontade dela — disse o professor. — Não totalmente impossível, como o próprio Lorde Supremo provou, mas bem longe do alcance de magos comuns como vocês e eu.

Os olhos dele voltaram-se repentinamente para a janela. Sonea escondeu-se rapidamente. Cery baixou-a, e ela se agachou por baixo do peitoril, pressionando as costas contra a parede e gesticulando para que Cery fizesse o mesmo.

— Viram você? — sussurrou Cery.

Sonea pressionou uma mão no coração, que estava batendo rápido.

— Não tenho certeza. — Será que o mago estava agora correndo pela Universidade com a intenção de investigar os jardins? Ou será que estava de pé junto à janela, esperando que eles saíssem de baixo do peitoril?

Ela engoliu em seco, a boca desidratada. Virou-se para Cery, pronta para sugerir que saíssem correndo pela floresta, depois parou. Atrás dela, na sala, o som abafado da voz do professor recomeçara. Ela fechou os olhos e suspirou aliviada.

Cery inclinou-se para a frente e cuidadosamente espreitou para cima, na direção da janela. Ele olhou para ela e encolheu os ombros.

— Seguimos?

Ela inspirou profundamente e assentiu com a cabeça. Erguendo-se, desceram pelo edifício e pararam embaixo da janela seguinte. Unindo as mãos, Cery levantou Sonea.

Clarões de movimento chegaram aos seus olhos quando ele espreitou através da janela. Ela assistiu maravilhada à cena. Vários aprendizes esquivavam-se e se desviavam, fazendo o melhor possível para evitar um ponto minúsculo de luz que voava ao redor da sala. De pé em uma cadeira a um canto, o mago de túnica

vermelha acompanhava o progresso da partícula com uma mão estendida. Ele bradou aos aprendizes:

— Quietos! Defendam-se!

Quatro aprendizes já estavam parados. Quando a partícula brilhante se aproximou deles, foi impulsionada para longe como uma mosca esmagada. Gradativamente, mais aprendizes seguiram o exemplo dos outros, mas a partícula foi rápida. Alguns dos jovens menos capacitados exibiam minúsculas marcas vermelhas nos braços e rostos.

De repente, a partícula desapareceu. O professor saltou da cadeira e aterrissou suavemente. Os aprendizes relaxaram e sorriram uns para os outros. Com medo de que olhassem na direção dela, Sonea desceu ao chão.

Na janela seguinte, ela observou um mago de túnica púrpura demonstrando para a classe um estranho experimento com líquidos coloridos. Em outra, um grupo de aprendizes trabalhando com glóbulos flutuantes de vidro fundido, moldando as massas ardentes em esculturas intrincadas e reluzentes. Depois, na janela a seguir, ouviu um homem de aspecto amável, vestido de túnica vermelha, fazer um discurso sobre como fazer fogo.

Um badalar profundo ecoou subitamente pelo Clã. O mago ergueu o olhar, surpreendido, e os aprendizes começaram a levantar-se das cadeiras. Sonea escondeu-se e se afastou da janela.

Cery baixou-a até o chão.

— Esse sino marca o fim das aulas — disse ele. — Vamos ficar quietos agora. Os magos vão deixar a Universidade e ir para seus aposentos.

Aconchegaram-se perto do tronco de uma árvore. Por vários minutos tudo esteve silencioso, depois Sonea ouviu o som de passos para além da sebe.

— ... um longo dia — dizia uma mulher. — Estamos moídos com esta gripe de Inverno correndo solta. Espero que a busca termine logo.

— Sim — concordou uma segunda mulher. — Mas o Administrador tem sido razoável. Deu a maior parte do trabalho para os Guerreiros e os Alquimistas.

— Verdade — replicou a primeira mulher. — Agora me diga, como anda a esposa de Lorde Makin? Deve estar com mais de oito meses agora...

As vozes das mulheres desvaneceram-se e foram substituídas por risadas de garotos.

— ... fez você de bobo. Ele praticamente deu uma sova em você, Kamo!

— Foi só um truque, simplesmente — replicou um garoto com acentuado sotaque de Vin. — Não vai acontecer uma segunda vez.

— Ah! — retorquiu um terceiro garoto. — Esta *é* a segunda vez!

Os garotos desataram a rir, mas Sonea conseguiu ouvir outro conjunto de passos que se aproximava pela sua esquerda. Os garotos ficaram em silêncio.

— Lorde Sarrin — murmuraram respeitosamente quando os passos os alcançaram. Quando estes já iam bem distantes deles, as vozes dos garotos voltaram a se elevar ao continuar provocando uns aos outros. Afastaram-se, até que Sonea não mais conseguiu ouvi-los.

Mais grupos de magos passaram. A maioria estava em silêncio. Gradativamente, a atividade ao redor do Clã minguou até cessar de vez. Quando Cery enfiou a cabeça pela sebe para verificar o caminho, já estavam escondidos há quase uma hora.

— A gente tem que voltar pra floresta agora — disse ele. — Não vai ter mais aula pra ver.

Ela o seguiu para fora dali e, arrojando-se no caminho, enfiou-se na sebe seguinte. Viajaram pelo jardim e voltaram a atravessar correndo a estrada até entrarem na floresta. Agachando-se sob uma árvore, Cery sorriu para ela, os olhos a brilhar de excitação.

— Foi moleza, não?

Sonea olhou para trás na direção do Clã e sentiu um sorriso esticar-se em seu rosto.

— Sim!

— *Tá* vendo? Pensa só: enquanto os magos *tão* lá te caçando pelas favelas, a gente *tá* aqui bisbilhotando o território *deles*.

Eles riram em voz baixa, depois Sonea inspirou profundamente e suspirou.

— *Tô* feliz que acabamos — admitiu ela. —A gente pode voltar agora?

Cery franziu os lábios.

— Tem mais uma coisa que eu queria tentar, já que a gente *tá* aqui.

Sonea olhou para ele, desconfiada.

— O quê?

Ignorando a pergunta dela, ele se levantou e se embrenhou pelas árvores. Ela hesitou, depois correu atrás dele. À medida que se aprofundavam na floresta, esta ficava mais escura, e Sonea tropeçou várias vezes em raízes e galhos escondidos. Cery virou-se para a direita e, sentindo uma superfície diferente sob os pés, ela percebeu que estavam atravessando novamente a estrada.

Dali, o solo começou a subir. Várias centenas de passos depois, cruzaram um caminho estreito, e a subida tornou-se mais íngreme. Cery parou e apontou.

— Olhe.

Via-se um edifício comprido de dois andares por entre os troncos.

— O edifício dos aprendizes — disse ele. — A gente está atrás dele. Olhe, dá pra ver dentro.

Através de uma das janelas, ela conseguiu ver parte de um quarto. Havia uma cama simples e robusta contra uma das paredes, uma mesa estreita e uma cadeira encostada em outra. Duas túnicas marrons pendiam de ganchos na parede.

— Nada muito sofisticado.

Cery concordou com a cabeça.

— São todos desse jeito.

— Mas eles são ricos, não são?

— Acho que não podem escolher suas próprias coisas enquanto não se

tornarem magos completos.

— Como são os quartos dos magos?

— Sofisticados. — Os olhos dele reluziram. — Quer ver?

Sonea fez que sim com a cabeça.

— Vamos lá então.

Meteu-se mais por entre as árvores e subiu a colina. Quando se aproximaram outra vez do limite da floresta, Sonea viu que vários edifícios e um amplo pátio pavimentado se encontravam atrás da Universidade. Uma das estruturas descia encurvada a colina qual uma longa escadaria, brilhando suavemente como se fosse feita inteiramente de vidro fundido. Outra parecia uma enorme tigela voltada para cima, macia e branca. A área toda era iluminada por duas filas de lâmpadas grandes e redondas, colocadas no alto em postes de ferro.

— Para que servem todos esses edifícios? — perguntou Sonea.

Cery parou.

— Não tenho certeza. Acho que o de vidro são os banheiros. Os outros... — Ele encolheu os ombros. — Posso descobrir.

Continuaram a penetrar floresta adentro. Ao chegarem ao ponto de ver outra vez o Clã, haviam passado pelo pátio e estavam mais perto do edifício dos magos. Cery cruzou os braços e franziu as sobrancelhas.

— Todos têm cortinas nas janelas — disse ele. — Hum, se a gente der a volta pelo lado, talvez veja alguma coisa.

Quando retornaram para o limite das árvores, as pernas de Sonea doíam. Apesar de a floresta se aproximar mais do edifício pela lateral, ela só conseguia vislumbrar um trecho de mobília pela janela aberta que Cery indicara. Subitamente, mais cansada do que curiosa, ela deixou-se cair no chão.

— Não sei como vou fazer para voltar para as favelas — queixou-se ela. — Minhas pernas não conseguem dar nem mais um passo.

Cery sorriu e se agachou ao lado dela.

— Você ficou mole mesmo nestes últimos anos.

Ela lhe lançou um olhar contundente. Ele riu e olhou para baixo na direção do Clã.

— Sente-se e descanse um pouco — disse ele, ficando de pé. — Tem uma coisa que quero fazer. Serei rápido.

Sonea franziu as sobrancelhas.

— Aonde vai?

— Pra mais perto. Não se preocupe. Volto logo. — Ele se virou e desapareceu nas sombras.

Cansada demais para ficar nervosa, ela observou a floresta. Por entre os troncos, conseguia ver algo achatado e cinzento. Pestanejou surpresa quando se deu conta de que estava sentada a menos de quarenta passos de um edifício pequeno de dois andares.

Levantando-se, aproximou-se da estrutura, perguntando-se por que Cery não apontara aquele edifício para ela. Talvez não o tivesse notado. Feito de uma pedra diferente e mais escura que a dos demais edifícios do Clã, era quase invisível nas sombras das árvores.

Como a Universidade, uma sebe contornava o lado exterior. Uns passos mais à frente, Sonea sentiu a pedra dura de um caminho sob os pés. Janelas negras convidavam-na a se aproximar.

Olhando para trás, perguntou-se se Cery demoraria muito. Se ela não se demorasse demais, poderia dar uma olhada pelas janelas do edifício e voltar antes que ele retornasse.

Descendo sorrateiramente o caminho, moveu-se para trás da sebe e espreitou pela primeira janela. A sala lá dentro era escura, e muito pouco ela conseguiu ver. Alguma mobília, nada mais. Moveu-se para a janela seguinte, e para a seguinte, mas a vista era a mesma. Frustrada, virou-se para ir embora, depois ficou paralisada ao ouvir passos atrás de si.

Escondendo-se atrás da sebe, viu uma figura surgir de um dos lados do

edifício. Embora pudesse distinguir pouco mais que uma silhueta, conseguiu ver que o homem não trajava túnica. Um criado?

O homem moveu-se para um dos lados da casa e abriu uma porta. Ouvindo o trinco fechar-se atrás dele, Sonea suspirou aliviada. Firmou as mãos no chão para levantar-se, depois parou ao escutar um tinido em algum lugar ali perto.

Olhando ao redor, viu uma pequena grelha embutida na parede logo acima do solo. Caindo de mãos e joelhos no chão, inclinou-se para baixo para examiná-la. O pequeno respiradouro de ar estava cheio de sujeira, mas Sonea conseguiu ver por ele uma escadaria que descia em espiral até uma porta aberta.

Para além da porta havia uma sala iluminada pelo brilho amarelo de uma luz cuja fonte não era visível. Foi quando apareceu a figura de um homem de cabelos compridos e um manto negro pesado. Um par de ombros bloqueou por um momento sua visão quando outra figura surgiu à escadaria e desceu até a sala. Sonea vislumbrou vestes de criado antes de o recém-chegado mover-se para além do seu campo de visão.

Ouviu uma voz, mas não conseguiu distinguir as palavras. O homem de manto acenou com a cabeça.

— Está feito — disse ele, puxando o fecho e arrancando o manto dos ombros.

A respiração de Sonea ficou presa na garganta quando ela viu o que estava por baixo do manto. O homem usava os trajes esfarrapados de um mendigo.

E eles estavam respingados de sangue.

O homem olhou para si mesmo, e uma expressão de desgosto transpassou sua face.

— Trouxe minha túnica?

O criado murmurou uma resposta. Sonea reprimiu um arquejo de surpresa e horror. O homem era um mago.

Ele agarrou na camisa ensanguentada e a despiu pela cabeça, revelando um cinto de couro atado à cintura. Uma bainha de adaga grande pendia do cinto.

Removendo o cinto, atirou-o sobre uma mesa, assim como a camisa, depois puxou uma grande bacia de água e uma toalha. O mago mergulhou a toalha na água e esfregou rapidamente as manchas vermelhas de seu peito desnudo. Sempre que enxaguava a toalha, a água adquiria um tom de rosa mais escuro.

Em seguida, um braço surgiu na cena, segurando uma trouxa de tecido preto. O mago pegou o pano e este sumiu de vista.

Sonea sentou-se sobre as coxas. Túnica preta? Ela nunca vira um mago de túnica preta antes. Nenhum dos magos na Purificação usara preto. Sua posição no Clã devia ser única. Curvando-se outra vez, avaliou as roupas ensanguentadas. Talvez fosse um assassino.

O mago voltou a aparecer no seu campo de visão. Ele agora usava uma túnica preta, e penteara e prendera o cabelo escuro em um rabo de cavalo. Estendendo o braço para pegar o cinto, abriu a aba da bolsa da adaga.

Sonea inspirou rapidamente. O punho da adaga brilhou à luz. As gemas incrustadas refletiam cintilações vermelhas e verdes. O mago examinou com atenção a lâmina longa e curva, depois a limpou cuidadosamente na toalha. Ergueu os olhos ao criado, que estava oculto para ela.

— A luta me enfraqueceu — disse ele. — Preciso de sua força.

Ela ouviu um murmúrio em resposta. As pernas do criado moveram-se de modo que passaram a ser vistas, depois tudo o mais, com exceção da cabeça, apareceu quando ele ficou de joelhos e estendeu o braço. O mago agarrou o pulso do homem.

Virando-o para cima, o mago deslizou levemente a adaga pela pele do homem. Brotou sangue, e o mago pressionou a mão sobre a ferida como se tencionasse curá-la.

Depois algo começou a vibrar nos ouvidos dela. Endireitando-se, Sonea sacudiu a cabeça, pensando que um inseto lhe entrara nos ouvidos, mas o zunido continuou. Ela parou, depois sentiu um arrepio assaltar-lhe quando percebeu que o ruído vinha de algum lugar de *dentro* de sua cabeça.

A sensação parou tão subitamente quanto começara. Inclinando-se até a

grelha, Sonea viu que o mago libertara o criado. Ele estava se virando lentamente, os olhos perscrutando as paredes ao redor como se à procura de alguma coisa.

— Estranho — disse ele. — É quase como se...

Ele não estava procurando por algo nas paredes, pensou Sonea subitamente. *Ele está procurando por algo* para além *delas.*

O medo percorreu seu corpo. Levantando-se, esgueirou-se da sebe e se afastou da casa.

Não corra, disse a si mesma. *Não faça nenhum barulho*. Resistindo ao impulso de sair em disparada rumo às árvores, obrigou-se a fugir sorrateiramente. Acelerou o passo quando chegou ao caminho, recuando sempre que um galho se quebrava por baixo dos pés. A floresta parecia mais escura que antes, e ela sentiu um pânico crescente ao perceber que não tinha certeza de onde estivera sentada quando Cery a deixara sozinha.

— Sonea?

Ela deu um pulo quando uma figura saiu das sombras. Reconhecendo o rosto de Cery, arfou de alívio. Nos braços dele havia algo grande e pesado.

— Veja — disse ele, suspendendo o fardo que tinha em mãos.

— O que é?

Ele sorriu.

— Livros!

— Livros?

— Livros sobre magia. — O sorriso dele esvaneceu-se. — Por onde *esteve*? Acabei de voltar e...

— Estive lá. — Ela apontou para a casa e estremeceu. Parecia mais escura agora, como uma criatura espreitando na orla dos jardins. — A gente tem que ir! Agora!

— *Aquele* lugar! — exclamou Cery. — É onde o líder deles vive... o Lorde

Supremo.

Ela lhe agarrou o braço.

— Acho que um dos magos dele me ouviu!

Os olhos de Cery arregalaram-se. Ele olhou por cima do ombro dela, depois se virou e disparou pela floresta, para longe do edifício tenebroso.

CAPÍTULO 13

Uma influência poderosa

Apenas vinte e poucos magos tinham se reunido na Sala Noturna quando Rothen entrou. Ao perceber que Dannyl ainda não havia chegado, dirigiu-se para um conjunto de cadeiras.

— A janela estava aberta. Quem quer que fosse entrou pela janela.

Ouvindo a aflição na voz, Rothen pausou e procurou pelo falante. Deu com Jerrik de pé ali perto, conversando com Yaldin. Curioso por saber o que podia ter chateado o Diretor da Universidade, caminhou até os dois homens.

— Saudações. — Rothen acenou educadamente com a cabeça. — Parece descontente com alguma coisa, Diretor.

— Há um ladrão engenhoso entre nossos aprendizes — explicou Yaldin. — Jerrik perdeu alguns livros valiosos.

— Um ladrão? — repetiu Rothen, surpreso. — Quais livros?

— *A Doutrina dos Magos do Sul, Artes do Arquipélago Minken* e o *Manual de Como Fazer Fogo* — disse Jerrik.

Rothen franziu as sobrancelhas.

— Uma estranha combinação de livros.

— Livros caros — lamentou Jerrik. — Custou-me vinte moedas de ouro mandar fazer aquelas cópias.

Rothen sibilou suavemente.

— Então o ladrão tem um olho bom para o que é de valor. — Franziu as sobrancelhas. — Livros assim tão raros seriam difíceis de esconder. São volumes grandes, pelo que me lembro. Você poderia autorizar uma busca nos Aposentos dos Aprendizes.

Jerrik fez uma careta de desagrado.

— Estava com esperança de evitar isso.

— Talvez alguém os tenha tomado emprestado — sugeriu Yaldin.

— Perguntei a todos. — Jerrik suspirou e meneou a cabeça. — Ninguém os viu.

— Não perguntou para mim — observou Rothen.

Jerrik ergueu o olhar repentinamente.

— Não, não os peguei. — Rothen riu. — Mas você pode ter se esquecido de outros também. Talvez pudesse perguntar a todos na próxima Reunião. É daqui a dois dias apenas, e os livros podem aparecer até lá.

Jerrik retraiu-se.

— Imagino que seja melhor mesmo fazer isso primeiro.

Vislumbrando uma figura alta e familiar entrando na Sala Noturna, Rothen pediu licença para se retirar. Caminhou a passadas largas até o lado de Dannyl e o puxou para um canto tranquilo da sala.

— Teve sorte? — perguntou calmamente.

Dannyl encolheu os ombros.

— Não, sem sorte, mas pelo menos desta vez não fui seguido por estrangeiros empunhando facas. E você?

Rothen abriu a boca para responder, mas voltou a fechá-la quando um criado parou para oferecer uma bandeja com copos cheios de vinho. Estendeu a mão para pegar um, depois congelou ao ver um braço com uma manga preta estender-se em direção à bandeja, vindo por detrás de Dannyl. Akkarin selecionou uma taça e contornou Dannyl para ficar de frente para Rothen.

— Como está indo a busca, Lorde Rothen?

Dannyl arregalou os olhos ao virar-se e dar de cara com o Lorde Supremo.

— Chegamos mais perto de apanhá-la há duas semanas, Lorde Supremo —

respondeu Rothen. — Os protetores dela usaram uma isca. Quando percebemos que tínhamos a garota errada, ela já tinha escapado. Também encontramos um livro sobre magia.

A expressão do Lorde Supremo tornou-se sombria.

— Não são boas notícias.

— Era velho e desatualizado — acrescentou Dannyl.

— Mesmo assim, não podemos permitir tais livros fora do Clã — replicou Akkarin. — Uma busca pelas lojas de penhor serviria para revelar se muitos chegaram à cidade. Falarei com Lorlen sobre isso, mas, nesse meio-tempo... — olhou para Dannyl. — Teve sucesso em restabelecer o contato com os Ladrões?

O rosto de Dannyl ficou branco, depois enrubesceu.

— Não — respondeu com a voz constrita. — Recusaram durante muitas semanas meus pedidos para uma audiência.

Um meio sorriso contorceu-se na boca de Akkarin.

— Presumo que tenha tentado convencê-los dos perigos de ter um mago não treinado entre eles.

Dannyl fez que sim com a cabeça.

— Sim, mas não se mostraram preocupados.

— Estarão em breve. Continue com as tentativas para se encontrar com eles. Se se recusarem a vê-lo pessoalmente, mande mensagens. Detalhe os problemas que ela enfrentará quando a magia tornar-se descontrolável. Não vai demorar até que percebam que você fala a verdade. Mantenha-me informado sobre seus avanços.

Dannyl engoliu em seco.

— Sim, Lorde Supremo.

Akkarin acenou com a cabeça para ambos.

— Tenham uma boa noite. — Virou-se e foi embora, deixando os dois magos

a fitar suas costas, que se distanciavam. Dannyl soltou um suspiro explosivo.

— Como ele soube? — sussurrou.

Rothen encolheu os ombros.

— Dizem que ele sabe mais sobre os assuntos da cidade do que o próprio Rei, mas, por outro lado, talvez Yaldin tenha contado a alguém.

Dannyl franziu as sobrancelhas e olhou para o outro lado da sala na direção do mago de idade.

— Não é algo que Yaldin faria.

— Não — concordou Rothen. Ele sorriu e deu umas palmadinhas no ombro de Dannyl. — Mas não parece que você se meteu numa encrenca. Na realidade, parece que você acabou de receber um pedido pessoal do Lorde Supremo.

Sonea enrolou a ponta da página e suspirou. Por que esses escritores do Clã não podiam usar palavras normais e *sensatas*? Este que ela lia agora parecia ter um gosto especial por construir frases que a seu modo em nada se assemelhavam com o discurso normal. Até mesmo Serin, o escriba de meia-idade que a estava ensinando a ler, conseguia oferecer pouca explicação para muitos dos termos e frases.

Esfregando os olhos, ela se recostou na cadeira. Havia vários dias que estava no porão de Serin. Era uma sala surpreendentemente confortável, com uma ampla lareira e mobília robusta, e ela sabia que ficaria triste quando tivesse de deixá-la.

Depois de quase ser capturada na noite em que Cery a levara até o Clã, Faren a conduzira para a casa de Serin, no Quarteirão Setentrional. Decidiu que ela devia parar de praticar magia até que ele conseguisse arranjar esconderijos novos e mais bem situados. Nesse meio-tempo, disse que ela poderia aproveitar o tempo para estudar os livros que Cery tinha “achado”.

Ela voltou a baixar os olhos à pagina e suspirou. Uma palavra encontrava-se diante dela — uma palavra diferente, estranha e irritante que se recusava a fazer

qualquer sentido. Fitou-a, sabendo que o significado de toda a frase girava em torno dessa palavra enlouquecedora. Voltou a coçar os olhos, depois deu um pulo com uma batida na porta.

Levantando-se, espiou pelo buraco da fechadura, sorriu e destrancou a porta.

— Boa noite — disse Faren, deslizando para dentro da sala. Entregou-lhe uma garrafa. — Trouxe pra você um pequeno símbolo de encorajamento.

Sonea desarrolhou a garrafa e cheirou.

— Vinho de *pachi*! — exclamou ela.

— Isso mesmo.

Movendo-se até o armário, Sonea retirou duas canecas.

— Não acho que estas são para vinho de *pachi* — disse ela. — Mas é tudo o que tenho... a menos que você queira pedir a Serin por algo melhor.

— Servem. — Faren puxou uma cadeira à mesa e sentou-se. Aceitando uma caneca da bebida alcoólica verde-clara, deu um gole, suspirou com satisfação e se inclinou para trás na cadeira. — É claro que fica melhor aquecido e com especiarias.

— Não sei — disse Sonea. — Nunca provei antes. — Dando um gole, sorriu ao sentir o sabor doce e fresco inundar sua boca. Faren riu da expressão que ela fez.

— Pensei mesmo que fosse gostar. — Ele se alongou e se recostou na cadeira. — Também tenho notícias pra você. Seus tios estão esperando um filho.

Sonea fitou-o.

— Estão?

— Você vai ter um priminho em breve — disse ele. Dando outro gole, ele lhe lançou um olhar especulativo. — Cery me disse que sua mãe morreu quando você era criança, e que seu pai deixou Kyralia pouco tempo depois. — Ele fez uma pausa. — Algum dos seus pais mostrou sinais de ter magia no sangue?

Ela balançou a cabeça.

— Não que eu saiba.

Ele franziu os lábios.

— Pedi que Cery perguntasse pra sua tia. Ela disse que nunca viu talento mágico algum em nenhum de seus pais ou avós.

— Isso importa?

— Os magos gostam de traçar sua linhagem — disse ele. — Minha mãe tinha magia na dela. Sei porque o irmão dela, meu tio, é um mago, e o irmão do meu avô é também... se é que ainda vive.

— Você tem magos na família?

— Sim, se bem que nunca conheci nenhum deles, e provavelmente nunca vou conhecer.

— Mas... — Sonea balançou a cabeça. — Como é possível?

— Minha mãe era filha de um comerciante Lonmar abastado — respondeu ele. — Meu pai era um marinheiro kyraliano que trabalhava para o comandante dum navio que transportava com regularidade mercadorias para o pai de minha mãe.

— Como é que se conheceram?

— Foi por acaso, depois passaram a se encontrar em segredo. Os Lonmar, como sabe, mantêm suas mulheres longe da vista dos outros. Não as testam para magia, já que o único lugar onde elas podem aprender a usá-la é o Clã, e os Lonmar acreditam que seja impróprio às mulheres ficar muito longe de casa... ou mesmo falar com homens que não os de sua família. — Faren fez uma pausa para dar outro gole no vinho. Sonea observou-o atentamente engolir. Ele sorriu levemente. — Quando o pai dela descobriu que minha mãe andava se encontrando com um marinheiro, ela foi castigada — continuou ele. — Eles a açoitaram e depois a aprisionaram em uma de suas torres. Meu pai abandonou seu navio e ficou em Lonmar, buscando um modo de libertá-la. Não precisou esperar muito tempo, pois, quando a família dela descobriu que ela esperava um filho, expulsaram-na por ter caído em desgraça.

— Expulsaram-na? Certamente iam procurar um lar para a criança, não?

— Não. — A expressão de Faren tornou-se obscura. — Consideraram-na arruinada, uma desgraça pra família. As tradições deles exigiam que ela fosse marcada pra que outros homens soubessem de seu crime, depois ela foi vendida num mercado de escravos. Ela tinha duas grandes cicatrizes em cada bochecha, e outra no meio da testa.

— Isso é horrível — exclamou Sonea.

Faren encolheu os ombros.

— Sim, para nós parece horrível. Mas os Lonmar acreditam ser o povo mais civilizado do mundo. — Deu outro gole do vinho. — Meu pai a comprou, e comprou também passagem para os dois voltarem a Imardin. Mas os problemas deles não acabaram por aí. Ele fizera com que o comandante do navio perdesse um cliente importante, já que a família de minha mãe não negociaria mais por meio dele. E nenhum outro dono de navio iria contratar meu pai, por isso minha mãe e ele ficaram pobres. Eles construíram uma casa nas favelas e meu pai arranjou trabalho num matadouro de *gorins*. Nasci pouco tempo depois.

Esvaziou a caneca. Olhando para ela, sorriu.

— Vê? Até um ladrão de araque pode ter magia no sangue.

— Ladrão de *araque*? — debochou Sonea.

Nunca vira Faren tão falante. O que mais poderia contar a ela? Servindo-se de mais vinho, ela gesticulou impacientemente.

— Então, como o filho de um trabalhador de matadouro veio a se tornar um líder dos Ladrões?

Faren ergueu a caneca até os lábios.

— Meu pai morreu nas batalhas depois da primeira Purificação. Para ter dinheiro suficiente para nos alimentar, minha mãe se tornou dançarina num bordel. — Fez uma careta de desagrado. — A vida *tava* difícil. Um dos clientes dela era um homem influente entre os Ladrões. Ele gostava de mim, e me acolheu como filho. Quando ele se retirou, eu o substituí e trabalhei pra chegar

até onde estou.

Sonea franziu os lábios.

— Então qualquer um pode ser tornar um Ladrão? Tem só que ser amigo das pessoas certas.

— Exige mais do que ser apenas uma boa companhia. — Ele sorriu. — Tem planos para o seu amigo, é?

Ela franziu as sobrancelhas, fingindo surpresa.

— Amigo? Não, estava pensando em mim mesma.

Ele atirou a cabeça para trás e riu, depois ergueu a caneca na direção dela.

— A Sonea... uma mulher de ambições pequenas. Primeiro maga, depois Ladra.

Entornaram juntos as canecas, em seguida Faren baixou os olhos para a mesa. Estendendo o braço, virou o livro ao contrário na direção dele.

— Isto já anda fazendo mais sentido?

Ela suspirou.

— Nem Serin consegue decifrar algumas partes dele. Está escrito para alguém que sabe mais do que eu. Preciso de um livro pra iniciantes. — Olhou para Faren. — Cery teve alguma sorte?

Ele abanou a cabeça

— Podia ter sido melhor se você tivesse continuado a praticar. Teria mantido o Clã ocupado. Na semana passada, eles inspecionaram todas as lojas de penhor dentro e fora das muralhas. Se havia quaisquer livros sobre magia na cidade, não estão mais lá.

Sonea suspirou e pressionou as mãos nas têmporas.

— O que estão fazendo agora?

— Ainda vasculham por toda a favela — disse ele. — À espera de que você use magia.

Sonea pensou em seus tios, e na criança que esperavam. Enquanto os magos não parassem de buscar, ela não poderia vê-los. Como sentia falta de falar com eles. Olhou para o livro e sentiu um surto de frustração e raiva.

— Será que *nunca* desistem?

Deu um pulo quando uma sonora pancada ecoou pela sala, seguida pelo leve ruído de algo que se espalhava pelo chão. Olhando para baixo, Sonea viu fragmentos de um vaso de cerâmica branco.

— Agora, Sonea — disse Faren, agitando o dedo na direção dela. — Não acho que seja uma boa maneira de retribuir Serin por... — Ele parou abruptamente, depois bateu na testa e gemeu. — eles vão saber que você está na cidade. — Praguejou, depois franziu as sobrancelhas a desaprová-la. — Foi por mais de uma razão que lhe disse para evitar usar magia enquanto estivesse aqui, Sonea.

Sonea ruborizou.

— Desculpa, Faren, não quis fazer isso. — Abaixou-se e apanhou um dos cacos. — Primeiro não consigo fazer com que funcione quando quero, e agora funciona até quando nem estou pensando nisso.

A expressão de Faren suavizou-se.

— Ora, se não consegue evitar, é porque não consegue. — Abanou uma mão, enrijeceu-se e se virou para fitá-la.

— O quê? — perguntou ela.

Ele engoliu em seco e desviou o olhar.

— Nada. Só... um pensamento. Os magos não chegaram perto de nós o bastante pra descobrir nossa localização, embora seja provável que amanhã já estejam por todo o Quarteirão Setentrional. Não acho que precise mudá-la por ora... tente só não usar magia novamente.

Sonea fez que sim com a cabeça.

— Vou tentar.

— Larkin, o comerciante?

Dannyl virou-se para ver um empregado da boleria de pé ao lado dele. Ele acenou com a cabeça. O homem fez um movimento brusco de cabeça para indicar que Dannyl devia segui-lo.

Por um momento, Dannyl fitou o homem, incapaz de acreditar que finalmente estava chegando a algum lugar, depois se levantou precipitadamente do banco. Seguindo o homem pela multidão, considerou o conteúdo da carta que escrevera para Gorin. O que será que fizera o Ladrão concordar em falar com ele desta vez?

A neve caía lá fora. O guia encurvou os ombros e apertou mais o casaco, depois começou a descer a rua a um passo rápido. Ao chegarem à entrada de uma ruela próxima, uma figura de manto apareceu na frente de Dannyl, bloqueando seu caminho.

— Lorde Dannyl. Que surpresa! Ou devia dizer *que disfarce*?

Fergun sorria largamente. Dannyl fitou o mago, sem acreditar no que via, sentimento logo substituído pela irritação. Recordando outros tempos, há muito anos, quando fora perseguido e atormentado por um Fergun mais jovem, um desconforto começou a incomodá-lo... depois ficou irritado consigo mesmo. Endireitando os ombros, gozou de uma pequena satisfação mesquinha por ser uma cabeça mais alta que o outro mago.

— O que quer, Fergun?

As sobrancelhas finas de Fergun levantaram-se.

— Saber por que está perambulando nesse estado pelas favelas, *Lorde* Dannyl.

— E espera que eu lhe diga?

Os ombros do guerreiro ergueram-se.

— Bem, se não disser, serei obrigado a especular, não? Estou certo de que meus amigos ficarão felizes em me ajudar a adivinhar suas razões. — Colocou um dedo sobre os lábios. — Hum, é óbvio que não deseja que se saiba por que está aqui. Está escondendo algum escândalo? Está envolvido em algo tão

constrangedor que deve se vestir como mendigo para evitar que descubram? Ah! — Arregalou os olhos. — Anda frequentando os bordéis?

Dannyl olhou por cima do ombro de Fergun. Como previra, o guia havia desaparecido.

— Oh, então aquele era o tal? — perguntou Fergun, olhando de soslaio para trás. — Um pouquinho brutamontes. Não que eu faça ideia de quais são suas *exatas* preferências.

Dannyl sentiu a raiva percorrer seu corpo como água gelada. Já fazia anos desde que Fergun o confrontara assim, mas o ódio que a zombaria provocara era tão forte como sempre tinha sido.

— Saia da frente, Fergun.

Os olhos de Fergun brilharam de prazer.

— Oh, não — disse ele, a voz não mais zombando. — Não enquanto não me disser o que anda tramando.

Não seria difícil derrubar Fergun no chão, pensou Dannyl.

Dannyl controlou a raiva com esforço.

— Fergun, nem se quisesse você conseguiria manter a boca calada ou mesmo evitar dizer asneira... e todo mundo sabe disso. Ninguém vai acreditar em uma palavra do que disser. Agora saia da frente antes que eu seja obrigado a dar queixa de você.

Os olhos do Guerreiro ficaram rígidos.

— Estou certo de que os Magos Superiores ficarão mais interessados em *suas* ações. Pelo que me lembro, há uma lei bastante rígida que diz respeito aos magos e aos lugares onde devem usar túnicas. Eles sabem que está violando essa lei?

Dannyl sorriu.

— Não é de total desconhecimento.

Um lampejo de dúvida perturbou o olhar de Fergun.

— Eles o autorizaram?

— Eles... ou devo dizer *ele*... deu-me instruções para fazê-lo — respondeu Dannyl. Deixou o olhar distanciar-se, depois balançou a cabeça. — Nunca fui capaz de dizer se ele está a observar ou não. Ele precisará saber disso. Terei de contar-lhe quando voltar.

O rosto de Fergun ficou ainda mais pálido.

— Não há necessidade! Eu mesmo falarei com ele. — Deu um passo para o lado. — Vá. Termine seu trabalho. — Dando outro passo para trás, virou-se e saiu às pressas.

Sorrindo, Dannyl observou o Guerreiro desaparecer na neve, que ia ficando cada mais espessa. Duvidava que Fergun fosse falar com o Lorde Supremo.

A satisfação que sentia morreu quando deu por si sozinho em uma rua deserta. Examinou as sombras onde o guia desaparecera. Fergun *tinha* de aparecer justo quando os Ladrões finalmente concordaram com um encontro. Suspirando, Dannyl começou a voltar pela rua em direção à Estrada Setentrional e ao Clã.

Passos apressados esmagaram a neve atrás dele. Olhou para trás e pestanejou com surpresa ao ver o guia se aproximar. Parando, deixou que o homem o alcançasse.

— *Hai*! O que foi aquilo? — perguntou o homem.

— Um de nossos investigadores estava curioso um pouco além da conta. — Sorriu. — Acho que vocês o chamariam de penetra intrometido.

O homem abriu um sorriso rasgado, revelando dentes manchados.

— Entendo. — Encolheu levemente os ombros, depois inclinou a cabeça para indicar que Dannyl devia segui-lo. Certificando-se de que Fergun não ficara por ali para observar, Dannyl recomeçou a caminhar por entre a neve que caía.

— Aumenta gradualmente a quantidade de pó até que o calor derreta o vidro — leu Serin.

— Mas isso não é nada como devia ser! — exclamou Sonea. Ela se levantou e andou compassadamente pelo quarto. — Parece mais um... odre de água com um buraquinho. Se aperta o saco, a água esguicha toda pra fora, mas você não consegue mirar, ou fazer com que...

Ela parou ao ouvir uma batida na porta. Serin levantou-se e espiou pelo buraco da fechadura antes de abrir a porta.

— Sonea — disse Faren, acenando para que o escriba saísse da sala. — Tenho visitas pra você.

Ele entrou, com um sorriso de ponta a ponta. Atrás dele havia um homem troncudo com olhos sonolentos e uma mulher baixa com um lenço pesado cobrindo sua cabeça.

— Ranel! — gritou Sonea. — Jonna! — Correu à volta da mesa e abraçou a tia.

— Sonea! — Jonna soltou um pequeno suspiro. — A gente *tava* tão preocupado com você. — Segurando Sonea à distância de um braço, acenou com a cabeça em sinal de aprovação. — *Tá* com bom aspecto.

Para diversão de Sonea, Jonna encolheu os olhos para Faren. O Ladrão recostou-se na parede do outro lado do quarto, sorrindo. Sonea passou então para Ranel e abraçou-o.

Ele lhe lançou um olhar perscrutador.

— Harrin nos disse que *cê* anda fazendo magia.

Sonea fez uma careta de desagrado.

— Isso mesmo.

— E os magos *tão* procurando por você.

— Sim. Faren *tá* me escondendo deles.

— A troco de quê? De sua magia?

Sonea assentiu com a cabeça.

— Isso mesmo. Não que seja de grande valia no momento. Não tenho lá muito jeito pra coisa.

Jonna bufou suavemente.

— Não pode estar tão mal nisso, ou ele não *taria* escondendo você. — Olhou em volta do quarto e acenou com a cabeça. — Não tão mal como eu pensava. — Movendo-se até uma cadeira, sentou-se, tirou o lenço e exalou um longo suspiro.

Sonea deixou-se cair sobre as coxas ao lado da cadeira.

— Ouvi dizer que está começando um novo negócio.

Sua tia franziu as sobrancelhas.

— Novo negócio?

— Fazendo primos pra mim, acho.

A expressão da tia atenuou-se e ela apalpou a barriga.

— Ah, então as novidades chegaram até você. Sim, a nossa pequena família vai ter um novo membro já no próximo verão. — Jonna ergueu os olhos para Ranel, que sorria amplamente.

Olhando para eles, Sonea sentiu um ímpeto de afeto e saudade. Uma sensação familiar enfiou-se em sua mente, e ela inspirou de modo repentino. Levantando-se, procurou à sua volta, mas não encontrou nada fora de lugar.

— O que foi? — perguntou Faren.

— Fiz alguma coisa. — Ela enrubesceu ao perceber que os tios estavam olhando fixamente para ela. — Bem, senti como se tivesse feito.

O Ladrão olhou ao redor do quarto, depois encolheu os ombros.

— Talvez tenha movido um pouco de terra atrás das paredes.

Jonna parecia perplexa.

— O que quer dizer?

— Usei magia — explicou Sonea. — Não tive a intenção. Acontece às vezes.

— E *cê* não sabe o que fez? — A mão de Jonna apertou mais a barriga.

— Não. — Sonea engoliu em seco e desviou os olhos. O alarme no olhar da tia entristeceu-a, mas ela entendia por que motivo Jonna estava com medo. A ideia de que ela pudesse acidentalmente machucar...

Não, pensou ela. *Não pense nisso*. Respirou fundo e expirou lentamente.

— Faren, acho que *cê* devia levá-los embora. Só pra garantir.

Ele assentiu com a cabeça. Jonna levantou-se, o rosto marcado de ansiedade. Virou-se para Sonea e abriu a boca para falar, depois balançou a cabeça e estendeu os braços. Sonea deu um abraço apertado na tia antes de se afastar.

— Voltarei a vê-los — disse ela. — Quando tudo isto tiver se arranjado.

Ranel acenou com a cabeça.

— Cuide-se.

— Vou me cuidar — prometeu ela.

Faren conduziu o casal para fora do quarto. Dando as costas, Sonea ouviu os passos deles subindo as escadas. Uma estranha mancha colorida no chão chamou sua atenção. O lenço de sua tia.

Apanhando-o, correu até a porta e subiu as escadas. Enquanto subia, viu que os tios estavam com Faren na cozinha de Serin, olhando fixamente para algo naquele espaço. Ao chegar até eles, viu o que lhes atraíra a atenção.

O chão estivera antes coberto por grandes lajes de pedra. Agora era um amontoado irregular de pedra e terra. Uma mesa de madeira pesada dominara o recinto, mas tudo o que restava era madeira torcida e lascada.

Sonea sentiu a boca ficar seca, depois sua mente voltou a se alterar, e a mesa repentinamente pegou fogo. Faren virou-se para ela e pareceu lutar consigo mesmo por um momento antes de falar.

— Como eu estava dizendo — disse ele. — Ela provavelmente só está passando por uma fase difícil. Sonea, volte pra baixo e faça sua mala. Vou levar seus tios pra casa e arrumar alguém pra apagar o fogo. Vai ficar tudo bem.

Acenando com a cabeça, Sonea entregou à tia o lenço e correu pelas escadas até o porão.

CAPÍTULO 14

Um aliado relutante

Parando para descansar em uma ruela, Rothen fechou os olhos e lançou mão de um pouco de seu poder para afugentar o cansaço.

Abriu os olhos e avaliou a neve amontoada na lateral dos edifícios. O clima mais ameno das semanas anteriores era uma memória distante agora que as nevascas de inverno haviam chegado a Imardin. Conferindo se a túnica estava bem coberta pelo manto, preparou-se para sair à rua.

Ele parou quando um familiar zunido começou a soar no fundo de sua cabeça. Fechando os olhos, praguejou em voz baixa ao perceber quão distante estava da fonte. Sacudindo a cabeça, entrou na rua.

— *Dannyl?*

— *Eu a ouvi. Estou a poucas ruas de distância dela.*

— *Ela se moveu?*

— *Sim.*

Rothen franziu as sobrancelhas. Se ela escapara, por que ainda estava usando os poderes?

— *Quem mais está perto?*

— *Estamos mais próximos* — comunicou Lorde Kerrin. Ela não deve estar nem a cem passos de nós.

— *Sarle e eu estamos mais ou menos à mesma distância* — enviou Lorde Kiano.

— *Aproximem-se* — disse Rothen. — *Não a abordem sozinhos.*

Rothen cruzou a rua e desceu correndo por um beco. Um mendigo idoso fitou-o cegamente quando ele passou.

— *Rothen?* — chamou Dannyl. — *Veja isto.*

Lampejou na mente de Rothen a imagem de uma casa envolvida em labaredas laranja, com fumaça a serpentear para o céu. Um sentimento de suspeita e terror chegou com a imagem.

— *Acha que ela...*

— *Veríamos algo mais dramático que isto* — replicou Rothen.

Ao fim do beco, Rothen entrou em uma rua mais larga. Segurou o passo ao ver a casa em chamas. As pessoas já se reuniam para assistir e, ao se aproximar, ele viu os moradores das casas vizinhas debandando com os braços carregados de pertences.

Uma sombra alta desprendeu-se da escuridão de outra ruela e se aproximou dele.

— Ela deve estar perto — disse Dannyl. — Se nós...

Ambos endureceram quando um zunido mais forte e mais curto lhes atingiu os sentidos.

— Atrás daquele prédio — disse Rothen, apontando.

Dannyl começou a avançar.

— Conheço esta área. Existe um beco ao lado daquela casa que cruza com outros dois.

Caminharam para a escuridão entre dois prédios. Rothen parou de andar ao sentir outra vibração aguda cem passos à esquerda da vibração anterior.

— Ela está se movendo depressa — sussurrou Dannyl, desatando a correr.

Rothen correu logo atrás.

— Há qualquer coisa de errado — disse ele, ofegante. — Silêncio durante semanas, agora todos os dias nesta semana... e por que ainda está usando os poderes?

— Talvez ela não consiga evitar.

— Então Akkarin estava certo.

Rothen enviou uma chamada mental.

— Kiano?

— Ela está vindo em nossa direção.

— Kerrin?

— Ela atravessou nosso caminho um segundo atrás, dirigindo-se para o sul.

— Fizemos um cerco nela — disse Rothen. *— Tenham cuidado. Ela pode estar perdendo o controle dos poderes. Kiano e Sarlen, avancem lentamente. Kerrin e Fergun, permaneçam à direita dela. Vamos entrar pela...*

— Eu a encontrei — enviou Fergun.

Rothen franziu as sobrancelhas.

— Fergun, onde você está?

Houve uma pausa.

— Ela está nos túneis debaixo de mim. Consigo vê-la através de uma grelha na parede.

— Fique aí — ordenou Rothen. *— Não a aborde sozinho.*

Um momento depois Rothen sentiu outra vibração, e depois várias mais. Sentiu o alarme dos outros magos e apressou o passo.

— Fergun, o que está acontecendo?

— Ela me viu.

— Não a aborde! — avisou Rothen.

O zunido dos magos parou bruscamente. Dannyl e Rothen trocaram um olhar, depois correram em frente. Chegando a um cruzamento, viram Fergun em um dos becos, olhando pela grelha em uma das paredes.

— Ela se foi — disse ele.

Dannyl correu até a grelha, abriu-a e olhou para dentro da passagem.

— O que aconteceu? — perguntou Rothen.

Fergun respondeu:

— Estava esperando que Kerrin viesse me encontrar quando ouvi ruídos pela grelha.

Dannyl ficou de pé.

— Então você entrou sozinho e a afugentou.

Fergun semicerrou os olhos ao mago de maior estatura.

— Não. Permaneci aqui, como me ordenaram.

— Ela o viu observando e ficou assustada? — perguntou Rothen. — Foi por isso que ela começou a usar os poderes?

— Sim. — Fergun encolheu os ombros. — Até que os amigos dela a deixaram inconsciente e fugiram.

— E você não os seguiu?

As sobrancelhas de Fergun se ergueram.

— Não. Fiquei aqui, como me ordenaram — repetiu ele.

Dannyl balbuciou algo em voz baixa e voltou a descer o beco com um andar altivo. Quando os outros magos chegaram, Rothen avançou para ir ter com eles. Explicou o que acontecera, depois os enviou de volta para o Clã, juntamente com Fergun.

Encontrou Dannyl sentado em uma soleira, formando uma bola de neve com as mãos.

— Ela está perdendo o controle.

— Sim — concordou Rothen. — Tenho de suspender a busca. Uma perseguição ou um confronto provavelmente dará cabo do pouco controle que lhe resta.

— E agora, o que podemos fazer?

Rothen olhou para seu amigo de modo incisivo.

— Negociar.

O cheiro de fumaça era pesado e áspero nos pulmões de Cery. Ele correu ao longo da passagem, esquivando-se de formas fracamente vislumbradas de outros homens que viajavam pela Estrada. Chegando à saída de uma porta, parou para recuperar o fôlego.

O guarda que abriu a porta acenou com a cabeça ao reconhecer Cery. Subindo às pressas as estreitas escadas de madeira que se seguiram, Cery abriu o alçapão no alto e subiu para dentro de um quarto tenuamente iluminado.

Rapidamente captou a visão dos três guardas corpulentos que espreitavam nas sombras, o homem de pele escura à janela e a figura adormecida em uma cadeira.

— O que aconteceu?

Faren virou-se para olhar para ele.

— Demos uma droga pra ela dormir. Ela estava preocupada que pudesse causar mais estragos.

Movendo-se para uma cadeira, Cery inclinou-se para examinar o rosto de Sonea. Um machucado escuro e inchado marcava sua têmpora. Sua pele estava pálida e o cabelo, brilhante de suor. Olhando para baixo, viu que a bainha da sua manga estava chamuscada e que a mão tinha uma atadura.

— O fogo *tá* se espalhando — observou Faren.

Levantando-se, Cery juntou-se ao Ladrão à janela. Três das casas do outro lado da rua estavam em chamas, labaredas transformando as janelas em olhos fulgurantes e se elevando como cabelo laranja indomável onde antes eram os telhados. A fumaça começara a sair das janelas de outra casa.

— Ela disse que estava sonhando... um pesadelo — disse Faren. — Quando acordou, havia chamas no quarto. Muitas chamas para apagar. Quanto mais assustada ficava, mais chamas causava. — Faren suspirou. — Por um longo tempo ficaram em silêncio, depois Cery respirou fundo e se virou para o Ladrão.

— O que a gente faz agora?

Para sua surpresa, Faren sorriu.

— Apresentá-la ao amigo de um velho conhecido nosso. — Virou-se e apontou para um dos homens que espreitavam nas sombras. — Jarin, leve-a.

Um homem grande e musculoso saiu das sombras e penetrou na luz laranja projetada pelas chamas. Curvou-se para apanhar Sonea, mas, ao lhe agarrar os ombros, os olhos dela abriram-se, trêmulos. Recolhendo bruscamente as mãos, Jarin rapidamente recuou.

— Cery? — murmurou ela.

Cery correu para o lado dela. Sonea pestanejou lentamente, os olhos esforçando-se para concentrar-se nele.

— Olá — disse ele, sorrindo.

Os olhos dela fecharam-se novamente.

— Eles não nos seguiram, Cery. Eles nos deixaram ir. Não é estranho?

Ela voltou a abrir os olhos, e o olhar mudou de direção, vindo a pousar por cima de seu ombro.

— Faren?

— Você *tá* acordada — observou Faren. — Devia ter dormido pelo menos mais duas horas.

Ela bocejou.

— Não me sinto acordada.

Cery riu.

— Também não parece que *tá* mesmo acordada. Volte a dormir. Precisa descansar. A gente vai levá-la para algum lugar seguro.

Ela assentiu com a cabeça e fechou os olhos, e sua respiração voltou ao ritmo lento de quem dorme. Faren olhou para Jarin, depois acenou com a cabeça na direção da garota inconsciente.

O homem grande colocou-a relutantemente nos braços. Os olhos de Sonea estremeceram uma vez, mas ela permaneceu adormecida. Apanhando uma lamparina, Faren caminhou até o alçapão, abriu-o com um pontapé e começou a descer as escadas.

Contorceram-se pela passagem em silêncio. Levantando os olhos para o rosto de Sonea, Cery sentiu o coração apertado. O antigo desconforto que lhe era familiar tornara-se algo mais poderoso que qualquer coisa que já sentira antes. Mantinha-o acordado à noite e o atormentava durante o dia, e foi difícil para ele lembrar-se de um tempo em que não tivesse se sentido mal em relação a isso.

Na maioria das vezes temia por ela, mas ultimamente começara a temer estar perto dela. A magia que ela tinha escapara de seu domínio. Todos os dias, às vezes todas as horas, alguma coisa perto dela explodia, pegava fogo ou estilhaçava. Ela rira disso naquele dia de manhã, ao dizer de brincadeira que estava adquirindo muita prática em apagar chamas e desviar-se de objetos voadores.

Toda vez que a magia dela se descontrolava, os magos vinham correndo de todos os cantos da cidade. Constantemente em fuga, passando mais horas nas passagens do que nos esconderijos de Faren, Sonea sentia-se exausta e infeliz.

Perdido em pensamentos, Cery prestou pouca atenção à viagem. Em certo ponto, desceram uma escadaria íngreme, depois passaram por baixo de uma enorme laje de pedra. Reconhecendo a base da Muralha Exterior, soube que estavam entrando no Quarteirão Setentrional, e ele se perguntou quem afinal seria o amigo misterioso de Faren.

Não muito tempo depois, Faren parou e ordenou que o guarda pusesse Sonea no chão. Ela acordou, e desta vez parecia mais ciente do que a cercava. Faren tirou o casaco dele e, com a ajuda de Jarin, enfiou os braços de Sonea nas mangas e puxou o capuz para cima.

— Acha que consegue andar? — perguntou ele.

Ela encolheu os ombros.

— Vou tentar.

— Se toparmos com alguém, tente se manter longe das vistas — disse ele.

A princípio ela precisou de ajuda, mas depois de poucos minutos já recobrara o equilíbrio. Caminharam por mais meia hora, encontrando cada vez mais pessoas nas passagens. Faren parou diante de uma porta e bateu. Um guarda abriu-a e os deixou entrar em uma pequena sala, antes de bater em uma segunda porta.

Um homem baixo e escuro, de nariz pontudo, abriu a porta e olhou para o Ladrão.

— Faren — disse ele. — O que te traz aqui?

— Negócios — respondeu Faren.

Cery franziu as sobrancelhas. Havia algo familiar naquela voz. Os olhos pequenos e redondos do homem semicerraram-se.

— Então entre.

Faren passou pela soleira, depois parou e apontou para os guardas.

— Vocês ficam — disse ele. Apontou para Cery, depois para Sonea. — Vocês dois vêm comigo.

O homem franziu as sobrancelhas.

— Eu não... — Ele hesitou, encolhendo os olhos para Cery, depois sorriu. — Ah, é o pequeno Ceryni. Então *cê* ficou com o moleque de Torrin, Faren. Fiquei a me perguntar se o faria.

Cery sorriu ao perceber quem era o homem.

— Olá, Ravi.

— Entrem.

Quando Cery entrou na sala, Sonea o seguiu. Olhando em volta, o olhar de Cery cruzou com um velho sentado em uma cadeira a um canto, acariciando a longa barba branca. Cery acenou com a cabeça, mas o homem não retribuiu o cumprimento educado.

— E quem é este? — perguntou Ravi, acenando a cabeça na direção de Sonea.

Faren retirou seu capuz. Sonea olhou para Ravi, as pupilas grandes e negras pelos efeitos da droga.

— Esta é Sonea — disse Faren, a boca rasgando-se em um sorriso sem humor. — Sonea, conheça Ravi.

— Olá — disse Sonea suavemente. Ravi deu um passo para trás. O rosto dele empalideceu.

— Esta é... *a tal*? Mas eu...

— *Como se atrevem a trazê-la aqui?*

Todos se voltaram na direção da voz. O velho pusera-se de pé e olhava furiosamente para Faren. Sonea arquejou um pouco e recuou, cambaleante.

Faren colocou as mãos sobre os ombros dela e a estabilizou.

— Não se preocupe, Sonea — tranquilizou-a. — Ele não se atreveria a machucar você. Se o fizesse, a gente teria de contar ao Clã tudo sobre ele, e ele não gostaria que descobrissem que não está morto, tal como acreditam.

Cery virou-se para encarar o velho, compreendendo subitamente por que é que o estranho não se incomodara em corresponder sua saudação.

— Veja você — continuou Faren, com tom de voz presunçoso —, você e ele têm muito em comum, Sonea. Ambos são protegidos pelos Ladrões, ambos possuem magia, e ambos não querem que o Clã os encontre. E, agora que você viu Senfel aqui, ele não tem escolha senão lhe mostrar como controlar sua magia... se ele não o fizer, os magos podem encontrá-la, e você pode lhes contar tudo sobre ele.

— Ele é um mago? — sussurrou ela, fitando o velho com os olhos arregalados.

— Um ex-mago — corrigiu Faren.

Para alívio de Cery, os olhos dela encheram-se de esperança, não de medo.

— Pode me ajudar? — disse ela.

Senfel cruzou os braços.

— Não.

— Não? — ecoou ela suavemente.

O velho franziu o sobrolho, depois seus lábios se contorceram de desprezo.

— Drogá-la só vai piorar as coisas, Ladrão.

Sonea respirou fundo. Vendo o medo retornar aos seus olhos, Cery moveu-se para o lado dela e lhe agarrou as mãos.

— Está tudo bem — sussurrou ele. — É só uma droga pra fazer dormir.

— Não, não está tudo bem — disse Senfel. Ele estreitou os olhos para Faren. — Não posso ajudá-la.

— Você não tem escolha — replicou Faren.

Senfel sorriu.

— Não tenho? Então vá até o Clã. Conte-lhes que estou aqui. Prefiro que me encontrem a morrer quando ela perder o controle de seus poderes.

Sentindo Sonea tensa, Cery virou-se para encarar o velho.

— Pare de assustá-la — sibilou ele.

Senfel fitou-o, depois os olhos pestanejaram na direção de Sonea.

Sonea fuzilou-o com um olhar desafiador. A expressão do velho suavizou-se um pouco.

— Vá até eles — incitou ele. — Não vão matá-la. O pior que farão é bloquear seus poderes para que não possa usá-los. Melhor que a morte, hein?

Ela continuou a fitá-lo ameaçadoramente. Senfel encolheu os ombros, depois se endireitou e fitou Faren com um olhar endurecido.

— Há pelo menos três magos por perto. Não ia me custar quase nada chamá-los, e estou certo de que conseguiria impedi-lo de sair enquanto não encontrassem o caminho até esta sala. Ainda deseja revelar minha presença ao Clã?

O maxilar de Faren deslocou-se quando este olhou outra vez para o mago. Ele balançou a cabeça.

— Não.

— Vá... e, quando ela ficar lúcida, repita o que disse para ela. Se não procurar pela ajuda do Clã, ela morrerá.

— Então lhe ajude — disse Cery.

O velho meneou a cabeça.

— Não posso. Meus poderes estão fracos demais, e ela já está muito fora de controle. Somente o Clã pode ajudá-la agora.

Arrastando um barril de debaixo da mesa, o dono da boleria soltou-o sobre o banco com um grunhido. Lançou a Dannyl um olhar significativo quando começou a encher canecas e distribuí-las por toda a mesa. Inclinando-se para a frente, bateu uma caneca na frente de Dannyl, depois cruzou os braços e aguardou.

Lançando ao homem um olhar franzido e ao mesmo tempo distraído, Dannyl entregou-lhe uma moeda. O homem nem sequer moveu os olhos. Olhando para a bebida, Dannyl soube que não poderia evitá-la por mais tempo. Ia ter de beber a coisa.

Erguendo a caneca, arriscou um gole, depois pestanejou com surpresa. Um sabor rico e doce preencheu-lhe a boca. O sabor era familiar, e, após um momento, reconheceu o que era. Molho *chebol*, mas sem as especiarias.

Alguns goles mais tarde, sentiu um calor reconfortar sua barriga. Ergueu a caneca na direção do dono do estabelecimento e recebeu um aceno de aprovação como resposta. O homem, porém, não parava de observá-lo, e Dannyl ficou aliviado quando um jovem entrou meio alvoroçado na boleria e começou uma conversa.

— Como vão os negócios, Kol?

O homem encolheu os ombros.

— O de sempre.

— Quantos barris vai querer desta vez?

Dannyl escutou a negociação da dupla. Quando já tinham chegado a um acordo quanto ao preço, o recém-chegado acomodou-se em uma cadeira e suspirou.

— Pra onde foi aquele estranho com o anel extravagante?

— O cara de Sachaka? — O atendente encolheu os ombros. — Ele foi apanhado semanas atrás. Encontraram-no no beco.

— Sério?

— Verdade.

Dannyl pigarreou suavemente. *Um fim apropriado*, meditou.

— Ouviu falar do incêndio na noite passada? — perguntou o atendente.

— Moro lá perto. Destruiu toda a rua. A boa é que não *tamo* no verão. A favela toda podia ter virado cinza.

— Não que a gente da cidade fosse se importar — acrescentou o atendente. — O fogo nunca passaria pela Muralha.

Uma mão tocou no ombro de Dannyl. Ele ergueu os olhos e reconheceu o sujeito magro que os Ladrões haviam escolhido para ser seu guia. O homem fez um movimento brusco com a cabeça na direção da porta.

Dannyl terminou seu *bol* e pousou a caneca. Ao se colocar de pé, recebeu um aceno de cabeça amistoso por parte do dono. Sorrindo, Dannyl retribuiu o gesto, depois seguiu o guia até a porta.

CAPÍTULO 15

De um jeito, ou de outro...

Sonea observou a água infiltrar-se por uma rachadura no alto de uma parede, acumular-se até formar uma gotícula, descer pelo gancho vazio do lustre, depois precipitar-se até respingar no chão duro. Voltando a olhar para cima, observou quando outra gotícula se formou.

Faren escolhera com sabedoria o último esconderijo dela. Um depósito subterrâneo vazio, com paredes de tijolos e um banco de pedra que servia como cama, contendo nada que fosse inflamável ou de valor.

Exceto ela mesma.

A ideia enviou uma agitação de medo por sua mente. Fechando os olhos, rapidamente livrou-se do pensamento.

Ela não fazia ideia de quanto tempo havia passado no quarto. Podiam ser dias, ou apenas horas. Não havia nada para calcular a passagem do tempo.

Ela não sentira a familiar mudança dentro de sua mente desde que chegara. A lista de emoções que poderiam deflagrar seus poderes havia crescido tanto que ela já perdera a conta. Deitada no depósito, concentrara-se em permanecer calma. Sempre que um pensamento perturbava essa calma, respirava fundo e o afastava. Um desapego reconfortante assentara-se sobre ela.

Talvez a bebida que Faren lhe dera tivesse provocado isso.

Drogá-la só vai piorar as coisas. Ela estremeceu ao lembrar-se do sonho estranho que tivera depois do incêndio. No sonho, visitara um mago nas favelas. Embora sua imaginação tivesse inventado um ajudante, as palavras deste não a tinham reconfortado. Respirando fundo, expulsou essa lembrança da mente.

Era óbvio que estivera errada ao pensar que tinha de manter dentro de si um

estoque de raiva ao qual recorrer quando quisesse usar magia. Ela agora admirava os magos pelo controle que tinham, mas saber que eram seres sem sentimentos não lhe dava qualquer motivo a mais para gostar deles.

Ouviu-se uma suave batida na porta, depois esta começou a abrir. Suprimindo uma pontada de apreensão, Sonea levantou-se e espreitou pela porta entreaberta. Cery estava lá, com uma careta pelo esforço que fazia para mover a pesada porta de metal. Quando a abriu o suficiente para passar por ela, parou e gesticulou em sua direção.

— Tem que mudar de lugar outra vez.

— Mas eu não fiz nada.

— Talvez *cê* não tenha se dado conta.

Deslizando pela porta, pensou no que isso podia significar. Será que a droga a impedira de sentir a magia evadir-se de sua mente? Ela não vira nada explodir ou pegar fogo. Seus poderes ainda estavam lhe escapando, mas agora de uma forma menos destrutiva?

Tais perguntas aproximaram-na perigosamente de sentir emoções fortes, de modo que ela as afastou da mente. Seguindo Cery, concentrou-se em manter-se calma. Ele parou e subiu uma escada enferrujada fixada na parede. Abrindo um alçapão, passou com dificuldade por ele, deixando entrar neve fresca na passagem.

Seguindo-o de perto, Sonea sentiu o ar gelado no rosto ao sair para a luz do dia. Estavam em um beco deserto. Cery sorriu quando ela limpou a neve da roupa.

— *Cê* tá com neve no cabelo — disse ele. Esticou a mão para limpar, arfou e afastou a mão bruscamente.

— Ai! O quê...? — Esticou outra vez a mão e hesitou. — *Cê* criou uma daquelas barreiras, Sonea.

— Não, não criei nada — replicou ela, ainda certa de que não usara qualquer magia. Estendendo a mão, sentiu um choque de dor ao dar com uma parede

invisível de resistência. Captando um movimento por cima do ombro de Cery, olhou para além dele. Um homem acabara de entrar no beco e caminhava na direção dela.

— Atrás de você — alertou ela, mas Cery olhava para algo em cima da cabeça dela.

— *Mago!* — sibilou ele, apontando.

Ela olhou para cima e inspirou bruscamente. Um homem estava no telhado acima deles, olhando para ela atentamente. Ela prendeu a respiração, incrédula, quando ele pisou além da margem do prédio e, em vez de cair, flutuou até o chão.

Uma vibração ressoou pelo ar quando Cery bateu contra a barreira.

— Corra! — gritou ele. — Fuja!

Ela se afastou do mago que flutuava até o chão. Abandonando todos os esforços para manter-se calma, precipitou-se ruela abaixo. O som de botas pisando ruidosamente na neve atrás dela lhe disse que o mago flutuante estava no solo.

À frente, a ruela cruzava com outra. Para lá da intersecção, outra figura caminhava a passos largos na direção dela. Com falta de ar, Sonea atirou-se em frente com toda a força que o pânico oferecia. Teve uma sensação de triunfo ao chegar à intersecção vários passos antes do segundo mago.

Deslizando até parar, ela pulou para a passagem da direita...

... e se agarrou nos cantos das paredes para frear. Havia outro homem ali, de braços cruzados. Ofegante, Sonea arrastou-se para longe dele.

Dando meia-volta, saltou para o único beco que restava, e escorregou até parar. Havia um quarto homem a vários passos de distância, vigiando a última rota de fuga que ela possuía.

Praguejando, ela se virou para olhar para trás. O terceiro homem a observava atenciosamente, mas não se movera. Ela voltou a olhar para o quarto homem, que começara a caminhar na direção dela.

Seu coração batia descontroladamente. Olhando para cima, avaliou as paredes. Eram do tijolo áspero de sempre, mas ela sabia que, mesmo se tivesse tempo de escalá-los, os magos poderiam facilmente trazê-la para baixo. Um frio aterrorizador e sufocante abateu-se sobre ela.

Estou encurralada. Não tem como sair.

Olhando para baixo, sentiu uma ponta de medo ao ver que os primeiros dois homens haviam se juntado ao terceiro no cruzamento, e uma familiar sensação de descontrole agitou-se por sua mente. Poeira e fragmentos de tijolos despencaram quando parte da parede acima dos homens se dilacerou. Entulho saltou do ar inofensivamente sobre a cabeça deles.

Os magos olharam para a parede, depois se voltaram para ela com olhares calculistas. Com medo de que pudessem pensar que ela os atacava, e consequentemente retaliassem, ela recuou. Sentiu novamente o descontrole. Um calor cauterizante envolveu sua perna. Olhando para baixo, viu a neve derretendo, sibilante, até formar uma poça de água a seus pés. O vapor elevou-se, enchendo o beco com uma neblina quente e impenetrável.

Não podem me ver! Sentiu um ímpeto de esperança. *Posso me esgueirar pelo meio deles.*

Virando-se, voltou a lançar-se beco abaixo. A sombra negra do homem deslocou-se para bloquear o caminho dela. Ela hesitou, depois enfiou a mão no casaco. Os dedos perscrutadores foram ao encontro do punho frio da faca. Quando o mago estendeu os braços para agarrá-la, ela se esquivou das mãos esticadas e se arremessou contra ele com todo o seu peso. Ele cambaleou para trás, mas não caiu. Antes que pudesse recobrar o equilíbrio, ela espetou com força a lâmina fina na coxa dele. A lâmina enterrou-se de modo repugnante na perna do homem. Quando ele, surpreso, gritou de dor, Sonea sentiu um arrepio cruel de satisfação. Puxando a faca, ela o empurrou para fora de seu caminho com toda a força que tinha. O sujeito caiu contra a parede, gemendo, e ela se virou para correr.

Dedos agarraram-na pelo pulso. Com um rosnado, ela se virou e tentou se contorcer para libertar-se. Ele apertou a pegada e começou a sentir dor, e ela

sentiu a faca escorregar de sua mão.

Uma lufada de vento afugentou a neblina do beco e revelou os três outros magos que corriam na direção dela. Ela sentiu o pânico aumentar e começou a lutar inutilmente, os pés agitando-se sobre o chão molhado. Com um grunhido de esforço, seu captor puxou-a com força pelo braço, arremessando-a para além dele em direção ao trio.

O terror percorreu seu corpo quando sentiu mãos agarrarem seus braços. Retorcendo-se toda, tentou se sacudir para libertar-se, mas tinham-na prendido com força. Mãos empurraram-na contra a parede, mantendo-a imóvel. Sem fôlego, Sonea deu por si rodeada de magos, todos fitando-a com olhos radiantes.

— É uma selvagem — disse um dos homens. O mago ferido soltou uma risada curta e lamentável.

Quando olhou para o mago que estava mais perto de si, ela ficou chocada ao reconhecê-lo. Era o mago que a vira durante a Purificação. Ele a fitou nos olhos com atenção.

— Não tenha medo de nós, Sonea — disse ele. — Não vamos machucá-la.

Um dos magos murmurou alguma coisa. O mais velho acenou com a cabeça, depois os outros recolheram lentamente as mãos.

Uma força invisível segurou-a contra a parede. Sem poder se mover, ela sentiu uma onda de desespero acompanhada pela familiar sensação de magia a escapar de suas mãos. Os três outros magos desviaram quando a parede atrás deles explodiu, fazendo com que houvesse uma chuva de tijolos no beco.

Um homem com um avental de padeiro apareceu na abertura, com o rosto tenebroso de raiva. Ao ver os quatro magos, hesitou, de olhos arregalados. Um dos magos virou-se e fez um gesto abrupto.

— Saia daqui — vociferou ele. — E quem mais estiver neste quarteirão.

O homem afastou-se, depois desapareceu na escuridão da casa.

— Sonea.

O mago mais velho olhava atentamente para ela.

— Escute. Não vamos machucá-la. Nós...

Um calor doloroso fez pressão contra o rosto dela. Virando-se, viu que os tijolos próximos estavam ficando vermelhos de tanto arder. Algo a gotejar escorreu pela parede. Ela ouviu um dos magos proferir uma imprecação.

— Sonea — disse o mago mais velho, a severidade agora a permear sua voz. — Pare de lutar contra nós. Vai machucar a si mesma.

A parede atrás dela começou a tremer. Os magos atiraram os braços para o ar quando o tremor se espalhou. Sonea arquejou quando fendas começaram a se abrir no chão por baixo de seus pés.

— Diminua o ritmo de sua respiração — incitou o mago. — Tente se acalmar.

Ela fechou os olhos, depois balançou a cabeça. Não adiantava. A magia escoava dela como água de um cano quebrado. Ela sentiu uma mão tocar sua testa e abriu os olhos.

O mago retirou a mão. O rosto dele estava tenso. Disse algo para os outros, depois olhou Sonea dentro dos olhos.

— Posso ajudá-la, Sonea — disse o mago. — Posso lhe mostrar como parar isso, mas só se me deixar. Sei que tem todas as razões do mundo para ter medo e desconfiar de nós, mas, se não fizer isso agora vai acabar machucando a si mesma e a muitas, muitas pessoas nesta área. Compreende?

Ela o fitou. Ajudá-la? Por que ele ia querer ajudá-la?

Mas, se tivesse a intenção de me matar, se deu conta subitamente, *já o teria feito.*

Nesse momento o rosto dele começou a brilhar, e ela percebeu que o ar ao seu redor começara a ondular com o calor. Este lhe cauterizou o rosto, e ela conteve um grito de dor. O mago e seus companheiros pareciam não estar afetados, mas a expressão deles era severa.

Embora uma parte de Sonea se rebelasse contra a ideia, ela sabia que alguma

coisa ruim estava prestes a acontecer caso não fizesse o que esses magos queriam.

O mago mais velho franziu as sobrancelhas.

— Sonea — disse ele, com severidade. — Não temos tempo para explicar. Vou tentar lhe mostrar, mas você não pode resistir.

O mago ergueu uma mão e lhe tocou a testa. Os olhos dele se fecharam.

De repente, ela tomou conhecimento de uma *pessoa* à margem de sua mente. Soube instantaneamente que seu nome era Rothen. Ao contrário das mentes que ela sentira à procura dela, esta podia *vê*-la.

Fechando os olhos, ela se concentrou na presença dele.

— Escute-me. Quase perdeu por completo o controle de seus poderes.

Embora não escutasse palavras, o significado era claro para ela... e assustador. Compreendeu imediatamente que o poder que tinha a mataria se não aprendesse a controlá-lo.

— Procure isto em sua mente.

Algo... um pensamento sem palavras... uma instrução de busca. Ele tomou conhecimento de um lugar dentro de si que era tão familiar quanto estranho. Ao se concentrar nele, tornou-se mais nítido. Uma grande esfera de luz ofuscante, a flutuar na escuridão...

— Este é o seu poder. Cresceu até se tornar um grande estoque de energia, mesmo com você a invocá-la. Deve liberá-la... mas de um modo controlado.

Isto era sua magia? Aproximou-se dela. Imediatamente, uma luz branca flamejou da esfera. A dor lhe percorreu o corpo, e de algum lugar longe ela ouviu um grito.

— Não tente tocá-la... não até eu lhe mostrar como se faz. Agora, observe-me...

Ele desviou a atenção dela. Ela o seguiu para outro lugar qualquer, e ficou consciente de outra esfera de luz.

— Observe.

Ela o observou, com uma demonstração de sua vontade, *sugar* poder da esfera, moldá-la e libertá-la.

— Agora tente você.

Concentrando-se em sua própria luz, Sonea desejou que um pouco de sua energia surgisse. A magia expandiu-se pela mente dela. Teve apenas de pensar no que queria que a energia fizesse, e esta logo desapareceu.

— Está certo. Agora faça novamente, mas não pare de extrair enquanto não tiver usado todo o poder que tem.

— Todo?

— Não tenha medo. É de sua natureza ser capaz de manusear esse volume todo, e o exercício que lhe mostrei irá usá-lo de um modo que não causará mal nenhum.

O peito dela inchou ao respirar fundo e depois expirar. Invocando novamente seu poder, começou a moldá-lo e libertá-lo repetidas vezes. Mal começara, parecia ávido por responder à vontade dela. A esfera começou a contrair-se, diminuindo lentamente até se tornar não mais que uma faísca a flutuar na escuridão.

— Aí está, feito.

Ela abriu os olhos e pestanejou ao ver a destruição que a rodeava. As paredes haviam sumido, substituídas por entulho incandescente, que se estendia por vinte passos em todas as direções. Os magos olhavam para ela com cautela.

Embora a parede atrás dela não existisse mais, a força invisível ainda a segurava de pé. Quando a força a libertou, Sonea vacilou sobre os pés, as pernas tremeram de cansaço, depois caiu de joelhos. Mal conseguindo manter as costas retas, levantou os olhos para o mago mais velho e franziu as sobrancelhas.

Ele sorriu e se curvou para pousar a mão em seu ombro.

— Está salva por enquanto, Sonea. Usou toda a energia. Descanse.

Conversaremos em breve.

Quando ele a ergueu nos braços, uma onda de vertigem abateu-se sobre ela, trazendo uma escuridão que lhe sufocou todos os pensamentos.

Ofegante por causa do esforço e da dor que sentia, Cery desmoronou contra a parede partida. O grito de Sonea ainda lhe ecoava nos ouvidos. Pressionou as mãos sobre a cabeça e fechou os olhos.

— Sonea... — sussurrou ele.

Suspirando, tirou as mãos da cabeça e ouviu tardiamente o som de passos atrás de si. Levantou os olhos para ver que o homem que bloqueara sua saída do beco retornava e estava agora a fitá-lo com atenção.

Cery ignorou-o. Os olhos dele haviam encontrado uma cor viva no meio de todo o pó e entulho. Agachou-se e tocou em uma risca vermelha que gotejava ao longo da borda de um tijolo partido. Sangue.

Os passos se aproximaram. Uma bota surgiu ao lado do sangue... botas com botões no formato do símbolo do Clã. A fúria subiu à cabeça de Cery, ele se levantou e com um só movimento aplicou um golpe que apontava para o rosto do homem.

O homem apanhou sem dificuldade o punho de Cery e o torceu. Desequilibrado, Cery tropeçou e caiu, a cabeça batendo na parede partida. Cores flamejaram diante de seus olhos. Arfando, ergueu-se, cambaleante, as mãos pressionando a cabeça na tentativa de fazer o mundo parar de girar. O homem riu.

— Favelado estúpido — disse ele.

Passando os dedos pelos belos cabelos loiros, o mago girou sobre os calcanhares e afastou-se com arrogância.

Parte dois

CAPÍTULO 16

Apresentações

À medida que a manhã avançava, Rothen sentiu o cansaço pesar em suas pálpebras. Fechou os olhos e invocou um pouco de magia Curativa para revigorá-lo, depois ergueu o livro e forçou-se a ler.

Antes que tivesse terminado a página, percebeu-se olhando outra vez para a garota adormecida. Ela estava em um quartinho que fazia parte da suíte dele, na cama que pertencera a seu filho. Outros haviam discutido com ele sobre a decisão de mantê-la nos Aposentos dos Magos. Embora não partilhasse das preocupações deles, ficara de olho na garota — para o caso de algo ocorrer.

Na parte mais escura da noite, permitira que Yaldin assumisse a vigília para ele poder descansar um pouco. No entanto, em vez de dormir, ficara acordado pensando nela. Havia tanto a explicar. Ele queria estar preparado para todas as perguntas e acusações que ela certamente faria. Possíveis conversas repetiram-se vezes sem conta em sua mente, e ele finalmente abandonara a tentativa de dormir e retornara para o lado dela.

Ela dormira quase um dia inteiro. A exaustão mágica geralmente afetava os jovens dessa maneira. Durante os dois meses que seguiram desde a Purificação, o cabelo negro de Sonea crescera um pouco, mas sua pele estava pálida e colada aos ossos da face. Ao lembrar-se do quão fácil fora carregá-la, Rothen balançou a cabeça. O tempo que passara com os Ladrões não melhorara a saúde de Sonea. Suspirando, ele voltou a atenção de novo para o livro.

Depois de conseguir ler outra página, olhou para cima. Olhos negros olhavam fixamente para ele.

Os olhos desceram até sua túnica. Numa agitação nervosa, a garota lutou para desvencilhar-se dos lençóis que a cingiam. Já livre, olhou espantada para a camisola de dormir que usava, feita de algodão grosseiro.

Pousando o livro sobre a mesa ao lado da cama, Rothen levantou-se, cuidando para manter os movimentos lentos. Ela encostou com força as costas contra a parede, os olhos arregalados. Afastando-se, ele abriu as portas de um armário na parte de trás do quarto e tirou dele um casaco informal grosso.

— Tome — disse ele, baixando o braço e estendendo-o para ela. — É para você.

Ela fitou o casaco como se fosse um animal selvagem.

— Pegue — incitou ele, dando alguns passos em sua direção. — Você deve estar com frio.

Franzindo as sobrancelhas, Sonea avançou lentamente e apanhou o casaco das mãos de Rothen. Sem tirar os olhos dele, encolheu os braços para enfiá-los na roupa e a aconchegou bem ao seu corpo franzino, recuando de novo para a parede.

— Meu nome é Rothen — disse ele.

Ela continuou a fitá-lo, sem nada dizer.

— Não pretendemos machucá-la, Sonea. Você não tem nada a temer.

Os olhos dela encolheram-se e a boca apertou-se até tornar-se uma fina linha.

— Você não acredita em mim. — Ele encolheu os ombros. — Eu também não acreditaria se estivesse no seu lugar. Recebeu nossa carta, Sonea?

Ela franziu as sobrancelhas, depois um olhar de desdém atravessou-lhe a face. Rothen conteve o desejo de sorrir.

— É claro que você também não acreditaria nisso, não é? Diga-me, no que você acha mais difícil acreditar?

Cruzando os braços, ela olhou para fora da janela e ficou sem responder. Ele ignorou uma ligeira irritação que despontara. Resistência, mesmo essa recusa ridícula em responder, era de esperar.

— Sonea, temos de falar um com o outro — disse ele, delicadamente. — Existe um poder aí que, queira você ou não, terá de aprender a controlar. Se não

o fizer, ele vai matá-la. Sei que você compreende.

As sobrancelhas dela enrugaram-se, mas ela continuou a olhar silenciosamente para fora da janela. Rothen deu um suspiro.

— Sejam quais forem as suas razões para não gostar de nós, você precisa se dar conta de que recusar nossa ajuda é insensato. Ontem não fizemos mais do que consumir o estoque de energia dentro de você. Não vai demorar para que seus poderes voltem a ficar fortes e perigosos. Pense nisso — fez uma pausa —, mas não demore muito.

Virando-se para a porta, ele estendeu a mão em direção à maçaneta.

— O que tenho que fazer?

A voz dela era aguda e suave. Ele teve uma sensação de triunfo, mas rapidamente controlou a expressão. Virando-se de novo, sentiu o coração apertar ao ver o medo nos olhos dela.

— Tem que aprender a confiar em mim — disse ele.

O mago — Rothen — retornara à sua cadeira. O coração de Sonea ainda batia com força, mas sem a mesma rapidez de antes. O casaco fez com que se sentisse menos vulnerável. Ela sabia que não dava proteção contra magia, mas cobria a *coisa* ridícula com que lhe tinham vestido.

O quarto não era grande. Havia um armário alto em uma ponta, a cama ocupando a outra e uma pequena mesa acomodada ao centro. A mobília era feita de madeira polida cara. Sobre a mesa estavam pequenos pentes e instrumentos de escrita feitos de prata. Um espelho pendia da parede acima da mesa, e um quadro adornava a parede atrás do mago.

— O controle é uma habilidade sutil — disse Rothen. — Para lhe mostrar, devo entrar em sua mente, mas só se você não resistir a mim.

A lembrança que tinha de aprendizes do Clã em uma sala, um de cada dupla pressionando as mãos contra as têmporas do companheiro, surgiu à mente de Sonea. O professor que os instruía dissera a mesmíssima coisa. Sonea sentiu uma

satisfação desconfortável por saber que o mago estava lhe dizendo verdade. Nenhum mago podia entrar em sua mente sem ser convidado.

Foi aí que ela franziu as sobrancelhas, ao recordar-se da presença que lhe mostrara a fonte da magia dele, e a maneira de usá-la.

— Você fez isso ontem.

Ele meneou a cabeça.

— Não, o que fiz foi lhe apontar na direção do seu próprio poder, depois demonstrei como usá-lo com o meu próprio poder. Vai aí uma grande diferença. Para lhe ensinar a controlar o seu poder, tenho de ir ao lugar onde esse poder reside dentro de você, e, para chegar até lá, preciso entrar na sua mente.

Sonea desviou o olhar. Deixar um mago entrar em sua mente? O que será que ele veria? Tudo ou só o que ela deixasse?

Ela tinha escolha?

— Fale comigo — incitou o mago. — Faça as perguntas que desejar. Se aprender mais sobre mim, vai perceber que sou uma pessoa confiável. Você não precisa gostar de todo o Clã, nem mesmo precisa gostar de mim. Só tem que me conhecer bem o suficiente para acreditar que vou lhe ensinar o que deve ser ensinado e que não lhe farei mal algum.

Sonea olhou para ele com atenção. Era de meia-idade ou mais velho. Embora seu cabelo negro fosse entremeado de fios grisalhos, seus olhos eram azuis e cheios de vida. As rugas ao redor dos olhos e a boca produziam nele uma expressão bem-humorada. Parecia ser um homem gentil e paternal... mas ela não era tola. Os charlatões sempre pareciam honestos e fascinantes. Se não fossem, não teriam como tirar o sustento. O Clã teria tratado de fazer com que ela conhecesse primeiro o seu mago mais fascinante.

Ela precisava olhar com mais profundidade. Rothen retribuiu seu olhar com firmeza. A confiança dele perturbou-a. Ou estava seguro de que não havia nada que Sonea pudesse encontrar de repreensível nele, ou acreditava que conseguiria enganá-la para pensar assim.

De qualquer forma, Sonea decidiu que ele teria uma difícil tarefa pela frente.

— Por que eu deveria acreditar em qualquer coisa que *cê* diz?

Ele levantou os ombros.

— Por que eu mentiria para você?

— Para conseguir o que quer. Por que mais?

— E o que eu quero?

Ela hesitou.

— Ainda não sei.

— Só quero ajudá-la, Sonea. — Soou genuinamente preocupado.

— Não acredito em você.

— Por que não?

— Você é mago. Dizem que juram proteger as pessoas, mas já os vi matar.

As rugas entre as sobrancelhas dele aprofundaram-se, e ele acenou suavemente com a cabeça.

— De fato já viu. Como dissemos na carta que lhe enviamos, não pretendíamos machucar ninguém naquele dia... nem a você nem ao garoto. — Ele suspirou. — Foi um erro terrível. Se eu soubesse o que ia acontecer, nunca teria lhe apontado.

— Há muitas maneiras diferentes de projetar magia, e a mais comum é o ataque. O mais fraco é o ataque atordoataque, que é designado para paralisar... congelar os músculos de uma pessoa de modo que ela não possa se mover. Todos os magos que atingiram o jovem usaram o atordoataque. Lembra-se da cor nos ataques?

Sonea sacudiu a cabeça.

— Eu não vi. — *Estava ocupada fugindo*, pensou ela, mas não ia dizer isso em voz alta.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Então você terá de acreditar em mim quando digo que eram vermelhos; um ataque atordoante é vermelho. Mas, com tantos magos reagindo, alguns dos ataques se cruzaram e se combinaram para formar um ataque de fogo mais forte. Esses magos nunca tiveram a intenção de machucar ninguém; queriam apenas impedir que o garoto fugisse. Asseguro-lhe que nosso erro nos causou muita angústia, e muita desaprovação por parte do Rei e das Casas.

Sonea torceu o nariz.

— Como se eles se importassem.

As sobrancelhas dele ergueram-se.

— Ah, mas eles se importam. Devo admitir que as razões deles têm mais a ver com o fato de manter o Clã nos trilhos do que com solidariedade para com o garoto ou sua família, mas *fomos*, sim, castigados pelo nosso erro.

— Como?

Ele esboçou um sorriso torto.

— Cartas de protesto. Discursos públicos. Uma advertência do Rei. Não parece muito, mas, no mundo da política, as palavras são muito mais perigosas do que varas de açoitar ou magia.

Sonea sacudiu a cabeça.

— Usar magia é o que *cês* fazem. É no que se espera que sejam os melhores. Um mago pode cometer um erro, mas não tantos como os que aconteceram lá.

Ele elevou os ombros.

— Você acha que nós passamos os dias nos preparando para ser atacados por uma garota pobre com pedras magicamente dirigidas? Nossos Guerreiros são treinados nas mais sutis estratégias e táticas de guerra, mas situação nenhuma na Arena poderia tê-los preparado para um ataque vindo de seu próprio povo... povo que eles acreditavam ser inofensivo.

Sonea pigarreou ruidosamente. Inofensivo. Viu os lábios de Rothen apertarem-se em razão do barulho. *Provavelmente lhe provoco repulsa*, cismou

ela. Para os magos, os habitantes das favelas eram imundos, feios, uma chateação. Será que ele fazia ideia do quanto os favelados os odiavam?

— Mas antes *cês* fizeram coisas quase tão piores que esta — disse ela. — Vi pessoas com queimaduras provocadas por mágicos. Também tem aqueles que são esmagados quando *cês* assustam a multidão e todo mundo começa a fugir. Mas na maioria das vezes eles morrem de frio mais tarde, nas favelas. — Ela estreitou os olhos. — Mas *cês* não veem isso como falha do Clã, né?

— Acidentes aconteceram no passado — admitiu ele. — Magos que foram descuidados. Sempre que possível, os feridos eram curados e compensados. Quanto à Purificação... — Abanou a cabeça. — Muitos de nós pensamos que não seja mais necessário. Sabe por que é que começou?

Sonea abriu a boca para dar uma resposta ácida, depois hesitou. Não faria mal saber como *ele* acreditava que a Purificação começara.

— Então me conte.

O olhar de Rothen tornou-se distante.

— Mais de trinta anos atrás, uma montanha explodiu no extremo norte. A fuligem encheu o céu e bloqueou um pouco do calor do sol. O inverno que seguiu foi tão longo e frio que não tivemos um verão de verdade antes de o próximo inverno chegar. Por toda a Kyralia e Elyne, as colheitas foram perdidas e o gado morreu. Centenas, talvez milhares de agricultores e suas famílias vieram para a cidade, mas não havia trabalho e moradia suficientes para todos.

— A cidade ficou cheia de pessoas morrendo de fome. O Rei distribuiu alimentos e providenciou lugares como a Arena de Corrida para serem usados como abrigos. Ele enviou alguns agricultores de volta para casa com comida suficiente para durar até o verão seguinte. No entanto, não bastava para alimentar todas as pessoas.

— Dissemos às pessoas que o inverno seguinte não seria tão rigoroso, mas muitas não acreditaram em nós. Algumas chegaram mesmo a pensar que o mundo ia congelar completamente, e que todos morreríamos. Dispensaram toda a decência e aproveitaram-se dos outros na crença de que ninguém ficaria vivo

para puni-los. Ficou perigoso andar nas ruas, até mesmo à luz do dia. Gangues arrombaram casas, e pessoas foram assassinadas em suas camas. Foram tempos horríveis. — Balançou a cabeça. — Nunca esquecerei. O Rei enviou a Guarda para expulsar essas gangues da cidade. Quando ficou claro que isso não poderia sem feito sem derramamento de sangue, ele pediu a ajuda do Clã. O inverno seguinte também foi cruel, e, quando o Rei viu sinais de problemas similares surgirem, decidiu limpar as ruas novamente antes que a situação se agravasse. E assim tem sido feito desde então.

Rothen suspirou.

— Muitos dizem que a Purificação devia ter parado anos atrás, mas as memórias persistem e as favelas cresceram muito em relação ao que eram na época daquele inverno terrível. Muitos têm medo do que pode acontecer se a cidade não for limpa todos os invernos, em particular agora que os Ladrões existem. Temem que estes se aproveitem da situação para tomar o controle da cidade.

— Isso é ridículo! — exclamou Sonea. A versão de Rothen da história era, como esperado, unilateral, mas algumas das razões que ele dera para a primeira Purificação eram novas e estranhas. Montanhas explodindo? Não havia o que discutir. Ele apenas ressaltava a ignorância dela sobre tais coisas. Mas ela sabia algo que ele desconhecia.

— Foi a Purificação que deu início aos Ladrões — disse ela. — *Cê* acha que todas as pessoas expulsas eram assaltantes e integravam gangues? Expulsaram agricultores famintos e suas famílias, mendigos e aqueles que vasculham o lixo e precisavam ficar na cidade para sobreviver. Essas pessoas se juntaram para que pudessem ajudar umas às outras. Sobreviveram ao se unir aos fora da lei, pois não viram mais motivos para continuar vivendo pelas leis do Rei. Ele os expulsou quando devia tê-los ajudado.

— Ele ajudou os que pôde ajudar.

— Mas não todos, e não agora. Você acha que ele estava limpando as ruas de assaltantes e gangues? Não, são pessoas de bem que ganham a vida a partir do que os ricos desperdiçam, ou têm negócios na cidade, mas vivem nas favelas. Os

fora da lei são os Ladrões... e os Ladrões não são de modo algum incomodados pela Purificação, pois podem entrar e sair da cidade sempre que quiserem.

Rothen acenou lentamente com a cabeça, a expressão pensativa.

— Suspeitava disso. — Inclinou-se para a frente. — Sonea, não gosto da Purificação mais do que você... e não sou o único mago que pensa assim.

— Então por que é que fazem isso?

— Porque, quando o Rei pede que façamos alguma coisa, somos obrigados a obedecer por causa do nosso juramento.

Sonea pigarreou outra vez.

— Então podem culpar o Rei por tudo o que fazem.

— Somos todos súditos do Rei — lembrou ele. — O Clã lhe deve obediência, porque as pessoas precisam se assegurar de que não buscamos nós mesmos governar Kyralia. — Recostou-se na cadeira. — Se somos os assassinos cruéis que você acredita que sejamos, por que é que não fizemos isso, Sonea? Por que os magos não assumiram o controle de todas as terras?

Sonea encolheu os ombros.

— Não sei, mas não faria diferença para as favelas. Quando é que já fizeram algo de bom para nós?

Os olhos de Rothen semicerraram-se.

— Há muita coisa que você não vê.

— Tipo o quê?

— Mantemos a marina limpa de lodo, por exemplo. Sem nós, Imardin não poderia receber navios, e o comércio se mudaria para outro lugar.

— E no que isso ajuda a gente da favela?

— Cria trabalho para imardianos de todas as classes. Os navios trazem marinheiros que compram alojamento, comida e mercadorias. Os trabalhadores empacotam e transportam os produtos. Os artesãos fazem as mercadorias. — Ele

a considerou, depois abanou a cabeça. — Talvez nosso trabalho se relacione de modo muito distante com a sua própria vida para que consiga ver o valor que tem. Se quer nos ver ajudando diretamente as pessoas, considere o trabalho de nossos Curadores. Eles trabalham duro para...

— Curadores! — Sonea revirou os olhos. — Quem tem dinheiro para custear um Curador? A taxa é dez vezes maior do que um bom Ladrão ganha na vida!

Rothen fez uma pausa.

— Claro, tem razão — disse ele, calmamente. — Há só os Curadores que temos... apenas o suficiente para dar conta do número de doentes que vêm até nós pedir ajuda. As altas taxas desencorajam aqueles com ferimentos menores de abusar do tempo dos Curadores, e são usadas para o ensino de não magos sobre medicamentos que podem tratar os ferimentos menores. Esses médicos tratam o restante dos cidadãos de Imardin.

— Mas não a gente da favela — retorquiu Sonea. — Temos curas, mas também tanto podem nos curar como nos matar. Só ouvi falar de uns poucos médicos quando vivia no Quarteirão Setentrional, e eles custavam uma *cap* de ouro.

Rothen olhou para fora da janela e suspirou.

— Sonea, se pudesse resolver os problemas de classe e pobreza na cidade, eu o faria sem hesitar. Mas há pouco que nós... mesmo sendo magos... podemos fazer.

—Não? Se realmente não gostam da Purificação, então se recusem a ir. Digam ao Rei que farão qualquer outra coisa que ele disser, exceto isso. Não seria a primeira vez.

Ele franziu as sobrancelhas, claramente confuso.

— Lá quando o Rei Palen se recusou a assinar a Aliança. — Ela conteve um sorriso diante da expressão de surpresa dele. — Depois façam com que o Rei mande construir canos de esgoto como deve ser e todas essas coisas nas favelas. O bisavô dele fez isso para o resto da cidade, por que ele não deveria fazer para nós também?

As sobrancelhas dele elevaram-se.

— Você não queria mover as pessoas da favela para a cidade?

Sonea sacudiu a cabeça.

— Tem partes do Círculo Exterior que são boas. A cidade não vai parar de crescer. Talvez o Rei também devesse construir uma nova muralha.

— Muralhas são obsoletas. Não temos inimigos. Mas o resto é... interessante. — Observou-a apreciativamente. — E o que mais gostaria que fizéssemos?

— Que entrassem nas favelas e curassem as pessoas.

Ele fez uma careta de desagrado.

— Não estamos em número suficiente.

— Alguns já serão melhor que nada. Por que o braço quebrado do filho de uma Casa é mais importante que o braço quebrado de um morador da favela?

Foi então que ele sorriu, e ela sentiu subitamente a suspeita perturbadora de que suas respostas não passavam de um divertimento para ele. Por que afinal ele se importava? Só estava tentando fazê-la acreditar que simpatizava com ela. Seria preciso mais do que isso para ela confiar nele.

— Mas vocês nunca farão isso — rosnou ela. — Você fica dizendo que alguns ajudariam se pudessem, mas a verdade é que, se os magos realmente se importassem, estariam agora nas ruas. Não existe lei que os impeça, então por que não vão? Vou te dizer por quê. As favelas são malcheirosas e desagradáveis, e *cês* preferem fingir que elas não existem. Aqui estão bem mais confortáveis. — Ela gesticulou para o quarto e sua fina mobília. — Todo mundo sabe que o Rei lhes paga muito bem. Ora, se todos sentem tanta peninha assim da gente, então deviam aplicar um pouco desse dinheiro para ajudar as pessoas, mas não fazem isso. Preferem ficar com ele todinho pra vocês.

Ele franziu os lábios, a expressão pensativa. Ela se percebeu estranhamente consciente do silêncio no quarto. Ao notar que deixara que ele a provocasse, rangeu os dentes.

— Se uma grande quantia de dinheiro fosse dada a pessoas que você conhece nas favelas — disse ele, lentamente —, você acha que o partilharia para ajudar os outros?

— Sim — respondeu ela.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Então nenhuma dessas pessoas ficaria tentada a guardá-lo todo para si?

Sonea fez uma pausa. Ela conhecia algumas pessoas que não o fariam. Bem, mais do que algumas.

— Algumas, acho eu — admitiu ela.

— Ah — disse ele. — Mas você não queria que eu acreditasse que todos os moradores das favelas fossem pessoas egoístas, queria? Nem devia *você* acreditar que todos os magos são egocêntricos. Também queria, sem dúvida, dar-me a certeza de que, apesar de as todas as leis que violam e do comportamento selvagem que têm, as pessoas que conhece são, na maior parte das vezes, decentes. Não faz sentido, então, julgar todos os magos pelos erros de alguns, ou pelo berço que têm. A maioria deles, garanto, esforça-se para ser decente.

Franzindo as sobrancelhas, Sonea desviou o olhar. O que ele disse fazia sentido, mas não a reconfortava nem um pouco.

— Talvez — replicou ela —, mas ainda assim não vejo *nenhum* mago ajudando pessoas nas favelas.

Rothen acenou com a cabeça.

— Porque sabemos que as pessoas das favelas recusariam nossa ajuda.

Sonea hesitou. Ele estava certo, mas, se as pessoas de lá recusassem a ajuda do Clã, era porque o Clã lhes dera motivos para odiá-los.

— Não recusariam dinheiro — salientou ela.

— Assumindo que você não seja um daqueles que se apropriariam dele, o que faria se eu lhe desse uma centena de peças de ouro para usar como quisesse?

— Alimentaria as pessoas — disse ela.

— Cem moedas de ouro alimentariam alguns durante muitas semanas, ou muitos por poucos dias. Depois, essas pessoas ainda seriam tão indigentes quanto antes. Teria feito pouca diferença.

Sonea abriu a boca, depois voltou a fechá-la. Não havia o que pudesse dizer diante disso. Ele estava certo, e ao mesmo tempo não estava. Tinha de haver algo de errado com o fato de nem sequer tentar ajudar.

Suspirando, baixou o olhar para si mesma e franziu as sobrancelhas ao ver as roupas ridículas que vestia. Apesar de saber que mudar de assunto podia lhe dar a ideia de que ele vencera a discussão, ela puxou o casaco.

— Onde é que *tão* minhas roupas?

Ele olhou para as próprias mãos.

— Sumiram. Vou lhe dar novas.

— Quero as minhas.

— Mandei que queimassem.

Ela fitou-o, incrédula. O manto dela, embora sujo e queimado em alguns lugares, era de boa qualidade... e foi Cery quem lhe dera.

Houve uma batida à porta. Rothen colocou-se de pé.

— Tenho que sair agora, Sonea — disse ele. — Volto daqui a uma hora.

Ela o observou afastar-se e abrir a porta. À distância, vislumbrou outro quarto luxuoso. Quando ele fechou a porta, Sonea ficou à espera de ouvir o som de chave girando, e sentiu uma pontada de esperança quando não ouviu nada.

Franzindo as sobrancelhas, fitou a porta. Será que estava trancada por magia? Deu um passo para chegar mais perto dela, depois ouviu o som abafado de vozes vindas do outro lado.

Não fazia sentido tentar abri-la agora, mas quem sabe mais tarde...

A dor comprimia-lhe severamente a cabeça, mas ele sentia algo frio pingando

da parte de trás das orelhas. Abrindo os olhos, Cery viu um rosto enevoado dentro da escuridão. O rosto de uma mulher.

— Sonea?

— Olá. — A voz era desconhecida. — Já era hora de voltar para nós.

Cery fechou os olhos com força, depois os abriu outra vez. O rosto tornou-se mais nítido. Cabelos negros e longos emolduravam exoticamente belas feições. A pele da mulher era escura, mas não tão carregada quanto a de Faren. O nariz reto típico dos kyralianos acrescentava elegância ao rosto alongado. Era como se Sonea e Faren tivessem se tornado uma só pessoa.

Estou sonhando, pensou ele.

— Não, não está — replicou a mulher. Ela olhou para cima, para algo sobre a cabeça dele. — Deve ter levado uma com bastante força. Quer falar com ele agora?

— Posso tentar. — Essa voz era familiar. Quando Faren apareceu no seu campo de visão, a memória voltou, e Cery tentou sentar-se. A escuridão oscilou, e a cabeça dele trovejou de dor. Sentiu mãos sobre os ombros e permitiu, relutante, que estas o empurrassem de novo para baixo.

— Olá, Cery. Esta é Kaira.

— Parece contigo, mas é mais bonita — murmurou Cery.

Faren riu.

— Obrigado. Kaira é minha irmã.

A mulher sorriu e desapareceu. Cery ouviu uma porta fechar-se em algum lugar à sua direita. Olhou fixamente para Faren.

— Onde é que a Sonea *tá*?

O Ladrão ficou sério.

— Os magos a pegaram. Levaram-na para o Clã.

As palavras ecoaram vezes sem conta na mente de Cery. Ele sentiu algo

horrível rasgar-lhe as entranhas. Ela se foi! Como ele pôde acreditar que conseguiria protegê-la? Mas não. *Faren* era quem devia tê-la protegido. Uma fagulha de raiva incendiou-se dentro dele. Tomou fôlego para falar...

Não. Tenho que encontrá-la. Tenho que trazê-la de volta. Posso precisar da ajuda de Faren.

Toda a raiva se esvaiu dele. Cery franziu as sobrancelhas para o Ladrão.

— O que aconteceu?

Faren suspirou.

— O inevitável. Eles foram mais ágeis. — Balançou a cabeça. — Não sei o que poderia ter feito para impedi-los. Tentei de tudo.

Cery assentiu com a cabeça.

— E agora?

Os lábios do Ladrão torceram-se para esboçar um quase sorriso, sem humor algum.

— Fui incapaz de honrar meu lado no acordo. Sonea, porém, nunca teve a chance de usar a magia dela pra mim. Nós dois demos duro, mas falhamos. Quanto a você... — O sorriso de Faren desapareceu. — Gostaria que ficasse comigo.

Cery fitou o Ladrão. Como é que conseguia abandonar Sonea assim tão facilmente?

— É livre para ir se quiser — acrescentou Faren.

— E quanto a Sonea?

O Ladrão franziu as sobrancelhas.

— Ela está no Clã.

— Não é um lugar difícil de invadir. Já fiz isso antes.

O franzir de Faren aprofundou-se.

— Seria tolice. Vão vigiá-la de perto.

— A gente os distrai.

— A gente não faz esse tipo de coisa. — Os olhos de Faren flamejaram. Afastou-se alguns passos, depois caminhou de novo para o lado de Cery. — Os Ladrões nunca se opuseram ao Clã, nem nunca o farão. Não somos tão estúpidos a ponto de pensar que podíamos vencer.

— Eles não são tão espertos assim. Acredite em mim, eu já...

— NÃO! — interrompeu Faren. Respirou fundo, depois expirou lentamente. — Não é tão fácil quanto imagina, Cery. Tire um tempo pra descansar. Cure-se. Pense no que está me sugerindo. Voltaremos a conversar em breve.

Ele desapareceu. Cery ouviu a porta abrir com um clique, depois se fechar com firmeza. Tentou levantar-se, mas a cabeça parecia que ia explodir de dor. Suspirando, fechou os olhos e estirou-se, respirando com dificuldade.

Podia tentar convencer Faren a resgatar Sonea, mas sabia que não teria êxito. Não. Se ela ia ser salva, era ele sozinho quem teria de fazê-lo.

CAPÍTULO 17

A determinação de Sonea

Sonea olhou outra vez em volta do quarto. Embora não fosse grande, era luxuoso. Podia estar em qualquer uma das casas da Cidade Interior, mas ela duvidava disso.

Movendo-se para a janela, afastou a cortina finamente decorada, susteve a respiração e deu um passo para trás.

Os jardins do Clã estendiam-se diante dela. O prédio da Universidade assomava-se à direita, e a casa do Lorde Supremo ficava, meio escondida atrás das árvores, à esquerda. Ela estava no segundo andar do que Cery chamara de "edifício dos magos".

O Clã estava enxameada de magos. Para todo lugar que olhava, via figuras de túnica: no jardim, nas janelas e passeando ao longo do caminho ladeado de neve que jazia logo abaixo dela. Tremendo, voltou a fechar a cortina e se virou de costas.

Um desespero sombrio tomou conta dela. *Estou presa. Nunca deixarei este lugar. Nunca mais voltarei a ver Jonna e Ranel, ou Cery.*

Pestanejou quando lágrimas lhe embaçaram a vista. Captando um movimento pelo canto de olho, virou-se e viu seu reflexo em um reluzente espelho oval. Observou o rosto de olhos vermelhos. A boca da garota torceu-se em sinal de desdém.

Vou desistir assim tão facilmente?, indagou ao reflexo. *Vou ficar chorando feito uma criancinha?*

Não! O Clã podia estar cheio de magos durante o dia, mas ela a vira à noite e sabia quão fácil era deslocar-se por ali sem ser detectada. Se esperasse até a

noite, e conseguisse sair às escondidas, ninguém a impediria de retornar às favelas.

Conseguir sair seria a parte difícil, é claro. Os magos provavelmente a mantinham trancafiada. Rothen, porém, dissera que os magos não estavam livres de cometer erros. Sonea esperaria e ficaria alerta. Quando surgisse a oportunidade, estaria pronta.

O rosto no espelho agora tinha os olhos secos e apresentava uma postura firme de determinação. Sentindo-se melhor, ela se moveu até a mesinha. Apanhando um pente de cabelo, acariciou o punho de prata apreciativamente. Uma coisa dessas, comercializada em uma loja de penhor, poderia garantir-lhe roupas novas e comida durante várias semanas.

Será que Rothen chegou a considerar que ela poderia roubá-los? É claro, não se preocuparia com roubos se estivesse confiante que ela não conseguiria escapar. Surrupiar objetos de valor não lhe seria nada útil enquanto estivesse enfiada no Clã.

Olhando outra vez em volta, pareceu-lhe que essa era uma prisão muito estranha. Esperara uma cela fria, sem conforto e luxo.

Talvez pretendessem mesmo convidá-la a juntar-se ao Clã.

Levantou os olhos para o espelho e tentou imaginar-se vestida com uma túnica. Sentiu a pele arrepiar-se.

Não, pensou, *nunca poderia ser um deles. Seria como trair a todos... meus amigos, as pessoas das favelas, a mim mesma...*

Mas ela tinha de aprender a controlar seus poderes. O perigo era real, e Rothen decerto pretendia mesmo ensinar-lhe algumas coisas... ainda que fosse apenas para impedi-la de fazer uma bagunça na cidade. No entanto, tinha lá suas dúvidas de que ele lhe fosse ensinar mais alguma coisa. Recordando a frustração e os horrores das últimas seis semanas, ela estremeceu. Seus poderes já lhe haviam causado problemas demais. Não ficaria desapontada se nunca os usasse novamente.

O que aconteceria com ela depois? O Clã permitiria que retornasse para as

favelas? Provavelmente não. Rothen afirmara que o Clã queria que ela se juntasse a eles. Ela? Uma garota das favelas? Pouco provável também.

Mas por que fariam essa proposta? Será que havia outra razão? Suborno? Podiam prometer ensinar-lhe magia se ela... fizesse o quê? O que o Clã poderia querer dela?

Franziu as sobrancelhas quando a resposta lhe despontou à mente.

Os Ladrões.

Se escapasse, Faren ainda estaria interessado em escondê-la? Sim... especialmente se os poderes dela não fossem mais perigosos. Uma vez conquistada a confiança dele, não seria difícil trabalhar contra o Ladrão. Poderia usar seus poderes mentais para enviar ao Clã informações sobre os grupos criminosos da cidade.

Resfolegou. Ainda que quisesse cooperar com o Clã, os Ladrões concluiriam isso em pouco tempo. Nenhum morador da favela era estúpido a ponto de trair os Ladrões. Mesmo se conseguisse proteger-se com magia, não seria capaz de impedi-los de fazer mal a seus amigos e à sua família. Os Ladrões eram implacáveis quando enganados.

Mas será que ela teria outra escolha? E se o Clã ameaçasse matá-la se ela não os ajudasse? E se *eles* ameaçassem fazer mal a seus amigos e à sua família? Cada vez mais alarmada, ficou a se perguntar se o Clã sabia sobre Jonna e Ranel.

Afastou o pensamento, ainda atenta a quaisquer emoções fortes que pudessem abalar o controle que tinha sobre seu poder. Sacudindo a cabeça, deu as costas para o espelho. Havia um livro em uma mesinha ao lado da cama. Atravessou o quarto e apanhou-o.

Folheando as páginas, descobriu que estavam repletas de linhas de texto alinhadas. Olhando mais perto, ficou surpresa ao perceber que conseguia entender a maior parte das palavras. As lições de Serin tinham sido mais proveitosas do que pensava.

O texto parecia falar sobre barcos. Depois de ler várias linhas, Sonea percebeu que a última palavra a cada par de linhas terminava com o mesmo som, tal como

os versos de músicas que os artistas de rua cantavam em mercados e bolerias.

Paralisou quando ouviu uma suave batida na porta. Quando esta se abriu, Sonea pousou rapidamente o livro de volta sobre a mesa. Ergueu os olhos e viu Rothen na soleira, com uma trouxa envolvida em pano debaixo do braço.

— Sabe ler?

Ela considerou a forma como devia responder à pergunta. Será que havia alguma razão para esconder sua habilidade? Não conseguiu pensar em uma, e seria satisfatório deixá-lo saber que nem todas as pessoas das favelas eram iletradas.

— Um pouco — admitiu ela.

Ele fechou a porta e gesticulou para o livro.

— Mostre-me — disse ele. — Leia algo em voz alta.

Ela sentiu um pouco de insegurança insinuar-se, mas a pôs de lado. Voltando a pegar o livro, abriu-o e começou a ler.

Logo se arrependeu de ter se metido naquela situação. Consciente do olhar perscrutador do mago, achou difícil se concentrar. As páginas que selecionara eram mais difíceis que a primeira, e ela sentiu as bochechas pegarem fogo à medida que tropeçava em palavras desconhecidas.

— Marína, e não márina.

Irritada com a interrupção, ela fechou o livro e o atirou sobre a cama. Sorrindo como a se desculpar, Rothen soltou a trouxa de roupa ao lado do livro.

— Como aprendeu a ler? — perguntou ele.

— Minha tia me ensinou.

— E andou praticando ultimamente.

Ela desviou o olhar.

— Sempre tem coisas pra ler. Placas, rótulos, anúncios de recompensa...

Ele sorriu.

— Encontramos um livro sobre magia em um dos quartos que você ocupou. Compreendeu alguma coisa daquilo?

Um arrepio alarmante percorreu-lhe a espinha. Ele não acreditaria se ela negasse ter lido o livro, mas, se o admitisse, faria mais perguntas e ela poderia, por acidente, revelar que tinha lido outros livros. Caso soubesse que os livros que Cery roubara tinham desaparecido, precisaria considerar a possibilidade de ela ter entrado sorrateiramente no Clã durante a noite, e ficaria ainda mais cauteloso em relação ao fato de mantê-la trancafiada ali dentro.

Em vez de responder, ela acenou com a cabeça na direção da trouxa de roupa sobre a cama.

— O que é aquilo?

Ele a considerou por um instante, depois encolheu os ombros.

— Roupas.

Sonea olhou para a trouxa, desconfiada.

— Vou lhe dar um tempo para se trocar, depois mando meu criado entrar com a comida. — Ele se virou para a porta.

Após ele sair, Sonea desembrulhou a trouxa. Para seu alívio, ele não trouxera trajes de magos. Em vez disso, ela encontrou uma calça simples, uma camiseta e uma camisa de gola alta... muito parecidas com as roupas que usara nas favelas, mas feitas de tecidos macios e caros.

Encolhendo os ombros para tirar o casaco informal e a camisola de dormir, vestiu as roupas novas. Embora agora se sentisse coberta decentemente, sua pele ainda parecia estar estranhamente nua. Olhando para as mãos, viu que as unham tinham sido aparadas e limpas. Cheirou-as e sentiu uma fragrância de sabão.

Um calafrio de alarme e indignação percorreu-lhe o corpo. Alguém dera banho nela enquanto dormia? Olhou fixamente para a porta. Rothen?

Não, concluiu, tarefas assim seriam deixadas a cargo dos criados. Passando as mãos pelo cabelo, descobriu que ele também tinha sido lavado.

Alguns minutos se passaram, depois um bater mais suave veio da porta. Lembrando-se de que o mago ia mandar uma criada, Sonea esperou que a estranha entrasse. Ouviu-se outra batida.

— *Lady*? — chamou uma mulher, a voz abafada pela porta. — Posso entrar?

Sorridente, Sonea sentou-se na cama. Ninguém nunca a chamara de *Lady* antes.

— Se quiser — respondeu.

Uma mulher de cerca de 30 anos entrou no quarto. Estava vestida com um avental simples de cor cinza e calça combinando, e carregava uma bandeja coberta.

— Olá — disse a mulher, sorrindo nervosamente. Os olhos dela pestanejaram diante dos de Sonea, depois rapidamente se desviaram.

Sonea observou a criada levar a bandeja até a mesa e pousá-la. Quando a mulher estendeu o braço para a tampa da bandeja, sua mão tremeu ligeiramente. Sonea franziu as sobrancelhas. Do que será que a criada tinha medo? Seguramente não de uma simples garota das favelas.

A mulher ajustou alguns itens na bandeja, depois se virou e fez uma profunda reverência para Sonea antes de escapar rapidamente pela porta.

Por vários minutos, Sonea fitou a porta. A mulher tinha feito uma reverência para ela. Era... estranho. Perturbador. Não conseguia alcançar o significado.

Em seguida, o aroma de pão quente e algo tentadoramente condimentado chamou-lhe a atenção para a bandeja. Uma tigela generosa de sopa e um prato de bolinhos doces saltaram-lhe aos olhos, e ela sentiu o estômago roncar.

Sorriu. Os magos iam descobrir que ela não poderia ser subornada para trair Faren, mas não precisavam saber disso imediatamente. Se jogasse um pouco com eles, bem que poderiam tratá-la assim durante muito tempo.

E ela não tinha escrúpulos para tirar vantagem deles.

Sonea entrou furtivamente na sala com o nervosismo atento de um animal selvagem que emerge de uma jaula. Seus olhos pestanejantes rodearam o espaço, demorando-se mais nas portas, antes de pousarem sobre Rothen.

— Esta porta leva a um pequeno lavatório — disse Rothen, apontando. — Meu quarto é por ali, e aquela porta abre para o corredor principal dos Aposentos dos Magos.

Ela fitou a porta principal, depois olhou para ele antes de se aproximar da estante. Rothen sorriu, satisfeito por vê-la atraída pelos livros.

— Pegue o que lhe interessar — incitou ele. — Vou ajudá-la a lê-los, e explicar o que não conseguir entender.

Ela voltou a olhar para ele, erguendo as sobrancelhas, e se inclinou para mais perto dos livros. Ergueu um dedo para tocar na lombada de um volume, mas estacou quando o gongo da Universidade começou a tocar.

— Esse toque indica aos aprendizes que é hora de voltar para as aulas — explicou ele. Atravessando a sala para um das janelas, fez um gesto para que ela fosse olhar lá para fora.

Movendo para a janela ao lado, olhou para o exterior. De imediato, o rosto endureceu-se de tensão. Com os olhos lançando-se à volta, observou os magos e aprendizes fazendo o caminho de volta para a Universidade.

— O que é que as cores significam?

Rothen franziu as sobrancelhas.

— Cores?

— As túnicas, têm cores diferentes.

— Ah. — Ele se debruçou no peitoril da janela e sorriu. Primeiro, devo lhe explicar sobre as disciplinas. Há três usos principais para os quais a magia pode ser aplicada. Cura, Alquimia e Artes Guerreiras. — Apontou para um par de Curadores que caminhava sossegadamente pelos jardins. — Os Curadores vestem verde. A Cura envolve a aprendizagem de mais do que simplesmente os métodos mágicos de curar feridas e doenças. Também inclui todo o saber da

medicina, o que faz essa disciplina merecer a dedicação de uma vida inteira.

Olhando de lado para Sonea, reparou no interesse nos olhos dela.

— Os Guerreiros vestem vermelho — disse ele — e estudam estratégia e os modos como a magia pode ser usada em batalhas. Alguns também praticam formas tradicionais de luta e manejo da espada.

Gesticulou para sua própria túnica.

— A cor púrpura representa a Alquimia, que é tudo o mais que pode ser feito com magia. Inclui química, matemática, arquitetura e muitos outros usos de magia.

Sonea acenou lentamente com a cabeça.

— E quanto às túnicas marrons?

— São os aprendizes. — Rothen apontou para um par de jovens. — Vê como as túnicas vão só até as coxas? — Sonea fez que sim com a cabeça. — Eles não recebem a túnica completa enquanto não se graduarem, e a essa altura já terão escolhido uma disciplina para seguir.

— E se quiserem aprender mais de uma?

Rothen riu.

— Simplesmente não há tempo suficiente para isso.

— Durante quanto tempo eles estudam?

— Depende de quanto tempo levam para adquirir as habilidades exigidas. Geralmente são cinco anos.

— Aquele lá. — Sonea apontou. — Ele usa um cinto de cor diferente.

Rothen olhou para baixo e viu Lorde Balkan passando por ali, o rosto severo marcado por sobrancelhas franzidas como se estivesse preocupado com um problema dificílimo.

— Ah, muito observadora você. — Rothen sorriu em sinal de aprovação. — A faixa é preta. Indica que o homem para quem você olha é o Chefe da disciplina

escolhida por ele.

— O Chefe dos Guerreiros. — Sonea olhou para a túnica de Rothen e semicerrou os olhos.

— Que tipo de Alquimia você estuda?

— Química. Também a leciono.

— O que é isso?

Ele fez uma pausa, considerando a melhor maneira de explicar aquilo em termos que ela pudesse compreender.

— Trabalhamos com substâncias: líquidos, sólidos e gases. Misturamos, ou aquecemos, ou sujeitamos essas substâncias a outras influências e observamos o que acontece.

Sonea franziu as sobrancelhas.

— Por quê?

Rothen esboçou um sorriso torto.

— Para ver se descobrimos algo útil.

As sobrancelhas de Sonea ergueram-se.

— Que coisas úteis já foram descobertas?

— Por mim ou pelos Químicos do Clã?

— Por você.

Ele riu.

— Não muitas! Acho que você pode me chamar de Alquimista fracassado, mas ao longo do trajeto descobri uma coisa importante.

As sobrancelhas de Sonea ergueram-se.

— E o que foi?

— Sou muito bom professor. — Afastando-se da janela, ele considerou a estante de livros. — Se me permitisse, eu poderia ajudá-la a melhorar sua leitura.

Estaria interessada em trabalhar nisso hoje à tarde?

Ela o observou por um longo tempo, a expressão neutra, porém pensativa. Finalmente, fez um aceno firme com a cabeça.

— O que acha que eu devia experimentar?

Aproximando-se da estante, Rothen passou os olhos pelos volumes. Precisava de algo fácil de ler, mas que prendesse o interesse dela. Retirando um livro, folheou as páginas.

Ela estava mais cooperativa do que ele previra. A curiosidade dela era forte, e a habilidade de ler e o interesse que demonstrara pelos livros eram vantagens inesperadas. As duas constatações indicavam que ela poderia adaptar-se bem a uma vida de estudos.

Ele acenou com a cabeça para si mesmo. Tudo o que precisava fazer era persuadi-la de que o Clã não era tão ruim quanto pensava.

Dannyl sorriu para seu amigo. Desde que se juntara a Yaldin e sua esposa para passar a o fim da tarde, Rothen não tinha parado de falar. Dannyl nunca vira Rothen tão animado assim com um potencial aprendiz... embora Dannyl esperasse que seu amigo tivesse tido esse entusiasmo ao assumir o treinamento *dele.*

— Você é tão otimista, Rothen. Mal a conhece e já fala como se fosse ser o troféu da Universidade.

Ele sorriu quando a expressão do amigo se tornou defensiva.

— Sou? — replicou Rothen. — Se não fosse, teria tido tanto sucesso com aprendizes ao longo dos anos? Se você desiste, eles não encontram razão para tentar.

Dannyl assentiu com a cabeça. Ele não fora o aprendiz mais cooperativo, e resistira às primeiras tentativas de Rothen de tirar sua mente das querelas com Fergun e os colegas. Apesar de todas as tentativas de Dannyl para provar que Rothen estava errado, o professor nunca desistira dele.

— Disse a ela que não pretendemos lhe fazer mal? — perguntou Ezrille.

— Expliquei sobre a morte do rapaz e que queremos ensiná-la a controlar seus poderes. Se ela acredita nisso ou não... — Ele encolheu os ombros.

— Disse que ela pode se juntar ao Clã?

Rothen fez uma careta de desagrado.

— Não insisti no assunto. Ela não gosta muito de nós. Não que ela nos responsabilize pela situação dos mais pobres, mas sente que devíamos estar fazendo algo sobre isso. — Ele franziu as sobrancelhas. — Ela diz que nunca nos viu fazendo algo de bom, o que provavelmente é verdade. A maior parte do trabalho que fazemos para a cidade não afeta a ela nem ao resto dos moradores das favelas. E depois tem a Purificação.

— Então não é surpresa nenhuma que ela não goste do Clã — disse Ezrille. Inclinou-se para a frente. — Mas como é que ela *é*?

Rothen refletiu.

— Tranquila, mas desafiadora. Está obviamente assustada, mas acho que não veremos nenhuma lágrima. Estou certo de que ela compreende que deve aprender o Controle, por isso não acredito que veremos tentativas de fuga por enquanto.

— E depois que ela tiver aprendido o Controle? — perguntou Yaldin.

— Esperamos que a essa altura já a tenhamos convencido a juntar-se a nós.

— E se ela recusar?

Rothen respirou fundo e suspirou.

— Não estou certo do que irá acontecer. Não podemos forçar ninguém a juntar-se a nós, mas, por lei, também não podemos permitir que magos existam fora do Clã. Se ela recusar... — Fez uma careta de desagrado. — Não teremos escolha se não bloquear seus poderes.

Os olhos de Ezrille arregalaram-se.

— Bloqueá-los? Isso é ruim?

— Não... É... Bem, seria angustiante para a maioria dos magos, porque estão habituados a ter poder para invocar. No caso de Sonea, temos alguém que não tem o costume de utilizar magia... pelo menos não de forma útil. — Encolheu os ombros. — Não sentirá tanta falta.

— Quanto tempo acha que vai levar para ensinar-lhe o Controle? — perguntou Yaldin. — Sinto-me desconfortável ao saber que há uma maga descontrolada vivendo apenas a poucas portas de distância.

— Levará algum tempo para eu ganhar sua confiança — respondeu Rothen. — Pode demorar várias semanas.

— Certamente que não! — exclamou Yaldin. — Nunca leva mais que duas semanas, mesmo para os aprendizes mais difíceis.

— Não se trata de uma criança mimada ou nervosa das Casas.

— Imagino que esteja certo. — Yaldin balançou a cabeça e suspirou. — Ao fim de uma semana já estarei tremendo dos nervos.

Rothen sorriu e levou a taça aos lábios.

— Ah, mas quanto mais ela demorar, mais tempo terei para convencê-la a ficar.

Sentando-se na cama, Sonea espreitou os jardins através de um vão estreito na cortina e brincou com um pequeno grampo de cabelo. Era noite lá fora, e a Lua já ia alta. A neve que orlava os caminhos brilhava suavemente sob a luz sutil.

Uma hora antes, o gongo tocara novamente. Enquanto os magos e aprendizes se apressavam a voltar para seus aposentos, ela observara e aguardara. Tudo agora estava quieto, exceto por um ocasional criado que passava às pressas expirando vapor, que ficava para trás no gélido ar noturno.

Levantando-se, caminhou furtivamente até a porta e encostou a orelha nela. Embora tivesse tentado até o pescoço doer, não escutou sons vindos da sala para lá da porta.

Baixou o olhar para a maçaneta. Era de madeira lisa e polida. Havia pedaços de madeira mais escura incrustados, os quais formavam as linhas do símbolo do Clã. Sonea percorreu-lhe o formato com os dedos, maravilhada com a destreza e o esforço despendidos em uma simples maçaneta de porta.

Lenta e silenciosamente, começou a rodá-la. Girou só um pouco antes de algo bloquear seu movimento. Cuidadosamente, puxou a porta para dentro, mas o trinco ainda estava preso.

Sem se deixar perturbar, começou a rodar a maçaneta na outra direção. Mais uma vez ela se moveu só um pouco antes de parar. Puxou a porta, mas esta permaneceu no lugar.

Abaixando-se até o chão, levantou a mão para inserir o grampo na fechadura, depois pausou. Não havia buraco de fechadura.

Sonea suspirou e se sentou sobre os calcanhares. Não escutara o som de chave girando em nenhuma das vezes que Rothen deixara o quarto, e reparara antes que não havia ferrolhos do outro lado da porta. Era trancada por magia.

Não que ela pudesse ir a qualquer lugar. Tinha de ficar ali até aprender a controlar a magia que tinha.

Mas ela precisava testar seus limites. Se não procurasse maneiras de escapar, podia nunca as encontrar.

Levantou-se e foi até a mesa ao lado da cama. O livro de canções ainda estava lá. Abriu-o na primeira página. Havia algo escrito. Indo até a mesa, acendeu a vela que Rothen lá deixara.

Para o meu querido Rothen, para marcar o aniversário de nosso filho. Yilara.

Sonea franziu os lábios. Então ele era casado e tinha ao menos um filho. Perguntou-se onde a família dele estava. A considerar pela idade de Rothen, o filho dele provavelmente já era homem feito.

Ele parecia um tipo decente de pessoa. Sonea sempre se considerou uma boa juíza de caráter... algo que aprendera com sua tia. Seus instintos lhe diziam que Rothen era bondoso e bem-intencionado. Mas isso não significava que ela podia

confiar nele, lembrou. Ele ainda era um mago, obrigado a fazer o que o Clã quisesse.

Uma gargalhada tímida e estridente veio de fora, atraindo a atenção dela outra vez para a janela. Afastando a cortina, observou um casal passeando pelo jardim, a túnica verde por baixo dos mantos brilhando sob uma reluzente luz flutuante. Duas crianças passaram correndo por eles, jogando neve uma na outra.

Sonea observou-os passar, os olhos acompanhando a mulher. Nunca vira magas na Purificação. Será que escolhiam não ir, perguntou-se a si mesma, ou havia uma lei que as impedia?

Ela franziu os lábios. Jonna dizia que as filhas de famílias ricas eram cuidadosamente vigiadas até se casarem com o marido que os pais escolhessem para elas. As mulheres não tomavam decisões importantes dentro das Casas.

Nas favelas, ninguém fazia casamentos arranjados. Embora as mulheres *tentassem* encontrar um homem que conseguisse sustentar uma família, normalmente se casavam por amor. Enquanto Jonna acreditava que isso era melhor, Sonea era cínica em relação ao tema. Reparara que as mulheres costumavam tolerar muitas coisas quando estavam apaixonadas, mas, a certa altura, o amor tendia a desgastar-se. O melhor mesmo era casar-se com um homem de quem se gostasse e em quem se confiasse.

Será que as magas eram gentilmente postas de lado? Será que as encorajavam a deixar o comando do Clã para os homens? Seria frustrante ser magicamente poderosa, mas ainda assim estar completamente sob o domínio dos outros.

Quando a família saiu de seu campo de visão, Sonea começou a afastar-se da janela, mas, ao passar os olhos pela propriedade, captou movimento em uma das janelas da Universidade. Ao erguer o olhar, viu um rosto pálido e oval.

Pela gola das roupas do estranho, presumiu que a figura fosse a de um mago. Embora não pudesse ter certeza no escuro e àquela distância, tinha uma forte suspeita de que ele a observava. Um arrepio subiu-lhe pela espinha, e ela rapidamente fechou a cortina.

Intimidada, atravessou o quarto e apagou a vela, depois se deitou na cama e se

enrolou nos cobertores. Sentiu-se exaurida, cansada de pensar, cansada de ter medo. Cansada de estar cansada...

Mas, ao encarar o teto, soube que o sono não ia chegar facilmente.

CAPÍTULO 18

Longe de olhos intrometidos

Uma luz tênue e delicada acomodara-se sobre as árvores e edifícios do Clã. Cery franziu as sobrancelhas. Da última vez que olhara, estava tudo encoberto pela escuridão. Devia ter cochilado, mas não conseguiu lembrar-se sequer de fechar os olhos. Esfregando o rosto, olhou em volta e considerou a longa noite que acabara de ter.

Começara com Faren. Recuperado e alimentado, Cery perguntara outra vez se o Ladrão o ajudaria a resgatar Sonea. A recusa de Faren fora firme.

— Se tivesse sido capturada pela Guarda, ou mesmo aprisionada no Palácio, já a teria libertado... e teria adorado provar que conseguia fazer isso. — Faren sorrira brevemente, mas depois sua expressão endurecera. — Mas é o Clã, Cery. O que sugere está fora de meu alcance.

— Não está, não — insistira Cery. — Não tem guardas, ou barreiras mágicas. Eles...

— Não, Cery. — Os olhos de Faren flamejaram. — Não se trata de guardas ou barreiras. O Clã nunca teve uma boa razão pra levantar o traseiro e fazer algo em relação a nós. Se a gente raptasse Sonea de seu próprio território, isso podia dar uma razão a eles pra tentar. Acredite em mim, Cery, ninguém quer pagar pra ver isso.

— Os Ladrões têm medo deles?

— Sim. — A expressão de Faren foi extraordinariamente contida. — Temos. E com razão.

— E se a gente fizer parecer que outras pessoas a resgataram...

— O Clã ainda podia acreditar que foi a gente. Escute, Cery. Conheço-o bem

o bastante pra imaginar que vai tentar salvá-la por conta própria. Considere isto antes: os outros irão matá-lo se acreditarem que você é uma ameaça. Estão de olho na gente.

Cery não respondeu.

— Quer continuar trabalhando pra mim?

Cery acenou positivamente com a cabeça.

— Ótimo. Tenho outro trabalho pra você, se quiser.

O trabalho de Faren levara Cery até a marina, o mais longe do Clã que ele podia conseguir. Depois disso, Cery atravessara a cidade, escalara o muro do Clã e se embrenhara na floresta para observar.

Quando a energia definhara e a noite já ia alta, Cery vira um movimento em uma das janelas da Universidade. Um rosto apareceu. O rosto de um homem, fitando atentamente o edifício dos magos.

O observador permaneceu em seu posto durante meia hora. Finalmente, um rosto pálido surgiu em uma janela do edifício dos magos, e o coração de Cery deu um pulo. Mesmo à distância, reconheceu-a.

Sonea olhara durante vários minutos para os jardins, depois erguera o olhar na direção do observador. Ao vê-lo, ela rapidamente recuara e desaparecera de vista.

O observador desapareceu logo depois. Embora Cery tivesse ficado ali durante toda a noite, não presenciara nenhum outro movimento, nem dos magos, nem de Sonea. Agora que estava perto do amanhecer, sabia que devia retornar a Faren. O Ladrão não aprovaria a espionagem, mas Cery tinha um plano para contornar isso. A confissão de que Sonea estava muito bem vigiada seria o suficiente para apaziguar o Ladrão. Faren proibira a tentativa de resgate, não a coleta de informações, e já devia esperar que Cery fosse procurar evidências de que ela ainda estava viva.

Cery levantou-se e se espreguiçou. No entanto, não diria a Faren o que descobrira na vigília noturna. Além do observador misterioso, os magos não

haviam montado guarda externa aos edifícios. Se Sonea estivesse sozinha naquele quarto, ainda havia esperança.

Sorrindo pela primeira vez em dias, Cery saiu pela floresta e tomou a direção das favelas.

Sonea acordou sobressaltada e deu com a criada de Rothen olhando fixamente para ela.

— Perdoe-me, *Lady* — disse a mulher, apressadamente. — Mas, quando vi a cama vazia, pensei... Por que está dormindo no chão?

Levantando-se, Sonea desembaraçou-se dos lençóis.

— A cama — disse ela. — Afunda muito. Parece que vou ser engolida por ela.

— Afunda? — A mulher pestanejou, surpresa. — Quer dizer que é macia demais? — Ela sorriu radiante. — É que provavelmente nunca dormiu antes em um colchão de lã de *reber.* Aqui, veja.

Ela puxou os lençóis da cama para revelar várias camadas de colchão grosso e esponjoso. Agarrando metade delas, tirou-as da cama.

— Acha que assim ficaria confortável para você? — perguntou ela, pressionando as camadas restantes para baixo.

Sonea hesitou, depois fez pressão nos colchões. A cama ainda estava macia, mas ela podia sentir a base de madeira por debaixo. Fez que sim com a cabeça.

— Maravilha — disse a criada, com ternura. — Pronto, trouxe-lhe água para se lavar, e... Oh! Você dormiu vestida. Não faz mal. Trouxe-lhe roupas limpinhas. Assim que estiver pronta, vá até a sala de visitas. Temos bolos e *sumi* para começar o dia.

Entretida, Sonea observou a mulher reunir os colchões e se apressar para fora do quarto. Quando a porta fechou, sentou-se na ponta da cama e suspirou.

Ainda tô aqui.

Recordou todo o dia anterior em sua mente: as conversas com Rothen, a

determinação dela para escapar, as pessoas que vira pela janela na noite passada. Suspirando, levantou-se e examinou a bacia de água, o sabonete e a toalha que a criada trouxera.

Encolhendo os ombros, despiu-se, banhou-se e mudou de roupa, depois foi até a porta. Ao estender a mão para a maçaneta, hesitou. Sem dúvida, Rothen estava à espera dela do outro lado da porta. Sentiu uma pontadinha de ansiedade, mas não de medo.

Ele era um mago. Isso devia assustá-la mais, mas ele disse que não a machucaria, e ela escolhera acreditar nele... por enquanto.

Mas deixá-lo entrar em sua mente não ia ser tão fácil. Ela não fazia ideia se ele poderia machucá-la assim. E se ele pudesse mudar a forma como ela pensava, e fazê-la gostar do Clã?

E que outra escolha tenho? Ela teria de acreditar que ele não conseguiria, ou que não iria, aprontar com a mente dela. Era um risco que precisava correr, e preocupar-se com isso não tornaria as coisas mais fáceis.

Endireitando as costas, Sonea abriu a porta. A sala parecia ser onde Rothen passava a maior parte de seu tempo. Um conjunto de cadeiras estava disposto ao redor de uma mesa baixa no centro da sala. Estantes de livros e mesas mais altas estavam encostadas às paredes. Rothen estava sentado em uma das cadeiras almofadadas, os olhos azuis dardejando de um lado para o outro pelas páginas de um livro.

Ele ergueu os olhos e sorriu.

— Bom dia, Sonea.

A criada estava ao lado de uma das mesas laterais.

Sonea acomodou-se na cadeira defronte a Rothen. Trazendo à mesa uma bandeja, a criada pousou uma caneca diante de Rothen e outra na frente de Sonea.

Rothen colocou o livro sobre a mesa.

— Esta é Tania — disse ele, erguendo os olhos na direção da mulher. —

Minha criada.

Sonea acenou com a cabeça.

— Olá, Tania.

— Honrada em conhecê-la, *Lady* — respondeu a mulher, fazendo uma reverência.

Sentindo o rosto aquecer de vergonha, Sonea desviou o olhar. Para seu alívio, Tania retornou para a mesa das comidas.

Observando a mulher a arranjar bolos em uma bandeja, Sonea se perguntou se esperavam que ela se sentisse lisonjeada pela mesura. Talvez tivessem a esperança de que ela tomasse gosto por isso, bem como pela vida luxuosa, e ficasse mais disposta a cooperar.

Sentindo o olhar de Sonea, a mulher levantou o olhar e sorriu nervosamente.

— Dormiu bem, Sonea? — perguntou Rothen.

Olhando para ele, a garota encolheu os ombros.

— Um pouco.

— Gostaria de continuar com as lições de leitura hoje?

Sonea olhou para o livro que ele estivera lendo e franziu as sobrancelhas ao perceber que era familiar.

Ele seguiu seu olhar.

— Ah, *Notas de Fien sobre o Uso da Magia*. Pensei que devia conhecer o que você anda lendo. Este é um antigo livro de história, não um manual, e as informações contidas nele podem estar desatualizadas. Pode...

Uma batida na porta o interrompeu. Levantando-se, aproximou-se da porta principal e a abriu levemente. Sabendo que ele facilmente poderia impedi-la de escapar, ela percebeu que Rothen estava deliberadamente impedindo que ela visse a visita... ou estava impedindo que a visita a visse?

— Sim? Lorde Fergun. Em que posso lhe ser útil?

— Desejo ver a garota.

A voz era suave e bem-educada. Sonea assustou-se quando Tania lhe pôs um guardanapo no colo. A criada franziu o sobrolho às costas de Rothen antes de afastar-se.

— Ainda é muito cedo para isso — replicou Rothen. — Ela está... — Hesitou, depois passou pela porta e fechou-a atrás de si. De dentro da sala, Sonea conseguiu ouvir o murmúrio fraco de vozes quando a discussão prosseguiu.

Ela levantou o olhar quando Tania voltou a se aproximar, desta vez segurando um prato com bolos doces. Sonea escolheu um, e experimentou tomar um gole do conteúdo da caneca à sua frente.

Um sabor amargo encheu-lhe a boca, e ela fez uma careta de desagrado. As sobrancelhas de Tania ergueram-se, e ela acenou com a cabeça para a bebida que Sonea tinha na mão.

— Aposto que isso quer dizer que não gosta de *sumi* — disse ela. — O que gosta de beber?

— *Raka* — respondeu Sonea.

A criada parecia estar genuinamente acanhada.

— Não armazenamos *raka* aqui, peço desculpas. Em vez disso, quer que eu traga um pouco de suco de *pachi*?

— Não, obrigada.

— Quem sabe água?

Sonea lançou-lhe um olhar incrédulo.

Tania sorriu.

— A água daqui é limpa. Pronto, vou buscar um pouco. — Retornou à mesa ao fundo da sala, encheu um copo e o levou até Sonea.

— Obrigada — disse Sonea. Erguendo o copo, ficou maravilhada ao ver que o líquido era transparente. Nem a partícula mais ínfima flutuava nela. Dando um gole, não saboreou nada além de uma leve doçura.

— Vê? — disse Tania. — Vou agora arrumar seu quarto. Ficarei fora durante uns minutos, mas, se precisar de qualquer coisa, não hesite em me chamar.

Sonea acenou com a cabeça e escutou os passos da criada à medida que esta se afastava. Sorriu quando a porta do quarto se fechou. Pegando o copo, Sonea engoliu a água e enxugou rapidamente o interior com o guardanapo. Indo mansamente até a porta, colocou o copo contra a madeira e encostou o ouvido na base.

— ... para mantê-la aí dentro. É perigoso.

Essa voz pertencia ao estranho.

— Não até que recobre a força — replicou Rothen. — Assim que isso acontecer, posso lhe mostrar como gastar poder de modo seguro, tal como fizemos ontem. Não há perigo para o edifício.

Houve uma pausa.

— Mesmo assim, não há razão para mantê-la isolada.

— Como lhe disse, ela está visivelmente assustada, e não pouco confusa. Ela não precisa de uma avalanche de magos lhe dizendo a mesma coisa de doze maneiras diferentes.

— Não uma avalanche, apenas eu... e só desejo conhecê-la. Deixarei a aprendizagem toda a seu cargo. Certamente não há mal nenhum nisso, não é?

— Compreendo, mas haverá tempo mais tarde, quando ela tiver adquirido alguma confiança.

— Não há lei no Clã que diz que possa ocultá-la de mim, Rothen — replicou o estranho, com um tom de aviso na voz.

— Não, mas acredito que a maioria compreenderia minhas razões para fazê-lo.

O estranho suspirou.

— Preocupo-me com o bem-estar dela tanto quanto você, Rothen, e também dediquei o mesmo tempo e esforço à sua procura. Penso que muitos

concordariam que ganhei um voto na matéria.

— Você terá oportunidade de conhecê-la, Fergun — replicou Rothen.

— Quando?

— Quando estiver pronta.

— E apenas você há de decidir isso.

— Por ora.

— Isso é o que vamos ver.

Houve silêncio, depois a maçaneta da porta começou a girar. Sonea voltou para seu assento e estendeu o guardanapo outra vez sobre o colo. Quando Rothen retornou para o quarto, sua expressão passou de aborrecida para bem-humorada.

— O que foi isso? — perguntou Sonea.

Ele encolheu os ombros.

— Só uma pessoa que queria saber como você estava.

Sonea acenou com a cabeça, depois se inclinou para a frente a fim de pegar outro bolo doce.

— Por que Tania faz reverência e me chama de *Lady*?

— Oh — Rothen deixou-se cair na cadeira e estendeu o braço para a caneca de líquido amargo que Tania deixara para ele. — Todos os magos são tratados por Lorde ou *Lady.* — Encolheu os ombros. — Sempre foi assim.

— Mas eu não sou um mago — salientou Sonea.

— Bem, ela é um pouco apressada. — Rothen soltou uma risada.

— Acho... — Sonea franziu as sobrancelhas. — Acho que ela tem medo de mim.

Ele franziu as sobrancelhas na direção dela por cima da orla de sua caneca. — Ela só está um pouco nervosa em relação a você. Estar perto de uma maga que não aprendeu o Controle pode ser perigoso. — Ele esboçou um sorriso torto. — Parece que ela não é a única que está preocupada. Conhecendo os perigos

melhor do que a maioria, você pode imaginar como alguns magos se sentem em relação ao fato de ter você morando sob o mesmo teto. Você não é a única que teve um sono agitado esta noite.

Recordando sua captura, as paredes destruídas e todo o entulho que vislumbrara antes de ficar inconsciente, Sonea estremeceu.

— Quanto tempo vai demorar até que comece a me ensinar o Controle?

A expressão dele tornou-se contida.

— Não sei — admitiu ele. — Mas não fique preocupada. Se os poderes voltarem a se manifestar, podemos esgotá-los tal como fizemos antes.

Ela fez que sim com a cabeça, mas, ao olhar para o bolo que segurava, sentiu um aperto no estômago. Sua boca pareceu subitamente seca demais para algo tão doce. Engolindo em seco, colocou o bolo de lado.

A manhã estivera escura e enevoada, e, lá pelo meio da tarde, nuvens pesadas flutuavam baixas e ameaçadoras sobre a cidade. Tudo estava envolvido em sombras, como se a noite tivesse ficado impaciente demais para esperar pelo fim do dia. Em dias assim, o brilho tênue das paredes internas da Universidade era mais notável.

Rothen suspirou quando, uma vez no corredor da Universidade, Dannyl apressou o passo. Esforçou-se por seguir seu ritmo, mas desistiu.

— Que estranho — disse ele às costas de Dannyl. — Parece até que não manca mais.

Dannyl virou-se, depois pestanejou com surpresa ao ver que Rothen ficara muito para trás. Ao diminuir o passo, a ligeira hesitação no andar retornou.

— Ah, aí está. — Rothen acenou com a cabeça. — Por que a pressa, Dannyl?

— Só quero acabar logo com isso.

— Vamos só entregar nossos relatórios — disse Rothen. — Provavelmente sou eu quem vai acabar falando mais.

— Foi *a mim* que o Lorde Supremo enviou em busca dos Ladrões — murmurou Dannyl. — *Eu* é que vou ter que responder a todas as perguntas dele.

— Ele é só alguns anos mais velho que você, Dannyl, assim como Lorlen, e *ele* não o assusta tanto assim.

Dannyl abriu a boca para protestar, depois voltou a fechá-la e balançou a cabeça. Tinham chegado ao final do corredor.

Aproximando-se da porta da sala do Administrado, Rothen sorriu ao ouvir Dannyl respirar fundo. À batida de Rothen, a porta deslizou para dentro, revelando uma sala ampla e esparsamente mobiliada. Um globo de luz pairava sobre uma escrivaninha na extremidade mais afastada da sala, iluminando a túnica azul-escura do Administrador.

Lorlen levantou os olhos e acenou para eles com sua caneta.

— Entrem, Lorde Rothen, Lorde Dannyl. Queiram se sentar.

Rothen olhou em volta da sala. Nenhuma figura de túnica preta recostada em qualquer uma das cadeiras ou escondida em um dos cantos escuros. Dannyl soltou um longo suspiro de alívio.

Lorlen sorriu quando se sentaram nas cadeiras à frente de sua escrivaninha. Inclinando-se para a frente, pegou as folhas de papel que Rothen lhe ofereceu.

— Estou ansioso para ler o relatório de vocês. Tenho certeza de que o de Dannyl será fascinante.

Dannyl retraiu-se, mas nada disse.

— O Lorde Supremo envia suas congratulações. — Os olhos de Lorlen pestanejaram, passando de Rothen para Dannyl. — E também ofereço as minhas.

— Então oferecemos nossos agradecimentos em troca — respondeu Rothen.

Lorlen acenou com a cabeça, depois sorriu trapaceiramente.

— Akkarin está particularmente satisfeito em poder dormir sem interrupções agora que não há tentativas grosseiras de magia fazendo-o acordar durante a noite.

Ao ver os olhos de Dannyl arregalarem-se, Rothen sorriu.

— Imagino que haja desvantagens em ter sentidos tão apurados.

Ele tentou imaginar o Lorde Supremo a andar de um lado para o outro em seu quarto, amaldiçoando a elusiva garota das favelas. A imagem não se ajustava bem ao solene líder do Clã. Franziu as sobrancelhas. Será que Akkarin ia ter muito interesse em Sonea agora que ela fora encontrada?

— Administrador, acha que o Lorde Supremo vai querer conhecer Sonea?

Lorlen balançou a cabeça.

— Não. Sua principal preocupação era que não a conseguíssemos encontrar antes que os poderes dela se tornassem destrutivos... e o Rei começara a questionar nossa capacidade de tomar conta de nós mesmos. — Sorriu para Rothen. — Acho que entendo por que está perguntando. Akkarin pode ser muito intimidante, especialmente para os aprendizes mais jovens, e Sonea ficará facilmente assustada.

— Isso me leva a outro ponto — disse Rothen, inclinando-se para a frente. — Ela está assustada, e também muito desconfiada de nós. Vai levar tempo para superar o medo. Gostaria de mantê-la isolada até ela ganhar confiança suficiente, depois começo a apresentá-la às pessoas, uma por vez.

— Parece sensato.

— Fergun pediu para vê-la hoje de manhã.

— Ah. — Lorlen acenou com a cabeça e tamborilou os dedos na mesa. — Hum. Posso imaginar todos os argumentos que ele usará para seguir com isso. Posso decretar que ninguém a verá até que esteja preparada, mas acho que ele não ficará satisfeito enquanto não especificarmos o que é “preparada” e estabelecermos uma data.

Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro atrás da escrivaninha.

— As duas reivindicações de guarda também complicaram as coisas. As pessoas aceitam que, uma vez que você tem muita experiência em ensinar o Controle, devia ser você a lhe ensinar isso. Mas, se Fergun for excluído do

treinamento inicial de Sonea, as pessoas apoiarão a reivindicação de Fergun por mera solidariedade. — Fez uma pausa. — Fergun pode ser uma dessas pessoas que você vai apresentar para ela?

Rothen balançou a cabeça.

— Ela é observadora e rápida para captar os sentimentos das pessoas. Fergun não simpatiza muito comigo. Se tenho de convencê-la de que todos somos pessoas amistosas e bem-intencionadas, então não vai ajudar se ela perceber o conflito entre nós dois. Além disso, ela pode confundir a determinação dele em vê-la como intenção de lhe fazer mal.

Lorlen observou-o por um momento, depois cruzou os braços.

— Todos queremos que Sonea aprenda o Controle o mais rápido possível — disse. — Não acho que alguém vá discordar se eu decidir que nada deverá distraí-la desse intento. Quanto tempo acha que irá levar?

— Não sei — confessou Rothen. — Já lecionei para aprendizes desinteressados e dispersos, mas nunca tentei ensinar o Controle a alguém que desconfia dos magos como ela. Pode levar várias semanas.

Lorlen retornou à sua cadeira.

— Não posso lhe dar tanto tempo. Dou-lhe duas semanas, e durante esse período você poderá decidir quem a verá. Depois disso, vou começar a visitá-la de quando em quando para verificar se está perto de adquirir um nível aceitável de Controle. — Ele fez uma pausa e bateu com a unha no tampo da mesa. — Se puder, apresente-a pelo menos a outro mago até lá. Direi a Fergun que ele pode vê-la depois que tiver aprendido o Controle, mas lembre-se: quanto mais isso demorar, mais simpatia ele vai ganhar.

Rothen assentiu com a cabeça.

— Compreendo.

— A pessoas vão esperar que a Audiência ocorra durante a primeira Reunião depois de ela ter aprendido o Controle.

— Se conseguir convencê-la a ficar — acrescentou Rothen.

Lorlen franziu as sobrancelhas.

— Acha que ela se recusará a se juntar ao Clã?

— É cedo demais para dizer — respondeu Rothen. — Não podemos forçá-la a proferir o juramento.

Recostando-se na cadeira, Lorlen observou Rothen ponderadamente, a testa franzida de preocupação.

— Ela está ciente da alternativa?

— Ainda não. Uma vez que tento ganhar sua confiança, senti que era melhor deixar essas notícias para mais tarde.

— Compreendo. Talvez, se escolher o momento certo, isso a convença a ficar. — Sorriu ironicamente. — Se ela partir, Fergun ficará convencido de que você fez a cabeça dela para sair só para contrariá-lo. De qualquer jeito, você vai enfrentar batalhas duras, Rothen.

Dannyl franziu as sobrancelhas.

— Então ele tem uma pretensão forte?

— Difícil dizer. Muito pode depender da força de apoio que cada um tiver. Mas não devo falar sobre isso antes da Audiência. — Lorlen endireitou-se e olhou para Rothen, depois para Dannyl. — Não tenho mais perguntas. Alguém tem mais alguma coisa que gostaria de discutir?

— Não. — Rothen levantou-se e inclinou a cabeça. — Obrigado, Administrador.

Já no corredor, Rothen olhou para o companheiro.

— Não foi tão ruim, foi?

Dannyl encolheu os ombros.

— Ele não estava lá.

—Não. — Quando outro mago apareceu no corredor, Dannyl interrompeu a marcha, os passos tornando-se mancos. Rothen balançou a cabeça. — Está

fingindo que manca!

Dannyl pareceu ofendido.

— Foi um corte profundo, Rothen.

— Não *tão* profundo.

— *Lady* Vinara disse que ia levar alguns dias até que a rigidez passasse.

— Ela disse?

As sobrancelhas de Dannyl ergueram-se.

— E não faz mal algum eu recordar às pessoas o que passamos para apanhar aquela garota.

Rothen soltou uma risada.

— Estou quase agradecido pelo sacrifício que está fazendo à sua dignidade.

Dannyl fez um pequeno ruído de desagrado.

— Ora, se Fergun pode andar por aí durante uma semana com uma bandagem em cima daquele corte minúsculo na têmpora, então tenho direito de ficar manco por um tempinho.

— Estou vendo. — Rothen acenou lentamente com a cabeça. — Então está tudo bem.

Chegaram às portas traseiras da Universidade e pararam. O ar lá fora estava denso de neve caindo. Trocando olhares mútuos de desalento, saíram para a brancura torvelinhante e se apressaram.

••

CAPÍTULO 19

As aulas começam

Uma semana com um tempo que piorava a cada dia enterrara a propriedade do Clã em uma espessa cama de neve. Gramados, jardins e telhados haviam desaparecido sob um cobertor branco e cintilante. Confortável dentro de seu próprio escudo protetor, Dannyl conseguia apreciar o espetáculo sem sofrimento.

Aprendizes rondavam a entrada da Universidade. Quando entrou no edifício, um trio passou apressadamente por ele, os mantos apertados com força à volta dos ombros. *Fazem parte dos que entraram em pleno inverno,* pensou ele. Várias semanas de treinamento se passariam até que os novos aprendizes aprendessem a repelir o frio.

Subindo as escadas, deu com um pequeno grupo de aprendizes aguardando do lado de fora da sala de Alquimia onde Rothen dava suas aulas. Acenando-lhes para entrar, começou a segui-los.

— Lorde Dannyl.

Reconhecendo a voz, Dannyl conteve um gemido. Virou-se e deu com Fergun vindo em sua direção a passos vagarosos pelo corredor, com Lorde Kerrin a seu lado.

Parando a alguns passos de Dannyl, Fergun olhou para a porta da sala.

— Está entrando na aula de Rothen?

— Sim — respondeu Dannyl.

— Está ensinando os aprendizes?

— Sim.

— Entendo. — Fergun deu as costas, seguido por Kerrin. Com voz calma, mas aguda o bastante para Dannyl escutar, acrescentou: — Estou surpreso que permitam.

— O que quer dizer? — perguntou Kerrin, a voz ficando mais fraca à medida que o par se afastava.

— Não se lembra de todas as encrencas em que ele se envolveu como aprendiz?

— Oh, *isso*! — Kerrin riu, o som ecoando no corredor. — Creio que ele possa ser uma má influência.

Cerrando os dentes, Dannyl virou-se de costas e encontrou Rothen na entrada.

— Rothen! — exclamou Dannyl. — O que faz aqui?

— Só fazendo uma visita à biblioteca. — O olhar de Rothen permanecia sobre as costas de Fergun. — Espanta-me que os dois, já passado tanto tempo, ainda levem adiante esse rancor. Nunca vão deixar o passado para trás?

— Para ele não é rancor — rosnou Dannyl. — É um passatempo, e ele gosta demais disso para ter vontade de parar.

Rothen ergueu as sobrancelhas.

— Bem, se ele se comporta como um aprendiz rancoroso, as pessoas agirão de acordo com as palavras dele. — Sorriu quando três aprendizes passaram correndo pelo corredor e se enfiaram pela porta da sala de aula. — Como meus aprendizes estão se comportando?

Dannyl fez uma careta de desagrado.

— Não sei como você aguenta, Rothen. Não vai me abandonar aqui com eles por muito tempo, vai?

— Não sei. Semanas. Meses, talvez.

Dannyl gemeu.

— Acha que Sonea já está pronta para começar as aulas de Controle?

Rothen meneou a cabeça.

— Não.

— Mas já faz uma semana.

— *Só* uma semana. — Rothen suspirou. — Duvido que ela confiasse em nós se lhe déssemos seis para se restabelecer. — Ele franziu as sobrancelhas. — Não que ela antipatize conosco como indivíduos, mas não acredita que as intenções do Clã sejam boas... e ela não vai acreditar enquanto não vir provas. Não temos tempo para isso. Quando Lorlen visitá-la, vai esperar que já tenhamos começado as lições.

Dannyl agarrou o braço do amigo.

— Por enquanto, tudo o que tem a fazer é lhe ensinar o Controle, e para isso ela só precisa confiar em *você*, Rothen. Você é um tipo fácil de gostar. Só quer o melhor para ela. Se não consegue lhe *dizer* isso, então lhe *mostre*.

Rothen franziu as sobrancelhas, depois seus olhos se arregalaram ao compreender a mensagem.

— Deixá-la ver dentro de minha mente?

— Sim. Ela *saberá* que você está dizendo a verdade.

— Não... não é necessário ao ensinar o Controle, mas as circunstâncias não são as de sempre. — Rothen franziu as sobrancelhas. — Mas há algumas coisas que terei de impedir que ela descubra...

— Oculte-as. — Dannyl sorriu. — Agora, tenho uma classe de aprendizes me esperando, todos ávidos por experimentar em mim suas mais recentes diabruras e pegadinhas de torturar professores. Lorlen não é nada. *Eu* espero ouvir de você progressos *consideráveis* quando nos encontrarmos logo mais, à noite.

Rothen soltou uma risada.

— Seja razoável com eles, e eles serão razoáveis contigo, Dannyl.

Quando o amigo deu de costas, Dannyl emitiu uma gargalhada curta e sem humor nenhum. Em algum lugar acima deles, um percutor bateu no gongo da Universidade. Suspirando, Dannyl endireitou os ombros e entrou na sala de aula.

Inclinando-se sobre o peitoril da janela, Sonea observou os últimos dos magos

e aprendizes desaparecerem às pressas. Todavia, nem todos haviam respondido ao gongo da Universidade. Duas figuras distantes permaneciam de pé no outro lado dos jardins.

A primeira delas era uma mulher de túnica verde com uma faixa preta — a Chefe dos Curadores. *Então as mulheres tinham alguma influência no Clã,* meditou ela.

A outra era um homem vestido de túnica azul. Recordando da explicação de Rothen acerca das cores das túnicas, não conseguiu lembrar-se de ele ter mencionado o azul. A cor era incomum, por isso ele talvez fosse também um mago influente.

Rothen explicara como os magos de posição elevada eram selecionados por voto entre os membros do Clã. Esse método de escolha de líderes pela concordância da maioria era intrigante. Ela esperara que os magos mais fortes governassem os outros.

De acordo com Rothen, o restante dos magos passava o tempo lecionando, fazendo experiências ou trabalhando em projetos comunitários. Estes incluíam atividades que abrangiam desde o impressionante até o ridículo. Sonea ficara surpresa ao descobrir que os magos tinham construído a marina, e espantada ao ouvir que um mago passava muito tempo de sua vida tentando produzir colas cada vez mais fortes.

Tamborilando os dedos, olhou de novo em volta do quarto. Na semana passada, encontrara oportunidades de examinar tudo, até mesmo o quarto onde Rothen dormia. Uma busca cuidadosa em todos os armários, baús e gavetas revelara roupas e objetos do dia a dia. As poucas fechaduras que encontrara sucumbiram facilmente a suas técnicas de arrombamento, mas a recompensa foram apenas documentos velhos.

Captando um movimento pelo canto do olho, virou-se de costas para a janela. Os dois magos haviam partido, e o homem de túnica azul agora caminhava ao longo da orla do jardim em direção à residência de dois andares do Lorde Supremo.

Lembrando-se da noite em que espreitara o interior daquele edifício, ela estremeceu. Rothen não mencionara nada sobre magos assassinos, mas isso estava longe de ser surpreendente. Ele estava tentando convencê-la de que o Clã era amistosa e útil. Se o mago de túnica preta não era um assassino, então o que mais ele poderia ser?

A lembrança de um homem com roupas ensanguentadas surgiu-lhe de súbito na mente.

Está feito, dissera o homem. *Trouxe minha túnica?*

Ela deu um pulo quando a porta principal se abriu com um clique atrás dela. Virando-se, soltou um suspiro quando Rothen entrou no quarto rodopiando numa túnica púrpura.

— Desculpe ter demorado tanto.

Ele era um mago, e mesmo assim estava se *desculpando* com ela. Sorridente, encolheu os ombros em resposta.

— Trouxe alguns livros da biblioteca. — Ele se endireitou e a observou severamente. — Mas pensei que pudéssemos começar a praticar alguns exercícios mentais. O que acha?

— Exercícios mentais? — Ela franziu as sobrancelhas, depois ficou gelada ao perceber o que ele estava sugerindo. Será que achou que ela confiaria nele em uma semana?

Confio?

Ele a observava com atenção.

— Provavelmente não começaremos já com as lições de Controle — disse ele. — Mas você devia ganhar familiaridade com a comunicação mental como forma de se preparar para as lições.

Pensando na semana que passara, Sonea considerou o que aprendera com ele.

Rothen passara a maior parte do tempo ensinando-a a ler. A princípio ela ficara desconfiada, e esperara encontrar algo no conteúdo dos livros que ele

pudesse usar como isca ou suborno. Ficara quase desapontada ao se perceber lendo simples histórias de aventura, com poucas referências a magia.

Ao contrário de Serin, que ficara impaciente na tentativa de evitar irritá-la, Rothen não hesitava em corrigi-la quando ela cometia um erro. Ele podia ser bem severo, mas Sonea descobrira, para sua surpresa, que não era de todo assustador. Ela até tinha se pegado querendo provocá-lo um pouquinho quando ele ficava muito sério.

Quando não estava ensinando, ele puxava conversa. Ela sabia que não estava facilitando para ele quando havia tantos assuntos que se recusava a discutir. Embora ele sempre estivesse disposto a responder às suas perguntas, não tentara induzi-la ou forçá-la a revelar qualquer coisa sobre si mesma em troca.

Será que a comunicação mental seria desse jeito? Será que ela ainda seria capaz de esconder partes de si mesma?

O único modo de descobrir é tentando, disse a si mesma. Engolindo em seco, acenou rapidamente com a cabeça.

— Como é que começamos?

Ele lhe lançou um olhar perscrutador.

— Se não quiser, podemos esperar mais uns dias.

— Não. — Sacudiu a cabeça. — Agora está bom.

Ele acenou com a cabeça, depois gesticulou na direção das cadeiras.

— Sente-se. Certifique-se de que esteja confortável.

Ela se abaixou para se sentar em uma cadeira, depois observou quando ele empurrou a mesa baixa de lado e moveu uma cadeira de modo a ficar na frente da sua. Ele ia se sentar perto dela, reparou Sonea, com receio.

— Vou lhe pedir para fechar os olhos — disse ele. — Depois, vou pegar em suas mãos. Apesar de não ser necessário que nos toquemos enquanto falamos um com o outro, isso ajuda a concentrar a mente. Está pronta?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Feche os olhos — instruiu ele — e relaxe. Respire profunda e lentamente. Escute o som de sua respiração.

Ela fez como ele disse. Por muito tempo ele ficou em silêncio. Depois ela percebeu que o ritmo da respiração deles era o mesmo, e ficou a se perguntar se ele mudara a respiração para entrar no compasso da sua.

— Imagine que, com cada inspiração, uma parte de você relaxa. Primeiro os dedos dos pés, depois os pés, depois os tornozelos. Panturrilhas, joelhos, coxas. Descanse os dedos, mãos, pulsos, braços, as costas. Deixe os ombros caírem. Deixe a cabeça pender um pouco para a frente.

Embora achasse suas instruções um tanto peculiares, ela fez o que ele disse. Ao sentir a tensão abandonar-lhe os membros, ela tomou consciência de uma agitação no estômago.

— Agora vou pegar em suas mãos — disse ele.

As mãos que envolveram as dela pareciam muito maiores. Ela resistiu ao impulso de abrir os olhos para verificar.

— Escute. Pense no que está ouvindo.

Sonea ficou subitamente consciente de que estava rodeada de pequenos ruídos constantes. Cada ruído surgia diante dela e exigia ser identificado: o som de passos lá fora, as vozes distantes de magos e criados vindas tanto de dentro quanto de fora do edifício...

— Agora deixe os sons de fora da sala desaparecerem. Em vez disso, concentre-se nos sons dentro desta sala.

Estava mais silencioso ali dentro. Os únicos sons eram da respiração deles, agora em ritmos diferentes.

— Deixe esses sons desaparecerem também. Agora escute os sons dentro de seu próprio corpo. O batimento lento de seu coração...

Ela franziu as sobrancelhas. Além da respiração, não conseguia ouvir mais sons em seu corpo.

— ... o fluxo de sangue circulando pelo corpo.

Embora estivesse se concentrando arduamente, ela não conseguia ouvir...

— ... o som de seu estômago.

... ou será que conseguia? Havia algo...

— ... a vibração dentro de seus ouvidos.

Foi então que ela percebeu que os ruídos que ele descrevia não eram ouvidos, mas *sentidos*.

— ... e agora escute o som de seus pensamentos.

Por um momento, Sonea ficou confusa com a instrução, depois sentiu uma presença no fundo de sua mente.

— *Olá, Sonea*.

— *Rothen?*

— *Isso mesmo*.

A presença ficou mais tangível. A personalidade que ela conseguia sentir era surpreendentemente familiar. Era como se reconhecesse uma voz, uma voz tão familiar que nunca poderia ser confundida com outra.

— *Então esta é a comunicação mental*.

— *Sim. Usando-a, podemos falar um com o outro a grandes distâncias*.

Ela percebeu que não estava ouvindo *palavras*, mas sentindo o significado dos pensamentos que ele projetara na direção dela. Surgiam-lhe num clarão na mente e eram compreendidos tão rápida e completamente que ela sabia com toda a certeza exatamente aquilo que ele queria que ela soubesse.

— *É muito mais rápido do que falar!*

— *Sim, e há menos chance de haver um mal-entendido.*

— *Será que eu poderia falar assim com minha tia? Podia fazer com que ela soubesse que ainda estou viva.*

— Sim e não. Apenas magos conseguem comunicar-se mente com mente sem contato físico. Você poderia falar com sua tia, mas precisaria estar tocando nela. No entanto, não há por que não enviar a ela uma mensagem normal...

O que revelaria a localização deles, percebeu ela. Sonea sentiu esmorecer seu entusiasmo pela comunicação mental. Tinha de ser cuidadosa.

— Então... os magos falam assim todo o tempo?

— Nem sempre.

— Por que não?

— Há limitações a esta forma de comunicação. Você sente as emoções por trás dos pensamentos que os outros lhe enviam. É fácil detectar quando alguém está mentindo, por exemplo.

— E isso é ruim?

— Não necessariamente, mas imagine se você tivesse reparado que seu amigo ia ficar careca. Ele sentiria seu divertimento por trás de seus pensamentos e, apesar de não saber o que você achou tão engraçado, saberia que estava rindo à custa dele. Agora, imagine que não era aquele seu amigo, que certamente a perdoaria, mas uma pessoa que você respeitava e quisesse impressionar.

— Compreendo o que quer dizer.

— Ótimo. Agora, para a próxima parte da lição, quero que imagine que sua mente é uma sala... um espaço com paredes, chão e teto.

De imediato, ela deu por si no centro de uma sala. Havia algo de familiar ali, embora não conseguisse lembrar-se de ver uma sala assim antes. Estava vazia, não tinha portas ou janelas e as paredes eram de madeira simples.

— O que você vê?

— As paredes são de madeira, e está vazia — respondeu ela.

— Ah, estou vendo. Esta sala é a parte consciente de sua mente.

— Então... consegue ver dentro da minha mente?

— Não, você apenas projetou uma imagem para mim. Veja, vou mandá-la de volta.

Uma imagem da sala surgiu-lhe num clarão em sua mente. Era nebulosa e confusa, e os detalhes já não mais visíveis.

— É... diferente, e um tanto desfocada — disse ela.

— É porque já passou algum tempo, e a memória que eu tinha da imagem já perdeu a força. A diferença que sente é a minha mente preenchendo os detalhes que faltavam na minha memória, tais como a cor e a textura. Agora sua sala precisa de uma porta.

Imediatamente, uma porta apareceu do nada diante dela.

— Vá até a porta. Lembra-se de como seu poder se mostrava?

— Sim, uma bola de luz brilhante.

— Essa é uma maneira comum de visualizá-lo. Quero que pense em como era quando estava forte e perigoso, e depois de ter desaparecido. Consegue se lembrar?

— Sim...

— Agora abra a porta.

Quando a porta se abriu de rompante, ela se viu no limiar da escuridão. Uma esfera branca pairava diante dela, brilhando com muita luz. Era impossível julgar a que distância ela estava. Em um primeiro momento parecia flutuar um pouco além do alcance do braço, mas a seguir ela teve a certeza de que era de um tamanho colossal, e que pairava a uma distância inconcebível.

— É muito grande em comparação com o que se lembra?

— Não tão grande como quando estava perigoso. — Ela lhe enviou uma imagem.

— Ótimo. Está crescendo mais depressa do que eu esperava, mas temos um tempo antes de sua magia começar a irromper sem ser chamada. Feche a porta e retorne à sala.

A porta fechou-se e desapareceu, e Sonea viu que estava de volta ao centro da sala.

— Quero que imagine outra porta. Desta vez é a porta que dá para fora, por isso a faça maior.

Portas duplas apareceram na sala, e ela as reconheceu como as portas principais da hospedaria onde vivera antes da Purificação.

— Ao abrir as portas, você verá uma casa. Deve ter mais ou menos esse aspecto.

A imagem de uma casa branca, não muito diferente das grandes casas de comerciantes do Quarteirão Ocidental, flamejou-lhe na mente. Ao empurrar as portas duplas para abri-las em sua mente, viu-se de frente para o edifício. Entre seu quarto e essa casa havia uma rua estreita.

— Atravesse para chegar ao edifício.

A casa tinha apenas uma porta vermelha. A cena mudou, e ela se viu de frente para a casa. Ao tocar a maçaneta, a porta deslizou para dentro, e ela entrou em uma grande sala branca.

Havia quadros pendurados nas paredes e cadeiras almofadadas arranjadas harmoniosamente nos cantos da sala. Lembrava-lhe um pouco a sala de visitas de Rothen, porém mais ampla. A sensação da personalidade dele era forte como um perfume poderoso ou o calor da luz do sol.

— Bem-vinda, Sonea. Você está naquilo que pode chamar de primeira sala de minha mente. Posso lhe mostrar imagens aqui. Olhe para os quadros.

Aproximou-se da pintura que estava mais perto. Nela, viu a si mesma vestida com uma túnica de mago, a conversar seriamente com outros magos. Perturbada, afastou-se.

— Espere, Sonea. Veja o quadro seguinte.

Relutantemente, ele se moveu ao longo da parede. A figura seguinte mostrava-a em uma túnica verde, curando um homem com uma perna ferida. Ela deu de costas rapidamente.

— Por que esse futuro a repele?

— Não é quem eu sou.

— Mas poderia ser, Sonea. Vê agora que lhe contei a verdade?

Olhando de novo para os quadros, ela subitamente compreendeu que ele *estava* falando a verdade. Aqui ele não podia mentir. Rothen estava lhe mostrando *reais* possibilidades. O Clã queria sinceramente que ela se juntasse a eles...

Em seguida, encontrou uma porta preta que não tinha visto antes. Ao olhar para ela, soube que estava trancada e sentiu suas suspeitas retornarem. Ele podia não ser capaz de mentir, mas talvez pudesse ocultar algumas coisas.

— Está escondendo coisas de mim! — acusou ela.

— Sim — disse ele. *— Todos temos a habilidade de esconder aquelas partes de nós que desejamos manter reservadas. Caso contrário, nenhum de nós sequer permitiria a outra pessoa entrar em sua mente. Vou ensiná-la a fazer isso, pois sua necessidade de privacidade é mais forte que a da maioria. Observe, e vou deixá-la entrever o que está por trás dessa porta.*

A porta deslizou para dentro. Por ela, Sonea viu uma mulher deitada em uma cama, o rosto pálido de morte. Um sentimento de intensa mágoa transbordou. Sem aviso, a porta fechou-se de rompante.

— Minha esposa.

— Ela morreu...?

— Sim. Entende agora por que escondo essa parte de mim?

— Sim. Lamento... muito.

— Foi há muito tempo, e tenho para mim que você deve acreditar que lhe digo a verdade.

Sonea virou-se de costas para a porta preta. Uma rajada de ar perfumado entrou na sala, uma mistura de flores com algo torrado e desagradável. Os quadros que a mostravam vestida com túnica haviam crescido de modo a tomar

conta das paredes, mas as cores estavam atenuadas.

— Avançamos muito. Voltamos para sua mente?

Nesse momento, a sala começou a deslizar sob os pés dela, empurrando-a na direção da porta vermelha. Ao sair, olhou para cima. A fachada da casa dela erguia-se diante de seus olhos. Era um edifício de madeira simples, um pouco envelhecido, mas ainda robusto... típico das melhores áreas das favelas. Atravessando a estrada, ela voltou a entrar na primeira sala de sua mente. As portas fecharam-se rapidamente atrás de si.

— Agora, vire-se e olhe para fora.

Ao voltar a abrir as portas, ficou surpresa ao ver Rothen em pé à sua frente. Parecia um pouco mais jovem, e talvez mais baixo também.

— Vai me convidar para entrar? — perguntou ele, sorrindo.

Dando um passo para trás, ela gesticulou para fazê-lo entrar. Quando ele pisou na soleira da porta, a sensação da presença dele preencheu a sala. Ele olhou em volta, e ela subitamente percebeu que a sala já não estava mais vazia.

Ela sentiu um acesso de culpa ao ver que, sobre uma mesa ali perto, havia uma caixa. Era uma das que ela arrombara. A tampa estava aberta, e os documentos lá dentro ficaram claramente visíveis.

Foi então que ela viu Cery sentado de pernas cruzadas no chão, segurando três livros familiares.

Em outro canto estavam Jonna e Ranel...

— Sonea.

Ela se virou e viu que Rothen colocara as mãos sobre os olhos.

— Coloque atrás de portas aquilo que não quer que eu veja.

Olhando ao redor da sala, ela se concentrou em esconder todas aquelas coisas. Elas deslizaram para trás, atravessando as paredes, e desapareceram.

— Sonea?

Virando-se, percebeu que Rothen tinha desaparecido.

— *Também o empurrei pra fora?*

— *Sim. Vamos tentar de novo.*

Mais uma vez ela abriu a porta e se afastou para deixar Rothen entrar. Captando um movimento pelo canto do olho, ela desviou o olhar, mas seja lá o que vira penetrou de volta nas paredes. Virando-se de costas, ela descobriu que uma nova sala aparecera atrás da porta. Havia uma porta aberta no lado mais afastado dessa sala, e Rothen encontrava-se agora na entrada.

Ele passou pela porta e tudo se alterou. Havia duas salas entre eles, depois três.

— *Basta!*

Ela sentiu as mãos dele soltarem as dela. Abruptamente consciente do mundo físico, ela abriu os olhos. Rothen estava recostado na cadeira, com uma careta de desagrado e massageando as têmporas.

— Está tudo bem? — perguntou ela, preocupada. — O que aconteceu?

— Estou bem. — Ele deixou cair as mãos e sorriu ironicamente. — Você me empurrou direto para fora de sua mente. É uma reação natural, e você pode aprender a controlá-la. Não se preocupe, estou acostumado com isso. Já ensinei muitos aprendizes.

Ela acenou com a cabeça e esfregou as mãos.

— Quer tentar de novo?

Ele balançou a cabeça.

— Agora não. Vamos descansar e continuar a trabalhar sua leitura. Talvez tentemos de novo hoje à tarde.

CAPÍTULO 20

O prisioneiro do Clã

Cery bocejou. Desde que Sonea fora levada, o sono tornara-se algo inconstante. Escapava-lhe quando precisava dele, e o perseguia quando não precisava. Neste exato momento, ele precisava estar mais acordado do que jamais estivera.

Um vento gélido açoitava as árvores e as sebes, enchendo o ar de ruído e de ocasionais galhos ou folhas. O frio penetrava-lhe nos músculos, causando cãibras. Trocando cuidadosamente o peso, esticou e esfregou primeiro uma perna, depois a outra.

Erguendo o olhar outra vez para a janela, concluiu que, se pensasse “olhe aqui pra fora” com mais força, a cabeça dele ia explodir. Era óbvio que o talento de Sonea para sentir mentes não incluía detectar visitantes inesperados do lado de fora de sua janela.

Ele observou as bolas de neve que fizera, e as dúvidas voltaram. Se jogasse uma na janela, teria de fazer barulho suficiente para acordá-la, mas não o suficiente para atrair a atenção de qualquer outra pessoa. Ele não fazia ideia se ela ainda estava no quarto, e se estava sozinha.

Uma luz acendera quando ele chegou, mas se extinguiu logo depois. As janelas à esquerda da dela estavam às escuras, mas as da direita ainda brilhavam. Cery olhou nervosamente para o edifício da Universidade, que se elevava à sua esquerda. Nenhuma luz nas janelas. Desde a primeira noite em que vislumbrara Sonea, Cery não vira mais sinais do observador misterioso.

Em algum lugar no canto de seu olho, uma luz piscou. Ele olhou para cima, na direção do edifício dos magos. A luz nos quartos ao lado do de Sonea haviam desaparecido. Cery sorriu sombriamente e massageou as pernas dormentes. Só mais um pouco...

Quando um rosto pálido apareceu à janela, ele pensou, por um momento, que

tinha adormecido e estava sonhando. Observou, com o coração batendo forte, quando Sonea espreitou para baixo na direção dos jardins, depois ergueu o olhar para a Universidade.

Depois ela desapareceu de seu campo de visão.

Todo o cansaço se fora. Os dedos de Cery envolveram uma bola de neve. Suas pernas protestaram quando ele se contorceu todo para sair da sebe. Mirou e, quando a bola de neve abandonou os dedos dele, voltou a se abaixar na cerca. A mais tênue pancada chegou-lhe aos ouvidos quando a bola de neve bateu na janela. Seu coração cantou de triunfo quando o rosto de Sonea voltou a aparecer. Ela encarou os salpicos de gelo no vidro e olhou de novo para o jardim.

Verificando as outras janelas, Cery não viu outros observadores. Contorceu-se para sair um pouco da sebe e viu os olhos de Sonea arregalarem-se ao localizá-lo. A surpresa foi seguida por um sorriso largo.

Ele abanou a mão, depois lhe fez uma pergunta por meio de sinais. Ela respondeu com um “sim”. Nenhum mal tinha sido feito a ela. Ele soltou um suspiro de alívio.

O código de sinais dos Ladrões se limitava a significados simples como “pronto?”, “agora”, “espere”, “saia daí” e o habitual “sim” ou “não”. Não havia sinal para “Estou prestes a resgatá-la. A janela está trancada?”. Ele apontou para si mesmo, depois fez movimentos de quem escala, abriu uma janela por gestos de mímica, apontou para ela, depois para ele mesmo e terminou com o sinal de “saia daí”.

Ela respondeu com “espere”, depois apontou para si própria, fez sinal de “saia daí” e abanou a cabeça.

Ele franziu as sobrancelhas. Embora ela soubesse mais que a maioria dos favelados sobre os sinais dos Ladrões, nunca fora tão versada nisso quanto ele. Podia estar dizendo que não tinha permissão para sair, ou que não queria sair naquele momento, ou que ele devia retornar mais tarde naquela noite. Ele coçou a cabeça, fez sinal de “saia daí”, depois de “agora”.

Ela abanou a cabeça, depois algo à esquerda dela lhe chamou a atenção, e seus

olhos se arregalaram. Afastando-se um pouco da janela, começou a fazer sinal de "saia daí" várias e várias vezes. Cery agachou-se e se escondeu na sebe, na esperança de que o vento ocultasse o sussurro das folhas.

Nenhum ruído de passos chegou-lhe aos ouvidos, e ele começou a se perguntar o que a assustara, depois sentiu ar quente roçar-lhe na pele; os pelos na nuca se eriçaram.

— Apareça — disse uma voz bem-educada, desconfortavelmente próxima. — Sei que está aí.

Olhando através da sebe, Cery conseguiu ver as macias pregas de uma túnica a apenas um braço de distância. Uma mão serpenteou por entre as folhas. Cery retorceu-se para se afastar, empurrando-se para fora da sebe e pressionando as costas contra o edifício, com o coração aos saltos. O mago endireitou-se rapidamente. Sabendo que estava completamente à vista, Cery disparou a correr ao longo da lateral do edifício em direção à floresta.

Alguma coisa bateu-lhe contra as costas e ele foi atirado para a frente, caindo na neve. Um peso segurou-o ali, pressionando-o com tanta firmeza que ele mal conseguia respirar, e o frio da neve queimou-lhe a cara. Ouviu passos aproximarem-se e sentiu o pânico aumentar.

Calma. Fique calmo, disse a si mesmo. *Nunca ouviu falar de matarem intrusos... Também nunca ouviu falar de encontrarem intrusos...*

A pressão esmagadora abrandou-se. Ao pôr-se de mãos e joelhos no chão, Cery sentiu uma mão agarrar-lhe o braço. A mão puxou-o para que ficasse de pé e o arrastou pela cerca até o caminho.

Olhando para cima, ficou gelado ao reconhecer o mago.

Os olhos do mago semicerraram-se.

— Você me parece familiar... Ah, agora me lembro. O favelado imundo que tentou me atacar. — Olhou de novo para a janela de Sonea e sorriu maliciosamente. — Então Sonea tem um admirador. Que meigo.

Observou Cery pensativamente, e uma luz fulgiu-lhe nos olhos.

— E então, o que é que vou fazer contigo? Creio que intrusos normalmente sejam interrogados e depois escoltados para fora do Clã. É melhor começarmos então.

Cery esforçou-se para se soltar quando o mago começou a puxá-lo ao longo do caminho rumo à Universidade. A mão magra do mago era surpreendentemente forte.

— Deixa eu ir! — exigiu Cery.

O mago suspirou.

— Se ficar sacudindo meu braço desse jeito, serei obrigado a usar meios menos físicos para segurá-lo. Por favor, colabore. Estou tão ansioso para que isto acabe quanto tenho certeza de que você está.

— Pra onde *tá* me levando?

— Para longe deste vento barulhento, para começar. — Chegaram ao fim do edifício dos magos e começaram a dirigir-se para a Universidade.

— Lorde Fergun.

O mago parou e olhou por cima dos ombros. Duas sombras vestidas de túnicas aproximavam-se. Sentindo uma súbita tensão nas mãos de seu capturador, Cery não tinha certeza se ficava aliviado ou preocupado com os recém-chegados. Era óbvio que Fergun não recebia bem a intromissão deles.

— Administrador — disse Fergun. — Que sorte. Estava mesmo indo acordá-lo. Descobri um intruso. Parece que estava tentando chegar à garota das favelas.

— Bem que eu disse. — O recém-chegado mais alto lançou um olhar para o companheiro.

— Vai interrogá-lo? — Fergun soou esperançoso, mas suas mãos apertaram com mais força o braço de Cery.

— Sim — respondeu o mago alto. Ele fez um gesto preguiçoso, e uma bola de luz chamejou até surgir acima deles. Cery sentiu o calor percorrer-lhe o corpo e o vento desapareceu. Olhando em volta, ainda conseguia ver árvores agitando-

se, mas os três magos não pareciam perturbados.

À luz forte, as túnicas dos magos ficaram vivamente coloridas. O mago alto vestia azul, o colega, um homem mais velho, vestia púrpura, e o que capturara Cery vestia vermelho. O mago alto baixou o olhar para Cery e sorriu ligeiramente.

— Quer falar com Sonea, Cery?

Cery pestanejou com surpresa, depois franziu as sobrancelhas. Como é que esse mago sabia o nome dele?

Sonea deve ter-lhe dito. Se ela quisesse prevenir Cery, teria lhe dado outro nome... a não ser que a tivessem enganado para que ela desse o verdadeiro nome, ou tivessem lido a mente dela, ou...

O que isso importava agora? Tinham-no apanhado. Se é que pretendiam lhe fazer mal, já estava mesmo condenado. Mas ainda podia ver Sonea.

Ele acenou com a cabeça. O mago alto olhou para Fergun.

— Solte-o.

A mão de Fergun apertou com força antes de os dedos desenrolarem-se do braço de Cery. O mago de túnica azul gesticulou para que Cery os seguisse, depois começaram a dirigir-se para o edifício dos magos.

As portas abriram-se diante deles. Consciente dos dois magos marchando como guardas atrás de si, Cery seguiu o mago alto subindo um curto lance de escadas até o piso superior. Desceram um amplo corredor até uma das muitas portas de aparência simples. O mago mais velho avançou para tocar na maçaneta, e a porta deslizou para dentro.

No interior havia uma sala luxuosa com cadeiras almofadadas e refinada mobília. Em uma das cadeiras estava Sonea. Ao ver Cery, ela sorriu.

— Prossiga — disse o mago de túnica azul.

Com o coração ainda acelerado, Cery entrou na sala. Quando a porta se fechou, ele olhou para trás e se perguntou se tinha acabado de entrar em uma

armadilha.

— Cery — sussurrou Sonea. — É tão bom te ver.

Ele se virou para examiná-la. Ela voltou a sorrir, mas o sorriso rapidamente despareceu.

— Sente-se, Cery. Pedi a Rothen que me deixasse falar com você. Disse-lhe que você continuaria tentando me resgatar se não conseguisse lhe explicar por que é que não posso ir embora. — Ela apontou para um assento.

Ele se sentou relutantemente.

— Por que não pode ir embora?

Ela suspirou.

— Não sei se posso lhe contar de um jeito que faça sentido. — Ela se encostou na cadeira. — Os magos têm de aprender a controlar a magia, e apenas outro mago pode ensinar isso, porque precisa ser ensinado de mente pra mente. Se a gente não aprende a controlá-la, a magia funciona sempre que sentimos alguma coisa. A magia assume formas simples e perigosas, sempre mais fortes à medida que cresce. Aliás... — Ela fez uma careta de desagrado. — Eu... Eu quase morri no dia em que me encontraram, Cery. Eles me salvaram.

Cery estremeceu.

— Eu vi aquilo, Sonea. Os prédios... eles desapareceram.

— Podia ter sido pior se não tivessem me encontrado. Pessoas podiam ter sido mortas. Muitíssimas pessoas.

Ele baixou os olhos para as próprias mãos.

— Então não pode voltar pra casa.

Ela riu, um som tão inesperadamente alegre que ele a fitou, atônito.

— Vou ficar bem — disse ela. — Assim que tiver aprendido o Controle, não estarei mais em perigo. *Tô* começando a entender como as coisas funcionam por aqui. — Piscou-lhe. — Então, onde *cê tá* morando agora?

Ele escancarou um sorriso.

— No mesmo lugar de sempre. A melhor boleria das favelas.

Ela acenou com a cabeça.

— E seu... amigo? Ainda *tá* te passando trampo?

— Sim. — Cery balançou a cabeça. — Mas talvez não mais assim que descobrir o que fiz esta noite.

Ao considerar isso, as familiares linhas de preocupação apareceram entre as sobrancelhas dela. Ele sentiu algo apertar-lhe tanto o coração que doía. Cerrando os pulsos, desviou o olhar. Queria despejar toda a culpa e medo que sentira desde a captura de Sonea, mas o pensamento de que outros poderiam estar ouvindo manteve as palavras entaladas em sua garganta.

Olhando para os luxos da sala, consolou-se ao pensar que pelo menos ela estava sendo bem tratada. Ela bocejou. Era tarde, lembrou ele.

— Acho que é melhor eu ir. — Levantou-se, depois parou, não querendo abandoná-la.

Ela sorriu, desta vez tristemente.

— Diga a todos que eu *tô* bem.

— Direi.

Ele não conseguiu se mover. O sorriso de Sonea desvaneceu-se um pouco quando ele olhou fixamente para ela, depois a garota acenou na direção da porta.

— Ficarei bem, Cery. Confie em mim. Vá.

De algum modo ele conseguiu andar até a saída e bater na porta. Ela deslizou para dentro. Os três magos observaram-no atentamente quando ele entrou no corredor.

— Acompanho nossa visita até o portão? — ofereceu-se Fergun.

— Sim, obrigado — respondeu o mago de túnica azul.

Um globo de luz apareceu sobre a cabeça de Fergun. Ele olhou para Cery em

expectativa. Relanceando por cima do ombro do mago de túnica azul, Cery hesitou.

— Brigado.

O mago acenou com a cabeça em resposta. Virando-se de costas, Cery começou a caminhar em direção às escadas, seguido pelo mago louro.

Ele refletiu sobre as palavras de Sonea enquanto descia. Os sinais dela faziam sentido agora. Ela precisava esperar até que tivesse aprendido a controlar a magia, mas, assim que aprendesse, tentaria escapar. Cery podia fazer pouco para ajudá-la, exceto certificar-se de que ela tinha um local seguro para onde retornar.

— Você é o marido de Sonea?

Cery olhou para cima, na direção do mago, surpreso.

— Não.

— Seu, ah... amante, então?

Cery sentiu as bochechas pegarem fogo. Desviou o olhar.

— Não, só um amigo.

— Entendo. Foi muito heroico de sua parte vir até aqui.

Decidindo que não precisava responder, Cery saiu do edifício dos magos para o vento frio, e se virou na direção do jardim. Fergun parou.

— Espere. Deixe-me levá-lo pela Universidade. O caminho é mais quente.

O coração dele saltou. A Universidade.

Sempre quisera ver por dentro aquele grande edifício. Uma oportunidade assim nunca voltaria a surgir depois que Sonea escapasse. Encolhendo os ombros como se não fizesse diferença para ele, Cery começou caminhar em direção à entrada traseira do enorme edifício.

Seu coração começou a acelerar enquanto subiam as escadas. Entraram em um espaço cheio de escadarias ricamente decoradas. A luz do mago desaparecera quando ele conduziu Cery por uma porta lateral e entraram em um corredor

largo, que parecia estender-se por uma eternidade.

Portas e passagens orlavam as paredes de cada lado. Olhando em volta, Cery não conseguiu encontrar a fonte de luz. Era como se as próprias paredes brilhassem.

— Sonea foi uma surpresa e tanto para nós — disse Fergun subitamente, a voz ecoando. — Nunca encontramos nenhum talento nas classes mais baixas antes. Normalmente ele fica restrito às Casas.

Fergun olhou para Cery em expectativa, obviamente à espera de conversa.

— Pra ela também foi uma surpresa — respondeu Cery.

— Por aqui. — O mago guiou o rapaz para dentro de uma das passagens laterais. — Alguma vez ouviu falar de outros favelados que tivessem magia?

— Não.

Viraram em uma curva, empurraram uma porta para entrar em uma pequena sala, depois passaram outra porta e entraram em um corredor um pouco mais largo. Ao contrário das passagens anteriores, as paredes aqui tinham apainelamento em madeira e quadros pendurados a intervalos regulares.

— É um labirinto e tanto aqui — disse Fergun, suspirando um pouco. — Venha, vou levá-lo por um atalho.

Parou junto a um quadro e levou a mão atrás dele. Uma seção da parede deslizou para o lado, revelando um retângulo de escuridão do tamanho de uma entrada estreita. Cery olhou para o mago interrogativamente.

— Sempre adorei segredos — disse Fergun, com os olhos brilhantes. — Não o surpreende também que tenhamos passagens subterrâneas? Esta aqui dá para o Círculo Interior... uma viagem seca e sem vento. Vamos?

Cery olhou para a entrada, depois para o mago. Passagens por baixo do Clã? Era estranho demais. Deu um passo para trás e abanou a cabeça.

— Já vi muitas passagens antes — disse ele —, e não me importo com o frio. As coisas bonitas neste edifício são mais interessantes.

O mago fechou os olhos e acenou com a cabeça.

— Compreendo. — Endireitou-se e sorriu. — É bom saber que não se importa com o frio.

Algo fez pressão contras as costas de Cery, forçando-o em direção ao retângulo. Ele gritou e se agarrou nas arestas do buraco, mas o empurrão foi tão forte que seus dedos escorregaram na madeira polida. Caindo para a frente, levou as mãos ao rosto para proteger o rosto ao bater contra uma parede.

A força segurou-o firmemente contra os tijolos. Não conseguia mexer nem um dedo. Com o coração batendo descontroladamente, amaldiçoou a si mesmo por acreditar nos magos. Escutou um clique atrás de si. A entrada secreta tinha-se fechado.

— Grite agora se quiser. — Fergun soltou uma gargalhada, com um som baixo e asqueroso. — Ninguém desce até aqui, por isso não vai incomodar ninguém.

Um pedaço de pano envolveu os olhos de Cery, e ele foi amarrado com força. Suas mãos foram puxadas para trás e amarradas com mais pano nas costas. Quando a pressão contra as costas se aliviou, uma mão segurou-o pela gola e o empurrou para a frente.

Cery cambaleou passagem abaixo. Após alguns passos, chegou a uma escadaria íngreme. Sentiu seu rumo decair, depois as mãos que o guiavam empurraram-no ao longo de um caminho que serpenteava preguiçosamente.

A temperatura do ar caiu rapidamente. Depois de algumas centenas de passos, Fergun parou. O estômago de Cery revirou ao ouvir o som de uma chave girando em uma fechadura.

A venda foi retirada. Cery se viu na porta de uma sala grande e vazia. O tecido em volta de seus pulsos foi desatado.

— Entre aí.

Cery olhou para Fergun. Sentiu um comichão para levar as mãos às facas que tinha, mas sabia que iria perdê-las se tentasse lutar contra o mago. Se não entrasse na sala por conta própria, Fergun o empurraria.

Lenta e entorpecidamente, entrou na cela. A porta fechou-se num rompante, deixando-o só na escuridão. Escutou a fechadura girar, depois o som abafado de passos a afastar-se.

Suspirando, deixou-se cair de quadris no chão. Faren iria ficar *furioso*.

..

CAPÍTULO 21

Uma promessa de liberdade

Enquanto se apressava pelo corredor dos Aposentos dos Magos, Rothen recebeu mais do que alguns olhares curiosos dos magos por quem passou. Acenou com a cabeça para alguns, e sorriu para aqueles com quem estava mais familiarizado, mas não diminuiu o passo. Chegando à porta de seus aposentos, agarrou a maçaneta e desejou que o trinco se soltasse.

Quando a porta se abriu, escutou duas vozes vindas de dentro da sala de visitas.

— Meu pai era criado de Lorde Margen, mentor de Lorde Rothen. Meu avô também trabalhava aqui.

— Deve ter muitos familiares no Clã.

— Alguns — concordou Tania. — Mas muitos deles saíram para ocupar posições nas Casas.

As duas mulheres estavam sentadas uma ao lado da outra nas cadeiras. Ao vê-lo, Tania colocou-se de pé num pulo, o rosto enrubescido.

— Não quero interromper — disse Rothen, abanando a mão.

Tania baixou a cabeça, desculpando-se.

— Ainda não terminei o trabalho, meu Lorde — disse ela. Com o rosto ainda a arder, saiu às pressas para o quarto. Sonea observou tudo, claramente entretida.

— *Ela não tem mais medo de mim, acho eu.*

Rothen olhou para a criada quando esta reapareceu com uma trouxa de roupas e lençóis debaixo do braço.

— *Não é? Vocês duas estão se dando bem.*

Fazendo uma pausa, Tania lançou a Rothen um olhar severo, depois olhou de soslaio para Sonea, especulativamente.

— *Posso contar a ela que a gente tá falando assim?* — perguntou Sonea.

— *Ela sabe pela mudança em nossa expressão. Você não precisa passar muito tempo com magos para saber que este é o sinal certo de que uma discussão silenciosa está acontecendo.*

— Perdoe-nos, Tania — disse Rothen, em voz audível. As sobrancelhas de Tania ergueram-se, mas ela encolheu ligeiramente os ombros e soltou a trouxa de roupas em um cesto.

— É tudo, Lorde Rothen?

— Sim, obrigado, Tania.

Rothen esperou até a porta ser fechada atrás da criada, depois se sentou ao lado de Sonea.

— Provavelmente já é hora de lhe dizer que não é educado comunicar-se mente a mente enquanto outros estiverem presentes, especialmente se não possuírem habilidade para participar. É como cochichar pelas costas de alguém.

Sonea franziu as sobrancelhas.

— Será que ofendi Tania?

— Não. — Rothen sorriu diante da expressão de alívio de Sonea. — No entanto, também devo avisá-la de que a comunicação mental não é tão particular quanto pode pensar. As conversas mentais podem ser captadas por outros magos, particularmente se estão tentando ouvi-las.

— Então alguém pode ter escutado a gente neste exato instante?

Ele balançou a cabeça.

— É possível, mas duvido. Escutar a conversa alheia é considerado rude e desrespeitoso... e demanda concentração e esforço. Se não fosse assim, a distração das conversas de outras pessoas provavelmente nos deixaria loucos.

Sonea parecia pensativa.

— Se não se ouve até que se esteja escutando, como é que se sabe quando alguém quer falar conosco?

— Quanto mais perto se estiver de um mago, mais fácil será ouvi-lo — disse ele. — Quando está na mesma sala, geralmente consegue detectar os pensamentos que são projetados para você. Quando está longe, porém, eles precisam lhe chamar a atenção.

Ele colocou uma mão sobre o peito.

— Se quisesse falar comigo enquanto eu estivesse na Universidade, por exemplo, teria de projetar meu nome em voz alta. Apesar de outros magos ouvirem, não responderiam ou abririam a mente para escutar a conversa que segue. Quando eu gritar seu nome em resposta, você saberá que a ouvi, e poderemos começar a conversar. Se tivermos experiência e estivermos familiarizados com a voz mental um do outro, poderemos fazer com que seja mais difícil para outros nos ouvir ao concentrarmos nossos pensamentos projetados, mas isso é quase impossível a longas distâncias.

— Alguém já ignorou essa regra?

— Provavelmente. — Rothen encolheu os ombros. — É por isso que você deve lembrar que a comunicação mental não é particular. Temos um ditado aqui: os segredos mais valem sonorizados do que falados.

Sonea bufou suavemente.

— Isso não faz sentido.

— Não quando levado ao pé da letra. — Ele riu. — Mas as palavras “falar” e “ouvir” possuem outros significados aqui no Clã. Apesar da regra de etiqueta, é surpreendente a frequência com que as pessoas descobrem que o segredo que tentaram a tanto custo esconder se tornou o mais recente objeto de fofoca. Muitas vezes nos esquecemos de que os magos não são os únicos que podem nos ouvir.

Os olhos dela brilharam de interesse.

— Não são?

— Nem todas as crianças que se descobrem com potencial mago entram no Clã — disse ele. — Se a criança for o irmão mais velho, por exemplo, pode ter mais valor para a família como herdeiro. Há leis na maioria das terras que desencorajam os magos a se envolverem com política. Um mago não pode tornar-se Rei, por exemplo. Por essa razão, não é sensato ter um mago como chefe de família.

— A comunicação mental é uma habilidade que vem com o potencial mago. Às vezes, embora seja muito raro, um indivíduo que não se tornou mago descobre que sua capacidade de comunicar-se mente a mente se desenvolveu naturalmente. Essas pessoas podem ser ensinadas a fazer a leitura da verdade, que pode vir a ser uma habilidade muito útil.

— Leitura da verdade?

Rothen acenou com a cabeça.

— Ela não pode ser feita com um destinatário relutante, claro, por isso só é útil quando alguém quer mostrar a outra pessoa o que viu ou ouviu. Temos uma lei no Clã a respeito de acusações. Se alguém acusar um mago de falsidade ou de cometer um crime, deve submeter-se à leitura da verdade ou retirar a acusação.

— Não parece justo — disse Sonea. — Foi o mago que fez algo errado.

— Sim, mas isso evita falsas acusações. O acusado, mago ou não, pode facilmente evitar uma leitura da verdade. — Ele hesitou. — Mas há uma exceção.

Sonea franziu as sobrancelhas.

— Hã?

Rothen encostou-se na cadeira e cruzou os dedos.

— Alguns anos atrás, um homem suspeito de cometer assassinatos particularmente cruéis foi trazido ao Clã. O Lorde Supremo... nosso líder... leu sua mente e confirmou a culpa. Requer grande destreza superar os obstáculos de uma mente relutante. Akkarin é o único de nós que conseguiu isso, embora eu tenha ouvido falar que houve no passado magos que conseguiram também. É um

homem extraordinário.

Sonea assimilou o que ouviu.

— Mas o assassino não podia simplesmente ter colocado os segredos dele atrás de portas, como *cê* me mostrou?

Rothen encolheu os ombros.

— Ninguém sabe ao certo como Akkarin fez aquilo, mas, uma vez dentro da mente do homem, não teria demorado muito até que os pensamentos dele o traíssem. — Ele fez uma pausa, depois olhou com atenção para ela. — Você mesmo sabe que requer alguma prática para manter segredos atrás de portas. Quanto mais preocupado se está com a sua preservação, mais difícil é escondê-los.

Os olhos de Sonea arregalaram-se, depois ela desviou o olhar, a expressão subitamente contida.

Observando-a, Rothen pôde adivinhar no que estava pensando. Todas as vezes que ele entrara em sua mente, os objetos e as pessoas que não queria que ele identificasse acabavam por aparecer. Ela sempre entrava em pânico e o empurrava para fora de sua mente.

Todos os aprendizes reagiam como ela até certa medida. Ele não discutia sobre os segredos que vislumbrava. Os segredos ocultos dos jovens que ele ensinara giravam em torno de vícios pessoais e hábitos físicos — e o ocasional escândalo político —, e eram fáceis de ignorar. Ao não falar deles, ele assegurava ao aprendiz que sua privacidade era respeitada.

Mas o silêncio não estava assegurando Sonea de nada, e o tempo estava se esgotando. Lorlen faria a primeira visita no fim de semana, e estaria à espera de que ela tivesse começado as aulas de Controle. Se ia mesmo aprender o Controle, Sonea precisava superar esses medos.

— Sonea.

Os olhos dela cruzaram relutantemente com os dele.

— Sim.

— Acho que devíamos falar sobre suas aulas.

Ela fez que sim com a cabeça.

Ele se inclinou para a frente e pousou os cotovelos sobre os joelhos.

— Não costumo conversar sobre o que um aprendiz me mostrou em sua mente. Fica mais fácil para ele confiar em mim, mas não está funcionando conosco. Você sabe que vi coisas que você queria manter ocultas, e fingir que não as vi não está ajudando em nada.

Ela olhou fixamente para a mesa, as juntas dos dedos ficando brancas à medida que ela apertava as mãos na cadeira.

— Para começar — continuou ele —, esperava que vasculhasse meus aposentos. Também o faria se estivesse na sua posição. Isso não me incomoda. Esqueça.

As bochechas dela coraram levemente, mas ela continuou em silêncio.

— Em segundo lugar, seus amigos e sua família não correm perigo conosco. — Ela ergueu o rosto e fitou seus olhos. — Você se preocupa que ameacemos fazer-lhes mal se não concordar em colaborar. — Manteve o olhar. — Não faremos isso, Sonea. Estaríamos violando a lei do Rei.

Ela desviou o olhar outra vez, a expressão endurecendo-se.

— Ah, mas mesmo assim se preocupa. Você tem poucas razões para acreditar que respeitamos a lei do Rei — reconheceu Rothen. — Poucas razões para acreditar em nós. O que me leva ao seu terceiro medo: que eu descubra seus planos de fuga.

O rosto dela lentamente perdeu a cor.

— Não precisa fazer esses planos — disse ele. — Não vamos obrigá-la a ficar se não quiser. Logo que tiver aprendido o Controle, pode ir embora ou ficar, conforme o que escolher. Tornar-se um mago envolve um juramento que todos nós temos de fazer... um juramento que nos prende por toda a vida. Não é um juramento que se faça sem vontade.

Ela o fitou, a boca ligeiramente aberta.

— Vai me deixar ir?

Ele fez que sim com a cabeça, depois escolheu as próximas palavras cuidadosamente. Era cedo demais para lhe dizer que o Clã não a deixaria ir sem que primeiro seus poderes fossem bloqueados, porém ela precisava saber que iria perder todas as capacidades de magia.

— Sim, mas devo alertá-la: sem treino, não será capaz de usar os poderes. O que podia fazer antes não será mais possível. Não será capaz de usar magia de modo algum. — Fez uma pausa. — Você não terá utilidade alguma para os Ladrões.

Para surpresa dele, ela pareceu aliviada. O fantasma de um sorriso tocou-lhe os lábios.

— Isso não será problema.

Rothen olhou atentamente para ela.

— Está certa de que quer retornar para as favelas? Não terá meios para se defender.

Sonea ergueu os ombros.

— Não será diferente de antes. Eu me virava bem.

Rothen franziu as sobrancelhas, impressionado com a confiança dela e ainda alarmado com a ideia de mandá-la de volta para a pobreza.

— Sei que quer estar junto de sua família. Aderir ao Clã não significa abandoná-los, Sonea. Eles podem vir visitá-la, e você pode ir visitá-los.

Ela balançou a cabeça.

— Não.

Ele franziu os lábios.

— Você teme que eles tenham medo de você, que esteja traindo todos os moradores das favelas ao tornar-se aquilo que mais odeiam?

O olhar rápido e penetrante que ela lhe lançou revelou que ele estava mais perto de entendê-la do que ela esperava.

— O que seria preciso para que você permanecesse aceitável aos olhos deles?

Ele limpou a garganta.

— Como se o Clã... ou o Rei... fossem me deixar fazer o que eu quisesse pra agradar o pessoal da favela!

— Não vou enganá-la fazendo-a pensar que seria fácil — respondeu Rothen. — Mas é uma possibilidade que deve considerar. A magia não é um dom comum. Muitas pessoas dariam toda a riqueza para possuí-la. Pense no que poderia aprender aqui. Pense em como poderia usar sua sabedoria para ajudar os outros.

O olhar dela hesitou por um momento, depois sua expressão endureceu.

— Só estou aqui pra aprender o Controle.

Ele acenou lentamente a cabeça.

— Se é tudo o que quer, então é tudo o que podemos dar. Será uma grande surpresa para todos aqui quando ouvirem que você escolheu voltar para as favelas. Muitos não vão compreender por que uma pessoa que viveu na pobreza durante toda a vida recusaria tal oferta. Conheço-a bem o suficiente para ver que não atribui grande valor a bens e luxos. — Ele encolheu os ombros, depois sorriu. — E não serei o único a admirá-la por fazer isso. No entanto, deve saber que vou dar duro para convencê-la a juntar-se a nós.

Pela primeira vez depois de muito tempo, ela sorriu.

— Obrigada pelo aviso.

Sentindo-se satisfeito consigo mesmo, Rothen esfregou as mãos uma na outra.

— Bem, então é isso. Vamos começar suas aulas?

Ela hesitou, depois empurrou a cadeira de modo a ficar de frente para ele. Perplexo com a ansiedade da garota, Rothen pegou as mãos que ela oferecia.

Fechando os olhos, ele abrandou a respiração e procurou pela presença que o

conduziria à mente dela. Ela já estava bem prática em visualizar, e ele instantaneamente se viu em frente a uma entrada aberta. Ao passar por ela, adentrou uma sala familiar. Sonea encontrava-se no centro.

Um sentimento de determinação impregnou o ar. Ele esperou pela perturbação habitual na cena, mas nada indesejado apareceu na sala. Surpreso e satisfeito, acenou com a cabeça para a imagem de Sonea.

— *Mostre-me a porta para seu poder.*

Ela desviou o olhar. Seguindo o olhar dela, ele se viu diante de uma porta branca.

— *Agora, abra-a e escute com atenção. Vou lhe mostrar como controlar esse seu poder.*

Caindo de joelhos, Cery soltou um sibilo de frustração.

Examinara detalhadamente a prisão, prendendo a respiração sempre que sentia a fuga de um *faren* de oito patas por baixo das mãos. A busca revelara que as paredes eram feitas de tijolos de pedra grandes e o chão, de terra batida. A porta era uma grossa tábua de madeira com largas dobradiças de ferro.

Tão logo os passos do mago se desvaneceram para além do alcance da sua audição, tirou uma gazua do casaco longo e tateou para encontrar a porta. Achando o buraco da fechadura, manipulou a fechadura até ouvir o mecanismo girar, mas, ao puxar a porta, esta não abriu.

Lembrou-se de rir ao perceber que o mago não trancara a porta. Foi ele quem acabara de trancá-la.

Manipulando de novo a fechadura, descobriu que a porta ainda estava presa. Recordando que ouvira o som de chave girando, concluiu que devia haver outra fechadura. Procurou por outro buraco.

Nada encontrando, decidiu que a fechadura que prendia a porta só devia ter um buraco do lado de fora. Pegou a gazua e a inseriu na fenda entre a porta e o batente. Pareceu prender em algo.

Sentindo-se satisfeito por ter encontrado a fechadura na primeira tentativa, puxou a gazua com força para removê-la, e descobriu que estava presa.

Tinha-se dobrado ao tentar contorcê-la ou agitá-la para que se desprendesse. Com medo de danificá-la, deixou a ferramenta alojada na fenda e pegou outra. Esta ele inseriu ligeiramente mais acima que a primeira.

Antes que tivesse uma chance de estimular aquela área para descobrir o que prendia a primeira ferramenta, a segunda ficara presa no lugar. Praguejando, Cery puxara-a com toda a força que tinha, mas só conseguiu entortá-la.

Levando a mão ao casaco para pegar a terceira gazua, enfiou-a pelo vão entre o chão e a porta. De imediato, ela ficou presa. Por mais força que empregasse para puxá-la, a gazua permanecia no lugar. Tentou remover as outras, sem sucesso.

À medida que as horas avançavam na escuridão, tentou várias vezes reaver suas ferramentas. Não conseguia pensar em nenhum dispositivo que agarrasse e prendesse uma gazua com tanta firmeza. Nada a não ser, claro, magia.

Suas pernas começaram a ter cãibras com o frio, por isso ele se pôs de pé. Colocou uma mão na parede para se equilibrar quando a cabeça começou a girar. O estômago roncava, dizendo-lhe que se passara muito tempo desde que comera pela última vez, mas a sede era pior. Dava tudo por uma caneca de *bol* ou um copo de suco de *pachi*, ou mesmo por um pouco de água.

Perguntou-se, novamente, se o deixariam morrer dentro da cela. No entanto, se o Clã o quisesse morto, tinha certeza de que teriam providenciado isso *antes* de esconderem o corpo em algum lugar. Isso lhe deu alguma esperança. Significava que os planos deles provavelmente contavam com ele vivo... por enquanto. Se esses planos falhassem, porém, Cery poderia se ver muito esfomeado.

Pensando no outro mago — o de túnica azul —, não conseguiu lembrar-se de quaisquer sinais de fraude na conduta do homem. O mago ou era habilidoso em projetar confiança, ou nada soubera do cativeiro iminente de Cery. Se esta última fosse verdade, então era um jogo de Fergun.

Fosse o mago loiro o único conspirador ou não, Cery conseguia imaginar apenas duas razões para seu aprisionamento: os Ladrões ou Sonea.

Se os magos pretendessem usar Cery para manipular os Ladrões, ficariam desapontados. Faren não precisava de Cery ou não se importava com ele tanto *assim*.

Poderiam tentar tortura para retirar informações dele. Embora preferisse acreditar que conseguiria resistir a tal persuasão, não ia enganar a si mesmo. Não saberia se era capaz de manter-se em silêncio enquanto não enfrentasse tal provação.

De qualquer maneira, era possível que os magos conseguissem ler sua mente. Se o fizessem, descobririam que sabia pouco que pudesse ser usado contra os Ladrões. Assim que percebessem, provavelmente o deixariam no escuro para sempre.

Mas duvidava que os Ladrões fossem o alvo deles. Teriam-no interrogado na mesma hora.

Não, as únicas perguntas que foram feitas envolviam Sonea. Durante a viagem pela Universidade, Fergun perguntara que tipo de relacionamento Cery tinha com ela. Se os magos quisessem saber se Cery era importante para ela, provavelmente pretendiam usá-lo para a chantagear de modo a obrigá-la a fazer algo que não queria.

O pensamento de que ele podia ter feito a situação piorar para o lado de Sonea atormentava-o na mesma medida, às vezes mais, que o medo de ser abandonado para morrer. Se ao menos não tivesse sido tentado a ver a Universidade. Quanto mais Cery pensava nisso, mais amaldiçoava a si mesmo por sua curiosidade.

Entre uma respiração e outra, ouviu o som de passos ao longe. À medida que se aproximavam, sua raiva diminuiu e seu coração começou a acelerar.

Os passos pararam do lado de fora da porta. Ouviu-se um clique metálico abafado, seguido de uma pancada leve de suas ferramentas caindo ao chão. Um longo rasgo de luz amarela apareceu quando a porta se abriu.

Fergun entrou furtivamente, a luz seguindo-o. Pestanejando com a claridade,

Cery viu o mago observá-lo com olhos semicerrados, depois baixou o olhar para o chão.

— Ora, veja só — murmurou Fergun. Virando-se para um lado, ele soltou o prato e a garrafa que trazia. Em vez de caírem, desceram lentamente até o chão. Esticou os dedos e as gazuas ascenderam-lhe obedientemente até a mão.

Enquanto as examinava, as sobrancelhas do mago ergueram-se. Levantou o olhar para Cery e sorriu.

— Não achou mesmo que isto iria funcionar, achou? Eu esperava que tivesse alguma experiência com essas coisas, por isso tomei cuidado. — Os olhos dele caíram sobre as roupas de Cery. — Tem mais destas escondidas por aí?

Cery engoliu a negação que lhe veio aos lábios. Fergun nunca acreditaria. O mago sorriu e estendeu a mão.

— Dê para mim.

Cery hesitou. Se lhe desse vários dos objetos escondidos dentro da roupa, podia ser capaz de conservar algumas de suas posses mais valiosas.

Fergun aproximou-se.

— Vá lá, de que vão lhe servir aqui? — Ele mexeu os dedos. — Dê para mim.

Lentamente, Cery levou a mão ao casaco e retirou a mão cheia das ferramentas menos úteis. Olhando ameaçadoramente para o mago, deixou-as cair na mão estendida.

Fergun olhou pensativamente para as gazuas, depois cruzou os olhos com os de Cery. Um sorriso malicioso afinou-lhe a boca.

— Espera mesmo que eu acredite que isto é tudo o que tem?

Seus dedos dobraram-se. Cery sentiu algo invisível empurrá-lo no peito e cambaleou para trás até atingir a parede. Uma força envolveu-o, pressionando-o contra os tijolos.

Fergun aproximou-se e examinou o casaco de Cery. Com um movimento brusco, rasgou a bainha para revelar bolsos escondidos. Arrancou o conteúdo,

depois voltou sua atenção para o resto das roupas do rapaz.

Ao tirar as facas das botas de Cery, Fergun fez um pequeno grunhido de satisfação, depois um “ah” mais apreciativo ao encontrar as adagas. Endireitando-se, desembainhou uma das armas de seu forro. Examinou a parte mais larga da lâmina, em que fora gravado um desenho tosco do pequeno roedor que era o homônimo de Cery.

— Ceryni — disse o mago. Ergueu o olhar para Cery.

Cery olhou-o de volta, desafiadoramente. Fergun soltou uma gargalhada e se afastou. Tirando um grande quadrado de tecido da túnica, embrulhou as ferramentas e as armas, depois se virou para a porta.

Percebendo que o mago ia embora sem lhe dar qualquer explicação, o coração de Cery como que parou de bater por um instante.

— Pera aí! O que quer de mim? Por que *tô* aqui?

Fergun ignorou-o. Quando a porta se fechou, a retenção mágica desapareceu e Cery tropeçou para a frente, vindo a cair de joelhos. Ofegante de fúria, apalpou o casaco, praguejando ao confirmar que a maior parte de suas ferramentas havia sido levada. Lamentou-se sobretudo pela adagas, mas era mesmo difícil esconder armas daquele tamanho.

Sentando-se sobre os calcanhares, deixou escapar um longo suspiro. Ainda tinha alguns objetos. Podiam vir a calhar. Só tinha que bolar um plano.

••

CAPÍTULO 22

Uma proposta inesperada

— Tenho mesmo?

— Sim. — Dannyl segurou nos ombros de Rothen, deu meia-volta nele e o empurrou para fora de seus aposentos. — Se ficar escondido aí, só vai dar mais força àquilo que os apoiadores de Fergun andam dizendo.

Rothen suspirou e seguiu Dannyl corredor abaixo.

— Você tem razão, claro. Mal falei com alguém nas últimas duas semanas... e devia pedir a Lorlen que atrase a visita por mais alguns dias. Espere... — Rothen olhou para cima, enrugando as sobrancelhas. — O que os apoiadores de Fergun andam dizendo?

Dannyl sorriu sombriamente.

— Que ela aprendeu o Controle em poucos dias, e que você continua a mantê-la trancafiada para que Fergun não possa vê-la.

Rothen emitiu um ruído rude.

— Que absurdo. Gostaria de vê-los sofrer de algumas das enxaquecas que tive na última semana. — Fez cara de desagrado. — Acho que isso significa que não posso adiar Lorlen por muito tempo.

— Não — concordou Dannyl.

Chegaram à entrada dos Aposentos dos Magos e saíram. Embora a neve fosse derretida dos caminhos e dos passeios por aprendizes todas as manhãs e noites, o pátio já estava coberto por um fino pó branco. O gelo rangia por baixo das botas à medida que se dirigiam para os Sete Arcos.

Ao entrarem no calor da Sala Noturna, várias cabeças se voltaram na direção deles. Dannyl ouviu o colega emitir um gemido baixo quando vários magos começaram a mover-se para olhar para eles. Sarrin, o Chefe dos Alquimistas, foi

o primeiro a chegar.

— Boa noite, Lorde Rothen, Lorde Dannyl. Como vão?

— Bem, Lorde Sarrin — respondeu Rothen.

— Já teve algum progresso com a garota das favelas?

Rothen fez uma pausa quando vários magos se aproximaram para ouvir sua resposta.

— Sonea está indo bem — disse ele. — Levou algum tempo até que fosse capaz de parar de me expulsar da sua mente. Ela estava, como seria de esperar, bastante desconfiada de nós.

— Indo bem? — murmurou um mago na multidão. — Poucos aprendizes demorariam mais que duas semanas.

Dannyl sorriu quando o semblante de Rothen ficou carregado.

Seu amigo virou-se para o mago que falara.

— Deve lembrar-se de que ela não é uma aprendiz relutante que nos foi enviada por pais paparicadores. Até duas semanas atrás, ela acreditava que nós pretendíamos matá-la. Levei algum tempo para ganhar a confiança dela.

— Quando começaram os exercícios de Controle? — perguntou outro mago.

Rothen hesitou.

— Há dois dias.

Um murmurinho irrompeu entre os magos. Várias deles franziram as sobrancelhas e abanaram as cabeças.

— Neste caso, eu diria que fez um progresso impressionante, Lorde Rothen — disse uma nova voz.

Dannyl virou-se e viu *Lady* Vinara movendo-se pela multidão. Os magos abriam caminho respeitosamente à medida que a Chefe dos Curadores se aproximava.

— O que é que viu do poder dela?

Rothen sorriu.

— Na primeira vez que vi o que estava contido dentro dela, não acreditei. A força que ela tem é extraordinária!

O murmurinho entre a audiência subiu de tom. Dannyl acenou para si mesmo. *Ótimo*, pensou ele. *Se ela é forte, as pessoas vão preferir Rothen como seu guardião.*

Um mago mais velho perto da frente da aglomeração encolheu os ombros.

— Mas sabíamos que ela tinha que ser forte ou os poderes dela não teriam se desenvolvido sozinhos.

Vinara sorriu.

— É claro, a força não é o teste derradeiro de um aprendiz. Que outros talentos ela exibiu?

Rothen franziu os lábios.

— Sua capacidade de visualização é boa. Vai ajudá-la na maioria das disciplinas. A memória é boa também. Descobri que é uma aluna inteligente e atenta.

— Ela tentou usar os poderes alguma vez? — perguntou um mago de túnica vermelha.

— Não desde que chegou. Ela compreende muito bem o perigo.

As perguntas continuaram. Olhando ao redor da multidão, Dannyl vislumbrou uma cabeleira loira e lisa em um grupo de magos que se avizinhava. Aproximou-se mais de Rothen, esperando por um momento apropriado para sussurrar-lhe um aviso.

— Lorde Dannyl.

Alguns magos na multidão pestanejaram e olharam para Dannyl. Reconhecendo a voz mental, Dannyl escrutinou a sala e encontrou Lorlen sentado na cadeira habitual. O mago de túnica azul apontou para Rothen, depois os chamou com um gesto.

Sorrindo, Dannyl acenou com a cabeça e se inclinou na direção da orelha de Rothen.

— Acredito que o Administrador deseja resgatá-lo.

Quando Rothen se virou para olhar para o Administrador, Dannyl viu que Fergun alcançara a multidão. Uma voz familiar juntou-se ao murmúrio, e alguns rostos viraram-se na direção do guerreiro.

— Peço desculpas a todos — disse Rothen. — Tenho que falar com o Administrador Lorlen. — Inclinou a cabeça educadamente, depois cutucou Dannyl na direção de Lorlen.

Olhando para trás, o olhar de Dannyl cruzou com o de Fergun por um momento. Os lábios do Guerreiro estavam esticados em um sorriso de satisfação.

Ao chegarem à cadeira de Lorlen, o Administrador acenou para os assentos vizinhos.

— Boa noite, Lorde Rothen, Lorde Dannyl. Sentem-se e me digam como Sonea está progredindo.

Rothen permaneceu em pé.

— Estava à espera de uma conversa particular contigo sobre isso, Administrador.

As sobrancelhas de Lorlen ergueram-se.

— Muito bem. Vamos conversar na Sala de Banquete?

— Por favor.

O Administrador levantou-se e os conduziu até uma porta próxima. Ao passarem, um globo de luz flamejou acima de sua cabeça, iluminando uma mesa imensa que tomava a maior parte da sala.

Lorlen puxou uma das cadeiras arranjadas ao redor da mesa e se sentou.

— Como está sua perna, Lorde Dannyl?

Dannyl ergueu o olhar, surpreso.

— Melhor.

— Parece que voltou a mancar esta noite — observou Lorlen.

— É o frio — respondeu Dannyl.

— Ah, entendo. — Lorlen acenou com a cabeça, depois se virou para Rothen. — O que é que gostaria de discutir?

— Comecei os exercícios de Controle faz dois dias — disse Rothen. Lorlen franziu as sobrancelhas, mas permaneceu em silêncio enquanto Rothen continuava. — Você queria verificar o progresso delas após duas semanas, e me pediu que a apresentasse a outro mago antes disso. Devido à falta de progresso dela, não quis distraí-la com visitas, mas sinto que poderá estar pronta em breve. Pode adiar sua visita por mais alguns dias?

Lorlen observou Rothen inflexivelmente, depois acenou com a cabeça.

— Mas só alguns dias.

— Obrigado. Outro assunto agora. Uma possibilidade que temos de começar a considerar antes cedo do que tarde.

As sobrancelhas de Lorlen ergueram-se.

— Sim?

— Sonea não quer juntar-se ao Clã. Eu... — Suspirou. — Para ganhar a confiança dela, disse-lhe que, se desejasse retornar às favelas, podia ir. Não podemos, afinal de contas, obrigá-la a fazer o juramento.

— Disse a ela que lhe bloquearíamos os poderes?

— Ainda não. — Rothen franziu as sobrancelhas. — Embora não ache que ela vá se importar. Avisei-a de que não seria capaz de usar os poderes de modo algum, e ela pareceu satisfeita com a possibilidade. Acredito que preferiria livrar-se deles.

Lorlen acenou com a cabeça.

— Não fico surpreso. Ela só experimentou a magia como uma força incontrolável e destrutiva. — Franziu os lábios. — Talvez, se lhe ensinar alguns

truques úteis, ela comece a tomar gosto por isso.

Rothen franziu as sobrancelhas.

— Ela não devia usar seu poder enquanto não tiver controle total sobre ele, e, assim que tiver aprendido o Controle, esperará que a libertemos.

— Sonea não sabe a diferença entre uma aula de Controle e uma aula de magia — observou Dannyl.— Apenas deixe a instrução evoluir, passando do Controle até o uso da magia. Isso também lhe dará mais tempo para convencê-la a ficar.

— Não muito — acrescentou Lorlen. — Fergun não precisa saber exatamente quando é que ela atingiu o Controle, mas você não vai enganá-lo por muito tempo. É capaz de ganhar mais uma semana.

Rothen olhou para Lorlen em expectativa. O Administrador suspirou e passou uma mão pela sobrancelha.

— Muito bem. Apenas se certifique de que ele não descubra, ou então ele nunca mais parará de me infernizar.

— Se ele descobrir, diremos que estamos testando o Controle dela — disse Dannyl. — Ela é, afinal de contas, extraordinariamente forte. Não haveríamos de querer que ela cometesse erros.

Lorlen lançou a Dannyl um olhar apreciativo. Pareceu estar prestes a dizer algo, mas, em vez disso, balançou a cabeça e se virou para Rothen.

— É tudo o que deseja discutir?

— Sim, obrigado, Administrador — respondeu Lorlen.

— Então vou tratar de marcar a visita para daqui alguns dias. Já pensou a quem apresentá-la primeiro?

Dannyl pestanejou quando Rothen olhou intencionalmente para ele.

— A mim?

Rothen sorriu.

— Sim. Amanhã à tarde, acho eu.

Dannyl abriu a boca para protestar, depois voltou a fechá-la ao perceber que Lorlen o observava atentamente.

— Tudo bem — disse ele, relutante. — Apenas se certifique de esconder as facas.

Sonea estava entediada.

Era muito cedo para dormir. Tania saíra com os pratos sujos não muito tempo depois do jantar e Rothen desaparecera logo após. Tendo terminado o livro que Rothen lhe trouxera para ler naquela manhã, ela ficou andando no quarto de um lado para o outro, examinando a decoração e a estante de livros.

Não encontrando nada interessante ou dentro de sua capacidade de entendimento, foi até a janela e olhou para fora. Não havia lua, e os jardins estavam envolvidos em escuridão. Nada se mexia.

Suspirando, decidiu ir para a cama cedo. Deslizando a cortina de volta ao lugar, começou a andar da direção da cama... e congelou ao ouvir uma batida na porta principal.

Virou-se para fitar a porta. Rothen nunca batia antes de entrar, e a batida de Tania era suave e educada, nada como essa bateção insistente. Alguns visitantes haviam batido antes, mas Rothen nunca os convidara a entrar.

Um arrepio fugaz passou por sua pele quando o visitante bateu outra vez. Sonea atravessou sorrateiramente a sala até a porta.

— Quem é?

— Um amigo. — Foi a resposta abafada.

— Rothen não está aqui.

— Não quero falar com Rothen. Quero falar com você, Sonea.

Ela fitou a porta, o coração começando a acelerar.

— Por quê?

A resposta foi mais fraca.

— Tenho de lhe contar algo importante, algo que *ele* não vai lhe contar.

Rothen estava escondendo algo dela? Alarme e excitação colocaram seu coração a bater ainda mais rápido. Quem quer que este estranho fosse, estava disposto a desafiar os magos por causa dela. Desejou poder olhar através da porta para ver quem era o visitante.

Mas era uma boa ideia descobrir algo perturbador sobre Rothen logo agora, quando mais precisava confiar nele?

— Sonea. Deixe-me entrar. O corredor está vazio, mas não ficará assim por muito tempo. Esta é minha única chance de falar contigo.

— Não posso. A porta está trancada.

— Tente novamente.

Ela observou a maçaneta. Embora tivesse tentado abri-la por diversas vezes durante os primeiros dias nos aposentos, sempre estivera trancada. Estendendo a mão, ela girou a maçaneta, depois inspirou surpreendida quando a porta se abriu num rompante.

Apareceu uma manga vermelha, depois toda a túnica vermelha de um mago. Afastando-se, Sonea fitou o mago com espanto. Esperava um criado, ou um libertador disfarçado de criado... a menos que esse homem tivesse ousado vestir uma túnica para conseguir chegar até ela.

O homem fechou a porta delicadamente atrás de si, depois se endireitou e olhou para ela.

— Olá, Sonea. Finalmente nos conhecemos. Sou Lorde Fergun.

— Você é um mago?

— Sim, não um mago como Lorde Rothen. — Ele colocou uma mão sobre o peito.

Sonea franziu as sobrancelhas.

— Você é um Guerreiro?

Fergun sorriu. Ele era bem mais jovem que Rothen, reparou ela, e bastante atraente. Tinha o cabelo claro e impecavelmente penteado, e suas feições eram delicadas e fortes ao mesmo tempo. Ela sabia que já o tinha visto antes, mas não conseguiu lembrar-se de onde.

— Sou — disse ele. — Mas não é dessa diferença que falo. — Colocou uma mão sobre o coração. — Estou do seu lado.

— E Rothen não *tá*?

— Não, embora esteja bem-intencionado — acrescentou ele. — Rothen é o tipo de homem que acredita que sabe o que é melhor para os outros, particularmente para uma jovem como você. Eu, porém, vejo-a como um adulto que devia ter permissão para fazer as próprias escolhas. — Ergueu uma sobrancelha. — Quer ouvir o que tenho a dizer ou devo deixá-la em paz?

Embora seu coração ainda estivesse acelerado, ela acenou com a cabeça e gesticulou na direção das cadeiras.

— Fique — disse ela. — Vou ouvi-lo.

Inclinando a cabeça educadamente, ele caminhou lentamente até uma cadeira. Tomando o assento de frente, ela o fitou ansiosa.

— Em primeiro lugar, Rothen lhe disse que pode juntar-se ao Clã? — perguntou ele.

— Sim.

— E lhe disse o que deve fazer para tornar-se uma maga?

Ela encolheu os ombros.

— Um pouco. Existe um juramento, e anos de treinamento.

— E você sabe o que tem que jurar?

Ela abanou a cabeça.

— Não, mas não importa. Não quero me associar ao Clã.

Ele pestanejou.

— Não quer se associar ao Clã?

— Não.

Ele acenou lentamente com a cabeça e se encostou na cadeira. Por um instante, ficou em silêncio e pensativo, depois seu olhar voltou a cruzar com o dela.

— Posso lhe perguntar a razão?

Sonea considerou-o cuidadosamente. Rothen dissera que muitos dos magos ficariam surpresos quando ela viesse a recusar a oferta do Clã.

— Quero ir pra casa — disse ela.

Ele voltou a acenar com a cabeça.

— Sabe que o Clã não permite que magos existam fora de sua influência?

— Sim — respondeu ela. — Todo mundo sabe disso.

— Então sabe que não vão simplesmente deixá-la sair daqui.

— Não serei capaz de usar meus poderes, pra não ser uma ameaça.

Ele levantou novamente as sobrancelhas.

— Então Rothen lhe contou que o Clã irá bloquear seus poderes?

Sonea franziu as sobrancelhas.

— *Bloquear meus* poderes?

Ele assentiu lentamente com a cabeça.

— Não, pensei mesmo que não. Ele está lhe contando apenas parte da verdade. — Inclinou-se para a frente. — Os Magos Superiores vão enjaular os poderes dentro de você, de modo que não possa alcançá-los. — Não é... um procedimento agradável, de modo algum, e a jaula ficará lá pelo resto de sua vida. Veja você, mesmo que não venha a saber como usar os poderes, sempre existe a chance de descobrir sozinha como usá-los, ou encontrar um mago selvagem disposto a ensiná-la... embora seja altamente improvável. Por lei, o Clã

deve certificar-se de que você não consegue usar magia, mesmo que tenha toda a ajuda de que precise.

Um arrepio crescia dentro de Sonea à medida que ele falava. Baixando o olhar para a mesa, ela considerou o que Rothen lhe contara. Será que ele deliberadamente formulara a verdade de modo que esta soasse menos assustadora? Era provável. Suas suspeitas ficavam mais fortes enquanto percebia que Rothen tinha apenas *sonorizado* a revelação de que ela seria libertada. Ela não vira isso na mente dele nem soubera se era verdade...

Ela ergueu o olhar para o mago de túnica vermelha. Como podia confiar em qualquer coisa que *ele* dizia? No entanto, não conseguia pensar no que ele tinha a ganhar ao mentir, já que ela descobriria a verdade assim que tivesse aprendido o Controle.

— Por que é que *tá* me contando isso?

Ele deu um sorriso torto.

— Como falei, estou do seu lado. Você precisa saber a verdade e... posso lhe oferecer uma alternativa.

Ela se endireitou.

— Que alternativa?

Ele franziu os lábios.

— Não será fácil. Rothen já lhe explicou sobre a guarda?

Ela abanou a cabeça.

Ele revirou os olhos.

— Ele não lhe contou nada! Escute. — Ele se inclinou para a frente e colocou os cotovelos sobre os joelhos. — A guarda permite aos magos controlar o treinamento de aprendizes. Rothen reivindicou sua guarda desde a Purificação. Quando eu soube, decidi instalar uma contrarreivindicação. Isso obriga o Clã a promover uma Audiência — uma reunião — em que será decidido qual de nós será seu guardião. Você me ajuda a ganhar minha reivindicação, depois...

— Por que promoveriam uma Audiência se nem vou me associar ao Clã? — interferiu Sonea.

Ele ergueu as mãos em um gesto apaziguador.

— Escute, Sonea. — Respirando fundo, continuou. — Se você se recusar a juntar-se ao Clã seus poderes serão bloqueados e você será mandada de volta às favelas. Se concordar em ficar, porém, e eu conquistar sua guarda, posso ajudá-la.

Sonea franziu as sobrancelhas.

— Como?

Ele sorriu.

— Um dia você simplesmente vai desaparecer. Pode voltar para as favelas se quiser. Eu lhe ensino a tornar sua magia indetectável... e seus poderes não serão bloqueados. A princípio irão caçá-la, mas, se for esperta, não vão encontrá-la desta vez.

Ela olhou fixamente para ele, incrédula.

— Mas *cê taria* violando as leis do Clã.

Ele assentiu lentamente com a cabeça.

— Eu sei. — Emoções diferentes alternaram-se no rosto dele. Levantou-se e caminhou até a janela. — Não gosto de ver pessoas obrigadas a serem o que não querem — disse ele. — Olhe. — Virando-se, atravessou a sala e lhe estendeu a mão. A pele da palma era calejada e tinha marcas de cicatriz. — Luta de espadas. Sou um Guerreiro, como observou tão astutamente. É o mais perto que consigo chegar daquilo que eu quis ser um dia. Quando era garoto, sonhava em ser espadachim. Praticava todos os dias durante horas. Sonhava em aprender com os melhores professores.

Ele suspirou e balançou a cabeça.

— Então meu potencial mago foi descoberto. Não era muito, mas meus pais queriam ter um mago na família. Disseram que eu traria grande prestígio à Casa

deles. E assim me fizeram a cabeça para aderir ao Clã. Eu era muito jovem para recusar, muito cheio de dúvidas para saber que magia não era minha verdadeira vocação. Meus poderes não são fortes e, embora tenha aprendido a usá-los bem, não gosto de tê-los. Prossigo com minhas habilidades de luta, embora a maioria dos magos veja com desdém a batalha honesta, cara a cara. Isso é o mais perto que consigo chegar da vida com que sonhei.

Ele ergueu o rosto para ela, os olhos brilhantes.

— Não vou deixar Rothen fazer o mesmo contigo. Se não quiser juntar-se ao Clã, então vou ajudá-la a escapar. Mas você tem que confiar em mim. A política e as leis do Clã são intrincadas e confusas. — Moveu-se de volta à cadeira, mas não se sentou. — Quer que eu a ajude?

Sonea baixou o olhar para a mesa. A história dele e a entrega apaixonada tinham-na impressionado, mas partes dela a haviam deixado inquieta. Será que valia a pena tornar-se outra vez uma fugitiva para manter sua magia?

Em seguida, considerou o que Cery diria. Por que as classes mais altas deviam ter o monopólio da magia? Se o Clã não aceitava ninguém das classes baixas, então por que elas não podiam ter seus próprios magos?

— Sim. — Ela ergueu o rosto e encontrou os olhos dele. — Mas preciso pensar nisso. Não o conheço. Quero verificar esse lance da guarda antes de concordar com qualquer coisa.

Ele acenou com a cabeça.

— Compreendo. Pense nisso, mas não leve muito tempo. Rothen conseguiu convencer o Administrador Lorlen de que deve manter todos longe de você... para esconder-lhe a verdade, sem dúvidas... até ter aprendido o Controle. Arrisco-me muito ao desafiar essa decisão. Vou tentar visitá-la de novo em breve, mas você precisa ter uma resposta para mim. Posso não ter uma terceira oportunidade.

— *Tá* bem.

Olhando para a porta, ele suspirou.

— É melhor eu ir. Não seria nada bom para você se ele me encontrasse aqui contigo.

Movendo-se para a porta, abriu-a ligeiramente e espiou o lado de fora. Fazendo uma pausa apenas para lhe dar um último sorriso amargo, saiu furtivamente. A porta fechou-se com um clique assim.

Sozinha novamente, Sonea sentou-se e fitou a mesa, as palavras do mago correndo em círculos em sua mente. Não conseguia ver uma razão para Fergun mentir para ela, mas confirmaria cada declaração que ele fizera: o bloqueio dos poderes, a guarda e sua história de sonhos frustrados. Ao interrogar Rothen cuidadosamente, poderia levá-lo a confirmar muito daquilo que Fergun dissera.

Mas não esta noite. Estava enervada demais com a visita para ser capaz de simular um rosto calmo se Rothen retornasse. Levantando-se, entrou em seu quarto e fechou a porta.

CAPÍTULO 23

O amigo de Rothen

— Não houve aulas hoje.

Rothen olhou por cima do livro que estava lendo. Sonea estava inclinada sobre o peitoril da janela, um pequeno círculo de neblina e formava-se no vidro por causa de sua respiração.

— Não — respondeu ele. — É dia livre. Não temos aulas no último dia da semana.

— O que vocês fazem, então?

Ele encolheu os ombros.

— Depende do mago. Alguns visitam as corridas, ou praticam outros esportes e interesses. Há quem visite sua família.

— E quanto aos aprendizes?

— O mesmo, embora os aprendizes mais velhos geralmente passem o dia estudando.

— E ainda têm de limpar os caminhos.

Os olhos dela seguiam o andamento de alguma coisa por baixo da janela. Imaginando o que fosse, Rothen riu.

— Limpar os caminhos é uma das muitas tarefas dadas a eles durante o primeiro ano de estudo. Depois disso, executam tarefas somente como castigo.

Ela olhou para ele, as sobrancelhas elevando-se.

— Castigo?

— Por brincadeiras infantis ou por desrespeito com os mais velhos — explicou ele. — Já estão meio grandinhos para levar palmadas.

O canto da boca dela contorceu-se, e ela voltou a olhar para fora da janela.

— É por isso então que ele parece tão amuado.

Reparando que os dedos dele tamborilavam suavemente na moldura da cortina da janela, Rothen suspirou. Há dois dias que ela estava aprendendo rapidamente, entendendo os exercícios de Controle mais depressa do que qualquer aprendiz que ele já tivesse ensinado. Hoje, porém, sua concentração falhara várias vezes. Embora o mantivesse bem escondido, o que mostrava que sua disciplina mental tinha melhorado, estava claro que havia algo em sua mente.

A princípio, culpara-se por isso. Não lhe falara da visita de Dannyl, acreditando que a expectativa de conhecer um estranho fosse distraí-la das lições. Ela sentira que ele estava lhe escondendo algo, e ficara desconfiada.

Apercebendo-se de seu erro, contou-lhe da visita.

— Estava me perguntando quando iria conhecer mais de vocês — disse ela.

— Se não quiser visitas esta noite, posso dizer que ele venha outra hora.

Surpreso e satisfeito com a reação dela, ele tentara retomar as lições. Ela ainda tinha problemas para manter-se atenta nos exercícios, e ele sentira sua frustração e impaciência aumentando. Sempre que faziam um intervalo, ela retornava à janela para olhar lá para fora.

Ele voltou a olhar para ela e pensou no tempo em que Sonea já estivera trancada naquele quarto. Era fácil esquecer que os aposentos dele eram uma prisão para ela. Devia estar cansada do que a cercava e, possivelmente, entediada, o que fazia desta uma boa hora para apresentá-la a Dannyl, concluiu.

O mago alto intimidava aqueles que não o conheciam, mas seus modos amigáveis geralmente os colocavam rapidamente à vontade. Ele tinha a esperança de que ela se acostumasse à companhia de Dannyl antes da visita de Lorlen.

Depois disso? Ao ver os dedos tamborilarem, Sonea sorriu. Ele iria levá-la para fora e lhe mostraria o Clã.

Uma batida na porta interrompeu seus pensamentos. Levantando-se, ele abriu

a porta principal. Dannyl estava do lado de fora, parecendo um pouco tenso.

— Tão cedo — observou Rothen.

Os olhos de Dannyl brilharam.

— Devo voltar mais tarde?

Rothen abanou a cabeça.

— Não, entre.

Olhando para trás, Rothen observou o rosto de Sonea quando Dannyl entrou na sala. Ela lançou ao mago alto um olhar avaliador.

— Dannyl, esta é Sonea.

— Honrado em conhecê-la — disse Dannyl, inclinando a cabeça.

Sonea acenou com a cabeça.

— Igualmente. — Os olhos dela semicerraram-se ligeiramente, e um sorriso desenhou-se lentamente em seu rosto. — Acho que a gente já se conheceu antes. — Ela baixou o olhar. — Como *tá* sua perna?

Dannyl pestanejou, depois a boca contorceu-se em um meio sorriso.

— Melhor, obrigado.

Cobrindo a boca, Rothen tentou em vão abafar uma gargalhada. Fingindo tossir, acenou na direção das cadeiras.

— Sentem-se. Vou preparar um pouco de *sumi*.

Sonea deixou a janela e tomou um assento de frente a Dannyl. Os dois observaram-se cuidadosamente. Movendo-se para a mesa lateral, Rothen colocou os utensílios para fazer *sumi* em uma bandeja.

— Como vão suas aulas? — perguntou Dannyl.

— Bem, acho. E as suas?

— As minhas?

— *Tá* dando aula pra turma do Rothen, não *tá*?

— Oh. Sim. É... desafiador. Nunca tinha ensinado ninguém na vida, por isso sinto quase como se tivesse mais a aprender do que os aprendizes.

— O que você faz normalmente?

— Experimentos. Projetos pequenos, quase sempre. Às vezes ajudo em trabalhos maiores.

Rothen trouxe a bandeja até a mesa e se sentou.

— Conte-lhe sobre o impressor de pensamento — sugeriu.

— Oh, é só um passatempo. — Dannyl abanou a mão em sinal de dispensa.

— O que é? — perguntou Sonea.

— Um modo de transferir imagens da mente para o papel.

Os olhos de Sonea brilharam de interesse.

— Consegue fazer isso?

Dannyl aceitou uma caneca de *sumi* de Rothen.

— Não, ainda não. Muitos magos tentaram ao longo dos séculos, mas ninguém foi capaz de encontrar uma substância que pudesse reter uma imagem por tanto tempo. — Fez uma pausa para dar um pequeno gole na bebida quente. — Inventei um papel especial a partir das folhas das videiras *anivope* que consegue reter a imagem por alguns dias, mas as beiradas borram e as cores começam a perder intensidade após umas duas horas. O ideal é que a imagem fosse permanente.

— Pra que é que seriam usadas?

Dannyl encolheu os ombros.

— Identificação, para começar. Teria sido uma mão na roda ser capaz de fazer isso quando estávamos à sua procura, por exemplo. Rothen foi o único de nós que a tinha visto. Se ele tivesse sido capaz de fazer imagens suas, podíamos ter andado com elas para mostrar às pessoas.

Sonea acenou lentamente com a cabeça.

— Com o que as imagens se parecem quando perdem as cores?

— Desbotadas. Embaçadas. Mas ainda se consegue ver o que eram, em alguns casos.

— Posso... posso ver uma?

Dannyl sorriu.

— É claro. Trarei algumas.

Os olhos de Sonea faiscaram de curiosidade. Se Dannyl preparasse seu experimento aqui, meditava Rothen, ela poderia vê-lo com seus próprios olhos. Olhando ao redor, imaginou transferir a confusão de frascos e máquinas de impressão da sala de visitas de Dannyl para a sua...

— Tenho certeza de que Dannyl não vai se importar se visitarmos seus aposentos para uma demonstração — disse ele.

Os olhos de Dannyl reviraram-se.

— Agora?

Rothen abriu a boca para tranquilizar o amigo, depois hesitou. Sonea estava observando ansiosamente. Avaliou os dois.

Dannyl obviamente não a intimidava de modo algum. Dos dois, era ela quem parecia menos incomodada com a presença do outro. Os aposentos de Dannyl ficavam no andar inferior dos Aposentos dos Magos, por isso não precisariam ir muito longe.

— Não vejo por que não — replicou.

— *Tem certeza de que é prudente?* — enviou Dannyl.

Os olhos de Sonea pestanejaram na direção dele. Ignorando a pergunta, Rothen observou Sonea cuidadosamente.

— Você gostaria?

— Sim — respondeu ela, virando-se para encarar Dannyl. — Se não se importar.

— De modo algum. — Dannyl relanceou Rothen. — É só que... meus aposentos estão um pouco desarrumados.

— Um pouco? — Rothen ergueu a caneca para terminar o resto de seu *sumi*.

— Não tem um criado? — perguntou Sonea.

— Sim — respondeu Dannyl. — Mas o avisei para não tocar em nenhum de meus experimentos.

Rothen sorriu.

— Por que não vai na frente e se certifica de que vamos ter onde sentar?

Suspirando, Dannyl levantou-se.

— Muito bem.

Seguindo o amigo até a porta, Rothen deslizou para fora. Imediatamente, Dannyl virou-se para fitá-lo.

— Você está louco? E se alguém vir os dois? — sussurrou Dannyl. — Se for visto levando-a para fora do quarto, Fergun dirá que não tem motivo para mantê-la afastada dele.

— Então deixarei que a visite. — Rothen encolheu os ombros. — O único motivo para que a quisesse isolada era impedir que ele a visitasse a uma altura em que qualquer mago desconhecido podia tê-la assustado. Mas, se demonstra essa calma e confiança em relação a você, não acho que será Fergun quem irá incomodá-la.

— Obrigado — respondeu Dannyl, secamente.

— E você parece mais intimidante que ele — explicou Rothen.

— Pareço?

— E ele é muito mais charmoso — acrescentou Rothen, sorrindo. Acenou em direção às escadas. — Vá. Desça. Quando estiver pronto... e o corredor, livre... avise-nos. Só não demore muito na arrumação, ou os dois vamos achar que precisou esconder alguma coisa.

Quando o amigo se afastou às pressas, Rothen retornou à sala. Sonea estava em pé diante da cadeira, parecendo um pouco corada. Sentou-se de novo enquanto ele limpava a mesa.

— Ele não parece querer visitas — disse ela, desconfiada.

— Quer, sim — assegurou-lhe Rothen. — Ele só não gosta de surpresas.

Apanhando a bandeja, levou-a até a mesa lateral, depois retirou um bloco de papel de uma gaveta e escreveu um recado rápido para Tania, informando a criada de onde estavam. Ao terminar, ouviu Dannyl chamar seu nome.

— *Agora já tem um espacinho para vocês aqui. Podem descer.*

Sonea levantou-se e olhou para Rothen em expectativa. Sorrindo, ele se moveu para a porta e a abriu. Os olhos dela dardejaram de um lado a outro quando ela colocou os pés para fora, captando o amplo corredor e suas portas numerosas.

— Quantos magos moram aqui? — perguntou ela quando começaram a dirigir-se para as escadas.

— Mais de oitenta — disse ele — e suas famílias.

— Então há outras pessoas aqui além dos magos?

— Sim, mas só as esposas e filhos de magos. Nenhum outro parente é permitido.

— Por que não?

Ele riu.

— Se tivéssemos todos os parentes de todos os magos vivendo aqui, teríamos de mover todo o Círculo Interior para a Propriedade.

— É claro — disse ela, secamente. — O que acontece quando as crianças crescem?

— Se possuem potencial mágico, normalmente se juntam ao Clã. Se não, devem sair.

— Pra onde vão?

— Vão viver com parentes na cidade.

— No Círculo Interior.

— Sim.

Ela refletiu sobre o que ele dissera, depois ergueu o olhar para ele.

— Há magos vivendo na cidade?

— Alguns. Mas isso não é encorajado.

— Por quê?

Ele deu um sorriso torcido.

— Devemos manter um ao outro sob nossas vistas, lembra-se? Para nos certificarmos de que nenhum de nós está se envolvendo muito na política, ou conspirando contra o Rei. É mais difícil fazer isso se muitos de nós vivem fora do Clã.

— Então por que alguns têm permissão?

Tinham chegado ao fim do corredor. Rothen começou a descer a escadaria espiralada, seguido por Sonea.

— Muitas razões, todas únicas do indivíduo. Velhice, doença.

— Existem magos que decidiram não se juntar ao Clã... que aprenderam o Controle, mas não a usar magia?

Ele abanou a cabeça.

— Não. Os jovens que se juntam a nós, homens e mulheres, ainda não têm os poderes libertos. Depois disso é que aprendem o Controle. Lembre-se de que você é única no sentido de que seu poder se desenvolveu sozinho.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Alguém já abandonou o Clã antes?

— Não.

Ela refletiu sobre isso, a expressão atenta. Do piso inferior chegou a voz de Dannyl, e depois outra. Rothen diminuiu o passo, dando a Sonea tempo suficiente para ficar consciente do outro mago.

Em seguida, ela se pôs de lado, assustada, quando um mago subiu a escadaria flutuando, os pés pousando em nada a não ser no ar. Ao reconhecer o mago, Rothen sorriu.

— Boa noite, Lorde Garrel.

— Boa noite — respondeu o mago, erguendo as sobrancelhas ao reparar em Sonea.

Sonea fitou o mago, os olhos arregalados. Quando os pés de Garrel chegaram ao nível do andar superior, o mago aterrou na superfície sólida do corredor. Olhou de soslaio para Sonea, com vivo interesse, depois se afastou a passos largos.

— Levitação — disse Rothen a Sonea. — Impressionante, não? Requer mais do que apenas alguma técnica. Mais ou menos metade de nós consegue fazer isso.

— Você consegue? — perguntou ela.

— Eu costumava levitar o tempo todo — disse Rothen. — Mas perdi a prática. Dannyl consegue.

— Ah, mas não sou exibicionista como Garrel.

Olhando para baixo, Rothen viu Dannyl à espera ao pé das escadas.

— Prefiro usar as pernas — disse Rothen a Sonea. — Meu antigo guardião sempre disse que o exercício físico é tão necessário quanto o exercício mental. Negligencie o corpo e...

— ... e estará negligenciando a mente — terminou Dannyl, com um gemido. — O guardião dele era um homem sábio e correto — disse a Sonea quando esta chegou a seu lado. — Lorde Margen condenava até o vinho.

— Deve ser por isso que *você* nunca gostou muito dele — observou Rothen,

sorrindo.

— Guardião? — ecoou Sonea.

— Uma tradição aqui — explicou ele. — Lorde Margen escolheu orientar meu treinamento quando eu era aprendiz, assim como escolho orientar o de Dannyl.

Ela acompanhou o passo ao lado dele quando começou a tomar o rumo dos aposentos de Dannyl.

— Como é que *o* orientou?

Rothen encolheu os ombros.

— De muitas maneiras. Geralmente preenchia as lacunas do conhecimento dele. Algumas estavam lá por causa da negligência de alguns professores, outras devido à própria preguiça ou falta de entusiasmo dele. — Sonea olhou de lado para Dannyl, que estava sorrindo e acenando com a cabeça em sinal de concordância. — Ao me ajudar com meu trabalho, Dannyl também aprendeu mais por meio da experiência prática do que aprenderia em sala de aula. A ideia da guarda é ajudar um aprendiz a esmerar-se.

— Todos os aprendizes possuem guardiões?

Rothen abanou a cabeça.

— Não. Não é comum. Nem todos os magos querem ou têm tempo para se responsabilizar pelo treinamento de um aprendiz. Apenas os que apontam para um futuro considerável possuem guardiões.

As sobrancelhas de Sonea ergueram-se.

— Então por que... — Franziu as sobrancelhas, depois abanou a cabeça.

Chegando à porta, Dannyl tocou-a ligeiramente. Ela deslizou para dentro, e um cheiro suave de substâncias químicas flutuou para o corredor.

— Bem-vindos — disse ele, conduzindo-os para dentro.

Embora a sala de visitas tivesse o mesmo tamanho da de Rothen, metade dela era ocupada por bancadas. Instrumentos cobriam as superfícies, e havia caixas

empilhadas por baixo. No entanto, o trabalho de Dannyl estava claramente exposto e organizado.

Sonea olhou em volta, obviamente deleitada. Embora Rothen tivesse visto os aposentos de Dannyl muitas vezes, sempre achava estranho encontrar um experimento de Alquimia instalado no local onde se vive. O espaço na Universidade era limitado, por isso aqueles que quisessem seguir interesses como os de Dannyl geralmente faziam uso de seus próprios aposentos.

Rothen suspirou.

— É fácil entender por que Ezrille tem desespero por encontrar uma esposa para você, Dannyl.

Como sempre, o amigo fez uma careta de desagrado.

— Sou jovem demais para ter uma esposa.

— Que bobagem — replicou Rothen. — Só não tem espaço para uma.

Dannyl sorriu e chamou Sonea com um gesto. Ela se aproximou das bancadas e o ouviu explicar seus experimentos. Ele exibiu algumas imagens desbotadas, que ela examinou atentamente.

— É possível fazer — concluiu ele. — O único desafio é impedir que a imagem desapareça.

— Você não podia arrumar um pintor para copiá-la antes que desapareça? — sugeriu ela.

— Podia. — Dannyl franziu as sobrancelhas. — Isso driblaria o problema, suponho. Teria de ser um ótimo pintor. Rápido também.

Entregando-lhe de volta as amostras, ela se moveu na direção de um mapa emoldurado na parede mais próxima.

— Não tem quadro — disse ela, olhando ao redor da sala. — É tudo mapa.

— Sim — respondeu Dannyl. — Coleciono mapas e plantas antigos.

Ela se aproximou de outro.

— Este é do Clã.

— Estamos aqui. — Dannyl apontou. — Nos Aposentos dos Magos. — Seu dedo deslizou pelo mapa até um retângulo similar. — Este são os Aposentos dos Aprendizes. Todos os aprendizes que vêm estudar no Clã estão hospedados lá, ainda que tenham casas na cidade.

— Por quê?

— Para que possamos tornar a vida deles um inferno — respondeu Dannyl.

Sonea lançou-lhe um olhar bem direto, depois pigarreou suavemente.

— Os aprendizes são retirados da influência de suas famílias quando vêm para cá — disse Rothen. — Temos de apartá-los das pequenas intrigas em que as Casas estão sempre se afundando.

— Recebemos muitos aprendizes que nunca precisaram sair da cama antes do meio-dia — acrescentou Dannyl. — Para eles é um choque descobrir que precisam estar de pé bem cedo para as aulas. Não teríamos nenhuma esperança de recebê-los na hora se morassem em suas casas.

Ele apontou para o edifício circular na planta.

— Aqui são os Aposentos dos Curadores. Alguns dos Curadores vivem aqui, mas a maioria das salas é reservada para tratamentos e aulas. — O dedo dele moveu-se para um círculo menor dentro do jardim. — Esta estrutura é a Arena. É usada como área de treino para os Guerreiros. Existe um escudo em volta dela, sustentado por mastros, que absorve e contém a magia dos que estão dentro e protege tudo o que está do lado de fora. Todos nós acrescentamos nosso poder ao escudo de vez em quando para mantê-lo forte.

Sonea olhou fixamente para a planta, observando o dedo de Dannyl mover-se para o edifício curvado ao lado dos Aposentos dos Magos.

— Aqui são os Banhos. O edifício está construído onde costumava correr um rio que descia a colina vindo de uma nascente no alto da floresta. Canalizamos a água para o interior, onde pode ser retirada para banheiras e aquecida. Ao lado estão os Setes Arcos, que contêm salas de entretenimento.

— O que são as Residências? — perguntou Sonea, atraindo a atenção dele para uma legenda e uma seta que apontava para fora da página.

— Várias pequenas casas onde vivem os magos mais velhos — explicou Dannyl. — Aqui, você pode vê-las neste mapa mais antigo.

Atravessaram o quarto até chegar a um mapa amarelecido da cidade. Dannyl apontou para uma fileira de quadradinhos.

— Ali, ao lado do antigo cemitério.

— Há apenas alguns edifícios do Clã neste mapa — reparou Sonea.

Dannyl sorriu.

— Este mapa tem mais de trezentos anos. Não sei quanto de história kyraliana você sabe. Já ouviu falar da Guerra de Sachaka?

Sonea fez que sim com a cabeça.

— Depois da Guerra de Sachaka, não restou muito de Imardin. Quando a cidade foi reconstruída, as Casas mais preeminentes aproveitaram a oportunidade para criar um novo plano da cidade. Veja que foi construída em círculos concêntricos. — Apontou para o centro. — Primeiro uma muralha foi erigida em volta das ruínas do antigo Palácio do Rei, depois outra em volta da cidade. A Muralha Exterior foi construída algumas décadas mais tarde. A cidade velha foi chamada de Círculo Interior, e a nova área foi dividida em quatro Quarteirões.

O dedo dele circulou o Clã.

— Todo o Quarteirão Oriental foi entregue aos Magos em gratidão por terem expulsado os invasores sachakans. A decisão não foi tomada de forma negligente — acrescentou ele. — O Palácio e o Círculo Interior extraíam água da nascente naquele tempo, e construir o Clã em volta da fonte reduziria a chance de alguém envenená-la... como fora feito durante a guerra.

Ele apontou para o retângulo pequeno na Propriedade.

— A primeira estrutura feita foi o Salão do Clã — continuou Dannyl. — Foi

construída com a pedra cinzenta e dura da região. Hospedava tanto magos quanto seus aprendizes e fornecia espaço para a aprendizagem e os debates. De acordo com os livros de história, um espírito de unidade havia tomado conta de nossos antecessores. Através do intercâmbio de conhecimento, novas maneiras de usar e desenvolver magia foram descobertas. Não demorou muito tempo até que o Clã se tornasse a maior e mais poderosa escola de magos no mundo que conhecemos.

Ele sorriu.

— E continua crescendo. Quando Lonmar, Elyne, Vin, Lan e Kyralia formaram a Aliança, parte do acordo foi que os magos de todas as terras fossem ensinados aqui. De repente o Salão do Clã já não era grande o suficiente, por isso tiveram de construir vários novos edifícios.

Sonea franziu as sobrancelhas.

— O que acontece com os magos de outras terras quando terminam o aprendizado?

— Normalmente regressam para sua terra natal — disse Rothen. — Às vezes ficam aqui.

— Então como é que fazem para mantê-los sob suas vistas?

— Temos embaixadores em cada terra que acompanham as atividades de magos estrangeiros — disse Dannyl. — Assim como juramos servir ao Rei e proteger Kyralia, eles juram serviço a seu próprio soberano.

Os olhos dela moveram-se para um mapa da região pendurado ali perto.

— Não parece sensato ensinar magos de outras terras. E se invadissem Kyralia?

Rothen sorriu.

— Se não permitíssemos que se associassem ao Clã começariam seu próprio Clã, como fizeram no passado. Tanto faz ensiná-los ou não, isso não vai impedir uma invasão, mas, ao fazê-lo, controlamos o que é ensinado a eles. Não ensinamos nosso povo de modo diferente, por isso eles sabem que não estão

sendo tratados injustamente.

— Seja como for, não ousariam nos atacar — acrescentou Dannyl. — Os kyralianos possuem linhagens mágicas fortes. Produzimos mais magos do que qualquer uma das outras raças, e mais fortes.

— Os Vindo e os Lans são os mais fracos — disse Rothen. — Por isso não são comuns por aqui. Recebemos mais aprendizes de Lonmar e Elyne, mas os poderes deles raramente são de impressionar. Os Sachakans costumavam ser magos poderosos. — Dannyl ergueu o olhar para o mapa. — Mas a guerra acabou com isso.

— ... deixando-nos como a nação mais poderosa na região — finalizou Rothen.

Os olhos dela encolheram-se.

— Então por que o Rei não invade as outras terras?

— A Aliança foi feita para impedir isso — disse Rothen. — Como você tão astutamente me fez lembrar na primeira vez em que nos falamos, o Rei Palen recusou-se a assiná-lo a princípio. O Clã insinuou que não ficaria sem se envolver na política se ele não o assinasse.

A boca de Sonea contorceu-se para esboçar um sorriso tênue.

— O que impede que as outras terras lutem entre si?

Rothen suspirou.

— Muita diplomacia... que nem sempre funciona. Houve vários confrontos menores desde a Aliança. É sempre uma situação desconfortável para o Clã. As disputas normalmente giram em torno de fronteiras e...

Ouvindo uma batida tímida à porta, ele parou. Olhou para Dannyl e soube pela expressão do amigo que estavam pensando na mesma coisa. Será que Fergun já tinha ouvido falar que Sonea estava fora dos aposentos?

— Está esperando alguém?

Dannyl abanou a cabeça e se moveu para a porta. Ao abri-la, Rothen ouviu a

voz de Tania e suspirou de alívio.

— Trouxe a refeição de vocês aqui para baixo — disse a criada ao entrar no quarto. Duas outras criadas seguiram-na, trazendo bandejas. Ao depositá-las sobre a única mesa vazia, fizeram reverência e saíram. Quando o aroma de comida tomou conta da sala, Dannyl fez um som apreciativo.

— Nem percebi que já tinha se passado tanto tempo — disse.

Rothen observou Sonea.

— Com fome?

Ela fez que sim com a cabeça, os olhos sobre a comida.

Ele sorriu.

— Então acho que por ora já deu de história. Vamos comer.

••

CAPÍTULO 24

Perguntas sem respostas

Chegando ao fim do corredor da Universidade, Dannyl parou quando a porta do escritório do Administrador se abriu. Uma figura vestida de azul saiu e começou a caminhar em direção do *hall* de entrada.

— Administrador — chamou Dannyl.

Lorlen parou e se virou. Ao ver Dannyl aproximar-se, sorriu.

— Bom dia, Lorde Dannyl.

— Eu vinha mesmo falar contigo. Tem um segundo?

— É claro, só um segundo.

— Obrigado. — Dannyl esfregou as mãos lentamente. — Recebi uma mensagem do Ladrão ontem à noite. Ele perguntou se sabemos do paradeiro de um homem que era companheiro de Sonea na época em que se escondia de nós. Pensei que podia ser aquele jovem que tentou resgatá-la.

Lorlen acenou com a cabeça.

— O Lorde Supremo recebeu uma mensagem semelhante.

Dannyl pestanejou com surpresa.

— O Ladrão contatou-o diretamente?

— Sim. Akkarin assegurou a Gorin de que o avisaria se encontrasse o homem.

— Então vou enviar a mesma resposta.

Os olhos de Lorlen semicerraram-se levemente.

— Esta é a primeira vez que os Ladrões o contatam desde que Sonea foi capturada?

— Sim. — Dannyl sorriu pesarosamente. — Achei que nunca mais fosse

ouvir falar deles. A mensagem foi uma surpresa e tanto.

As sobrancelhas de Lorlen ergueram-se.

— Também foi uma surpresa e tanto para todos nós saber que tinha falado com eles.

Dannyl sentiu o rosto esquentar.

— Não de todo. O Lorde Supremo sabia, embora não faça ideia de como.

Lorlen sorriu.

— Agora é *isso* que não me surpreende. Akkarin pode não parecer mostrar interesse, mas não pense que não está prestando atenção. Ele sabe mais sobre as pessoas, tanto aqui quanto na cidade, do que qualquer outro.

— Mas você deve saber mais do que ele no que se refere ao Clã.

Lorlen abanou a cabeça.

— Oh, ele sabe mais do que jamais saberei. — Fez uma pausa. — Vou encontrar-me com ele agora. Tem algo que deseja que eu lhe pergunte?

— Não — respondeu Dannyl apressadamente. — Já eu devia ir andando. Obrigado por seu tempo, Administrador.

Lorlen inclinou a cabeça, virou-se e se afastou. Ao começar a descer o corredor, Dannyl logo se viu passando por uma multidão de aprendizes e magos. Com as primeiras aulas do dia prestes a começar, o edifício estava repleto de atividade.

Refletiu novamente sobre a mensagem do Ladrão. Houvera um tom de insinuação na carta, como se Gorin suspeitasse de que o Clã fosse responsável pelo desaparecimento do homem. Dannyl não acreditava que o Ladrão fosse culpar o Clã por seus problemas com a mesma facilidade com que o faria o favelado comum... ou que contataria o Lorde Supremo se não tivesse um bom motivo para fazê-lo.

Desse modo, Gorin devia acreditar que o Clã era capaz de encontrar o homem para ele. Dannyl riu quando lhe ocorreu a ironia da situação. Os Ladrões tinham

ajudado o Clã a encontrar Sonea, agora eram eles que queriam o mesmo tipo de favor em troca. Perguntou-se se ofereceriam uma recompensa tão generosa.

Mas por que Gorin achava que o Clã sabia onde estava o homem? Dannyl pestanejou quando a resposta lhe veio à cabeça.

Sonea.

Se Gorin pensava que Sonea sabia onde estava o amigo dela, por que não a tinha contatado diretamente? Será que ele acreditava que ela não lhes contaria? Afinal de contas, os Ladrões a tinham *vendido* para o Clã.

E o companheiro dela podia também ter boas razões para desaparecer.

Dannyl coçou a testa. Poderia perguntar a Sonea se ela sabia o que estava acontecendo, mas, se ela não soubesse que seu amigo estava desaparecido, a notícia poderia perturbá-la. Ela podia suspeitar que o Clã tinha causado o desaparecimento do amigo. Isso poderia arruinar tudo o que Rothen tinha alcançado.

Um rosto familiar apareceu entre os aprendizes à frente dele. Dannyl sentiu uma pequena pontada de medo, mas Fergun não ergueu os olhos. Em vez disso, o Guerreiro passou apressado e virou para uma passagem lateral.

Surpreso, Dannyl parou. O que poderia ter absorvido Fergun tão completamente a ponto de nem sequer ter reparado em seu antigo desafeto? Descendo de novo o corredor, Dannyl espreitou pela passagem lateral e vislumbrou uma túnica vermelha antes de o Guerreiro virar em outra curva.

Fergun estava carregando alguma coisa. Dannyl pairou à entrada da passagem, tentado a segui-lo. Como aprendiz, teria agarrado qualquer oportunidade para descobrir um dos segredinhos de Fergun.

Todavia, não era mais um aprendiz, e Fergun vencera há muito tempo essa guerra. Encolhendo os ombros, começou a voltar pelo corredor em direção à sala de aula de Rothen. As lições iam começar em menos de cinco minutos, e ele não tinha tempo para espionar.

Depois de uma semana de escuridão, os sentidos de Cery tinham se apurado. Seus ouvidos conseguiam captar o arrastar das patas de insetos, e seus dedos podiam sentir a leve aspereza onde a ferrugem mordiscava o espeto de metal que ele tirara da bainha do casaco.

Ao pressionar o dedo polegar contra a ponta afiada, sentiu a raiva ferver. Seu capturador retornara mais duas vezes com comida e água. Em todas as vezes, Cery tentara descobrir por que fora aprisionado.

Todos os seus esforços para atrair Fergun a uma conversa haviam falhado. Ele o tinha lisonjeado, pedido, até mesmo implorado por uma explicação, mas o mago ignorara cada palavra. *Não era certo*, exasperava-se Cery. Os vilões geralmente revelavam seus planos, fosse por engano ou durante um surto de exultação.

A mais fraca pancada chegou aos ouvidos de Cery. Ele levantou a cabeça, depois se pôs de pé num pulo quando o som aumentou até tornar-se passos. Agarrando-se no espeto, agachou-se atrás da porta e aguardou.

Os passos pararam do lado de fora. Ele ouviu o clique do trinco e se retesou quando a porta começou a deslizar. A luz transbordou para dentro da sala, iluminando o prato vazio que ele deixara em frente à porta. O mago deu um passo na direção do prato, depois parou e se virou para o casaco e a calça que estavam estendidos, meio ocultos, por baixo de um cobertor ao canto.

Pulando para a frente, Cery apunhalou as costas de Fergun com o espeto, mirando no coração do homem.

O espeto atingiu algo duro e lhe escorregou pelos dedos. Quando o mago se virou, algo embateu contra o peito de Cery, arremessando-o para trás. Ele ouviu um estalido ao bater na parede, depois uma dor percorreu-lhe o braço. Contraindo-se até o chão, agarrou seu braço, arfando.

De trás veio um suspiro longo e exagerado.

— Foi uma estupidez. Veja só o que me fez fazer.

Fergun estava de pé acima dele, de braços cruzados. Rangendo os dentes, Cery olhou ameaçadoramente para o mago.

— Isso não é maneira de me agradecer depois de todo o trabalho que tive para lhe trazer cobertores. — Fergun abanou a cabeça, depois se agachou.

Tentar recuar só lhe trouxe outra onda de dor. Cery abafou um grito quando Fergun agarrou o pulso de seu braço machucado. Tentou recolhê-lo, mas o movimento trouxe outra pontada.

— Quebrado — murmurou o mago. Os olhos dele pareciam ter fixado algo muito além do chão poeirento. A dor subitamente se atenuou, depois um calor espalhou-se lentamente pelo braço de Cery.

Ao perceber que estava sendo Curado, Cery obrigou-se a permanecer imóvel. Ergueu o olhar para fitar Fergun, reparando em sua mandíbula definida e em seus lábios finos. O cabelo loiro do homem, normalmente penteado para trás, agora lhe caía na testa.

Cery sabia que iria lembrar-se desse rosto pelo resto da vida. *Um dia terei minha vingança*, pensou. *E, se tiver feito qualquer coisa com Sonea, espero que sua morte seja lenta e dolorosa.*

O mago pestanejou e soltou o braço de Cery. Levantou-se, depois fez uma careta de desagrado e passou a mão pela testa.

— Não está totalmente curado. Não posso desperdiçar meus poderes contigo. Cuide do braço com delicadeza, ou o osso vai se romper outra vez. — Os olhos dele semicerraram-se. — Se tentar algo assim de novo, terei de amarrá-lo... para evitar que machuque a *si mesmo*, entendeu?

Ele baixou o olhar. O prato que trouxera jazia quebrado, a comida, espalhada pelo chão. A garrafa estava ali perto, a água pingando lentamente de um racho próximo da rolha.

— Eu não desperdiçaria isso se fosse você — disse Fergun. Curvando-se, apanhou o espeto de Cery, virou-se e saiu da sala.

Quando a porta se fechou, Cery deitou-se de costas e gemeu. Será que esperava mesmo conseguir assassinar um mago com um espeto? Apalpou cuidadosamente o braço com as pontas dos dedos. Uma leve sensibilidade era

tudo o que restava.

Na escuridão, o cheiro de pão fresco era forte e fez o estômago roncar. Ao pensar na comida esparramada, suspirou: o único indicativo do tempo a passar era a fome, e ele estimara que as visitas do mago aconteciam a cada dois dias ou mais. Se não comesse, ficaria fraco. Ainda pior era a ideia das coisas rastejantes que a comida atrairia do canto que ele usava para outras funções corporais.

Ficando de joelhos, rastejou em frente, as mãos vasculhando o chão poeirento.

Sonea prendeu o fôlego quando o mago de túnica azul entrou na sala. Alto, esguio, o cabelo escuro atado à nuca, ele podia ter sido o assassino que ela vira sob a casa do Lorde Supremo. Em seguida, o homem virou-se para fitá-la, e Sonea viu que suas feições não eram tão severas quanto as do homem de quem se lembrava.

— Este é o Administrador Lorlen — disse Rothen.

Ela acenou com a cabeça para o mago.

— Prazer em conhecê-lo.

— É um prazer conhecê-la, Sonea — respondeu o homem.

— Por favor, sentem-se — disse Rothen, acenando na direção das cadeiras.

Ao sentarem-se, Tania serviu a bebida amarga que os magos pareciam preferir. Aceitando um copo de água, Sonea observou o Administrador bebericar da caneca. Ele sorriu apreciativamente, mas, ao olhar para ela, sua expressão tornou-se contida.

— Rothen estava preocupado que ficasse assustada se eu viesse conhecê-la logo que chegou aqui — disse ele. — Por isso, precisa perdoar-me por não ter vindo antes. Como Administrador do Clã, desejo oferecer-lhe um pedido formal de desculpas pelo transtorno e angústia que causamos a você. Agora compreende por que tínhamos de encontrá-la?

Sonea sentiu as bochechas esquentarem.

— Sim.

— É um grande alívio para mim — disse ele, sorrindo. — Tenho algumas perguntas, e, se tiver também, por favor não hesite em fazê-las. As aulas de Controle estão correndo bem?

Sonea olhou de lado para Rothen e recebeu um aceno de cabeça encorajador.

— Acho que estou melhorando — respondeu ela. — Os testes estão ficando mais fáceis.

O Administrador considerou o que ouviu, acenando lentamente com a cabeça. — É um pouco como aprender a andar — disse. — Primeiro temos de pensar nisso, mas, depois de o termos feito algumas vezes, não precisamos nem mais pensar.

— Fora que não andamos durante o sono — acrescentou ela.

— Não sempre. — O Administrador riu, depois seu olhar se tornou penetrante. — Rothen disse-me que não deseja ficar conosco. É verdade?

Sonea fez que sim com a cabeça.

— Posso perguntar por que não?

— Quero ir pra casa.

Ele se inclinou para a frente.

— Não iremos impedi-la de ver sua família e amigos. Poderia visitá-los nos dias livres.

Ela abanou a cabeça.

— Eu sei, mas não quero ficar aqui.

Acenando com a cabeça, ele relaxou contra as costas da cadeira.

— Vamos lamentar perder alguém com esse potencial — disse ele. — Tem certeza de que quer abrir mão de seus poderes?

Lembrando-se das palavras de Fergun, o coração dela como que parou de bater por um instante

— *Abrir mãos de meus poderes?* — repetiu ela lentamente, olhando de

esguelha para Rothen. — Não foi assim que Rothen me explicou.

As sobrancelhas de Lorlen ergueram-se.

— O que foi que ele lhe contou?

— Que não seria capaz de usá-los porque não vou saber como.

— Acredita que conseguiria ensinar a si mesma?

Ela fez uma pausa.

— Conseguiria?

— Não.

O Administrador sorriu.

— O que Rothen lhe disse é verdade. Mas, por saber que o sucesso das aulas dependia da confiança entre vocês, ele deixou para mim a tarefa de explicar as leis a respeito da libertação de magos do Clã.

Ao perceber que ele estava prestes a confirmar se Fergun falara ou não a verdade, o bater do coração de Sonea acelerou.

— A lei estabelece que todo homem e mulher cujos poderes estejam ativos devem se associar ao Clã ou ter seus poderes bloqueados — disse ele. — O bloqueio não pode ser feito enquanto o Controle completo não estiver estabelecido, mas, uma vez instalado, impede efetivamente que um mago use magia de qualquer modo.

No silêncio que seguiu, os dois magos a observaram atentamente. Ela desviou o olhar, evitando os olhos deles.

Então Rothen *andara* escondendo algo dela.

No entanto, ela compreendia seus motivos. Saber que os magos iriam intrometer-se em sua mente não teria tornado fácil confiar nele.

De qualquer forma, Fergun estivera certo...

— Tem alguma pergunta, Sonea? — perguntou Lorlen.

Ela hesitou, lembrando-se de algo mais que Fergun dissera.

— Esse bloqueio não é... desconfortável?

Ele abanou a cabeça.

— Não vai sentir nada. Há uma sensação de resistência se tentar realizar magia, mas não é dolorosa. Uma vez que não está acostumada a usar magia, duvido que vá mesmo reparar no bloqueio.

Sonea acenou lentamente com a cabeça. O Administrador observou-a silenciosamente, depois sorriu.

— Não vou tentar convencê-la a ficar — disse ele. — Só desejo que saiba que existe um lugar para você aqui se quiser. Tem alguma outra pergunta?

Sonea balançou a cabeça.

— Não, obrigada, Administrador.

Ele se levantou, a túnica farfalhando.

— Devo retornar a meus afazeres agora. Voltarei a visitá-la, Sonea. Talvez possamos ter uma conversa mais demorada.

Ela assentiu com a cabeça e observou Rothen conduzir o Administrador para fora da sala. Quando a porta se fechou, Rothen se virou para observá-la.

— E então, o que achou de Lorlen?

Ela refletiu.

— Parece gente boa, mas é muito formal.

Rothen soltou uma gargalhada.

— Sim, ele consegue ser.

Ele se moveu para o quarto, depois voltou vestindo um manto. Surpreendida, Sonea observou-o caminhar na direção dela. Outro manto estava estendido sobre o braço dele.

— Levante-se — disse ele. — Quero ver se serve em você.

Erguendo-se, ficou parada enquanto ele lhe pousava o manto sobre os ombros. Quase tocava o chão.

— Um pouco comprido. Terei de encurtá-lo. Por ora, precisa tomar cuidado para não tropeçar.

— Isto é para mim?

— Sim. Para substituir o seu antigo. — Ele sorriu. — Vai precisar dele. Está bem frio lá fora.

Ela olhou bruscamente para ele.

— Lá fora?

— Sim — respondeu ele. — Pensei que podíamos dar um passeio. Gostaria?

Acenando com a cabeça, ela desviou o olhar, não querendo que ele visse seu rosto. A ideia de sair enchera-a com uma saudade intensa. Estava naqueles aposentos há menos de três semanas, mas sentia como se tivessem se passado meses.

— Vamos nos encontrar com Dannyl lá embaixo — disse ele, movendo-se para a porta.

— Agora?

Ele fez que sim com a cabeça e a chamou com um gesto de mão. Respirando fundo, ela se aproximou da porta.

Ao contrário da última vez, o corredor não estava vazio. Havia um par de magos a vários passos de distância ao lado direito, e uma mulher com um vestido comum caminhava do lado esquerdo, ladeada por duas crianças pequenas. Todos olharam fixamente para Sonea, com surpresa e curiosidade.

Rothen acenou com a cabeça para os observadores e começou a dirigir-se na direção das escadas. Seguindo-o, Sonea resistiu à tentação de dar uma olhada para trás. Nenhum mago flutuante apareceu no meio da escadaria enquanto desciam. Em vez disso, um mago alto e familiar esperava ao pé das escadas.

— Boa noite, Sonea — disse Dannyl, sorrindo.

— Boa noite — respondeu ela.

Virando-se, Dannyl gesticulou expansivamente na direção de um par de portas

enormes no fim do corredor do piso inferior. Elas deslizaram lentamente, deixando entrar uma rajada de ar frio.

Para além delas estava o pátio que ela lembrava ter visto quando explorara o Clã com Cery. Era noite naquela oportunidade. Agora um crepúsculo sombrio estava a despontar, tornando tudo irreconhecível e surreal.

Seguindo Rothen pelas portas, Sonea sentiu a mordida do ar frio. Apesar de tê-la botado a tremer, ela o acolheu positivamente.

O lado de fora...

Um calor perpassou-lhe a pele, e ela sentiu uma vibração no ar à sua volta. Surpreendida, olhou ao redor, mas não conseguiu ver nada que marcasse a mudança. Rothen a estava observando.

— Um truque — disse ele. — É um escudo mágico que retém calor. Você pode entrar e sair dele. Tente.

Ela deu alguns passos para trás, na direção das portas, e sentiu o frio no rosto. A respiração dela começou a formar vapor no ar. Estendendo o braço, sentiu a mão passar novamente para o calor. Rothen sorriu encorajadoramente e a chamou com um gesto. Encolhendo os ombros, voltou para o lado dele.

A traseira da Universidade assomava-se à sua esquerda. Olhando em volta, ela identificou a maioria dos edifícios que vira na planta de Dannyl. Seu olhar foi atraído para uma estrutura estranha do outro lado do pátio.

— O que é aquilo?

Rothen seguiu seu olhar.

— Este é o Domo. Séculos atrás, antes de construirmos a Arena, a maior parte do treinamento dos Guerreiros acontecia ali. Infelizmente, as únicas pessoas que conseguiam ver o que se passava eram os que estavam lá dentro, por isso os professores tinham de ser fortes para proteger a si mesmos de qualquer magia desviada que podia ser libertada pelos pupilos. Não o usamos mais.

Sonea fitou a estrutura.

— Parece uma bola gigante que afundou no chão.

— E afundou.

— Como se entra lá?

— Por uma passagem subterrânea. Há uma porta que parece um tampão gigante e redondo e que só pode ser aberta por dentro. As paredes têm três passos de espessura.

As portas para os Aposentos dos Aprendizes abriram-se. Três rapazes saíram apressados, embrulhados em mantos. Moveram-se à volta do pátio, tocando nos postes de luz que ficavam ao redor da orla do pavimento. Ao toque deles, as luzes começaram a brilhar.

Assim que todas as lâmpadas no pátio foram acesas, os três rapazes separaram-se e correram em direções diferentes. Um desceu pela frente dos Aposentos dos Aprendizes, o outro desapareceu nos jardins do outro lado da Universidade, enquanto o terceiro se lançou entre os Banhos e os Aposentos dos Magos, onde um longo caminho subia em curva floresta adentro.

Dannyl olhou para Rothen interrogativamente. Embora os dois magos provocassem um ao outro como velhos amigos, Sonea reparara que Dannyl sempre se submetia ao antigo guardião.

— Para onde?

Rothen acenou com a cabeça em direção à floresta.

— Por aqui.

Sonea ficou ao lado de Rothen quando o mago atravessou o pavimento e começou a trilhar o caminho. O aprendiz, tendo terminado de acender as lâmpadas, voltava às pressas para os Aposentos dos Aprendizes.

Quando ela passou pelos fundos dos Aposentos dos Magos, um movimento em uma das janelas atraiu sua atenção. Ao olhar para cima, Sonea viu um mago de cabelo claro observando-a e sentiu um choque ao reconhecê-lo. Ele rapidamente se retirou para a escuridão. Franzindo as sobrancelhas, ela desviou a atenção de novo para o caminho. Não fazia ideia de quando Fergun iria visitá-la

novamente, mas, quando o fizesse, ele iria querer saber se ela aceitaria sua oferta. Ela precisava tomar uma decisão logo.

Até falar com Lorlen, ela não tinha descoberto se todas as declarações de Fergun eram verdadeiras ou não. Estivera à espera de oportunidades para encaminhar as conversas com Rothen para juramentos e guardiões, ou para Fergun em si, mas poucas surgiram. Será que ela podia perguntar diretamente sem levantar suspeitas?

Embora Rothen tivesse dito o que um guardião fazia, não mencionara que pretendia ser o guardião dela. Sonea não ficaria surpresa se ele tivesse decidido que ela não precisava saber a não ser que decidisse ficar.

Mal tivesse aprendido o Controle, teria duas escolhas: regressar às favelas com os poderes bloqueados ou ajudar Fergun a conquistar sua guarda, de modo que ele pudesse regressar com os poderes intactos.

Ao chegarem à floresta, Sonea olhou para o labirinto de troncos. O plano de Fergun a deixava desconfortável. Envolvia muita fraude e risco. Ela teria de fingir que queria ficar, possivelmente mentir para assegurar que Fergun conquistaria a guarda, fazer um juramento que ela pretendia violar, depois violar esse juramento... e a lei do Rei... ao abandonar o Clã.

Será que ela se afeiçoara tanto a Rothen que a simples ideia de mentir para ele a incomodava? *Ele é um mago*, recordou-se. *A lealdade dele é para com o Clã e o Rei*. Embora acreditasse que ele não queria mantê-la trancada, por exemplo, ele o faria se recebesse ordens para tanto.

Ou será que era a ideia de violar um juramento que a preocupava? Harrin e seus amigos trapaceavam e roubavam o tempo todo, mas consideravam a violação de um juramento uma ofensa imperdoável. Para se manterem uns com os outros, faziam o que podiam para evitarem um juramento.

É claro, se um juramento fosse mesmo inevitável, ao menos se podiam evitar situações complicadas se fosse pronunciado sem convicção...

— Está muito calada esta noite — disse Rothen, repentinamente. — Sem perguntas?

Sonea ergueu o olhar para Rothen e o viu observando-a afetuosamente. Vendo-o sorrir, ela decidiu que era hora de arriscar algumas perguntas espontâneas.

— Estava pensando no juramento que os magos fazem.

Para seu alívio, as sobrancelhas dele não baixaram com suspeita, mas se levantaram com surpresa. — Na realidade, são dois. O Juramento dos Aprendizes e o Juramento dos Magos. Um é feito quando os aprendizes entram no Clã; o outro, na graduação.

— O que é que juram?

— Quatro coisas. — Rothen levantou os dedos da mão esquerda. — Os aprendizes juram nunca ferir deliberadamente outro homem ou mulher a não ser em defesa das Terras Aliadas. — Bateu no primeiro dedo, depois nos outros à medida que continuava. — Obedecer às leis do Clã, obedecer às leis do Rei e às ordens de qualquer mago a menos que essas ordens envolvam a violação de uma lei, e nunca usar magia a não ser instruído por um mago.

Sonea franziu as sobrancelhas.

— Por que é que os aprendizes não podem usar magia a não ser que os magos mandem?

Rothen soltou uma risada.

— Muitos aprendizes já se feriram enquanto faziam experiências sem orientação. No entanto, os magos ainda precisam tomar cuidado. Todos os professores sabem que, se disserem “vá praticar” a um aprendiz, sem especificar exatamente *o que* devem praticar, o aprendiz irá interpretar a ordem como “vá praticar qualquer coisa que quiser”. Posso me lembrar de usar esse argumento para justificar o fato de ter passado um dia pescando.

Dannyl pigarreou.

— Isso não é nada.

Quando o mago mais jovem começou a lhe contar suas próprias façanhas como aprendiz, Sonea refletiu sobre o Juramento dos Aprendizes. Não continha

nada que ela já não tivesse esperado. Ela não sabia quais eram todas as regras do Clã. Talvez fosse hora de perguntar a Rothen sobre elas. As duas últimas partes pareceram ter sido acrescentadas meramente para manter os aprendizes na linha.

Ao deixar o Clã com os poderes desbloqueados, ela estaria violando a segunda parte do juramento. Estranhamente, não sentira relutância em violar uma lei a não ser que isso significasse quebrar um juramento.

Quando Dannyl terminou sua anedota, Rothen continuou a explicação.

— As primeiras duas partes do Juramento dos Magos são a mesma coisa. Mas a terceira parte muda para uma promessa de servir o soberano da terra da pessoa em questão, e a quarta torna-se a promessa de nunca usar formas maléficas de magia.

Sonea acenou com a cabeça. Ao deixá-la escapar, Fergun estaria violando uma lei *e* o Juramento dos Magos.

— Qual é a punição se um mago quebra o Juramento?

Rothen encolheu os ombros.

— Isso depende de como foi quebrado, da terra em que o mago vive e do julgamento de seu soberano.

— O que é que acontece se for kyraliano?

— A pior penalidade é a morte, que é reservada para os assassinos. Caso contrário, a punição mais severa é o exílio.

— Vocês... bloqueiam os poderes do mago e o expulsam?

— Sim. Nenhuma das Terras Aliadas irá aceitá-lo. Foi parte do acordo.

Ela acenou com a cabeça. Não poderia perguntar o que Fergun enfrentaria se o Clã descobrisse que ele tratou de ajudá-la a sair com os poderes intactos. Uma pergunta assim certamente deixaria Rothen desconfiado.

Se ela concordasse com o plano de Fergun, teria de se esconder bem, ou encarar punição semelhante. O Clã não lhe ofereceria outra chance para juntar-se a eles. Ela não teria escolha a não ser confiar em um Ladrão para escondê-la

novamente... embora tivesse certeza de que Faren o faria entusiasticamente se os poderes dela não estivessem bloqueados nem descontrolados.

O que será que lhe pediriam para fazer em troca? Ela fez uma careta de desagrado ao considerar a hipótese de passar o resto da vida escondendo-se e cumprindo as ordens de um Ladrão. Tudo o que realmente queria era estar com sua família.

Ao erguer o olhar para a neve que cobria o chão de cada lado do caminho, sentiu uma pontada de preocupação quando pensou em sua tia e seu tio tremendo de frio num quartinho qualquer sabe-se lá onde. Devia estar sendo uma época difícil para eles. Deviam ter poucos clientes. Com o bebê de Jonna crescendo e a perna ruim de Ranel dolorida com o frio, como é que faziam as entregas? Ela devia voltar para ajudá-los, não para realizar magia para um Ladrão.

No entanto, se retornasse com magia, estava certa de que Faren iria se certificar de que os tios dela vivessem bem, e ela seria capaz de Curar...

Por outro lado, se ela colaborasse com Rothen, poderia estar de volta com seus tios em poucas semanas. Os planos de Fergun podiam levar meses...

Era tão difícil decidir.

Frustrada, ela desejou, como muitas vezes desejara antes, nunca ter descoberto seus poderes. Eles tinham arruinado sua vida. Tinham-na quase matado. Tinham-na obrigado a sentir-se grata aos odiosos magos por salvarem sua vida. Só queria ficar livre deles.

Rothen abrandou. Erguendo o olhar, Sonea percebeu que o caminho chegava ao fim em uma estrada larga e pavimentada à frente. Ao alcançarem-na, surgiram várias casas pequenas e elegantes.

— Estas são as residências — disse Rothen.

Os esqueletos enegrecidos de algumas casas jaziam entre alguns dos edifícios. Rothen não ofereceu explicação. Continuou em frente até o ponto onde a estrada terminava em um largo círculo para as carruagens darem a volta. Aproximando-se de um tronco de árvore caído ao lado da estrada, ele se sentou.

Quando Dannyl dobrou as pernas compridas e se juntou ao mago mais velho, Sonea olhou para a floresta à sua volta. Pelas árvores viu uma fila de formas negras na neve, regulares demais para serem naturais.

— O que é aquilo?

Rothen seguiu o olhar dela.

— É o velho cemitério. Vamos dar uma olhada?

Dannyl virou-se abruptamente para fitar o mago mais velho.

— Agora?

— Já chegamos até aqui — disse Rothen, levantando-se. — Não vai doer andar mais um pouco.

— Não poderia esperar até de manhã? — Dannyl lançou um olhar nervoso para as formas distantes.

Rothen levantou a mão, e uma minúscula partícula de luz surgiu subitamente logo acima da palma. Expandiu-se rapidamente até tornar-se um globo de luz, depois flutuou para cima, pairando sobre suas cabeças.

— Imagino que não. — Dannyl suspirou.

A neve estalou por baixo das botas quando começaram a caminhar na direção do cemitério. A sombra de Sonea estendeu-se para um lado, depois outra se juntou à dela quando uma segunda esfera de luz surgiu num clarão sobre a cabeça de Dannyl.

— Medo do escuro, Dannyl? — disse Rothen por cima do ombro.

O mago alto não respondeu. Com uma gargalhada, Rothen pisou sobre um tronco caído e entrou na clareira. Várias filas de pedras estendiam-se trevas adentro.

Aproximando-se, Rothen enviou sua luz em frente para pairar logo acima de uma das pedras. A neve derreteu rapidamente, revelando marcas na superfície. Quando a luz voltou a elevar-se mais, ele indicou a Sonea para se aproximar.

Um desenho decorativo tinha sido gravado em volta da borda da laje, e ela

pôde ver marcas ao centro que uma vez podiam ter sido palavras.

— Consegue ler? — perguntou Rothen.

Sonea passou a mão sobre as gravuras.

— Lorde Gamor — leu ela — e um ano... — Ela franziu as sobrancelhas. — Não, devo estar enganada.

— Creio que diz vinte e cinco de Urdon.

— Isto tem sete séculos?

— Pode ter certeza. Todas estas sepulturas têm pelos menos cinco séculos. São um baita mistério.

Sonea ergueu os olhos para as filas de pedras.

— Por que é um mistério?

— Nenhum mago foi enterrado aqui desde então, e nenhum está enterrado fora do Clã também.

— Onde *tão* enterrados?

Sonea virou-se para observá-lo. Ouviu-se um ruído tênue sussurrado entre as árvores mais próximas, e Dannyl virou-se abruptamente, os olhos arregalados. Ela sentiu os pelos da nuca começarem a eriçar-se.

— Por que não? — perguntou ela.

Rothen moveu-se para a frente e baixou o olhar para a sepultura.

— Há séculos, um mago descreveu sua magia como uma companhia constante. Pode ser um amigo prestativo, disse ele, ou um adversário mortal. — Olhou para trás na direção de Sonea, os olhos escondidos pela sombra das sobrancelhas.

— Pense em tudo o que aprendeu sobre magia e controle. Seus poderes desenvolveram-se naturalmente, mas, para a maioria de nós, precisamos ter nossas habilidades despertadas por outro mago. Assim que é feito, ficamos atados pelas exigências de nossos poderes pelo resto de nossas vidas. Temos de

aprender a controlá-los, e temos de manter esse controle. Se não o fizermos, nossa magia irá eventualmente nos destruir. — Ele fez uma pausa. — Para todos nós, no momento de nossa morte, o controle que temos sobre o poder termina, e a magia que resta dentro de nós é libertada. Somos, literalmente, consumidos por ela.

Sonea baixou o olhar para a sepultura. Apesar do escudo de calor de Rothen, ela sentiu frio até os ossos.

Ela tinha pensado que ficaria livre da magia mal tivesse aprendido o Controle, mas agora sabia que nunca estaria livre dela. Não importava o que fizesse, ela estaria sempre lá. Um dia, em uma casa qualquer nas favelas, simplesmente desapareceria num clarão...

— Se morremos de morte natural, raramente é um problema — acrescentou Rothen. — A força de nosso poder geralmente se desvanece nos últimos anos de vida. Se a morte não for natural... Existe um velho ditado: só um tolo, um mártir ou um gênio para matar um mago.

Olhando para Dannyl, ela subitamente compreendeu o desconforto que ele sentia. Não era a presença da morte que o perturbava, mas a lembrança do que ia lhe acontecer quando morresse. No entanto, escolhera esta vida, lembrou-se Sonea. E ela não.

Nem Fergun. Obrigado pelos pais a tornar-se mago, também enfrentava esse fim. Ela se perguntou quantos magos entraram no Clã contrariados. Surpreendida pela compaixão recém-descoberta, baixou o olhar para a lápide.

— Então por que estes túmulos aqui?

Rothen encolheu os ombros.

— Não fazemos ideia. Não deviam estar. Muitos de nossos historiadores acreditam que esses magos drenaram todo o poder assim que souberam que estavam morrendo, depois se certificaram de que morriam no ponto de exaustão ao apunhalar-se ou tomar veneno. Sabemos que eles escolhiam outros magos para serem assistentes em sua morte. Talvez a tarefa do assistente fosse garantir que morreriam no momento certo. Mesmo um pequeno poder remanescente

pode ser suficiente para destruir um corpo, por isso o controle do tempo teria sido importante, especialmente porque os magos daquela época eram extraordinariamente poderosos.

— Não sabemos se é verdade — acrescentou Dannyl. — As histórias dos poderes deles podem ter sido exageradas. Os heróis tendem a ganhar força improvável quando o conto é narrado vezes sem fim.

— Temos livros escritos durante a vida deles — lembrou Rothen. — Até mesmo diários dos próprios magos. Por que haveriam de exagerar as próprias habilidades?

— De fato, por quê? — replicou Dannyl, secamente.

Afastando-se, Rothen conduziu-os de volta sobre a neve que tinham calcado para chegar até ali.

— Creio que esses primeiros magos *fossem* mais poderosos — disse Rothen. — E temos ficado cada vez mais fracos desde então.

Dannyl abanou a cabeça, depois baixou o olhar para Sonea.

— O que acha?

Ela pestanejou para ele com surpresa.

— Não sei. Talvez tivessem um modo qualquer de se tornar mais fortes.

Dannyl sacudiu a cabeça.

— Não há modos de aumentar a força de um mago. Ele morre com aquilo que nasce.

Chegaram à estrada e seguiram em frente. A noite descera completamente, e as luzes brilhavam às janelas das casas ao longo da estrada. Ao passarem por uma ruína queimada, Sonea estremeceu. Será que fora destruída quando o morador faleceu?

Os magos permaneceram em silêncio enquanto continuavam descendo pela estrada. Chegando ao início do caminho, Rothen enviou sua luz flutuante à frente para iluminar o trajeto. Na pausa da conversa, o estrídulo de insetos na

floresta parecia ter aumentado.

Quando os Aposentos dos Magos surgiram na vista, Sonea pensou em todos os magos que viviam ali, cada qual a manter o poder sob controle mesmo enquanto dormia. Talvez os antigos projetistas da cidade tivessem tido outra razão para conceder aos magos um quarteirão inteiro da cidade para seu uso.

— É todo o exercício de que preciso para esta noite, acho eu — disse Rothen, subitamente. — E já é quase hora da refeição da noite. Junta-se a nós, Dannyl?

— É claro — respondeu o mago alto. — Eu adoraria.

CAPÍTULO 25

Uma mudança de planos

O sol pairava acima das torres distantes do Palácio como um enorme globo de luz mágico, emitindo riscas de luz alaranjada para os jardins.

Enquanto caminhavam ao longo do caminho, Sonea permaneceu calada. Taciturna. Rothen sabia que ela adivinhara a intenção por trás das excursões a que ele a levara, e estava mentalmente se mantendo inflexível até que nenhuma visão pudesse seduzi-la a ficar no Clã.

Ele sorriu. Embora ela pudesse estar determinada a rejeitar tudo o que vira, Rothen pretendia mostrar-lhe tanto quanto poderia do Clã. Ela precisava ver o que estava recusando.

Surpreendido pela persistente determinação de Sonea em ir embora, Rothen se viu ponderando sobre a própria vida. Como todos os filhos das Casas, ele fora testado para a capacidade mágica por volta dos 10 anos. Lembrava-se de como os pais haviam ficado empolgados quando se descobriu seu potencial. Disseram-lhe que tinha muita sorte e era especial. Desde esse dia, ele ansiara por juntar-se ao Clã.

Tornar-se maga nunca fora uma possibilidade para Sonea. Ela fora ensinada a enxergá-los como inimigos que deviam ser culpados e odiados. Em face dessa criação, era fácil entender por que ela considerava aderir ao Clã uma traição às pessoas com quem crescera.

Mas não precisava ser assim. Se pudesse convencê-la de que podia eventualmente usar os poderes para ajudar sua gente, ela podia decidir ficar.

Chegando ao fim da Universidade, Rothen virou à direita. Ao passarem pelos jardins do outro lado do edifício, soou o gongo, marcando o fim das aulas. Sabendo que a isso normalmente seguia uma correria de aprendizes da Universidade para os aposentos, Rothen escolheu uma rota mais longa, porém

mais tranquila, até os Aposentos dos Curadores.

Estava ansioso por essa excursão. A Cura era a mais nobre das habilidades dos magos, e a única magia que Sonea parecia valorizar. Sabendo que as artes de Guerreiro dificilmente a impressionariam, levara-a primeiro para assistir a elas. No entanto, ela ficara mais inquieta com a demonstração do que ele esperava. Apesar da explicação do professores sobre as regras e proteções usadas, ela se retraíra, afastando-se dos combatentes tão logo começaram a simulação de batalha.

Embora o experimento de impressão mental de Dannyl tivesse demonstrado um dos usos da Alquimia, era, na realidade, apenas um passatempo. Se queria impressioná-la, precisava mostrar algo que fosse mais útil para a cidade. Não tinha decidido ainda o que seria.

Ao se aproximarem dos circulares Aposentos dos Curadores, Rothen olhou de novo para Sonea. Embora a expressão dela estivesse contida, seus olhos brilhavam de interesse. Ele parou diante da entrada.

— Estes foram os segundos Aposentos dos Curadores a serem construídos — disse Rothen. — Os primeiros eram bastante luxuosos. Infelizmente, nossos antecessores vivenciaram problemas com alguns pacientes abastados que presumiram poder adquirir residência permanente. Quando a Universidade e os outros edifícios do Clã foram construídos, os antigos Aposentos dos Curadores foram demolidos e este tomou seu lugar.

Embora o exterior fosse atraente, o edifício dos Curadores não era tão atrativo quanto a Universidade. Movendo-se pelas portas abertas, Rothen levou Sonea para dentro de um pequeno *hall* de entrada sem decoração. Um cheiro fresco e medicinal permeava o ar.

Dois Curadores, um homem de meia-idade e uma mulher mais nova, ergueram os olhos quando Rothen e Sonea entraram. O homem observou Sonea de maneira duvidosa e se afastou, mas a jovem sorriu e avançou para cumprimentá-los.

— Saudações, Lorde Rothen — disse ela.

— Saudações, *Lady* Indria — replicou ele. — Esta é Sonea.

Sonea acenou com a cabeça.

— Prazer em conhecê-la.

Indria inclinou a cabeça.

— É um prazer conhecê-la também, Sonea.

— Indria vai nos levar por um *tour* pelos Aposentos dos Curadores — explicou Rothen.

A Curadora sorriu para Sonea.

— Espero que ache o nosso *tour* interessante. — Olhou para Rothen. — Vamos começar?

Rothen fez que sim com a cabeça.

— Por aqui, então.

Levando-os até duas portas, Indria ordenou que se abrissem e conduziu Rothen e Sonea para um corredor largo e encurvado. Passaram por várias portas, e Sonea aproveitou a oportunidade para dar uma espiada no interior dos quartos.

— O piso inferior do edifício é dedicado a tratar e internar pacientes — explicou Indria. — Não esperamos que pessoas doentes subam e desçam escadas, não é? — Sorriu para Sonea, que conseguiu responder com um distraído encolher de ombros.

— O andar superior tem salas de aulas e quartos para os Curadores que vivem aqui. A maioria de nós vive neste edifício em vez de morar nos Aposentos dos Magos. Isso nos permite reagir rapidamente às emergências. — Ela gesticulou para sua esquerda. — Os quartos dos pacientes são esses que possuem vistas agradáveis dos jardins ou da floresta. — Acenou para sua direita. — Os quartos interiores são nossas Salas de Tratamento. Venham, vou lhes mostrar uma.

Seguindo a Curadora por uma das portas abertas, Rothen observou Sonea examinar o quarto. Era pequeno, contendo apenas uma cama, um armário e várias cadeiras de madeira.

— Realizamos aqui tratamentos simples e curas menores — disse Indria a Sonea. Ela abriu o armário para revelar várias filas de caixas e garrafas. — Qualquer medicamento que podemos preparar rapidamente ou misturar de antemão está mantido ao alcance. Temos outros quartos lá em cima onde as preparações mais complicadas são feitas.

Saindo novamente do quarto, Indria levou-os até a entrada de uma passagem perto da Sala de Tratamento. Apontou para uma porta ao final dela.

— No centro do edifício ficam as Salas de Cura. Só vou checar se esta está vazia.

Descendo apressadamente pela passagem, ela espreitou por um painel de vidro na porta. Virando-se para olhar para eles, acenou com a cabeça.

— Está livre. Entrem.

Descendo pela passagem, Rothen sorriu quando Indria segurou a porta aberta para ele. A sala em que entraram era maior que a primeira. Havia uma cama estreita no centro, e as paredes estavam ocupadas com filas de armários.

— Aqui é onde realizamos curas mais complexas e cirurgias — disse Indria. — Ninguém tem permissão para entrar aqui durante o tratamento fora os Curadores... e o paciente, claro.

Os olhos de Sonea perscrutaram o quarto. Ela se moveu na direção de uma lacuna na parede mais distante. Indria seguiu-a.

— As salas de preparação de medicamentos estão logo acima de nós — explicou a Curadora, apontando para o recanto ao alto. Sonea inclinou-se para a frente e espreitou para o quarto acima. — Temos Curadores que se especializam na produção de medicamentos. Eles fazem descer por essas rampas misturas recém-produzidas quando precisamos delas.

Curiosidade satisfeita, Sonea voltou para o lado de Rothen. Indria moveu-se para um armário. Abriu-o e retirou uma das garrafas.

— Temos o maior estoque de conhecimento sobre medicina no mundo aqui no Clã — disse ela, com orgulho evidente. — Não apenas curamos pessoas com

nosso poder de Cura. Se o fizéssemos, não seríamos capazes de corresponder à demanda por nossos serviços. — Ela encolheu os ombros. — Não que ainda consigamos. É que simplesmente não há Curadores suficientes.

Abrindo uma gaveta, ela retirou um pequeno pedaço de tecido branco. Virando-se para Sonea, fez uma pausa, depois ergueu o olhar para Rothen interrogativamente. Percebendo o que ela ia fazer, ele balançou a cabeça. Indria mordeu o lábio, olhou para Sonea, depois para os objetos que tinha nas mãos.

— Ah, talvez pulemos esta parte do *tour*.

Sonea olhou para a garrafa, os olhos incendiados de curiosidade.

— Que parte?

Indria virou a garrafa de modo que Sonea pudesse ver o rótulo.

— É um creme anestésico — explicou ela. — Normalmente espalho um pouco sobre as palmas da mão do visitante para demonstrar a potência de nosso medicamento.

Sonea franziu as sobrancelhas.

— Anestésico?

— Faz sua pele ficar dormente de um jeito que não consegue sentir nada. O efeito desaparece depois de uma hora.

As sobrancelhas de Sonea ergueram-se, depois ela encolheu os ombros e lhe estendeu a mão.

— Vou experimentar.

Prendendo a respiração, Rothen fitou Sonea com surpresa. Isso era extraordinário. Para onde fora a desconfiança dela em relação aos magos? Satisfeito, observou Indria desatarrachando a tampa e vertendo um pouco da pasta no quadrado de tecido.

Indria franziu as sobrancelhas para Sonea com ansiedade.

— Você não vai sentir nada imediatamente. Após um minuto, sentirá como se a pele ficasse muito espessa. Ainda quer experimentar?

Sonea fez que sim com a cabeça. Sorrindo, Indria esfregou delicadamente a pasta na palma da mão de Sonea.

— Agora tenha cuidado para não tocar nos olhos. Não vai deixá-la cega, mas, acredite em mim, ter pálpebras dormentes é uma sensação *muito* peculiar.

Sonea sorriu e examinou a mão. Voltando a garrafa à estante, Indria deixou cair o tecido em um cesto dentro de um dos armários, depois esfregou as mãos uma na outra.

— Agora vamos lá para cima dar uma olhada nas salas de aula.

Ela os levou para fora da sala e de volta ao corredor principal. Passaram por vários Curadores e alguns aprendizes enquanto caminhavam pelo edifício. Alguns observavam Sonea com curiosidade. Outros, para desalento de Rothen, franziam as sobrancelhas em desaprovação.

— Indria!

A Curadora virou-se, a túnica verde a flamejar com o movimento brusco.

— Darlen?

— Aqui.

A voz veio de uma das salas de Tratamento próximas. Indria caminhou até a entrada.

— Sim?

— Pode me dar uma mão?

India virou-se e rasgou um sorriso para Rothen.

— Vou perguntar se o paciente se importa de ter plateia — disse ela, calmamente.

Ela entrou na sala, e Rothen ouviu várias vozes a conversar calmamente. Sonea olhou de soslaio para Rothen, a expressão ilegível, depois desviou o olhar.

Indria apareceu à entrada e os chamou com um gesto.

— Entrem.

Rothen acenou com a cabeça.

— Dê-me um momento.

Quando a Curadora recuou, Rothen olhou para Sonea com atenção.

— Não sei o que vamos ver lá dentro, mas não penso que Indria nos convidaria a entrar se fosse algo apavorante. No entanto, se a incomoda a visão de sangue, provavelmente não devíamos entrar.

Sonea parecia deleitada.

— Vou ficar bem.

Encolhendo os ombros, Rothen gesticulou na direção da porta. Ao entrar, ela viu que a sala tinha a mesma disposição daquela em que entraram antes. Deitado na cama estava um garoto de cerca de 8 anos. Tinha o rosto pálido e os olhos estavam vermelhos de tanto chorar. A voz que chamara pela ajuda pertencia a um jovem de túnica verde, Lorde Darlen, que delicadamente desenrolava uma bandagem ensanguentada da mão do garoto. Havia um jovem casal sentado em cadeiras de madeira, observando nervosamente.

— Fiquem aqui, por favor — instruiu Indria, a voz subitamente séria. Rothen afastou-se para um canto, e Sonea seguiu-o. Darlen olhou de lado para eles, antes de voltar a atenção outra vez para o garoto.

— Ainda dói?

O garoto abanou a cabeça.

Rothen olhou para o casal. Apesar de sinais de que tinham se vestido às pressas, suas roupas eram opulentas. O homem usava um elegante casaco longo com botões de gemas, e a mulher trajava um simples manto preto com um capuz orlado com pelo animal.

Ao lado dele, Sonea emitiu um pequeno som. Rothen olhou de novo para a cama e viu que a última bandagem havia sido removida da mão do garoto. Dois cortes profundos atravessavam-lhe a palma, e o sangue pingava dos ferimentos.

Darlen puxou para cima a manga do garoto e agarrou com força o braço dele.

A hemorragia parou. Ele ergueu o olhar para os pais.

— Como aconteceu?

O homem corou, e os olhos deslizaram para o chão.

— Ele estava brincando com minha espada. Eu o proibi, mas ele... — O homem abanou a cabeça, a expressão amarga.

— Hum — Darlen virou a mão um pouco para cima. — Deve sarar bem, mas ele ficará com cicatrizes para o resto da vida.

A mulher emitiu um pequeno ruído de quem engasga, depois rebentou em lágrimas. Seu marido colocou-lhe um braço em volta dos ombros e olhou com expectativa para o Curador.

Darlen virou-se para Indria. Ela acenou com a cabeça e foi até a estante. De uma gaveta fez aparecer mais pedaços de material branco, uma bacia e uma grande garrafa de água. Movendo-se para a cama, lavou delicadamente a mão. Uma vez limpa, o Curador colocou cuidadosamente sua palma sobre a do garoto e fechou os olhos.

Seguiu-se um silêncio. Embora a mãe aspirasse ocasionalmente pelo nariz, todos os sons pareciam estar emudecidos. O garoto começou a inquietar-se, mas Indria inclinou-se para a frente e lhe pousou uma mão no ombro.

— Não se mexa. Não perturbe a concentração dele.

— Mas está coçando — protestou ele.

— Não vai demorar.

Captando um movimento ao lado dele, Rothen baixou o olhar e viu que Sonea estava esfregando a palma da mão. Darlen inspirou profundamente e abriu os olhos. Baixou o olhar para a mão e passou os dedos na palma. Em vez de feridas profundas, finas linhas vermelhas agora atravessavam a palma da mão do garoto. Darlen sorriu para ele.

— Agora sua mão está curada. Quero que a enfaixe todos os dias. Não a use durante pelo menos duas semanas. Não quer estragar todo o trabalho que acabei

de fazer, não é?

O garoto abanou a cabeça. Levantou a mão e traçou as cicatrizes com um dedo. Darlen deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— Após duas semanas, exercite-a delicadamente. — Ergueu o olhar para os pais. — Ele não deve ficar com nenhum dano permanente. Com o tempo, será capaz de fazer tudo o que conseguia antes, incluindo empunhar a espada do pai. — Inclinou-se para baixo e bateu delicadamente no peito do garoto. — Mas só quando for grande.

O garoto abriu um sorriso largo. Darlen ajudou-o a sair da cama, sorrindo quando o garoto correu para os pais e foi envolvido em seus braços.

O pai ergueu o olhar para Darlen, os olhos reluzentes, e abriu a boca para falar. O Curador ergueu uma mão para impedi-lo, depois se virou para olhar para Indria.

Ela gesticulou para Rothen e Sonea a seguirem. Rapidamente saíram do quarto. Quando começaram a descer pelo corredor, Rothen pôde ouvir o pai expressando sua gratidão.

— Parece fácil, não? — Indria fez uma careta de desagrado. — Na prática é muito complicado.

— A Cura é a mais difícil de todas as disciplinas — explicou Rothen. — Requer um controle mais apurado e muitos anos de prática.

— É por isso que não tem tanto apelo entre os jovens. — Indria aspirou pelo nariz. — São preguiçosos demais.

— Tenho muitos aprendizes que estão longe de ser preguiçosos — disse Rothen, de maneira engenhosa.

Indria rasgou um sorriso.

— Mas você é um professor tão maravilhoso, Rothen. Como é que não poderia ter os pupilos mais dedicados da Universidade?

Rothen riu.

— Devia vir com mais frequência aos Curadores. É muito gratificante.

— Hum — disse ela. — Geralmente não o vemos exceto quando vem queixar-se de indigestão ou das queimaduras que arranja com seus experimentos bobos.

— Não diga isso — Rothen colocou um dedo sobre os lábios. — A seguir vou levar Sonea a uma excursão pelas salas de Alquimia.

Indria lançou a Sonea um olhar solidário.

— Boa sorte. Tente não cair no sono.

Rothen endireitou-se e apontou para as escadas.

— Continue com o *tour*, sua insolente — ordenou ele. — Só um ano desde que se graduou e já acha que pode folgar com os mais velhos.

— Sim, meu lorde. — Com um sorriso largo, ela fez uma reverência zombeteira, depois começou a descer o corredor.

Deslizando para o lado uma das cortinas da janela de Rothen, Sonea olhou pelo vidro para a neve torvelinhante. Esfregou distraidamente a palma da mão. Embora a sensibilidade tivesse retornado horas atrás, a memória da dormência ainda era forte.

Esperara que Rothen fosse lhe mostrar os Curadores em ação no trabalho, e que ela teria de resistir ao desejo de ser capaz de fazê-lo ela própria. Apesar da determinação em permanecer indiferente, ver uma criança curada diante de seus olhos despertara sentimentos indesejados. Embora soubesse que tinha a capacidade de fazer tais coisas, apenas naquele momento compreendera do que era capaz.

E fora essa a intenção de Rothen, é claro. Suspirando, ela bateu na borda da cortina da janela. Como esperara, ele estava tentando convencê-la a ficar ao mostrar-lhe todas as coisas maravilhosas que ela poderia fazer com a magia.

Mas certamente ele não esperava que ela ficaria impressionada com a demonstração dos Guerreiros no dia anterior. Observar aprendizes jogando

magia uns nos outros não iria tentá-la a ficar. Talvez ele tivesse pretendido mostrar-lhe que as lutas eram inofensivas. Guiadas por regras estritas, pareciam mais jogos que batalhas reais.

Quando ela considerou isso, não foi difícil ver por que tinham reagido como reagiram quando ela os atacara na Praça Setentrional. Estavam demasiado acostumados a “escudos interiores” e “golpes” controlados. Devia ter sido uma espécie de choque ver o que a magia fazia a uma pessoa indefesa.

Ela suspirou novamente. Uma excursão pelas salas de Alquimia viria provavelmente a seguir. Contra a sua vontade, Sonea sentiu uma pontada de curiosidade. De todas as disciplinas, a Alquimia era a que ela menos entendia.

Franziu as sobrancelhas ao ouvir uma batida na porta principal. Tania já lhes tinha desejado boa-noite horas atrás, e Rothen não saía há muito tempo. Seu coração como que parou de bater por um instante quando um nome lhe passou pela mente.

Fergun.

Ele iria querer uma resposta, e ela ainda não tinha decidido. Ela relutantemente atravessou a sala, na esperança de que o visitante fosse outra pessoa.

— Quem é?

— Fergun. Deixe-me entrar, Sonea.

Respirando fundo, ela segurou a maçaneta. Imediatamente a porta deslizou para dentro. O mago de túnica vermelha enfiou-se graciosamente na sala e fechou a porta atrás de si.

— Como consegue abri-la? — perguntou ela, franzindo o sobrolho na direção da maçaneta. — Pensei que estivesse trancada.

Fergun sorriu.

— Estava, mas abre quando a maçaneta da porta é girada por alguém do lado de dentro ao mesmo tempo que alguém lá fora.

— E tem que ser assim?

Fergun fez que sim com a cabeça.

— É uma precaução. Rothen podia não estar por perto para abrir a porta em uma emergência. Alguém poderia abri-la se, por exemplo, você iniciasse um incêndio.

Ela fez uma careta de desagrado.

— Felizmente *isso* nunca mais será um problema. — Ela gesticulou para as cadeiras. — Sente-se, Fergun.

Ele deslizou para as cadeiras e se sentou. Quando ela se sentou à sua frente, ele se inclinou com ansiedade.

— Então, as aulas de Controle estão correndo bem?

— Sim... eu acho.

— Hum, conte-me o que fez hoje.

Ela sorriu lamentosamente.

— Tive que levantar uma caixa do chão. Não foi fácil.

Fergun inspirou repentinamente, os olhos arregalados, e Sonea sentiu em resposta o coração saltar uma batida.

— O que ele está lhe ensinando não é um exercício de Controle. Ele está lhe mostrando como usar sua magia. Se está fazendo isso, é porque já deve ter o Controle.

Sonea sentiu um frêmito de excitação e esperança.

— Ele disse que estava testando meu Controle.

Fergun abanou a cabeça seriamente.

— Toda magia é um teste de Controle. Ele não estaria lhe ensinando a levantar objetos a não ser que seu Controle estivesse suficientemente estabelecido. Você já está pronta, Sonea.

Recostando-se na cadeira, ela sentiu um sorriso puxando os cantos de sua

boca. *Até que enfim!*, pensou. *Posso ir pra casa!*

Uma inesperada pontada de remorso seguiu ao pensamento. Assim que fosse embora, podia nunca mais voltar a ver Rothen...

— Então, está convencida de que aquilo que lhe contei é verdade... que Rothen escondeu informações de você?

Ela olhou para Fergun e assentiu com a cabeça.

— A maior parte. O Administrador Lorlen explicou-me o bloqueio dos poderes.

Fergun pareceu surpreso.

— O próprio Lorlen. Ótimo.

— Ele me disse que não seria desagradável, e que depois eu nem iria reparar nisso.

— Se funcionar devidamente. O Clã não precisa fazer isso há muitos e muitos anos. — Fez uma careta de desagrado. — Da última vez, bagunçou um pouquinho as coisas... mas não precisa se preocupar com isso. Aceite a minha ajuda e não vai ter de correr o risco. — Ele sorriu. — Vamos trabalhar juntos?

Ela hesitou. Dúvidas percorreram sua mente.

Ao ver a expressão dela, Fergun perguntou:

— Decidiu ficar, então?

— Não.

— Ainda está indecisa?

— Não tenho certeza sobre seu plano — admitiu ela. — Sobre partes dele, pelo menos.

— Quais partes?

Ela inspirou profundamente.

— Se me tornar uma aprendiz, terei de fazer um juramento que sei que vou quebrar.

Ele franziu as sobrancelhas.

— E?

— Não estou... contente em fazer isso.

Os olhos dele semicerraram-se ligeiramente.

— Está preocupada por quebrar um juramento? — Abanou a cabeça. — Estou disposto a violar a lei do Rei por você, Sonea. Embora esteja certo de que possamos fazer com que pareça que escapou sozinha, existe uma chance de descobrirem que participei disso. Estou disposto a correr esse risco por sua causa. — Inclinou-se para a frente. — Tem que decidir se o Rei tem o direito de tomar o poder de você. Se não tem, então que valor há no juramento?

Sonea acenou lentamente com a cabeça. Ele estava certo. Faren concordaria, e Cery também. As Casas mantiveram a magia para si por tempo demais... e depois havia o fato de que ainda a usavam contra os pobres durante a Purificação. Os favelados não lhe virariam a cara por quebrar o Juramento dos Aprendizes. Era a opinião deles que importava, não a do Rei ou a dos magos.

Se ela regressasse às favelas com os poderes desalgemados e ensinasse magia a si mesma, também poderia ensinar outros. Poderia fundar seu próprio Clã secreto.

Isso significaria que teria de recorrer a Faren para escondê-la novamente do Clã. Significaria que não poderia retornar à sua família. Significaria que ela poderia eventualmente usar os poderes para ajudar e curar pessoas — o que podia fazer com que os riscos valessem a pena.

Ela olhou para o mago sentado à sua frente. Será que Fergun estaria tão disposto a deixá-la ir se soubesse o que ela estava pensando? Ela franziu as sobrancelhas. Se se tornasse sua aprendiz, ele podia precisar entrar em sua mente para lhe ensinar. Ele podia descobrir seus planos e, não gostando das consequências ao ajudá-la, mudar de ideia.

Muito da proposta a obrigava a confiar nele. Ela não o conhecia, não tinha visto dentro da mente dele.

Se apenas pudesse ir embora — escapar — sem a sua ajuda.

Ela sentiu um súbito arrepio. Talvez pudesse. Já tinha alcançado o Controle. Rothen não sabia que ela sabia. Ele teria de admitir isso mais cedo ou mais tarde, e, quando o fizesse, ficaria alerta para qualquer tentativa de fuga. Mas não agora. Agora era a hora perfeita para tentar.

E se não aproveitasse a oportunidade, ou falhasse?

Em tal caso, teria de aceitar a oferta de Fergun. Por ora, porém, tinha de adiar a decisão.

Olhando para Fergun, ela suspirou e abanou a cabeça.

— Não sei. Mesmo que seu plano funcione, ainda terei o Clã à minha caça.

— Não conseguirão encontrá-la — assegurou ele. — Vou lhe ensinar a ocultar os poderes. Não encontrarão pistas de sua localização, e com o tempo vão acabar desistindo. Você não é a única que se cansou da busca da última vez, Sonea. Não vão procurar para sempre.

— Tem algumas coisas que *cê* não sabe — disse ela. — Se eu voltar para as favelas com magia, os Ladrões vão querer que eu trabalhe para eles. Não quero ser ferramenta deles.

Ele sorriu.

— Você terá magia, Sonea. Não poderão obrigá-la a fazer nada que não queira.

Ela desviou o olhar e abanou a cabeça.

— Tenho família, Fergun. Os Ladrões podem não ser capazes de me ferir, mas podem ferir outros. Eu... — Esfregou o rosto, depois olhou para ele como a se desculpar. — Preciso de mais tempo pra pensar.

O sorriso dele desapareceu.

— Quanto tempo?

Ela encolheu os ombros.

— Algumas semanas, talvez?

— Não tenho esse tempo todo — disse ele, a expressão se obscurecendo. — *Você* não tem esse tempo todo.

Sonea franziu as sobrancelhas.

— Por que não?

Levantando-se abruptamente, retirou algo de dentro da túnica e soltou-o sobre a mesa à sua frente.

Ela susteve a respiração ao reconhecer a adaga. Por muitas vezes observara a lâmina sendo cuidadosa e carinhosamente afiada. Podia lembrar-se do dia, muitos anos antes, em que a imagem tosca de um roedor familiar fora gravada na lâmina.

— Vejo que a reconhece.

Fergun encontrava-se agora acima dela, os olhos radiantes.

— Tenho o dono desta faca trancado em um cubículo escuro que ninguém aqui conhece. — Seus lábios esticaram-se em um sorriso asqueroso. — Ainda bem que não conhecem, já que poderiam ficar um pouco preocupados se vissem o tamanho que alguns desses roedores podem atingir. — Agachando-se, colocou as mãos sobre os braços da cadeira dela. Sonea retraiu-se, horrorizada com seu olhar malicioso.

— Faça o que lhe digo e liberto seu amigo. Cause-me qualquer problema e o deixo lá para sempre. — Os olhos dele estreitaram-se. — Estou me fazendo entender?

Atordoada, incapaz de falar, Sonea só conseguiu acenar com a cabeça.

— Escute com atenção — disse ele. — Vou lhe dizer o que precisa fazer. Primeiro vai dizer a Rothen que decidiu ficar. Quando o fizer, ele vai anunciar que você alcançou o Controle, de modo que possa ser admitida no Clã antes de mudar de ideia outra vez. Haverá uma Reunião dentro de uma semana, e uma Audiência para decidir quem será seu guardião será realizada a seguir.

— Nessa Audiência você dirá a todos que, durante a Purificação, eu a vi antes de Rothen. Dirá a eles que olhei para você depois que a pedra atravessou a barreira antes de me atingir.

— Quando lhe disser isso, os Magos Superiores não terão escolha senão conceder-me a guarda. Você entrará no Clã, mas lhe asseguro que não por muito tempo. Assim que tiver executado uma pequena tarefa para mim, será mandada de volta para o lugar a que pertence. Você vai conseguir o que quer, e eu também. Não tem nada a perder ao me ajudar, mas... — ele apanhou a adaga e passou um dedo ao longo da lâmina — perderá seu amiguinho se não me ajudar.

Manteve o olhar fixo nela enquanto enfiava a adaga de volta na túnica.

— Não permita que Rothen descubra isso. Ninguém sabe onde o pequeno Ceryni está a não ser eu, e, se eu não puder lhe levar comida, ele vai ficar com muita, muita fome.

Levantando-se, ele deslizou para a porta e a abriu um pouco. Olhando para trás na direção dela, lançou um olhar escarnecedor. O coração de Sonea agitou-se ao lembrar subitamente de onde o tinha visto antes. Ele era o mago que ela derrubara durante a Purificação.

— Espero ouvir Rothen proclamar seu sucesso amanhã. Venho visitá-la amanhã. — Saiu suavemente pela porta e a puxou para fechá-la atrás de si.

Sonea ouviu os passos tênues afastarem-se depressa, depois pressionou as mãos sobre os olhos. *Magos*. Sibilou uma imprecação. *Nunca, nunca mais hei de confiar neles*.

Daí pensou em Rothen, e a raiva desvaneceu-se. Ainda que ele a tivesse levado a acreditar que ainda não tinha atingido o Controle, tinha certeza de que as intenções de Rothen eram boas. Provavelmente estivera adiando as coisas para dar-lhe tempo para decidir se queria mesmo ir embora. Se fosse verdade, ele não fizera nada que ela mesma não teria feito se estivesse no lugar dele... e ela estava segura de que ele a ajudaria se lhe pedisse.

Mas não poderia pedir a ele. Uma sensação de impotência esmagadora abateu-se sobre ela. Se não fizesse o que Fergun lhe dissera, Cery morreria.

Encolhendo-se na cadeira, envolveu-se no próprio abraço. *Oh, Cery*, pensou ela. *Onde cê* tá? *Não te disse para se certificar de que não te apanhariam?*

Ela suspirou. Por que será que Fergun fez isso? Ela pensou na primeira vez que vira seu olhar escarnecedor, e estremeceu.

Vingança. Uma vingança simples e mesquinha pela humilhação de ter ficado inconsciente pelas mãos de uma favelada rebelde. Deve tê-lo enfurecido tanto que, em vez de punição, ela esteja sendo convidada a entrar no Clã. Mas por que dar-se ao trabalho quando ela nem queria ficar?

Ela refletiu sobre as palavras dele. “Assim que tiver executado uma pequena tarefa para mim, será mandada de volta para o lugar a que pertence.” Depois de associar-se ao Clã, seria mandada de volta... Ele *ia* certificar-se de que ela fosse punida por atacá-lo.

Ele ia certificar-se de que ela nunca mais poderia mudar de ideia e retornar ao Clã.

CAPÍTULO 26

A fraude começa

No ar entre as duas palmas das mãos — uma grande e envelhecida, a outra delgada e calejada —, duas faíscas de luz colorida dançavam como insetos minúsculos. As luzes projetavam-se à volta de cada uma, mergulhavam e circulavam em um jogo complexo. A luz azul subitamente dardejou na direção da luz amarela. Esta se transformou em um anel de luz e, quando a faísca azul atravessou-lhe à velocidade de um raio, Rothen riu.

— Basta! — exclamou ele.

As sombras à volta deles cessaram a dança quando as duas manchas de luz se extinguiram num piscar de olhos. Olhando ao redor do quarto escurecido, Rothen ficou surpreso ao ver que já era tão tarde. Imprimindo sua vontade, ele criou um globo de luz e ordenou que as cortinas deslizassem sobre as janelas.

— Está aprendendo depressa — disse ele. — O Controle que tem sobre seu poder está crescendo.

— Adquiri o Controle há dias — respondeu ela. — *Cê* não me disse.

Surpreendido, Rothen virou-se para observá-la. Os olhos de Sonea cruzaram firmemente com os dele. Não houvera indícios de dúvida na voz dela. De algum modo ela descobrira por si mesma.

Encostando-se na cadeira, ele considerou a situação. Se negasse, só lhe faria crescer o ressentimento quando viesse a saber da verdade. Seria melhor explicar as razões que ele teve para adiar essa informação.

Isso significava que seu tempo já se esgotara. Ele não tinha motivo para mantê-la lá por mais tempo. Em um dia ou dois, ela iria embora. Podia pedir a Lorlen para adiar o bloqueio, mas ele sabia, ao considerá-la agora, que não seria capaz de fazê-la mudar de ideia em tão poucos dias.

Ele assentiu com a cabeça.

— Há algumas sessões pensei que tivesse chegado a um ponto em que normalmente consideraria o Controle de um aprendiz adequado. Senti que, para você, era particularmente importante testar o Controle sobre seu poder, já que não estaremos por perto para ajudá-la se algo der errado.

Em vez de alívio, ele viu apenas apreensão no olhar dela.

— Não que eu ache que alguma coisa vá dar errado — assegurou. — Seu Controle é...

— Vou ficar — disse ela.

Ele olhou fixamente para ela, por um instante surpreso demais para falar.

— Vai ficar? — exclamou ele. — Mudou de ideia?

Ela fez que sim com a cabeça.

Ele se levantou num salto.

— Isso é *maravilhoso*!

Sonea fitou-o com os olhos arregalados. Ele queria botá-la de pé e dar-lhe um abraço, mas sabia que isso iria apenas assustá-la. Em vez disso, caminhou até o armário no fundo do quarto.

— Temos que comemorar! — disse ele. Tirando uma garrafa de vinho *pachi* e uns copos, trouxe-os para as cadeiras. Imóvel e calada, observou-o a puxar a rolha da garrafa e verter um pouco da bebida amarela dentro dos copos.

A mão de Sonea tremeu ao aceitar o copo. Rothen sossegou o ânimo, percebendo que ela devia estar se sentindo esmagada — e também um pouco assustada.

— O que a fez mudar de ideia? — perguntou ele ao sentar-se.

Ela mordeu o lábio delicadamente, depois desviou o olhar.

— Quero salvar a vida de alguém.

— Ah! — Ele sorriu. — Então foram os Curadores que mais a impressionaram.

— Sim — admitiu ela. Dando um gole, seu rosto iluminou-se de deleite. — Vinho *pachi*!

— Já tinha provado?

Ela sorriu.

— Um Ladrão me deu uma garrafa uma vez.

— Você nunca me contou muito sobre os Ladrões. Não queria perguntar para que não pensasse que eu estava tentando tirar informação de você.

— Nunca descobri muito sobre eles — respondeu ela, encolhendo os ombros. — Passava a maior parte do tempo sozinha.

— Presumo que quisessem que realizasse magia em troca da ajuda deles, não?

Ela fez sim com a cabeça.

— Mas nunca dei ao Ladrão aquilo que ele queria. — Uma ruga apareceu entre as sobrancelhas dela. — Será que... ele vai achar que quebrei nosso acordo ao ficar aqui?

— Ele não conseguiu ajudá-la — observou Rothen. — Como pode esperar que você cumpra sua parte no acordo?

— Ele fez muitos esforços e lançou mão de muitos favores que lhe deviam para me esconder.

Rothen abanou a cabeça.

— Não se preocupe. Os Ladrões não vão incomodá-la. Eles nos disseram onde encontrá-la.

Os olhos de Sonea arregalaram-se.

— Eles me traíram? — sussurrou.

Ele franziu as sobrancelhas, perturbado com a fúria nos olhos dela.

— Temo que sim. Não acho que o quisessem, mas ficou claro que seus poderes estavam tornando-se perigosos.

Ela baixou o olhar para o copo e remou algo em silêncio durante algum

tempo.

— O que acontece agora? — perguntou ela, subitamente.

Rothen hesitou ao perceber que teria de explicar-lhe a reivindicação da guarda. A ideia de ser posta aos cuidados de um mago que ela não conhecia ou em quem confiava podia ser suficiente para fazê-la mudar outra vez de ideia, mas ele tinha de preveni-la dessa possibilidade.

— Há vários assuntos que devem ser resolvidos antes de prestar juramento como aprendiz — disse ele. — Você precisa ter boa capacidade de leitura e escrita e aprender cálculos básicos. Também precisa compreender as regras e costumes do Clã. Antes disso, sua guarda tem de ser decidida.

— Guarda? — Ela se recostou na cadeira. — Disse que só aprendizes muito dotados tinham guardiões.

Rothen acenou com a cabeça.

— Desde o início, sabia que você precisaria do suporte de um guardião. Sendo a única aprendiz que não vem das Casas, pode achar as coisas um pouco difíceis de vez em quando. Ter um mago preparado para ser seu guardião pode ajudar a contrariar isso, por isso fiz uma reivindicação para ser seu guardião. Mas não sou o único mago que quer a honra. Existe outro, um mago mais jovem, de nome Fergun. Quando dois magos reivindicam a guarda de um aprendiz, o Clã tem de promover uma Audiência para decidir qual reinvindicação será agraciada. As regras do Clã dizem que, se mais de um mago deseja requerer a guarda de um aprendiz, aquele que primeiro reconheceu o potencial mago do aprendiz recebe a honra, por isso normalmente é uma decisão simples. — Fez uma careta de desagrado. — Mas não desta vez. Não descobrimos sua magia por meio dos testes habituais. Alguns magos acreditam que eu, tendo sido o primeiro a vê-la, reconheci primeiro seus poderes. Outros dizem que Fergun, tendo sido quem levou a pedrada, foi o primeiro, visto que experimentou os efeitos de seu poder. — Rothen riu. — Aparentemente, o Clã anda a discutir isso há meses.

Ele fez uma pausa para tomar outro gole do vinho.

— A Audiência acontecerá depois da próxima Reunião, que irá ocorrer em

uma semana. Depois disso, continuará com suas aulas ou comigo, ou com Fergun.

Sonea franziu as sobrancelhas.

— Então o aprendiz não chega a escolher seu guardião?

Ele meneou a cabeça.

— Não.

— Então é melhor que conheça esse Fergun — disse ela, lentamente. — Descobrir que tipo de pessoa é.

Rothen observou-a atentamente, surpreso com a aceitação calma da situação. Ele devia estar satisfeito, disse a si mesmo, mas não conseguiu evitar sentir-se um pouco desiludido. Teria sido mais gratificante se ela tivesse protestado contra a ideia de ser retirada da orientação e companhia dele.

— Posso providenciar um encontro entre vocês, se quiser — respondeu ele. — Ele vai querer conhecê-la. Tal como outros. Antes disso, devo ensinar-lhe algumas das regras e costumes do Clã.

Ela ergueu o rosto, os olhos brilhantes de interesse. Aliviado por ver a curiosidade dela retornar, Rothen sorriu.

— Para começar, há o costume da reverência.

A expressão dela alterou-se para desalento. Rothen soltou uma gargalhada, como a se solidarizar.

— Sim. Reverência. Espera-se que todos os que não sejam magos — exceto, claro, a realeza — façam reverência diante dos magos.

Sonea fez uma careta de desagrado.

— Por quê?

— É um gesto de respeito. — Rothen encolheu os ombros. — Por mais bobo que possa parecer, alguns de nós ficam bastante ofendidos se não lhes fazem reverência.

Os olhos dela semicerraram-se.

— Cê fica?

— Geralmente não — disse ele. — Mas há ocasiões em que negligenciar a reverência tem obviamente a intenção de ser rude.

Ela o considerou cuidadosamente.

— Espera que lhe faça reverência daqui pra frente?

— Sim e não. Não espero aqui entre nós, mas devia fazê-la quando estivermos fora destes aposentos, ainda que só para acostumá-la ao hábito. Também devia usar o título honorífico. Os magos são tratados por Lorde ou *Lady*, exceto nos casos dos Diretores, Administradores e do Lorde Supremo, para quem se deve usar o respectivo título.

Rothen sorriu ao ver a expressão de Sonea.

— Não achei que fosse gostar disso. Você pode ter crescido nas classes mais baixas da sociedade, mas tem o orgulho de um rei. — Inclinou-se para a frente. — Um dia todos farão reverência para você, Sonea. Isso lhe será ainda mais difícil de aceitar.

Ela franziu as sobrancelhas, depois pegou o copo e o esvaziou.

— Agora — continuou Rothen —, também há as regras do Clã para tratar. Aqui. — Chegou-se à frente e lhe serviu outro copo de vinho. — Vamos ver se estas são menos indigestas.

Rothen saiu logo depois do jantar, sem dúvida para espalhar as novidades. Quando Tania começou a limpar a mesa, Sonea moveu-se para uma janela. Fez uma pausa para olhar para a cortina que a cobria, e percebeu pela primeira vez que o complexo padrão estampado nela era na verdade constituído de minúsculos símbolos do Clã.

Sua tia tivera um par de cortinas velhas e manchadas de mofo. Tinham o formato errado para a janela do quarto deles na hospedaria, mesmo assim a tia

pendurou-as contra o vidro. Quando o sol brilhava pelo papel, era fácil ignorar o defeito que tinham.

Em vez de a recordação desferir-lhe a habitual pontada de saudades de casa, o sentimento desta vez foi de vaga nostalgia. Olhando para a decoração luxuosa, os livros e a mobília polida à sua volta, ela suspirou.

Iria sentir falta do conforto e da comida, mas estava resignada. Todavia, deixar Rothen não seria tão fácil. Gostava de sua companhia — das conversas, das aulas que tinham e de falar de mente para mente.

De qualquer jeito eu iria embora, lembrou a si mesma pela centésima vez. Só não tinha pensado no quanto tinha conquistado aqui.

Saber que seria obrigada a sair do Clã a fizera perceber o que estava para perder. Fingir que queria ficar ia ser muito fácil.

Tanto melhor que Fergun não saiba, refletiu. Tornaria sua vingança ainda mais doce.

Fergun estava arriscando muito para devolver-lhe a humilhação. Devia estar muito furioso... ou muito certo de que poderia escapar ileso. De qualquer maneira, estava preparado para dedicar muito esforço para vê-la excluída do Clã.

— *Lady*?

Virando-se, Sonea encontrou Tania de pé atrás de si. A criada sorriu.

— Só queria lhe dizer que estou contente por ter decidido ficar — disse ela. — Seria uma grande pena se não ficasse.

Sonea sentiu as bochechas ficarem quentes.

— Obrigada, Tania.

A mulher juntou as mãos.

— Parece estar cheia de dúvidas. Está fazendo a coisa certa. O Clã nunca admite gente mais pobre. Vai lhes fazer bem vê-la fazendo tudo o que eles conseguem, e tão bem quanto eles.

Um arrepio percorreu as costas de Sonea. Não se tratava só de vingança!

O Clã não tinha de convidá-la a juntar-se a eles. Podiam ter-lhe bloqueado o poder e tê-la mandado de volta às favelas. No entanto, não o tinham feito. Pela primeira vez em séculos, os magos tinham considerado a possibilidade de ensinar alguém de fora das Casas.

As palavras de Fergun ecoaram-lhe na mente. “Assim que tiver executado uma pequena tarefa para mim, será mandada de volta para o lugar a que pertence.” De volta para o lugar a que ela pertencia?

Ouvira o desprezo na voz dele, mas não compreendera o significado. Fergun não queria apenas certificar-se de que ela não entraria no Clã. Queria certificar-se de que nenhum favelado teria novamente a chance. Qualquer que fosse a “tarefa” que Fergun planejara para ela, só provaria que os favelados não eram dignos de confiança. O Clã nunca pensaria em convidar outro favelado para integrar suas fileiras.

Ela agarrou o peitoril da janela, seu coração batendo depressa e com raiva. Estão abrindo as portas pra mim, mas vou embora como se isso não significasse nada!

Um sentimento familiar de impotência abateu-se sobre ela. Não podia ficar. A vida de Cery dependia de sua partida.

— *Lady*?

Sonea pestanejou para Tania. A criada pousou uma mão levemente sobre o braço dela.

— Vai se sair bem — assegurou Tania. — Rothen diz que você é muito forte, e que aprende rápido.

— Sério?

— Oh, sim. — Tania virou-se e apanhou o cesto, carregado de pratos. — Bem, vejo-a pela manhã. Não fique preocupada. Tudo ficará bem.

Sonea sorriu.

— Obrigada, Tania.

A criada arreganhou um sorriso.

— Boa noite.

— Boa noite.

A criada saiu tranquilamente pela porta, deixando Sonea sozinha. Suspirando, ela olhou fixamente para lá da janela. Nevava outra vez lá fora, flocos brancos dançavam na noite.

Onde é que cê tá, *Cery?*

Pensando na adaga que Fergun lhe mostrara, ela franziu as sobrancelhas. Havia muito em que pensar: Cery, Fergun, a Audiência, a guarda. Apesar do encorajamento de Tania, ela não ia conseguir pregar o olho nas poucas semanas que seguiam.

Todos os terceiros dias, Dannyl juntava-se a Yaldin e sua esposa para a refeição da noite. Ezrille iniciara a rotina anos atrás, quando, preocupada com o fato de que Dannyl não tinha arranjado uma esposa, começou a afligir-se com a ideia de que ele viesse a tornar-se um solitário se tivesse de enfrentar sozinho todos os fins dos dias.

Ao entregar o prato vazio para a criada de Yaldin, Dannyl soltou um pequeno suspiro de satisfação. Embora duvidasse de que viesse alguma vez a afundar-se na melancolia que Ezrille temia, era certamente melhor comer acompanhado do que sozinho.

— Ouvi rumores sobre você, Dannyl — disse Yaldin.

Dannyl franziu as sobrancelhas, a satisfação evaporando-se. Certamente Fergun não estava aprontando das suas outra vez.

— Oh, que rumores?

— De que o Administrador está tão impressionado com suas negociações com os Ladrões que está considerando seu nome para um cargo de embaixador.

Dannyl endireitou-se e fitou o velho mago.

— Está?

Yaldin fez que sim com a cabeça.

— O que acha? Viajar o atrai?

— Eu... — Dannyl balançou a cabeça. — Nunca pensei nisso. Eu? Embaixador?

— Sim. — Yaldin soltou uma risada. — Já não é tão novo e disparatado como antes.

— Obrigado — replicou Dannyl, secamente.

— Podia ser bom para você — disse Ezrille. Ela sorriu e apontou um dedo para ele. — Pode até voltar com uma esposa.

Dannyl lançou-lhe um olhar desmoralizador.

— Não comece com isso de novo, Ezrille.

Ela encolheu os ombros.

— Ora, já que obviamente não há nenhuma mulher em Kyralia que seja boa o bastante para...

— Ezrille — disse Dannyl, com severidade. — A última jovem com quem cruzei me apunhalou. Sabe que estou amaldiçoado quando o assunto são mulheres.

— Isso é ridículo. Estava tentando prendê-la, não cortejá-la. A propósito, como estão as coisas com Sonea?

— Rothen diz que está progredindo bem com as aulas, embora ela ainda esteja determinada a ir embora. Ficou bastante amiga de Tania.

— Imagino que se sinta mais confortável com criados do que conosco — meditou Yaldin. — Não estão tão acima da posição dela quanto nós.

Dannyl retraiu-se. Em outro tempo não teria questionado o comentário — teria mesmo concordado com ele —, mas, agora que conversara com Sonea, parecia-lhe injusto, até insultante.

— Rothen não iria gostar de ouvi-lo dizer isso.

— Não — concordou Yaldin. — Mas ele é o único nas opiniões que tem. O restante do Clã sente que classe e posição social são muito importantes.

— O que estão dizendo agora?

Yaldin encolheu os ombros.

— Agora não se restringe mais às apostas amigáveis sobre a reivindicação da guarda. Muitas pessoas até questionam a prudência de ter alguém com um passado duvidoso como ela dentro do Clã.

— De novo? Quais as razões deles desta vez?

— Ela vai honrar o juramento? — disse Yaldin. — Será uma má influência para os outros aprendizes? — Inclinou-se para a frente. — Você a conheceu. O que pensa?

Com um encolher de ombros, Dannyl limpou o açúcar dos dedos em um guardanapo.

— Sou a última pessoa a quem devia perguntar. Ela me esfaqueou, esqueceu?

— Nunca vai nos deixar esquecer isso — comentou Ezrille. — Mas, vem cá, deve ter reparado em algo mais do que isso.

— O discurso dela é rude, embora não seja tão mau quanto esperava. Não tem as maneiras com as quais estamos habituados. Nada de reverência ou “meu Lorde”.

— Rothen há de ensinar-lhe isso quando estiver preparada — disse Ezrille.

Yaldin pigarreou suavemente.

— É melhor que ele se certifique disso antes da Audiência.

— Os dois ainda se esquecem de que ela não quer ficar. Por que ele perderia tempo em lhe ensinar boas maneiras?

— Talvez facilitasse tudo o mais se ela fosse mesmo embora.

Ezrille lançou ao marido um olhar repreensivo.

— Yaldin — ralhou ela. — Você seria capaz de mandar a garota de volta para a pobreza depois de lhe mostrar toda a riqueza daqui? Seria muito cruel.

O velho encolheu os ombros.

— Claro que não, mas ela quer ir, e seria tudo mais fácil se ela fosse. Para começar, não haveria Audiência nenhuma, e toda a querela sobre aceitar pessoas de fora das Casas seria esquecida.

— Estão gastando o latim deles com essa discussão — disse Dannyl. — Todos sabemos que o Rei a quer aqui, sob nosso controle.

— Então não ficará nada contente se ela continuar batendo o pé que quer partir.

— Não — concordou Dannyl. — Mas ele não pode obrigá-la a fazer o juramento se não quiser.

Yaldin franziu as sobrancelhas, depois olhou de lado para a porta ao ouvir alguém batendo nela. Abanou indolentemente a mão, e a porta deslizou para dentro.

Rothen entrou na sala, radiante.

— Ela vai ficar!

— Bem, isso resolve tudo — disse Ezrille.

Yaldin acenou com a cabeça.

— Não tudo, Ezrille. Ainda temos a Audiência com que nos preocupar.

— A Audiência? — Rothen abanou uma mão em sinal de dispensa. — Isso fica para depois. Por ora, só quero comemorar.

••

CAPÍTULO 27

Em algum lugar por baixo da universidade

Encolhendo-se na cadeira, Sonea bocejou e refletiu sobre o dia até aquele instante.

Pela manhã, o Administrador Lorlen visitara-a para perguntar sobre a decisão que tomara, e para explicar, mais uma vez, tudo sobre a guarda e a Audiência. Ela sentira uma pontada de culpa quando ele expressou satisfação genuína por ela ficar — um sentimento com que se familiarizou à medida que o dia avançou.

Outras visitas tinham aparecido: Dannyl, depois o sério e intimidador Chefe dos Curadores e um velho casal amigo de Rothen. Toda vez que alguém batia à porta, ela ficava tensa, esperando que fosse Fergun, mas o Guerreiro não aparecera.

Adivinhando que ele não a visitaria até que estivesse sozinha, ficou quase aliviada quando Rothen saiu depois do jantar, dizendo que estaria ausente até tarde e que ela não precisava esperar acordada por ele.

— Fico para conversar contigo, se quiser — ofereceu Tania.

Sonea sorriu em gratidão.

— Obrigada, Tania, mas acho que gostaria de ficar sozinha esta noite.

A criada acenou com a cabeça.

— Compreendo. — Virou-se de costas para a mesa, depois parou quando ouviu uma batida vinda da porta. — Devo atender, *Lady*?

Sonea fez que sim com a cabeça. Respirando fundo, observou a criada abrir ligeiramente a porta.

— *Lady* Sonea está?

Ao escutar a voz, Sonea sentiu o estômago revirar de medo.

— Sim, Lorde Fergun — respondeu Tania. Olhou ansiosamente para Sonea. Vou perguntar se ela deseja vê-lo.

— Deixe-o entrar, Sonea. — Embora o coração tivesse começado a acelerar, Sonea conseguiu falar calmamente.

Quando a criada se afastou da porta, o mago de túnica vermelha entrou na sala. Inclinando a cabeça para Sonea, ele colocou a mão sobre o peito.

— Sou Fergun. Creio que Lorde Rothen tenha lhe falado sobre mim.

Os olhos dele passaram para Tania, depois voltaram a se desviar. Sonea acenou positivamente com a cabeça.

— Sim — disse ela. — Falou. Queira se sentar.

— Obrigado — disse ele, dobrando-se graciosamente para sentar-se em uma cadeira.

— *Mande a mulher chispar daqui.*

Engolindo em seco, Sonea ergueu o olhar para Tania.

— Há mais alguma coisa que precise fazer, Tania?

A criada olhou para a mesa, depois abanou a cabeça.

— Não, *Lady*. Retornarei mais tarde para apanhar os pratos. — Fez uma reverência, depois saiu da sala.

Quando a porta se fechou atrás dela, a expressão amigável de Fergun desvaneceu-se.

— Só soube esta manhã que Rothen anunciou que está pronta. Demorou um tempo para lhe contar.

— Tinha de esperar pelo momento certo — respondeu ela. — Ou teria parecido estranho.

Fergun fitou-a, depois abanou uma mão em sinal de dispensa.

— Está feito. Agora, só para me certificar de que entende minhas instruções,

quero que as repita para mim.

Ele acenava com a cabeça à medida que ela recitava o que ele lhe dissera para fazer.

— Ótimo. Tem perguntas?

— Sim — disse ela. — Como vou saber se está mesmo com Cery? Tudo o que vi foi uma adaga.

Ele sorriu.

— Simplesmente vai ter que confiar em mim.

— Confiar em você? — Ela bufou ruidosamente e se obrigou a olhá-lo dentro dos olhos. — Quero vê-lo. Senão sou capaz de perguntar ao Administrador Lorlen se fazer chantagem é crime no Clã.

O lábio dele contorceu-se em um sorriso escarnecedor.

— Não está em posição de fazer tais ameaças.

— Não estou? — Colocando-se de pé, caminhou até a mesa alta e encheu um copo de água. Suas mãos tremeram, e ficou contente por ter lhe dado as costas. — Sei tudo sobre esse tipo de chantagem. Vivi com os Ladrões, esqueceu? Precisa deixar claro que consegue levar adiante sua ameaça. Tudo o que vi foi uma adaga. Por que deveria acreditar que prendeu o dono dela?

Ela se virou para encontrar os olhos dele e ficou gratificada por ver-lhe o olhar vacilar. Ele cerrou os pulsos, depois acenou lentamente com a cabeça.

— Muito bem — disse ele, pondo-se de pé. — Eu a levo até ele.

Ela sentiu uma sensação de triunfo, mas esta rapidamente esmoreceu. Ele não teria concordado se não tivesse trancado Cery em algum lugar. Ela também sabia que, quando a vida de alguém estava sendo negociada em troca de algo, a parte mais difícil era impedir o raptor de matar o prisioneiro tão logo tivesse o que queria.

Movendo-se para a porta, Fergun abriu-a e esperou que ela passasse. Ao sair para o corredor, dois magos pararam e a fitaram, alarmados, depois relaxaram

quando Fergun se juntou a ela.

— Rothen já lhe falou sobre os edifícios do Clã? — perguntou Fergun vivamente ao começarem a caminhar na direção das escadas.

— Sim — respondeu ela.

— Foram construídos há cerca de quatrocentos anos — disse ele, ignorando-a. — O Clã crescera muito...

Finalmente acabou a semana!, pensou Dannyl, com júbilo, ao sair da sala de aulas. A possibilidade de que Sonea viesse a juntar-se ao Clã não passara pela cabeça de vários dos aprendizes. Tinham discutido isso o dia todo, e ele fora forçado a reprimir dois deles como castigo por terem se tornado fonte de distração para os demais.

Suspirando, colocou livros, papel e estojo de escrita debaixo do braço e começou a descer pelo corredor da Universidade. Ao chegar à escadaria, congelou, incapaz de acreditar no que via no salão abaixo dele.

Fergun e Sonea tinham acabado de entrar na Universidade. O Guerreiro olhou em volta do salão, depois verificou as escadas do lado oposto ao de Dannyl. Dando um passo para atrás para sair de vista, Dannyl ouviu os passos da dupla movendo-se por baixo dele, enfraquecendo à medida que desciam pelo correr do andar térreo.

Mantendo os passos o mais silenciosos possível, Dannyl desceu as escadas. Atravessou o salão até a entrada do corredor inferior e espreitou à volta da curva. Fergun e Sonea estavam a vários passos de distância, caminhando apressadamente. Enquanto ele observava, a dupla virou para uma passagem lateral.

Com o coração batendo depressa, Dannyl fez seu caminho corredor abaixo. Desacelerou o passo ao chegar à passagem lateral, percebendo que era a mesma pela qual vira Fergun descer às pressas uns dias atrás. Arriscou uma olhada rápida.

A passagem estava vazia. Ao começar a descê-la, escutou com atenção. O som mais tênue da voz de Fergun atraiu-o para uma porta que levava para as passagens interiores da Universidade. Entrando furtivamente, Dannyl seguiu a voz ao longo de mais algumas passagens até que, abruptamente, cessou.

O silêncio espalhou-lhe um formigar pela pele. Será que Fergun percebera que estava sendo seguido? Será que estava à espera que o perseguidor o alcançasse?

Chegando a uma curva no corredor, Dannyl balbuciou uma imprecação. Sem a voz de Fergun, não fazia ideia se estava prestes a topar com o mago. Dando uma olhada cuidadosa à volta da curva, soltou um suspiro de alívio. Estava deserta.

Começou a andar em frente, depois diminuiu o ritmo ao dar por si em frente a um beco sem saída. Não era tecnicamente um beco sem saída, uma vez que tal não existia na Universidade. Uma das portas levaria a uma passagem lateral que cruzaria com o corredor principal. No entanto, se Fergun tinha ido por esse caminho, Dannyl teria escutado uma porta fechar-se. Fergun não tentava ser silencioso.

Mas podia ter estado se tivesse detectado alguém em seu encalço.

Pegando a maçaneta da porta que levava para a passagem lateral, Dannyl girou-a. A dobradiça rangeu dramaticamente quando a porta se abriu, como se quisesse tranquilizar Dannyl de que ele teria escutado Fergun abri-la. Atravessando a porta, Dannyl deu com a passagem lateral deserta.

Explorando mais além, viu que o corredor principal também estava deserto. Confuso, Dannyl refez os passos e tentou outras portas, mas não encontrou sinais de Sonea ou Fergun.

Abanando a cabeça, fez o caminho de volta até sair da Universidade, a cabeça a zunir de perguntas. Por que será que Fergun levara Sonea para fora dos aposentos de Rothen? Por que será que ele a conduzira para dentro das passagens interiores desertas da Universidade? Como é que foram desaparecer?

— Rothen?

— Dannyl?

— Onde está?

— Na Sala Noturna.

Dannyl fez uma expressão de raiva. Então Fergun esperara Rothen ficar ausente para abordar Sonea. Típico.

— Fique aí. Vou até você.

Envolvendo o cobertor mais em volta dos ombros, Cery escutou o bater dos próprios dentes. A temperatura da sala caíra lentamente no decorrer de vários dias e estava agora suficientemente fria para congelar a umidade nas paredes. Em algum lugar lá em cima, o inverno estava enrijecendo seu domínio sobre a cidade.

O mago agora trazia uma vela com cada refeição, mas ela durava só algumas horas. Quando a escuridão retornava, Cery dormia ou andava de um lado para o outro para manter o sangue quente, contando os passos para não bater contra as paredes. Abraçava a garrafa de água contra o peito para impedi-la de congelar.

Um som suave chamou-lhe a atenção e ele parou, certo de que ouvira passos após os dele. Suspirando, continuou a andar de um lado para o outro.

Em sua mente, ensaiara incontáveis conversas com seu capturador. Depois da tentativa frustrada de matar o mago, Cery passara muitas horas a refletir sobre sua situação. Fugir da cela era impossível, e ele não representava ameaça alguma. O destino dele estava completamente nas mãos do mago.

Embora isso lhe trouxesse um sabor amargo à boca, sabia que a única chance de fuga estava em conquistar a boa vontade do mago. Parecia-lhe uma tarefa impossível — o mago não estava inclinado a falar, e obviamente enxergava Cery com desprezo. *Por causa de Sonea*, pensou Cery, *tenho que tentar*.

Sonea. Cery balançou a cabeça e suspirou. Era possível que ela tivesse sido forçada a dizer-lhe que precisava que o Clã a ensinasse a controlar os poderes, mas ele duvidava. Ela não estivera tensa ou assustada, apenas resignada. Ele vira como os poderes dela tinham reagido a suas emoções, quão perigosos haviam se

tornado. Não era difícil acreditar que sua magia eventualmente a teria matado.

O que significava que levar Sonea até os Ladrões fora a pior decisão que podia ter tomado. Ao colocá-la em uma situação em que era obrigada a usar magia todos os dias, seus poderes tinham sido encorajados a aumentar, talvez a levando cada vez mais depressa ao ponto em que perderia o controle deles.

Ela teria alcançado esse ponto eventualmente, não importava o que ele tivesse feito. Mais cedo ou mais tarde, o Clã a teria encontrado... ou ela teria morrido.

Na escuridão, com uma careta de desagrado, Cery pensou na carta que os magos tinham enviado, declarando que não tinham a intenção de machucar Sonea e lhe oferecendo um lugar entre eles. Sonea não acreditara neles. Nem Faren.

Mas Cery tinha um velho conhecido entre os criados do Clã. O homem teria sido capaz de confirmar a verdade, mas Cery não perguntara.

Eu não queria saber. Queria que a gente ficasse junto. Sonea e eu, trabalhando para os Ladrões... ou só eu e ela...

Ela não pertencia aos Ladrões — nem a ele. Ela tinha magia. Quer gostasse ou não, o lugar dela era com os magos.

Foi então que ele sentiu uma pontada de ciúme, mas a ignorou. No escuro, começara a questionar o ódio que sentia pelo Clã. Não conseguiu evitar pensar que, se os magos se tinham dado a tanto trabalho para salvá-la — e a muitos moradores das favelas — dos poderes dela, não podiam ser tão indiferentes quanto os favelados pensavam.

E que futuro melhor podia imaginar para Sonea? Ela podia ter riqueza, sabedoria e poder. Como é que podia negar isso a ela?

Não podia. Ele não tinha qualquer direito sobre ela. Saber isso trazia-lhe uma dor como uma ferida depois de um golpe no peito. Embora seu coração tivesse pulado no momento em que ela reaparecera em sua vida, ela nunca expressara nada mais que o carinho da amizade.

Ouvindo um leve ruído, enrijeceu-se. Ao longe, conseguiu ouvir o bater tênue,

mas crescente, de sapatos contra a pedra. Quando os passos se aproximaram, ele se moveu para trás de modo a dar espaço para o mago entrar. Pela passada rápida, parecia que Fergun estava com pressa.

Os passos não desaceleraram quando chegaram à porta, em vez disso, continuaram a passar.

Cery deu um passo para a frente. Será que era seu capturador meramente a passar por ali a caminho de outro destino? *Ou será que era outra pessoa?*

Ele correu até a porta e ergueu o punho para bater nela, depois estacou, dominado pela dúvida. Se estivesse certo, e Fergun o estivesse usando para chantagear Sonea, iria pô-la em risco ao escapar e arruinar os planos de Fergun?

Se Fergun tivesse dito coisas demais a Sonea, poderia matá-la para ocultar seu crime. Cery ouvira muitas histórias de sequestros e chantagens que deram errado, e estremeceu ao lembrar-se do fim desagradável de alguns desses contos.

Os passos já se tinham esvaído para lá do alcance de sua audição. Cery descansou a cabeça contra a porta e praguejou. Era tarde demais. O estranho já tinha ido embora.

Suspirando, resolveu continuar tentando fazer amizade com Fergun, ainda que somente para descobrir os planos do mago. Mais uma vez, conversas passaram pela mente de Cery. Quando o som de passos novamente lhe chegou aos ouvidos, quase acreditou que os tinha imaginado.

Mas, quando se tornaram mais ruidosos, soube que eram de verdade. Seu coração começou a acelerar ao perceber que estava ouvindo dois conjuntos de passos. Os donos pararam do lado de fora da porta, e Cery ouviu a voz de Fergun, abafada pela porta.

— Pare. Chegamos.

Ouviu-se um clique na fechadura, e a porta deslizou para dentro. Um globo de luz pairava sobre a cabeça de Fergun, ofuscando a visão de Cery. Apesar da claridade, Cery reconheceu a silhueta do outro visitante. Sentiu o coração saltar.

— *Sonea!*

— Cery?

Sonea levou as mãos ao rosto e retirou a venda. Pestanejou ao vê-lo, depois sorriu e entrou na cela.

— Está tudo bem contigo? Não está doente ou ferido? — Os olhos dela percorreram-no dos pés à cabeça, à procura de sinais de ferimentos.

Ele abanou a cabeça.

— Não. E você?

— Estou bem. — Ela olhou de lado para Fergun, que os observava com interesse. — Fergun não te machucou?

Cery conseguiu esboçar um sorriso amargo.

— Só quando eu mereci.

As sobrancelhas de Sonea ergueram-se. Virando-se, observou Fergun com os olhos semicerrados.

— Dê-me uns minutos para falar com ele a sós.

Fergun hesitou, depois encolheu os ombros.

— Muito bem. Alguns minutos, nada mais.

Ele gesticulou e a porta se fechou num rompante, deixando-os em completa escuridão.

Cery suspirou.

— Bem, *tamo* preso juntos.

— Ele não vai me deixar aqui. Ele precisa de mim.

— Pra quê?

— É complicado. Ele quer que eu concorde em me associar ao Clã pra fazer com que eu viole uma lei e seja expulsa. Acho que é a maneira de ele se vingar por eu tê-lo derrubado na Purificação — mas suponho que se trata também de convencer o Clã e que não se devia aceitar gente da favela. Não importa. Se eu fizer o que ele diz, ele deixa você ir embora. Acha que ele cumpre?

Cery abanou a cabeça, embora soubesse que ela não conseguia vê-lo.

— Não sei. Ele não tem sido maldoso. Os Ladrões teriam sido piores. — Ele hesitou. — Não acho que ele saiba o que *tá* fazendo. Conte pra alguém.

— Não — respondeu ela. — Se contar pra alguém, Fergun vai se recusar a revelar onde *cê tá*. Você morreria de fome.

— Alguém mais deve conhecer estas passagens.

— Podem levar dias até encontrá-lo, Cery. A gente andou um longo caminho pra chegar até aqui. Pode até estar fora do Clã.

— Não pareceu tão longe pra m...

— Não importa, Cery. Eu não ia ficar, por isso não faz sentido arriscar sua vida.

— Não ia se juntar ao Clã?

— Não.

Sentiu o coração acelerar.

— Por que não?

— Muitas razões. Todo mundo odeia os magos, para começar. Eu sentiria como se estivesse traindo as pessoas que conheço se me juntasse a eles.

Ele sorriu. Era mesmo coisa dela enxergar as coisas desse modo. Cery respirou fundo.

— Sonea, você *devia* ficar. Precisa aprender a usar a magia que tem.

— Mas todo mundo vai me odiar.

— Não, não vai. A verdade é que adorariam ser um mago se tivessem metade da chance que você tem. Se recusar a proposta dos magos, todo mundo vai achar que *cê* é louca, ou estúpida. Compreenderiam se você ficasse. Não iriam querer que você abrisse mão de tudo isso. — Engoliu com dificuldade, e se obrigou a mentir. — Não quero que abra mão de tudo isso.

Ela hesitou.

— Não iriam me odiar?

— Não.

— *Eu* sim.

— As pessoas que a conhecem não iriam pensar que foi errado — disse Cery.

— Mas... ainda me *sentiria* como se tivesse virado a casaca.

Cery suspirou.

— Não seja estúpida, Sonea. Se fosse uma maga, podia ajudar as pessoas. Podia ser capaz de fazer algo para dar um fim na Purificação. As pessoas dariam ouvidos a você.

— Mas... meu lugar é com Jonna e Ranel. Eles precisam de mim.

— Não, não precisam. Eles *tão* se virando bem. Pense como ficariam orgulhosos. A sobrinha no Clã.

Sonea bateu com o pé no chão.

— Não interessa, Cery. Não posso ficar. Fergun disse que vai matá-lo. Não vou abandonar um amigo só pra poder fazer uns truques de magia.

Um amigo. Os ombros de Cery caíram. Fechando os olhos, soltou um longo suspiro.

— Sonea. Lembra-se da noite em que a gente espionou o Clã?

— Claro. — Ele conseguiu ouvir o sorriso na voz dela.

— Disse pra você que conhecia uma pessoa, um criado no Clã. Podia ter ido falar outra vez com esse nome, e lhe pedir para descobrir o que o Clã planejava pra você, mas não o fiz. Sabe por quê?

— Não. — Ela agora parecia estar confusa.

— Não queria descobrir que o Clã na verdade queria te ajudar. *Cê* tinha acabado de voltar e eu não queria que fosse embora. Não queria perdê-la outra vez.

Ela nada disse. O silêncio dela nada disse a ele. Ele engoliu em seco para

umedecer a boca.

— Tive muito tempo aqui pra pensar — disse ele. — Eu... bem, disse a mim pra enfrentar isso. Não existe nada entre nós além de amizade, por isso é injusto...

Um suave suspiro escapou dela.

— Oh, Cery — sussurrou ela. — Você nunca me disse nada!

Ele sentiu o rosto arder, e ficou grato pela escuridão. Prendendo a respiração, esperou que ela falasse, na esperança de que dissesse algo para mostrar que sentia o mesmo ou, talvez, de que ela o tocasse...

O silêncio estendeu-se até que ele não aguentou mais.

— Bem, não importa — disse ele. — O que importa é que seu lugar não é nas favelas. Não desde que descobriu sua magia. *Tá certo* que pode também não se encaixar muito bem na realidade daqui, mas tem que tentar.

— Não — disse ela, com firmeza. — Tenho é que te tirar daqui. Não sei por quanto tempo Fergun pretende usá-lo pra me chantagear, mas ele não pode mantê-lo aqui embaixo pra sempre. Vou fazer com que ele me traga mensagens suas pra saber que está vivo. Se não o fizer, paro de colaborar. Lembra-se da história sobre Hurin, o carpinteiro?

— Claro.

— A gente vai fazer o que ele fez. Não sei quanto tempo vai levar até ele libertá-lo, mas eu...

Ela parou quando a porta se abriu com um clique. A luz do mago caiu sobre o rosto dela e Cery sentiu o coração contorcer-se.

— Já ficou aqui o bastante — vociferou Fergun.

Sonea virou-se de novo para Cery, deu-lhe um abraço rápido e se afastou. Ele engoliu em seco. De algum modo o breve encontro doeu mais que o silêncio anterior dela.

— Fique aquecido — disse ela. Afastando-se, ela passou por Fergun e entrou

na passagem. Quando a porta se fechou, Cery correu até a porta e pressionou a orelha na madeira.

— Faça o que lhe disser e o verá novamente — disse Fergun. — Caso contrário...

— Eu sei, eu sei — respondeu Sonea. — Mas não se esqueça do que os Ladrões fazem com aqueles que não cumprem as promessas.

Mostra pra ele, pensou Cery, sorrindo amargamente.

Era evidente, desde o momento em que Dannyl entrou na Sala Noturna, que ele estava preocupado com alguma coisa. Retirando-se de um círculo de magos interrogativos, Rothen atravessou a sala para cumprimentar o amigo.

— O que se passa?

— Não posso lhe contar aqui — disse ele, os olhos dardejando por todo o lado.

— Lá fora então? — sugeriu Rothen.

Saíram para a neve que caía. Flocos brancos flutuavam à volta deles, sibilando à medida que tocavam no escudo de Rothen. Dannyl moveu-se para a fonte e parou.

— Adivinhe quem acabei de ver na Universidade.

— Quem?

— Sonea e Fergun.

— Sonea? — Rothen sentiu uma pontada de angústia, mas a ignorou. — Ele agora tem o direito de falar com ela, Dannyl.

— Falar com ela, sim, mas tirá-la de seus aposentos?

Rothen encolheu os ombros.

— Não há regras contra isso.

— Não está preocupado?

— Sim, mas não vai adiantar nada protestar, Dannyl. É melhor que Fergun seja visto a ultrapassar o limite das boas-vindas do que eu protestar a cada movimento dele. Duvido que ela tivesse saído com ele se não quisesse.

Dannyl franziu as sobrancelhas.

— Não quer saber aonde ele a levou?

— Aonde?

Um olhar atormentado atravessou o rosto de Dannyl.

— Não tenho certeza, exatamente. Segui-os para dentro da Universidade. Fergun levou-a para as passagens interiores. Depois disso os perdi. Simplesmente desapareceram.

— Desapareceram diante de seus olhos?

— Não. Consegui ouvir Fergun falando, depois tudo ficou silencioso. Muito silencioso. Devia ter ouvido passos, ou uma porta a fechar. Qualquer coisa.

Mais uma vez, Rothen ignorou um sentimento de desconforto.

— Hum, *gostaria* de saber aonde ele a levou. O que será que ele teria para lhe mostrar na Universidade? Pergunto a ela amanhã.

— E se ela não disser?

Rothen fitou o chão coberto de neve, refletindo. As passagens interiores da Universidade levavam a pequenas salas privadas. A maior parte estaria vazia, ou trancada. Não havia nada mais lá... exceto...

— Não creio que ele lhe tenha mostrado as passagens subterrâneas — murmurou ele.

— Claro! — Os olhos de Dannyl brilharam, e Rothen instantaneamente se arrependeu das palavras que dissera. — É isso!

— É altamente improvável, Dannyl. Ninguém sabe onde as entradas estão a não ser...

Dannyl não estava ouvindo.

— Faz sentido agora! Por que é que não pensei nelas?! — Ele pressionou as mãos no lado da cabeça.

— Bem, sugeriria com veemência que se mantivesse longe delas. Há boas razões para a proibição contra o uso delas. São antigas e perigosas.

As sobrancelhas de Dannyl ergueram-se.

— E quanto aos rumores de que certo membro do Clã as usa regularmente?

Rothen cruzou os braços.

— Ele pode fazer o que lhe aprouver, e tenho certeza de que é capaz de sobreviver se uma passagem desmoronar. Também tenho certeza de que não o aprovaria bisbilhotando por lá. O que é que ele dirá se o descobrir metido nas passagens?

A luz nos olhos de Dannyl vacilou ao pensar nisso.

— Terei de escolher o momento com cuidado. Certifique-se de que eu sabia que ele estava em outro lugar.

— Nem sequer pense nisso — alertou Rothen. — Vai se perder.

Dannyl resfolegou.

— Não pode ser pior do que nas favelas, pode?

— Você *não* vai, Dannyl!

Mas Rothen sabia que, uma vez despertada a curiosidade de Dannyl, nada deteria o amigo a não ser a ameaça de expulsão. O Clã não ia expulsá-lo por violar uma regra menor.

— Pense com cuidado, Dannyl. Não quer arruinar sua chance de tornar-se embaixador, quer?

Dannyl encolheu os ombros.

— Se consigo me safar por negociar com os Ladrões, duvido que bisbilhotar um pouco por baixo da Universidade vá me trazer a desaprovação de muitos.

Derrotado, Rothen virou-se e começou a andar em direção à Sala Noturna.

— Até pode ser verdade, mas às vezes importa saber de quem vem a desaprovação.

..

CAPÍTULO 28

A audiência começa

— Não se preocupe, Sonea — sussurrou Tania quando chegaram à frente da Universidade. — Vai ficar tudo bem. Os magos são só um bando de velhotes que preferiam estar bebericando vinho em suas salas a ficar sentados num salão velho e cheio de correntes de ar. Estará tudo terminado antes de saber que começou.

Sonea não conseguiu evitar sorrir ao ouvir a descrição de Tania do Clã. Respirando fundo, seguiu Tania pelas escadas do amplo edifício. Ao passarem pelas enormes portas abertas, ela susteve a respiração.

Tinham entrado em uma sala cheia de escadarias. Cada uma delas era feita de pedra e vidro derretidos e fundidos, e parecia frágil demais para suportar o peso de um homem. As escadarias espiralavam-se de cima a baixo e em volta uma da outra como uma peça elaborada de joalheria.

— O outro lado da Universidade não é assim! — exclamou ela.

Tania abanou a cabeça.

— A entrada traseira é para aprendizes e magos. É por aqui que as visitas entram, porque tem que ser impressionante.

A criada continuou pela sala e começou a descer um corredor curto. Sonea conseguiu ver a metade de baixo de outro par de portas enormes à frente. Ao chegarem ao fim do corredor, Sonea parou e olhou em volta com espanto.

Estavam no limiar de uma sala gigantesca. Paredes brancas estendiam-se até um teto de painéis de vidro que brilhavam vivamente na luz dourada do sol vespertino. No nível do terceiro piso, uma teia de balcões entrecruzava a sala — com tanta delicadeza que pareciam flutuar no ar.

Diante dela encontrava-se um edifício. Um edifício dentro de um edifício. As ásperas paredes cinzentas faziam um contraste dramático com o delicado branco

do Salão. Havia uma fila de janelas delgadas espaçadas entre si, como soldados, ao longo do comprimento da sala.

— Este é o Grande Salão — disse Tania, indicando a sala. — Aquele ali — apontou para o edifício — é o Salão do Clã. Tem mais de setecentos anos.

— Aquilo é o Salão do Clã? — Sonea abanou a cabeça, descrente. — Pensei que o tinham substituído.

— Não. — Tania sorriu. — Foi muito bem feito e tem valor histórico, por isso teria sido uma pena demoli-lo. Removeram as paredes interiores e o transformaram num salão.

Impressionada, Sonea seguiu a criada à volta do edifício. Várias outras aberturas conduziam para fora do Grande Salão. Tania apontou para um par de portas ao lado do Salão do Clã.

— É por ali que vai entrar. Estão agora no meio da Reunião. A Audiência começará quando terminarem.

O estômago de Sonea começou a flutuar outra vez. Uma centena de magos sentados lá dentro, decidindo o destino dela. E ela estava prestes a colocar-se perante todos eles... e enganá-los.

Sonea sentiu uma onda enjoativa de apreensão. E se, apesar da cooperação dela, Fergun não ganhasse a reivindicação? Ainda libertaria Cery?

Cery...

Ela abanou a cabeça ao lembrar-se de sua confissão hesitante na cela escura. “Não queria descobrir que o Clã na verdade queria te ajudar. *Cê* tinha acabado de voltar e eu não queria que fosse embora. Não queria perdê-la outra vez.”

Ele a amava. A surpresa deixara-a a princípio sem palavras, mas, quando recordou todos os momentos em que reparara nele a observá-la, como às vezes ficava hesitante quando falava com ela, e como Faren ocasionalmente se comportara como se Cery fosse mais do que um amigo fiel, tudo isso fazia sentido.

Ela sentia o mesmo? Fizera essa pergunta a si mesma vezes sem conta desde o

encontro que tiveram, mas não conseguia responder com certeza. Não se sentia apaixonada, mas talvez o medo que se apoderou dela quando pensou no perigo que ele corria significasse que sim. Ou será que ela sentiria essa preocupação por quem quer que amasse, fosse um amigo ou mais que isso?

Se ela o amasse, seu coração não teria pulado de alegria com a confissão dele? Não se sentiria gratificada por ele ter tentado resgatá-la, em vez de culpada pelo fato de sua consideração para com ela o ter levado a ser capturado?

Seguramente, se ela o amasse de verdade, não teria de se fazer essas perguntas.

Ignorando os pensamentos, ela inspirou fundo e expirou lentamente.

Tania deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— Esperamos que não demore muito, mas nunca se sabe.

Um clique firme ecoou pelo Salão, depois as portas para as quais Tania apontara abriram-se num rompante. Um mago saiu do edifício, depois outro. Assim que mais deles apareceram, Sonea começou a se perguntar por que tantos estavam saindo. Será que a Audiência fora cancelada?

— Aonde *tão* indo?

— Somente os que estão interessados em assistir à Audiência vão ficar — disse Tania.

Enquanto alguns dos magos saíam do Grande Salão, outros se reuniam em pequenos grupos. Alguns olharam para ela, os olhos brilhantes de curiosidade. Insegura, Sonea evitou fitá-los.

— *Sonea?*

Ela se sobressaltou, depois olhou na direção do Salão do Clã.

— *Rothen?*

— *Foi uma Reunião curta. Terminou rápido. Você será chamada em breve.*

Olhando na direção das portas do Salão do Clã, Sonea viu emergir uma figura negra. Seu coração parou por um momento ao reconhecê-la.

O assassino!

Ela olhou fixamente para ele, certa de que era o homem que vira na noite em que espionara o Clã. Ele exibia a mesma expressão sombria e pensativa de que Sonea se lembrava. A túnica preta farfalhava à sua volta à medida que atravessava a passos largos o Salão.

Alguns magos viraram-se e acenaram com a cabeça para ele, oferecendo o mesmo respeito circunspecto que ela vira Faren dispensar a um assassino dos Ladrões. Ele inclinou a cabeça em resposta, mas não parou. Embora soubesse que chamaria a atenção dele se continuasse a encará-lo, Sonea não conseguiu tirar os olhos do sujeito. O olhar do homem flutuou até o dela, demorou-se por um momento, depois se desviou.

Ela saltou quando uma mão lhe tocou no ombro.

— Ali está Lorde Osen. — Tania apontava na direção das portas do Salão do Clã. — O assistente do Administrador.

Havia um jovem mago ali, observando-a. Ao cruzarem os olhos, ele a chamou com um gesto.

— Vá lá — sussurrou Tania, dando outra palmadinha no ombro de Sonea. — Vai ficar bem.

Sonea respirou fundo e se obrigou a atravessar o Salão até a porta. Quando alcançou o jovem mago, ele inclinou a cabeça, educadamente.

— Saudações, Sonea — disse ele. — Bem-vinda ao Salão do Clã.

— Obrigada, Lorde Osen. — Ela rapidamente esboçou uma reverência desajeitada. Sorrindo, ele gesticulou para que ela o seguisse para dentro do Salão do Clã.

A fragrância de madeira e lustre permeou-lhe os sentidos ao entrar. O salão parecia maior do que visto de fora, as paredes erguendo-se até um teto escuro negro bem lá no alto. Várias luzes de globo mágico pairavam sob as vigas, enchendo a sala de um brilho dourado.

Filas de assentos de madeira alinhados estendiam-se, de ambos os lados, pelo

comprimento do edifício. Sonea sentiu a boca ficar seca quando viu os homens e as mulheres de túnica a observá-la. Engolindo em seco, desviou o olhar.

Osen parou e indicou que ela deveria ficar onde estava, depois subiu um arranjo íngreme de assentos enfileirados à direita dela. Esses, sabia ela, eram para os Magos Superiores. Rothen desenhara um diagrama da disposição dos assentos para que ela pudesse memorizar os títulos e nomes dos magos.

Olhando para cima, ela viu que a fila superior estava vazia. Rothen assegurara-lhe que o Rei raramente participava das cerimônias do Clã. A cadeira dele ao centro era maior que todas as outras, e o *incal* real fora bordado no apoio almofadado para as costas.

Havia apenas uma cadeira abaixo dessa. Sonea sentiu um vago desapontamento ao ver que estava vazia. Tivera a esperança de vislumbrar o Lorde Supremo.

O Administrador Lorlen sentava-se no centro da fileira do meio. Os assentos de cada lado dele estavam vazios. Ele estava conversando com Osen e um homem de rosto longo no assento abaixo do dele, que usava uma faixa preta sobre a túnica vermelha. Este, recordou-se Sonea, era Lorde Balkan, o Chefe dos Guerreiros.

À esquerda de Balkan estava a severa *Lady* Vinara, a Chefe dos Curadores, que visitara Rothen depois que este anunciara que Sonea iria ficar. À direita dele estava um velho com um rosto angular e nariz comprido — Lorde Sarrin, o Chefe dos Alquimistas. Ambos observavam Lorlen atentamente.

Na fila de assentos mais baixa estavam os Reitores — os magos que controlavam e organizavam as aulas na Universidade. Apenas dois assentos estavam ocupados. Sonea franziu as sobrancelhas ao esforçar-se para lembrar por que, depois ergueu o olhar para Lorde Balkan. O Guerreiro ocupava ambas as posições, recordou-se.

Osen endireitou-se e desceu para o chão novamente. Os Magos Superiores viraram-se para observar o salão. Colocando-se de pé, o Administrador Lorlen elevou o queixo e avaliou os magos no salão.

— A Audiência para decidir o guardião de Sonea vai começar agora — entoou ele. — Lorde Rothen e Lorde Fergun, como requerentes desse papel, por favor aproximem-se da frente do salão.

Ouvindo o ranger das botas, Sonea ergueu o olhar para as filas de magos. Uma figura familiar descia o caminho até ela. Quando Rothen parou a uns passos de distância de Osen, olhou para ela e sorriu.

Ela sentiu uma inesperada pontada de afeto e começou a sorrir em retribuição, mas depois se lembrou daquilo que estava prestes a fazer e baixou o olhar para o chão. Ele ia ficar tão desapontado com ela...

Outro conjunto de passos encheu o salão. Erguendo o olhar, ela viu que Fergun parara a alguns passos de distância de Rothen. Também sorriu para ela, que sufocou um tremor e olhou para o Administrador.

— Tanto Lorde Rothen quanto Lorde Fergun reivindicaram a guarda de Sonea — disse Lorlen ao público. — Ambos acreditam ter sido o primeiro mago a reconhecer seu potencial. Devemos agora decidir qual reivindicação deverá ser honrada. Deixo os procedimentos desta Audiência a cargo de meu assistente, Lorde Osen.

O jovem que a conduzira para dentro da sala avançou. Respirando fundo, Sonea olhou fixamente para o chão e tentou preparar-se para o que tinha de fazer.

— Lorde Rothen.

Rothen virou-se para ficar de frente para Lorde Osen.

— Por favor, conte-nos dos eventos que o levaram a reconhecer Sonea como potencial maga.

Assentindo com a cabeça, Rothen limpou a garganta.

— No dia em que reconheci os poderes de Sonea — o dia da Purificação —, eu fazia par com Lorde Fergun. Tínhamos chegado à Praça Setentrional e ajudávamos no escudo protetor. Como sempre, um grupo de jovens começou a

atirar pedras. Estava de frente para Lorde Fergun nessa hora. O escudo estava a cerca de três passos de distância de nós, à minha esquerda. De canto de olho vi um clarão na proximidade do escudo, e simultaneamente o senti vibrar. Vislumbrei uma pedra voando pelo ar logo antes de atingir Lorde Fergun na têmpora, deixando-o inconsciente.

Rothen fez uma pausa, olhando de lado para Fergun.

— Amparei Lorde Fergun quando ele caiu. Quando ele estava em segurança deitado no chão, procurei por quem atirara a pedra. Foi aí que vi Sonea.

Osen deu um passo na direção de Rothen.

— Então essa foi a primeira vez que viu Sonea?

— Sim.

Osen cruzou os braços.

— Em algum momento viu Sonea realizar magia?

Rothen hesitou.

— Não, não vi — admitiu, relutantemente. Um murmurinho tênue começou entre os magos sentados à direta dele, mas rapidamente esmoreceu quando Lorde Osen olhou de relance nessa direção.

— Como soube que foi ela quem atirou a pedra que atravessou o escudo?

— Calculei a direção de onde viera a pedra, e presumi que tinha de ser um dos dois jovens — explicou Rothen. — O mais próximo — um garoto — nem estava prestando atenção. Sonea, porém, estava olhando fixamente para as próprias mãos com surpresa. Enquanto a observava, ela ergueu o olhar para mim, e eu soube por sua expressão que fora ela quem atirara a pedra.

— E você acredita que Lorde Fergun não poderia ter visto Sonea antes disso?

— Não, Lorde Fergun não poderia ter visto Sonea de modo algum nesse dia — disse Rothen secamente —, devido à lastimável natureza do ferimento dele.

Algumas risadas e tossidelas ecoaram no salão. Lorde Osen acenou com a cabeça, depois se afastou. Parou na frente de Fergun.

— Lorde Fergun — disse ele —, por favor conte-nos os eventos desse dia tal como os viu.

Fergun inclinou a cabeça graciosamente.

— Eu estava ajudando com a barreira na Praça Setentrional, como Rothen descreveu. Um grupo de jovens aproximou-se e começou a atirar pedras em nós. Reparei que havia mais ou menos uns dez, entre eles uma garota — Fergun olhou de relance para Sonea. — Achei que ela estava se comportando de modo estranho, por isso, quando me virei de lado, continuei a observá-la de canto de olho. Quando ela atirou a pedra, não achei estranho, naturalmente, até que contemplei um clarão. Foi quando percebi que ela devia ter feito algo para romper a barreira. — Fergun sorriu. — Isso me surpreendeu tanto que, em vez de me desviar da pedra, minha primeira reação foi olhar de lado para ela, de modo a confirmar que foi, de fato, a garota quem atirou a pedra.

— Portanto, percebeu que Sonea usara magia *depois* que a pedra atravessou o escudo, e *antes* de a pedra atingi-lo.

— Sim — respondeu Fergun.

Vozes ecoaram pelo salão quando isso foi proferido. Rangendo os dentes, Rothen resistiu à compulsão de fitar Fergun. A história do Guerreiro era uma mentira. Fergun nunca olhara na direção de Sonea. Rothen lançou um olhar furtivo na direção dela. Ela permanecia calmamente nas sombras, os ombros caídos. Ele esperava que ela compreendesse a importância de sua própria descrição para confirmar a história de Rothen.

— Lorde Fergun.

A sala caiu em silêncio ao ouvir essa nova voz. Rothen ergueu o olhar para *Lady* Vinara. A Curadora observava Fergun com seu famoso olhar penetrante e indefectível.

— Se estava olhando para Sonea, como é que a pedra atingiu sua têmpora *direita*? Isso indicaria para mim que estava olhando para Rothen nesse momento.

Fergun acenou com a cabeça.

— Tudo aconteceu muito depressa, *Lady* — disse ele. — Vi o clarão e *olhei de relance* para Sonea. Foi só um olhar passageiro — e me lembro de querer perguntar se meu companheiro vira o que a garota tinha feito.

— Nem mesmo tentou se esquivar? — perguntou Lorde Balkan, em tom incrédulo.

Fergun sorriu lamentosamente.

— Não estou acostumado a levar pedradas. Creio que a surpresa tenha anulado o instinto que me levaria a baixar a cabeça.

Lorde Balkan olhou para os magos a seu lado e viu ombros se encolhendo. Observando-os atentamente, Osen acenou com a cabeça quando não surgiram mais perguntas. Virou-se na direção de Rothen.

— Lorde Rothen, viu Fergun olhar de relance para Sonea entre o momento em que a pedra atravessou a barreira e aquele quando o atingiu?

— Não — respondeu Rothen, esforçando-se por anular a raiva da voz. — Ele estava conversando comigo. A pedra interrompeu-o no meio de uma frase.

As sobrancelhas de Osen ergueram-se. Ele olhou de lado para os Magos Superiores, depois ergueu o rosto para o público.

— Alguém possui um relato que contradiga ou contribua para o que ouvimos?

O silêncio foi a resposta. Acenando lentamente com a cabeça, Osen se virou a fim de olhar para Sonea.

— Invoco Sonea como testemunha desse acontecimento.

Movendo-se das sombras do lado do salão, Sonea avançou até estar a alguns passos de Fergun. Ergueu o olhar para os Magos Superiores, depois fez uma rápida reverência.

Rothen sentiu uma pontada de solidariedade para com ela. Poucas semanas antes, estivera apavorada com ele e agora enfrentava um salão de magos, todos a observá-la com atenção.

Osen lançou-lhe um sorriso rápido de encorajamento.

— Sonea — disse ele. — Por favor, conte-nos sua versão dos acontecimentos que estamos discutindo.

Ela engoliu em seco e fixou o olhar no chão.

— Eu estava com os outros jovens. Estavam atirando pedras. Eu normalmente não fazia isso... costumava ficar com minha tia. — Ela ergueu o olhar e enrubesceu, depois prosseguiu apressadamente. — Acho que fui arrastada pra dentro disso. Não comecei atirando pedras logo de cara. Observei os outros e os magos. Lembro que estava... estava furiosa. Por isso, quando fui atirar uma pedra, coloquei toda essa raiva nela. Depois percebi que tinha feito algo, mas na hora foi tudo tão... confuso. — Parou e pareceu recompor-se.

— Quando atirei a pedra, ela atravessou a barreira. Lorde Fergun olhou pra mim, depois a pedra o atingiu e Ro... Lorde Rothen o amparou. O resto dos magos ficou olhando de um lado para o outro, depois vi Lorde Rothen olhando pra mim. Depois disso, corri.

Uma corrente fria de descrença assolou Rothen. Ele olhou fixamente para Sonea, mas os olhos dela permaneceram fixos no chão. Relanceando Fergun, viu que um sorriso astuto distorcia os lábios do homem. Quando o Guerreiro percebeu que estava sendo observado, o sorriso desapareceu.

Desamparado, Rothen só conseguiu cerrar os pulsos quando o restante do Clã expressou aprovação às palavras de Sonea.

A meia visão que tinha do Salão do Clã foi abalada quando um sentimento de raiva, incredulidade e dor confluiu para a mente de Dannyl. Ele parou, alarmado.

— *O que se passa, Rothen?*

— *Ela mentiu! Ela apoiou a mentira de Fergun!*

— *Cuidado* — preveniu Dannyl. — *Podem ouvi-lo.*

— *Não me importo. Eu* sei *que ele está mentindo.*

— *Talvez seja a maneira como ela viu as coisas.*

— Não. Fergun nunca olhou para ela. Eu estava falando com ele, lembra-se?

Dannyl suspirou e abanou a cabeça. Rothen finalmente enxergara o verdadeiro caráter de Fergun. Devia ter ficado feliz, mas como poderia? Fergun ganhara mais uma vez.

Ou será que não?

— Já encontrou alguma coisa?

— Não, mas continuo procurando.

— Precisamos de mais tempo. Com Sonea apoiando Fergun, é provável que saia uma decisão nos próximos minutos.

— Atrase-os.

— Como?

Dannyl tamborilou os dedos em uma parede.

— Peça para falar com ela.

A presença de Rothen desapareceu quando sua atenção retornou para a Audiência. Com uma careta de desagrado, Dannyl observou as paredes à sua volta. Todos os magos sabiam que havia entradas para as passagens subterrâneas dentro da Universidade. Ele partira do princípio que essas entradas deviam estar bem escondidas, ou os aprendizes estariam sempre deconsiderando a regra.

Tal como esperara, uma simples busca nas passagens não revelara nada. Embora tivesse certeza de que cedo ou tarde ele encontraria algo se continuasse examinando as paredes com atenção, não havia tempo para isso.

Ele precisava de outra pista. Pegadas, talvez. As passagens subterrâneas provavelmente estavam empoeiradas. Fergun devia ter deixado alguma evidência. Com os olhos pregados no chão, Dannyl começou a percorrer novamente o corredor.

Virando uma curva, colidiu com uma figura pequena e rechonchuda. A mulher soltou um pequeno grito de surpresa, depois recuou, a mão pressionada no coração.

— Perdoe-me, meu Lorde! — Ela fez uma reverência, a água no balde que levava gotejando. — Você estava andando tão mansinho, não o ouvi!

Ele olhou para o balde, depois sufocou um gemido. Os vestígios de Fergun deveriam ser regularmente removidos pelos criados. A mulher passou por ele e continuou a descer o corredor. Observando-a, ocorreu-lhe que ela provavelmente soubesse mais sobre as passagens interiores da Universidade do que qualquer mago.

— Espere! — chamou Dannyl.

Ela parou.

— Sim, meu Lorde.

Dannyl caminhou até ela.

— Você sempre limpa esta parte da Universidade.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Precisou limpar alguma sujeira incomum? Pegadas lamacentas, por exemplo?

Os lábios da criada afinaram-se.

— Alguém derrubou comida no chão. Os aprendizes não deviam trazer comida aqui para dentro.

— Comida, hã? Onde derrubaram?

A criada lançou-lhe um olhar estranho, depois o conduziu até um quadro mais adiante no corredor.

— Havia no quadro também — disse ela, apontando. — Como se tivessem mexido nele.

— Compreendo. — Dannyl semicerrou os olhos para o quadro. Era a vista de uma praia, com minúsculas conchas em espiral talhadas na moldura. — Obrigado — disse ele. — Pode ir.

Encolhendo os ombros, ela rapidamente fez uma reverência e saiu às pressas.

Dannyl examinou o quadro cuidadosamente, depois o levantou para tirá-lo da parede. Atrás dele havia o habitual apainelamento de madeira das passagens interiores. Passando a mão por cima, estendeu os sentidos para além da parede e inspirou profundamente ao detectar formas metálicas. Seguindo-lhes os contornos, encontrou uma seção do painel que cedeu por baixo dos dedos perscrutadores.

Ouviu em seguida um tênue ruído de algo deslizando, e uma seção da parede moveu-se para o lado. A escuridão e o ar frio confrontaram-no. Encorajado pelo triunfo e pela excitação, recolocou o quadro, criou um globo de luz e entrou.

Uma escadaria íngreme descia à sua esquerda. Encontrando uma alavanca no lado de dentro da porta, Dannyl pressionou-a e a porta fechou-se. Ele sorriu para si mesmo e começou a descer as escadas.

A passagem era estreita, e ele teve de dobrar-se para evitar arranhar a cabeça no teto. Algumas teias de *faren* pendiam dos cantos. Ao chegar à primeira passagem lateral, levou a mão a um bolso e sacou um frasco com pasta colorida. Destampando-o, esfregou um pouco do conteúdo sobre a parede ao lado dele.

A pasta iria lentamente mudar de branco para uma camada dura e transparente ao longo das próximas horas, fornecendo-lhe um marcador que logo seria indetectável. Mesmo que explorasse por algumas horas, ainda conseguiria encontrar o caminho da saída ao procurar pela camada transparente.

Olhou para baixo e riu alto.

Havia pegadas evidentes em uma espessa camada de pó. Agachando-se, Dannyl identificou a marca familiar das botas de um mago. Pelo número de pegadas, ficou evidente que alguém percorrera essa passagem muitas vezes.

Colocando-se de pé, seguiu as pegadas por várias centenas de passos. Chegando a outra passagem lateral, ficou consternado por descobrir que as marcas conduziam tanto à passagem principal quanto a uma nova. Agachou-se de novo e as examinou atentamente. Havia apenas quatro conjuntos de marcas na passagem lateral, dois de botas de mago, dois de sapatos menores. As marcas na passagem principal eram mais recentes e numerosas.

Foi então que um som tênue tocou-lhe nos ouvidos — um suspiro que soou muito humano. Dannyl congelou, e um arrepio subiu lentamente por sua espinha. A escuridão para lá do alcance de seu globo de luz parecia densa e cheia de possibilidades desagradáveis, e ele subitamente teve a certeza de que algo o observava.

Ridículo, disse a si mesmo. *Não há nada lá.*

Respirando fundo, pôs-se de pé e se obrigou a olhar apenas para as pegadas. Movendo-se em frente, seguiu-as ao longo de outra centena de passos, encontrando mais passagens laterais com pegadas mais antigas.

Novamente, sentiu uma certeza perturbante de que estava sendo seguido. Atrás de seus passos ouvia-se o eco de passadas mais suaves. A mais tênue brisa trouxe o cheiro de podridão e de algo vivo, mas imundo...

Virou uma curva e suas fantasias desapareceram. À frente, a cerca de vinte passos de distância, as pegadas terminavam em uma porta. Deu um passo adiante, depois ficou rígido de terror quando um vulto saiu da passagem lateral ao lado dele.

— Lorde Dannyl. Posso indagar quais as razões que o trazem aqui?

Olhando fixamente para o homem, a mente de Dannyl pareceu dividir-se em duas. Enquanto uma parte balbuciava desculpas, a outra assistia impotentemente à primeira fazer de si mesma uma completa idiota.

No limiar de sua mente, uma presença familiar projetava tanto solidariedade quanto uma satisfação presunçosa.

— *Eu lhe disse para não descer até aí* — enviou Rothen.

No silêncio sem luz, o som do estômago resmungando foi alto. Cery esfregou a barriga e continuou a andar de um lado para o outro.

Tinha certeza agora de que mais de um dia se passara desde a última refeição, o que significava que uma semana se fora desde que vira Sonea. Inclinando-se contra a porta, amaldiçoou Fergun com todas as doenças repugnantes em que

conseguia pensar. Entre as palavras, ouviu o som de passos e estacou.

Seu estômago rosnou ferozmente por antecipação. Os passos eram mais lentos, atormentando-o. Aproximaram-se, depois pararam. O som tênue de vozes chegou até ele. Duas vozes. Ambas masculinas.

Inspirou rapidamente e pressionou a orelha contra a porta.

— ... túneis são extensos. É fácil ficar desorientado. Magos ficaram perdidos durante dias e retornaram famintos. Sugiro que refaça seus passos. — A voz era severa e desconhecida.

Outra voz respondeu. Cery captou só algumas palavras, mas entendeu o suficiente para saber que o outro mago estava se desculpando. A voz também era desconhecida, mas conseguiu facilmente imaginar a voz de Fergun tornar-se fraca e aguda se ele estivesse balbuciando assim.

O mago severo claramente não aprovava a presença de Fergun nas passagens. Também era improvável que aprovasse que Fergun mantivesse prisioneiros ali embaixo. Tudo o que Cery tinha de fazer era pedir ajuda, ou bater com força na porta, e a armadilha de Fergun seria desarmada.

Ele ergueu o punho, depois estacou quando as vozes pararam. Passos apressados afastaram-se, depois outro conjunto deles se aproximou. Mordendo o lábio, Cery afastou-se da porta. Que mago será que era? Fergun ou o estranho severo?

A fechadura clicou. Cery afastou-se, assustado, encolhendo-se contra a parede mais distante. Quando a porta se abriu, a luz tomou conta da sala e ele fechou os olhos contra a claridade.

— Quem é você? — ressoou uma voz desconhecida. — O que está fazendo aqui embaixo?

Abrindo os olhos, o alívio de Cery transformou-se em perplexidade ao reconhecer o homem que estava à entrada.

••

CAPÍTULO 29

Viver entre magos

— Ela disse que ele *tava* fazendo isso pra que nunca ninguém pensasse que os favelados podiam ser magos — finalizou Cery.

O mago semicerrou os olhos.

— Isso é bem a cara de Fergun. — Quando o olhar escuro passou de novo para Cery, o sobrolho do mago enrugou-se em um franzir da sobrancelha. — A Audiência está ocorrendo agora. Posso revelar os crimes de Fergun, mas só se tiver provas de que ele é o homem de que você fala.

Cery suspirou e olhou em volta da sala.

— Não tenho nada exceto as coisas que ele me deu, mas está com a minha adaga e as ferramentas. Se eu encontrá-las, seria o bastante?

O homem abanou lentamente a cabeça.

— Não. O que preciso está em suas memórias. Permite-me que leia sua mente?

Cery olhou fixamente para o mago. *Ler a mente* dele*?*

Ele tinha segredos. Coisas que o pai lhe contara. Coisas que Faren lhe contara. Coisas que até Faren teria ficado surpreso em saber. E se o mago as visse?

Mas, se não deixá-lo ler minha mente, não consigo salvar Sonea.

Não podia deixar que uns segredos bolorentos o impedissem de salvá-la — e o mago podia nem chegar a vê-los. Engolindo o medo, Cery ergueu o olhar para o mago.

— Claro. Faça.

O mago observou Cery sobriamente.

— Não vou lhe fazer mal nem machucá-lo. Feche os olhos.

Respirando fundo, Cery obedeceu. Sentiu dedos tocarem-lhe as têmporas. Imediatamente, tomou consciência de outra mente. Pareceu entrar flutuante por trás de sua própria mente, depois uma voz falou vinda de... algum lugar.

— Pense no dia em que sua amiga foi capturada.

Uma memória surgiu num clarão diante dos olhos dele. A outra mente pareceu apanhá-la e estabilizá-la. Cery se viu em um beco coberto de neve. Era como uma visão, clara, mas sem detalhes mais apurados. Ele viu Sonea correndo para longe, e sentiu um eco do medo e do desespero que ele sentira quando batera contra a barreira invisível que os separara. Virando-se, viu um homem de túnica, em pé atrás dele.

— Este é o homem que o capturou?

— Sim.

— Mostre-me como.

Mais uma vez uma memória apareceu num clarão na mente dele, foi apanhada e executada de novo. Ele estava do lado de fora do edifício dos Magos, olhando para cima na direção de Sonea. Fergun apareceu. Perseguiu-o. Apanhou-o. O mago de túnica azul e seu companheiro apareceram, levaram Cery até Sonea. A memória dele avançou velozmente. Estava deixando Sonea e caminhando pelo edifício dos Magos. Fergun estava sugerindo que fossem pela Universidade. Entraram no edifício e percorreram passagens.

Em seguida, Fergun abriu a porta secreta e o forçou para dentro dela. A venda tocou-lhe novamente o rosto, e ele ouviu os próprios passos enquanto descia a passagem subterrânea. Ficou novamente diante da cela, entrou, ouviu a porta fechar-se...

— Quando é que voltou a vê-lo?

Seguiram-se memórias das visitas do mago. Cery viu a si mesmo sendo vasculhado e privado de seus pertences, depois reviveu o ataque frustrado e foi curado. Viu Sonea entrar na sala e ouviu mais uma vez a conversa que tiveram.

Depois disso, a outra mente roçou sobre a dele, depois pareceu desvanecer-se.

Cery sentiu os dedos do mago despregando-se de suas têmporas. Abriu os olhos.

O mago estava acenando com a cabeça.

— É mais do que o suficiente — disse ele. — Venha comigo. Temos de nos apressar se queremos participar da Audiência.

Girou sobre os calcanhares e saiu a passos largos da sala. Seguindo-o, Cery sentiu um alívio percorrer seu corpo quando saiu da cela. Olhou uma vez para trás, depois se apressou atrás de seu libertador.

O homem desceu rapidamente a passagem, obrigando Cery a uma corrida para não ficar para trás. A passagem cruzou-se com outra, depois com mais várias. Nenhuma lhe parecia familiar.

Chegaram a um curto lance de escadas. O mago subiu-as, depois se curvou para fitar a parede. Ao ver um pequeno ponto de luz à volta do olho do mago, Cery presumiu que se tratava de um buraco para espiar.

— Obrigado por me ajudar. Provavelmente não há nada que um reles ladrão possa oferecer em troca, mas, se precisar de qualquer coisa, é só pedir.

O mago endireitou-se e se virou para observá-lo seriamente.

— Sabe quem eu sou?

Cery sentiu o rosto esquentar.

— Claro. Não há nada que tipos como você possam precisar de mim. Mas me pareceu correto oferecer.

O fantasma de um sorriso tocou nos lábios do mago.

— Quis mesmo dizer o que disse?

Subitamente constrangido, Cery mudou o peso de um pé para o outro.

— Claro — disse ele, relutante.

O sorriso do homem tornou-se um pouco mais pronunciado.

— Não vou forçá-lo a negociar comigo. Independentemente do que disser, as ações de Fergun devem ser relevadas e punidas. Sua amiga estará livre para

partir, se for o que ela quer. — Fez uma pausa, os olhos levemente semicerrados. — Mas sou capaz de contatá-lo alguma vez no futuro. Não pedirei nada além de suas capacidades, ou que vá comprometer seu lugar com os Ladrões. Cabe a você decidir se o que estou pedindo é aceitável. — Ergueu uma sobrancelha. — O que eu disse é razoável?

Cery baixou o olhar. O que o homem estava propondo era mais que razoável. Quando se deu conta estava acenando com a cabeça.

— É sim.

O mago estendeu a mão. Tomando-a, Cery sentiu a força do toque. Olhou dentro dos olhos do homem, e ficou contente ao ver que o penetrante olhar negro era firme.

— Combinado — disse Cery.

— Combinado — repetiu o mago. Então se virou novamente para a parede. Depois de verificar mais uma vez pelo buraco de espiar, ele agarrou uma alavanca e a puxou. Um painel deslizou para o lado. O mago atravessou a entrada, a luz atrás dele.

Cery apressou-se e se viu em uma sala grande. Havia uma mesa em uma das pontas, com cadeiras dispostas à sua frente.

— Onde estou?

— Na Universidade — respondeu o homem, deslizando o painel de volta ao lugar. — Siga-me.

O mago atravessou a sala e abriu a porta. Seguindo o homem, Cery chegou a um corredor largo. Dois magos de túnica verde pararam para olhar fixamente para ele, depois ergueram os olhos para o homem que o guiava. Pestanejaram com surpresa, depois inclinaram as cabeças respeitosamente.

Ignorando-os, o mago andou até o fim do corredor, Cery seguindo-o de perto. Ao passarem por uma entrada, Cery olhou para cima e ficou sem ar. Tinham entrado em uma sala repleta de fantásticas escadarias em espiral. A um lado as portas da Universidade estavam amplamente abertas, revelando o piso coberto

de neve e uma vista da Cidade Interior. Cery deu um giro completo, depois percebeu que o mago já estava a vários passos adiante no corredor.

— Harrin nunca vai acreditar em mim — murmurou ele ao correr atrás do mago.

— Não foi isso que aconteceu — disse Rothen.

Sonea desviou o olhar.

— Sei o que vi — respondeu ela. — Quer que eu minta? — As palavras deixaram um gosto amargo em sua boca. Ela engoliu em seco e tentou parecer confusa com a pergunta.

Rothen fitou-a, depois balançou a cabeça.

— Não, não quero. Se descobrissem que mentiu hoje, muitos iriam perguntar se você devia ter permissão para juntar-se o Clã.

— É por isso que tive de fazer isso.

Rothen suspirou.

— Então é mesmo assim que se lembra do que aconteceu?

— Foi o que eu disse, não foi? — Sonea enviou-lhe um olhar suplicante. — Não torne as coisas mais difíceis do que já estão, Rothen.

A expressão dele suavizou-se.

— Está bem. Talvez eu tenha perdido alguma coisa aquele dia. É uma pena, mas não há como evitar. — Abanou a cabeça. — Sentirei falta de nossas aulas, Sonea. Se houver...

— Lorde Rothen.

Viraram-se e viram Osen caminhando em sua direção. Rothen suspirou, depois caminhou de volta a seu lugar. Quando Fergun começou a andar na direção dela, Sonea sufocou um gemido.

No momento em que Rothen pedira um tempo para falar com ela, Fergun

prontamente pediu o mesmo. O que será que planejava dizer? Tudo o que ela queria agora era que a Audiência terminasse e acabasse com isso.

Fergun lançou-lhe um sorriso idiota quando chegou perto de Sonea.

— Tudo correndo como planejado? — perguntou ele.

— Sim. — Fez que sim com a cabeça.

— Ótimo — sussurrou ele. — Excelente. Sua história foi convincente, ainda que mal articulada. Ainda assim, teve uma honestidade encantadora.

— Fico contente por ter gostado — disse ela, secamente.

Ele olhou para cima, na direção dos Magos Superiores.

— Duvido que vão querer discutir por mais tempo. Tomarão logo a decisão. Depois disso, vou lhe arranjar um quarto nos Aposentos dos Aprendizes. Devia *sorrir*, Sonea. Queremos que as pessoas acreditem que está transbordando de alegria com a esperança de ser minha aprendiz.

Suspirando, ela forçou os cantos da boca para cima de modo a esboçar o que esperava que os magos ao longe tomassem por um sorriso.

— Estou farta disso — disse ela, entre os dentes. — Vamos voltar e acabar logo com essa tortura.

As sobrancelhas dele ergueram-se.

— Oh, não. Quero meus dez minutos todinhos.

Apertando os lábios um no outro, Sonea resolveu evitar dizer outra palavra que fosse. Quando ele voltou a falar, ela o ignorou. Vendo uma centelha de irritação nos olhos do homem, conscientizou-se de que sorrir era muito mais fácil.

— Lorde Fergun?

Ela se virou e viu Lorde Osen chamando por eles com um gesto. Deixando escapar um suspiro de alívio, Sonea seguiu Fergun de volta para a frente do salão. Ainda se ouvia um burburinho na sala. Osen ergueu as mãos.

— Silêncio, por favor.

Os rostos viraram-se para a frente, e na sala instalou-se um silêncio de expectativa.

De canto de olho, Sonea conseguiu ver Rothen olhando fixamente para ela. Sentiu outra pontada de culpa.

— Pelos relatos ouvidos hoje, podemos ver claramente que Lorde Fergun foi o primeiro a reconhecer as capacidades de Sonea — disse Lorde Osen. — Alguém contesta essa conclusão?

— Eu contesto.

A voz era profunda e estranhamente familiar, e ecoou de algum lugar por trás de Sonea. O arrastar e o roçar das túnicas preencheram o salão quando todos se moveram em seus assentos. Sonea virou-se ao contrário e viu que uma das enormes portas estava ligeiramente aberta. Duas figuras caminhavam pela nave do salão em direção a ela.

Ao reconhecer a figura mais baixa, soltou um grito de alegria.

— Cery!

Ela deu um passo para frente, depois estacou quando viu o companheiro do seu amigo. Perguntas sussurradas chegaram-lhe aos ouvidos, vindas de ambos os lados. Quando o mago de túnica preta se aproximou, lançou-lhe um olhar apreciativo. Perturbada pelo olhar penetrante dele, Sonea desviou sua atenção para Cery.

Embora pálido e imundo, Cery sorriu alegremente.

— Ele me achou e me libertou — disse ele. — Tudo vai ficar bem.

Sonea olhou interrogativamente para o mago de túnica preta. Os lábios dele contorceram-se em um meio sorriso, mas ele nada disse. Passando por ela, acenou com a cabeça para Osen, depois começou a subir as escadas entre os Magos Superiores. Ninguém protestou quando ele se acomodou no assento acima do Administrador.

— Por que razão sustenta essa conclusão, Lorde Supremo? — perguntou Osen.

A sala pareceu inclinar-se para Sonea. Ela olhou fixamente para o mago de túnica preta. Esse homem não era assassino nenhum. Era o líder do Clã.

— Evidência de fraude — respondeu o Lorde Supremo. — A garota foi forçada a mentir.

Sonea escutou um som abafado à sua direita. Virando-se, viu que o rosto de Fergun estava pálido. Sentiu uma explosão de triunfo e raiva e, esquecendo-se do mago de túnica preta, apontou o dedo para Fergun.

— Ele me fez mentir! — acusou ela. — Disse que mataria Cery se eu não fizesse o que ele disse.

De todos os cantos da sala vieram arfadas e sibilos de surpresa. Sonea sentiu Cery agarrar seu braço com força. Ela se virou na direção de Rothen e, quando seus olhares se cruzaram, ela soube que ele compreendia tudo.

— Uma acusação foi feita — observou *Lady* Vinara.

O salão silenciou. Rothen abriu a boca para falar, depois franziu as sobrancelhas e abanou a cabeça.

— Sonea. Conhece a lei que diz respeito a acusações? — perguntou Lorde Osen.

Sonea inspirou fundo ao lembrar-se.

— Sim — respondeu ela, a voz trêmula. — Uma leitura da verdade?

Osen acenou com a cabeça, depois se virou para ficar de frente para os Magos Superiores.

— Quem realizará a leitura da verdade?

O silêncio continuou. Os Magos Superiores entreolharam-se, depois olharam para cima, na direção de Lorlen. O Administrador acenou com a cabeça e se levantou da cadeira.

— Realizarei a leitura da verdade.

Enquanto ele descia as escadas, Cery puxou-a pelo braço.

— O que é que ele vai fazer? — sussurrou ele.

— Ele vai ler minha mente.

— Ah — disse ele, relaxando. — Só isso.

Com um sorriso distraído, Sonea virou-se para olhar para ele.

— Não é tão fácil como pensa, Cery.

Ele encolheu os ombros.

— Pra mim pareceu fácil o suficiente.

— Sonea.

Ela ergueu o olhar e viu que Lorlen se aproximara.

— *Tá* vendo Rothen ali adiante, Cery? É um homem bom. Vá ficar ao lado dele.

Cery fez que sim com a cabeça, depois lhe apertou o braço e se afastou. Quando ele se aproximou de Rothen, ela se virou para ficar de frente para Lorlen. A expressão do Administrador era contida.

— Já experimentou uma partilha de mentes enquanto aprendia o Controle — disse ele. — Isto será um pouco diferente. Vou querer ver suas memórias. Vai requerer muito de sua concentração para separar o que quer me mostrar de todo o resto em que pensar. Para ajudá-la, vou induzi-la com perguntas.

Ela concordou com a cabeça.

— Feche os olhos.

Obedecendo, ela sentiu as mãos dele tocando-lhe de lado na cabeça.

— *Mostre-me a sala que é a sua mente.*

Esboçando as paredes e portas de madeira, ela enviou a Lorlen uma imagem da sala. Sentiu um divertimento passageiro.

— *Que casa humilde. Agora, abra as portas.*

Virando-se para olhar as portas duplas, desejou que abrissem. Em vez de casas e uma rua, a escuridão estendia-se para além da entrada. Uma figura de túnica azul encontrava-se ali.

— Olá, Sonea.

A imagem de Lorlen sorriu. Ele atravessou a escuridão e parou junto às portas. Estendendo a mão, ele acenou com a cabeça.

— Leve-me para dentro.

Ela estendeu o braço e tomou sua mão. Ao toque dela, a sala pareceu deslizar por baixo dos pés dele.

— Não fique com medo ou preocupada — disse ele. *— Vou olhar para suas memórias, depois vou embora*. — Moveu-se para uma parede. *— Mostre-me Fergun.*

Concentrando-se na parede, criou uma pintura. Dentro dela, inseriu uma imagem do rosto de Fergun.

— Ótimo. Agora, mostre-me o que ele fez para forçá-la a mentir.

Não foi preciso força de vontade para animar a imagem de Fergun. O quadro inchou até preencher a parede e se alterou para mostrar a sala de visitas de Rothen. Fergun caminhou na direção deles e colocou a faca de Cery na mesa à frente dela.

Tenho o dono desta faca trancado em um cubículo escuro que ninguém aqui conhece.

A cena ficou embaçada e em seguida Fergun apareceu agachado na frente deles, maior do que realmente era.

Faça o que lhe digo e liberto seu amigo. Cause-me qualquer problema e o deixo lá para sempre... Quando lhe disser isso, os Magos Superiores não terão escolha senão conceder-me a guarda. Você entrará no Clã, mas lhe asseguro que não será por muito tempo. Assim que tiver executado uma pequena tarefa para mim, você será mandada de volta para o lugar a que pertence.

Você vai conseguir o que quer, e eu também. Não tem nada a perder ao me ajudar, mas... — ele apanhou a adaga e passou um dedo ao longo da lâmina — *perderá seu amiguinho se não me ajudar.*

Ela sentiu uma onda de fúria vinda da presença ao lado dela. Distraída, olhou de lado para Rothen, e a pintura esvaiu-se para dentro da parede. Virando-se de novo, desejou que o quadro reaparecesse. Invocando a memória, ela preencheu a pintura com uma imagem de Cery, imundo e franzino, e da sala em que fora aprisionado. Fergun estava de pé em um dos lados, com aspecto presunçoso. O cheiro de comida estragada e de resíduos humanos fluiu da pintura para a sala.

Nessa cena, a imagem de Lorlen abanou a cabeça. Virou-se para ela.

— *Isto é ultrajante! Foi uma sorte, de fato, que o Lorde Supremo tenha encontrado seu amigo hoje.*

À menção do mago da túnica preta, Sonea sentiu o quadro alterar-se. Quando ela se virou na direção dele, Lorlen seguiu seu olhar e inspirou subitamente.

— *O que é isto?*

Dentro da moldura encontrava-se o Lorde Supremo, vestido com roupas de mendigo ensanguentadas. Lorlen virou-se para olhar fixamente para ela.

— *Quando viu isto?*

— *Muitas semanas atrás.*

— *Como? Onde?*

Sonea hesitou. Se o deixasse ver a memória, ele iria saber que ela invadira o Clã e espionara os magos. Ele não entrara na mente dela para ver isso, e ela tinha certeza de que não reclamaria se ela o expulsasse.

No entanto, uma parte dela queria que ele visse. Não haveria mal nenhum em deixar que os magos descobrissem sua invasão, e ela ansiava por uma resposta ao mistério do mago da túnica preta.

— *Tudo bem. Tudo começou assim...*

A pintura alterou-se para mostrar Cery conduzindo-a pelo Clã. Ela sentiu a

surpresa de Lorlen, depois um deleite crescente à medida que a imagem saltava de uma cena para outra. Ela espiava pelas janelas em um momento, e no seguinte corria pela floresta, e olhava para os livros que Cery roubara. Ela sentiu divertimento da parte de Lorlen.

— Quem é que ia imaginar para onde foram os livros roubados de Jerrik? Mas e quanto a Akkarin?

Sonea hesitou, relutante por revelar essa memória.

— Por favor, Sonea. Ele é nosso líder e meu amigo. Tenho que saber. Ele estava ferido?

Esboçando a memória de uma floresta, Sonea projetou-a para o quadro. Mais uma vez, moveu-se por entre as árvores até a casa cinzenta. O criado apareceu, e ela se agachou entre os arbustos e a parede. O tinido que a atraíra para a grelha soou na sala imaginária.

O Lorde Supremo estava de novo na pintura, desta vez vestido com um manto negro. O criado chegou e ela sentiu reconhecimento da parte de Lorlen.

— Takan.

Está feito, disse o Lorde Supremo, para depois remover o manto e revelar as roupas manchadas de sangue. Olhou para si mesmo com desagrado. *Trouxe minha túnica?*

Ao ouvir a resposta balbuciante do criado, o Lorde Supremo retirou a roupa de mendigo. Por baixo havia o cinto de couro amarrado à cintura e a bainha da adaga. Esfregou-se todo, depois desapareceu de vista e retornou vestido com a túnica preta.

Levando a mão à bainha, removeu a adaga reluzente e começou a limpá-la em uma toalha. Nessa cena ela sentiu surpresa e confusão por parte de Lorlen. O Lorde Supremo ergueu o olhar para o criado.

A luta me enfraqueceu, disse ele. *Preciso de sua força.*

Ficando de joelho, o criado ofereceu-lhe o braço. O Lorde Supremo passou a lâmina sobre a pele do homem, depois colocou uma mão sobre a ferida. Sonea

sentiu um eco do estranho a vibrar-lhe dentro da cabeça.

— Não!

Uma onda de horror abateu-se sobre ela. Assustada com a força das emoções de Lorlen, a concentração de Sonea quebrou-se de súbito. A pintura ficou preta, depois desapareceu por completo.

— Não pode ser! Não Akkarin!

— O que é isso? Não entendo. O que ele fez?

Lorlen pareceu reunir as próprias emoções. A imagem dele esvaiu-se lentamente até desaparecer, e ela percebeu que ele abandonara sua mente.

— Não se mova nem abra os olhos. Tenho de refletir sobre isso antes de encará-lo novamente.

Ele ficou em silêncio durante várias batidas do coração, depois sua presença retornou.

— O que viu é proibido — disse ele. *— É o que chamamos de magia negra. Ao fazer uso dela, um mago pode tirar força de qualquer criatura viva, humana ou animal. Para Akkarin estar fazendo uso dela... é terrível, algo inacreditável. Ele é poderoso... mais poderoso do que qualquer um de nós... Ah! Deve ser essa a razão para sua força extraordinária! Se isso é verdade, então ele deve ter andado a praticar essas artes vis antes de retornar do estrangeiro...*

Lorlen fez uma pausa para refletir.

— Ele quebrou o juramento que fez. Devia ser destituído de seu posto e expulso. Se usou esses poderes para matar, a punição é a morte... mas...

Sonea sentiu angústia vinda do mago. Veio outro longo silêncio.

— Lorlen?

Ele pareceu recompor-se novamente.

— Ah, desculpe, Sonea. Ele é meu amigo desde que éramos aprendizes. Tantos anos... e eu tinha de descobrir isso*!*

Quando voltou a falar, havia uma fria determinação por trás da mensagem que ele enviou.

— Temos de expulsá-lo, mas não agora. Ele é poderoso demais. Se o confrontarmos e ele lutar contra nós, pode facilmente vencer... e cada morte que ele viesse a causar somente o tornaria mais forte. Com o segredo dele revelado e sem razão para esconder seu crime, poderia começar a matar indiscriminadamente. A cidade inteira estaria em perigo.

Chocada com o que ele descrevia, Sonea estremeceu.

— Não tema, Sonea — tranquilizou Lorlen. *— Não vou permitir que isso aconteça. Não podemos confrontá-lo antes de saber que podemos derrotá-lo. Até lá, não devemos deixar ninguém saber disso. Temos de nos preparar em segredo. Isso significa que não deve falar sobre isso com ninguém. Compreende?*

— Sim. Mas... tem mesmo que deixá-lo ficar como líder do Clã?

— Infelizmente, sim. Quando souber que estamos suficientemente fortes, hei de reunir todos os magos. Terei de agir depressa, sem alarde. Até lá, somente você e eu sabemos disso.

— Compreendo.

— Sei que quer retornar às favelas, Sonea, e eu não ficarei surpreso se essa descoberta tiver aumentado sua determinação para ir embora, mas tenho de lhe pedir que fique. Precisaremos de toda a ajuda que pudermos conseguir quando chegar a hora. Além disso, temo que, embora não goste de pensar nisso, você possa ser uma vítima atraente para ele. Ele sabe que você tem poderes fortes. Seria uma fonte potente de magia. Com seus poderes bloqueados, e vivendo longe da vista daqueles que reconheceriam a morte causada por magia negra, você seria a vítima perfeita. Por favor, pelo seu bem e pelo nosso, fique aqui conosco.

— Quer que eu more aqui, bem debaixo do nariz dele?

— Sim. Estará mais segura aqui.

— Se não conseguiram me encontrar sem a ajuda dos Ladrões, como é que

ele conseguiria?

— Akkarin possui sentidos mais apurados que o restante de nós. Foi o primeiro a saber quando você começou a usar seus poderes. Temo que ele seja capaz de encontrá-la com facilidade.

Ela sentiu que ele temia verdadeiramente pela segurança dela. Como é que podia argumentar com o Administrador do Clã? Se ele acreditava que ela estava em perigo, então possivelmente estava.

Sonea não tinha escolha. Tinha de ficar. Para sua surpresa, não sentiu raiva nem frustração, apenas alívio. Cery dissera que ela não devia considerar-se uma traidora por tornar-se maga. Aprenderia a usar sua magia, dominar os dons da Cura, e talvez um dia utilizaria o que sabia para ajudar as pessoas que abandonara.

E seria gratificante frustrar aqueles magos que, como Fergun, acreditavam que os moradores das favelas não deveriam se juntar ao Clã.

— *Sim* — enviou ela. — *Eu fico.*

— Obrigado, Sonea. Então há outro a quem devemos confiar nosso segredo. Como seu guardião, Rothen pode ter razões para entrar de novo em sua mente, particularmente quando chegar o momento de ensinar-lhe o dom da Cura. Ele pode ver o que me mostrou hoje. Você precisa contar a Rothen sobre Akkarin, e sobre tudo o que eu lhe disse hoje. Sei que podemos confiar no silêncio dele.

— Assim farei.

— Ótimo. Agora vou soltá-la e confirmar o crime de Fergun. Tente não mostrar qualquer medo de Akkarin. Se ajudar, nem mesmo olhe para ele... e mantenha seus pensamentos bem enterrados.

Sentindo as mãos dele se descolarem de suas têmporas, ela abriu os olhos. Lorlen observou-a solenemente, os olhos brilhantes, depois sua expressão suavizou-se e ele se virou de frente para os Magos Superiores.

— Ela está falando a verdade — disse ele.

Um silêncio de choque seguiu às palavras de Lorlen, depois a sala começou a

zunir de exclamações e perguntas. Lorlen ergueu uma mão, e a sala caiu de novo em silêncio.

— Fergun aprisionou este rapaz — gesticulou na direção de Cery — depois de me ter dito que ia acompanhá-lo até os portões. Trancou-o em uma sala embaixo do Clã, depois disse a Sonea que mataria seu amigo se ela não mentisse nesta Audiência para confirmar a história dele. Ao ganhar a reivindicação, ele pretendia obrigá-la a violar uma de nossas regras, de modo que ela fosse expulsa publicamente.

— *Por quê?* — sibilou *Lady* Vinara.

— Pelo que Sonea entende — respondeu Lorlen —, para nos dissuadir de oferecer um lugar no Clã a outros comuns.

— Ela queria ir embora de qualquer jeito.

Todos os olhos voltaram-se na direção de Fergun. Ele fitou desafiadoramente os Magos Superiores.

— Admito que me deixei levar um pouco pelas circunstâncias — disse ele —, mas apenas queria salvar o Clã de si mesma. Querem nos fazer acolher ladrões e mendigos dentro do Clã sem perguntar se nós, ou as Casas, ou mesmo o Rei a quem servimos, desejamos tal coisa. Pode parecer uma coisa insignificante permitir que uma mendiga entre no Clã, mas aonde isso nos levará? — A voz dele elevou-se. — Vamos deixar que mais deles entrem? Vamos nos tornar um Clã de Ladrões?

Seguiu um murmúrio. Olhando para os magos de ambos os lados, Sonea viu muitas cabeças balançando.

Fergun olhou para ela e sorriu.

— Ela queria ter os poderes bloqueados para que pudesse retornar às favelas. Perguntem a Rothen. Ele não negará. Perguntem ao Administrador Lorlen. Não lhe pedi para fazer nada que já não quisesse.

Sonea cerrou os pulsos.

— Nada que eu já não quisesse? — rebateu ela. — *Eu não* queria fazer o

Juramento dos Aprendizes e depois quebrá-lo. *Eu não* queria mentir. Você *aprisionou* meu amigo. Ameaçou *matá-lo*. Você é... — Parou, subitamente consciente de que todos os olhos a observavam. Respirando fundo, olhou para os Magos Superiores. — Quando cheguei aqui, demorei bastante para perceber que vocês não eram... — fez uma pausa, não gostando da imagem que via de si própria, em pé no Salão do Clã a dar nomes aos magos. Em vez disso, virou-se e apontou para Fergun. — Mas *ele* é tudo que me diziam que todos os magos eram.

O silêncio seguiu suas palavras. Lorlen observou-a solenemente, depois acenou lentamente com a cabeça. Virou-se para encarar Fergun.

— Você cometeu numerosos crimes, Lorde Fergun — disse. — Alguns deles da mais séria natureza. Não preciso pedir que se explique, já o fez bem o suficiente. Uma Audiência para discutir suas ações e sua punição será realizada daqui a três dias. Nesse meio-tempo, sugiro que coopere com nossas investigações.

Lorlen passou por Osen e subiu as escadas entre os Magos Superiores. O Lorde Supremo observava-o, um meio sorriso retorcendo seus lábios. Sonea estremeceu ao imaginar as emoções conflituosas que Lorlen devia sentir sob aquele olhar.

— O assunto pelo qual nos reunimos aqui para discutir agora é irrelevante — anunciou Lorlen. — Concedo a guarda de Sonea a Lorde Rothen, e declaro encerrada esta Audiência.

O salão encheu-se de vozes e do estrondo de botas quando os magos se levantaram das cadeiras. Sonea fechou os olhos e suspirou.

— *Acabou!*

Em seguida, lembrou-se de Akkarin. *Não, não acabou*, lembrou-se. *Mas, por ora, não é algo com que deva me preocupar.*

— Você devia ter me contado, Sonea.

Abrindo os olhos, encontrou Rothen de pé em frente a ela, com Cery a seu lado. Ela baixou o olhar.

— Desculpe.

Para sua surpresa, Rothen deu-lhe um abraço rápido.

— Não se desculpe — disse ele. — Tinha um amigo para proteger. — Virou-se e olhou para Cery. — Peço desculpas em nome do Clã pelo tratamento que sofreu.

Cery sorriu e sacudiu a mão como a dizer que não tinha importância.

— Traga minhas coisas de volta e esqueço o que aconteceu.

Rothen franziu as sobrancelhas.

— Do que sentiu falta?

— Das duas adagas, de algumas facas e das minhas ferramentas.

— Ferramentas? — ecoou Rothen.

— Gazuas.

Rothen ergueu uma sobrancelha na direção de Sonea.

— Ele não está brincando, está?

Ela abanou a cabeça.

— Verei o que posso fazer. — Rothen suspirou, depois olhou por cima do ombro de Sonea. — Ah! Aqui está um homem mais familiarizado com os modos dos Ladrões... Lorde Dannyl.

Sentindo uma palmadinha no ombro, Sonea virou-se e deu com o mago alto a sorrir escancaradamente.

— Excelente trabalho! — disse ele. — Prestou a mim, e ao restante do Clã, um grande serviço.

Rothen sorriu perversamente.

— Sentindo-se particularmente alegre, Dannyl?

Dannyl lançou ao amigo um olhar esnobe.

— E então, quem é que estava certo em relação a Fergun?

Suspirando, Rothen acenou com a cabeça.

— Você.

— Agora entende por que é que o detestava tanto? — Ao ver Cery, a expressão tornou-se pensativa. — Penso que os Ladrões estejam procurando por você. Enviaram-me uma mensagem perguntando se sabia para onde tinha ido um companheiro de Sonea. Pareciam bastante preocupados.

Cery ergueu o olhar para o mago alto, como a avaliá-lo.

— Quem enviou a mensagem?

— Um homem chamado Gorin.

Sonea franziu as sobrancelhas.

— Então foi Gorin quem contou pro Clã onde me encontrar, não Faren.

Cery virou-se e olhou fixamente para Sonea.

— Eles a traíram?

Ela encolheu os ombros.

— Não tinham escolha. Na verdade, foi até bom que tenham feito isso.

— Não é essa a questão. — Um brilho entrara nos olhos de Cery. Imaginando o que ele estava pensando, Sonea sorriu.

Eu o amo, pensou subitamente. Mas, neste momento, é um amor de amigo. Talvez, se passarmos algum tempo juntos, sem todas as distrações por que passamos durante os últimos meses, esse sentimento cresça até ser algo maior. Mas não iria acontecer. Não agora, quando ela estava se associando ao Clã e ele retornando, provavelmente, para os Ladrões. Sabendo disso, Sonea sentiu uma pequena pontada de remorso, mas a ignorou.

Olhando ao redor do salão, ela ficou surpresa ao ver que já estava quase deserto. Fergun ainda se encontrava ali perto, entre um grupo de magos. Quando ela olhou em sua direção, ele captou o olhar dela e sorriu desdenhosamente.

— Olhem para eles — disse Fergun. — Um mancomunado com mendigos, o outro com Ladrões. — Os companheiros dele riram.

— Ele não devia estar preso ou algo assim? — meditou ela, em voz alta.

Rothen, Dannyl e Cery viraram-se para observar o mago.

— Não — respondeu Rothen. — Será vigiado, mas ele sabe que há uma chance de não ser expulso se se mostrar arrependido. O mais provável é que lhe deem uma tarefa que ninguém quer, provavelmente alguma que envolva trabalhar em um lugar remoto qualquer durante vários anos.

Fergun lançou um olhar de raiva, depois girou sobre os calcanhares e caminhou em direção à porta, seguido pelos companheiros. O sorriso de Dannyl alargou-se, mas Rothen abanou a cabeça tristemente. Cery encolheu os ombros e se virou para Sonea.

— E quanto a você? — perguntou.

— Sonea é livre para ir embora — respondeu Rothen. — No entanto, terá de ficar mais um ou dois dias. Por lei, ela deve ter os poderes bloqueados antes de retornar às favelas.

Cery olhou para ela, as sobrancelhas se unindo.

— Bloqueados? Vão bloquear sua magia?

Sonea meneou a cabeça.

— Não.

Rothen franziu as sobrancelhas, depois olhou atentamente para ela.

— Não?

— Claro que não. Tornaria as coisas um pouquinho difíceis pra me ensinar, não é?

Ele pestanejou.

— Você vai mesmo ficar?

— Sim. — Ela sorriu. — Vou ficar.

..

Epílogo

No ar acima da mesa flutuava uma partícula de luz. Expandiu-se lentamente até tornar-se um globo mais ou menos do tamanho da cabeça de uma criança, depois se elevou para pairar próximo ao teto.

— É isso — disse Rothen. — Você criou um globo de luz.

Sonea sorriu.

— Agora me sinto mesmo uma maga.

Rothen olhou para o rosto dela e sentiu o coração aquecer-se. Era difícil resistir à tentação de continuar ensinando magia a Sonea quando era evidente que lhe dava tanto prazer.

— Na velocidade em que está aprendendo, estará semanas à frente dos outros aprendizes quando começar as aulas na Universidade — disse ele. — Pelo menos em magia. Mas... — Estendendo a mão para uma pilha de livros ao lado da cadeira, começou a selecioná-los. — Suas habilidades de cálculo estão bem atrasadas — agora com firmeza. — É hora de nos enterrarmos em algum trabalho de verdade.

Sonea baixou o olhar para os livros e suspirou.

— Quem me dera ter sabido das torturas pelas quais ia me fazer passar antes de ter decidido ficar.

Com uma gargalhada, Rothen deslizou um livro pela mesa. Ele fez uma pausa, depois semicerrou os olhos para ela.

— Ainda não respondeu à minha pergunta.

— Que pergunta?

— Quando é que decidiu ficar?

A mão que se esticava para o livro estacou. Sonea ergueu o rosto para ele. O sorriso que ela lhe deu não se estendeu para os olhos.

— Quando me ocorreu que devia ficar.

— Agora, Sonea. — Rothen agitou um dedo em sua direção. — Não seja evasiva comigo outra vez.

Ela se recostou na cadeira.

— Decidi na Audiência. Fergun me fez perceber do que estava desistindo, mas não foi isso que me fez mudar de ideia. Cery disse que me acharia se eu fosse pra casa, e isso também ajudou.

Rothen riu.

— Gosto do seu amigo. Não o aprovo, mas gosto dele.

Ela acenou com a cabeça, depois franziu os lábios.

— Rothen, existe alguma chance de alguém poder ser capaz de nos ouvir? — perguntou ela. — Criados? Outros magos?

Ele abanou a cabeça.

— Não.

Ela se inclinou para a frente.

— Tem certeza *absoluta*?

— Sim.

— Tem... — Ela fez uma pausa, depois deslizou para fora da cadeira e se ajoelhou ao lado dele, a voz baixando até virar um murmúrio. — Tem uma coisa que Lorlen disse pra eu lhe contar.

Guia de Lorde Dannyl para as gírias das favelas

Cagueta — alguém que trai os Ladrões.
Chapa — os mais próximos de um Ladrão ou aqueles em quem ele mais confia.
Cliente — pessoa que deve obrigações a um Ladrão ou que tem um acordo com ele.
Dinheiro de sangue — pagamento por assassinato.
Estilo — modo de realizar negócios.
Faca — assassino/assassino contratado.
Firmeza — alguém confiável.
Hai — chamada de atenção ou expressão de surpresa ou interrogação.
Ladrão — líder de um grupo criminoso.
Mandar a letra — contar algo a alguém.
Mensageiro — gângster que entrega ou executa uma ameaça.
Mina de ouro — homem que prefere garotos.
Parada/lance — fato/situação.
Passado — desorientado/perplexo.
Penetra — espião, normalmente disfarçado.
Sacar — reconhecer/entender.
Trampo — trabalho.
Vacilão — alguém que se comporta de modo errado, frustrante.
Vazar — sair às pressas.
Vigia — colocado para observar algo ou alguém.
Visitante — assaltante.

Glossário

ANIMAIS
Anyi — mamífero marinho com espinhas curtas.
Ceryni — pequeno roedor.
Enka — animal doméstico cornudo, criado por causa de sua carne.
Eyoma — sanguessugas marinhas.
Faren — termo geral para aracnídeos.
Gorin — grande animal doméstico usado como alimento e também para puxar barcos e carroças.
Harrel — pequeno animal doméstico criado por causa de sua carne.
Limek — cão selvagem e predador.
Mullook — ave selvagem noturna.
Rassook — ave doméstica usada como alimento. As penas também são aproveitadas.
Ravi — roedor maior que o ceryni.
Reber — animal doméstico criado por causa de sua lã e carne.
Sapmosca — inseto dos bosques.
Sevli — lagarto venenoso.
Squimp — criatura parecida com o esquilo que rouba comida.
Traças aga — pestes que comem roupas.
Zill — manífero pequeno e inteligente às vezes criado como animal de estimação.

PLANTAS/COMIDA
Vinhas anivope — planta sensível à projeção mental.
Bol — (também significa “escuma do rio”) bebida alcoólica forte feita a partir de tugors.
Brasi — vegetal de folhas verdes com pequenos brotos.
Chebol — molho de carne rico feito a partir de bol.
Crots — feijões grandes de cor púrpura.
Curem — especiaria macia e com sabor de nozes.

Curren — grão redondo com sabor robusto.
Dall — fruta comprida com polpa cor de laranja, ácida e cheia de sementes.
Gan-gan — arbusto florido de Lan.
Iker — droga estimulante, conhecida pelas propriedades afrodisíacas.
Jerras — feijões amarelos e compridos.
Kreppa — erva medicinal com cheiro desagradável.
Marin — fruto cítrico vermelho.
Monyo — bulbo.
Myk — droga que afeta a mente.
Nalar — raiz de sabor picante.
Pachi — fruto doce e revigorante.
Papea — especiaria parecida com a pimenta.
Piorres — pequeno fruto em formato de sino.
Raka/suka — bebida estimulante feita a partir de grãos torrados, original mente de Sachaka.
Sumi — bebida amarga.
Telk — semente da qual se extrai um óleo.
Tenn — grão que pode ser cozido tal como é, quebrado em pedacinhos ou moído para fazer farinha.
Tugor — raiz parecida com a pastinaca.
Vare — bagas das quais a maior parte do vinho é produzida.

ROUPAS E ARMAMENTO
Incal — símbolo quadrado, não muito diferente de um brasão de família, costurado na manga ou no punho.
Kebin — barra de ferro com gancho para apanhar a faca de um agressor, usado por guardas.
Casaco longo — casaco de comprimento até o tornozelo.

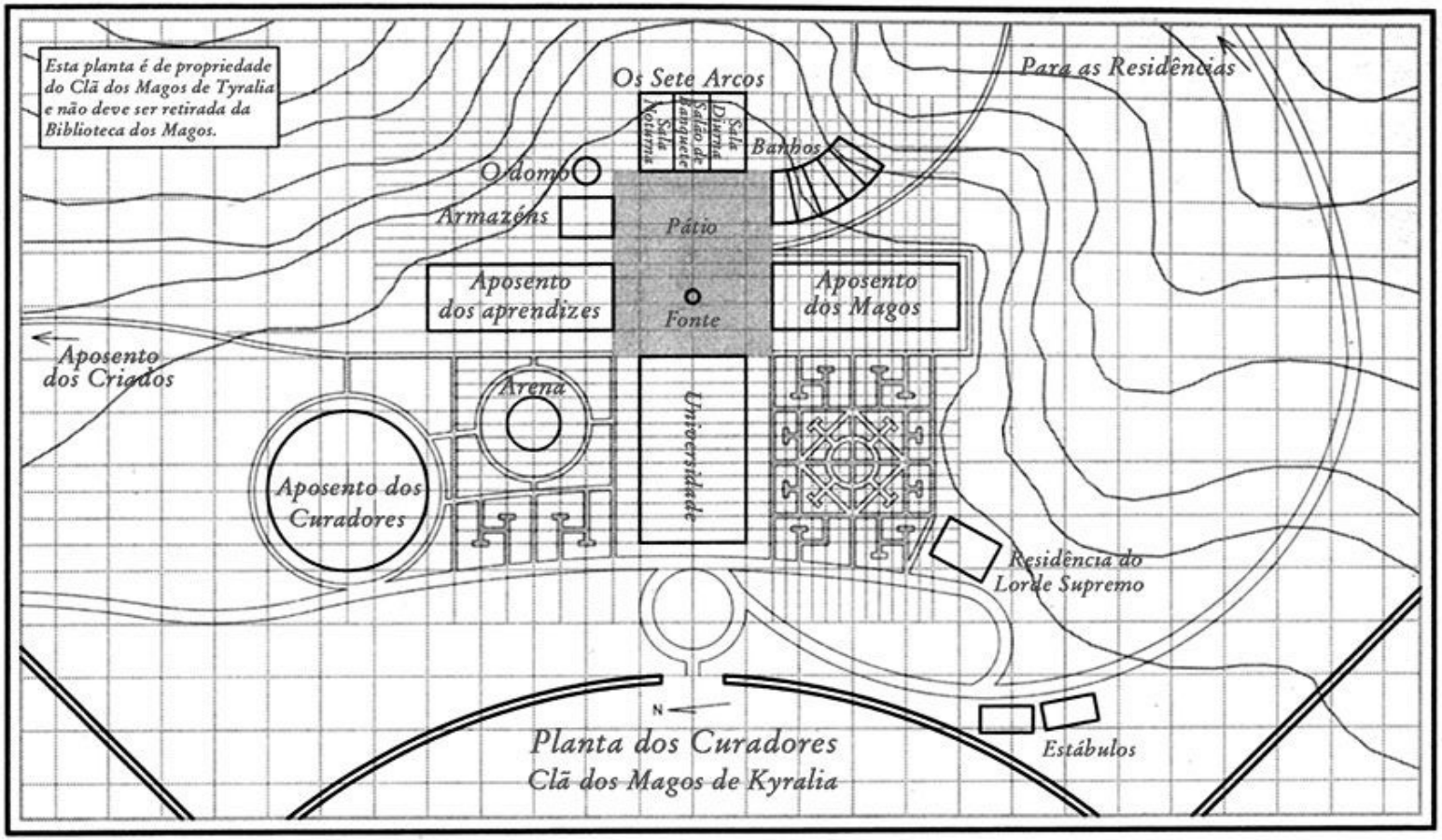
CASAS PÚBLICAS
Casas de banho — estabelecimento que vende instalações de banho e outros serviços de beleza.
Boleria — estabelecimento que vende bol e abreviatura para alojamento.

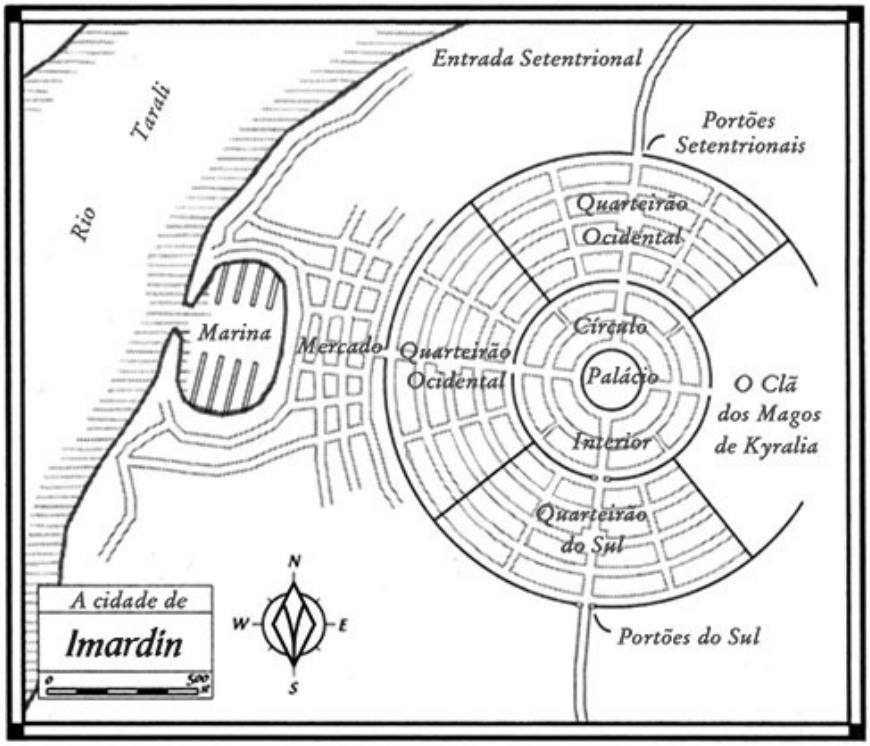
Fábrica de fermentação — produtor de bol.
Hospedaria — edifício que aluga um quarto por família.

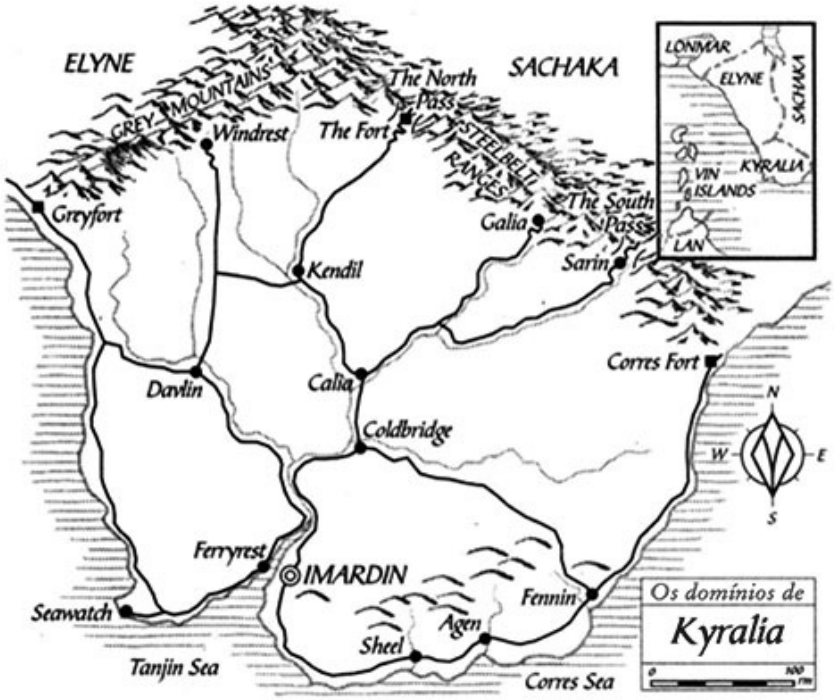
POVOS DE TERRAS ALIADAS
Elyne — o mais próximo de Kyralia em localização e cultura, desfruta de um clima mais ameno.
Kyralia — lar da Guilda.
Lan — terra montanhosa povoada por tribos guerreiras.
Lonmar — terra deserta, lar da rígida religião Mahga.
Vin — nação insular conhecida pelos conhecimentos náuticos.

OUTROS TERMOS
Cap — moedas enfileiradas em um espeto conforme o valor da próxima denominação mais elevada.
Festim da aurora — café da manhã.
Pausa do meio-dia — almoço.
Esteiras simba — esteiras tecidas a partir de canas.

MAPAS


Esta planta é de propriedade do Clã dos Magos de Tyralia e não deve ser retirada da Biblioteca dos Magos.
Os Sete Arcos
Sala Diurna
Salão de Banquete
Sala Noturna
Para as Residências
Banhos
Odomo
Armazéns
Pátio
Aposento dos aprendizes
Fonte
Aposento dos Magos
Aposento dos Criados
Arena
Universidade
Aposento dos Curadores
Residência do Lorde Supremo
N
Estábulos
Planta dos Curadores
Clã dos Magos de Kyralia


Entrada Setentrional
Tarali
Rio
Portões Setentrionais
Quarteirão Ocidental
Círculo
Palácio
Interior
O Clã dos Magos de Kyralia
Marina
Mercado
Quarteirão Ocidental
Quarteirão do Sul
Portões do Sul
A cidade de
Imardin
N
W
E
S


ELYNE
SACHAKA
GREY MOUNTAINS
The North Pass
Windrest
The Fort
STEEL BELT RANGES
The South Pass
Greyfort
Galia
Sarin
Kendil
Davlin
Calia
Coldbridge
Corres Fort
Ferryrest
IMARDIN
Fennin
Agen
Sheel
Seawatch
Tanjin Sea
Corres Sea
LONMAR
ELYNE
SACHAKA
KYRALIA
VIN ISLANDS
LAN
N
W
E
S
Os domínios de
Kyralia

A TRILOGIA DO MAGO NEGRO
Livro 2

A Aprendiz

Imardin é uma cidade de intrigas obscuras e políticos perigosos, onde aqueles que possuem a mágica possuem o poder. Uma jovem favelada com dons mágicos extraordinários caiu de paraquedas nesse sistema tradicional. Adotada pelo Clã dos Magos, a vida dela mudou para sempre — mas para pior ou para melhor?

Sonea sabia que enfrentaria um treinamento difícil no Clã dos Magos, mas o que ela não tinha percebido era o nível de aversão que enfrentaria de seus colegas aprendizes. Os filhos das famílias mais poderosas do reino, seus colegas, pareciam estar determinados a vê-la falhar, não importa o que custasse. Mas ao aceitar a proteção do Lorde Supremo do Clã, Sonea pode ter traçado um destino obscuro e sem esperança, pois o Lorde Supremo Akkarin guarda segredos mais escuros do que sua túnica negra.

A TRILOGIA DO MAGO NEGRO
Livro 3

O Lorde Supremo

Na cidade de Imardin, uma favelada com poderes extraordinários se encontra no meio de uma terrível conspiração que pode destruir o mundo inteiro...

Sonea tem aprendido muito no Clã dos Magos e agora seus colegas aprendizes a tratam com muito respeito. Mas ela não consegue se esquecer do que presenciou no quarto subterrâneo do Lorde Supremo — ou seu aviso de que o inimigo mais antigo do reino está ficando mais poderoso novamente. Quanto mais Sonea aprende, mais duvida da palavra do Lorde. A verdade é tão aterrorizante quanto Akkarin diz ou ele está tentando enganá-la para que entre em um esquema demasiadamente negro?